

Leila Maria Orlandi Ribeiro

**PERSPECTIVAS DA TRANSMISSÃO DA FÉ NOS DOCUMENTOS *EX
CORDE ECCLESIAE* (1990) E *VERITATIS GAUDIUM* (2017):
A RECEPÇÃO DO ESTILO DO VATICANO II NA EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Eugenio Rivas

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE
Minter FAJE/FATEO
2021

Leila Maria Orlandi Ribeiro

**PERSPECTIVAS DA TRANSMISSÃO DA FÉ NOS DOCUMENTOS *EX
CORDE ECCLESIAE* (1990) E *VERITATIS GAUDIUM* (2017):
A RECEPÇÃO DO ESTILO DO VATICANO II NA EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da práxis cristã

Orientador: Prof. Dr. Eugenio Rivas

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE
Minter FAJE/FATEO
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Ribeiro, Leila Maria Orlandi

R484p Perspectivas da transmissão da fé nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017): a recepção do estilo do Vaticano II na educação / Leila Maria Orlandi Ribeiro. - Belo Horizonte, 2021.

176 p.

Orientador: Prof. Dr. Eugenio Rivas

Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Teologia e Educação. 2. Fé. 3. Educação Superior. 4. Concílio Vaticano II. I. Rivas, Eugenio. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 230.1

Leila Maria Orlandi Ribeiro

**PERSPECTIVAS DA TRANSMISSÃO DA FÉ NOS DOCUMENTOS *EX
CORDE ECCLESIAE* (1990) E *VERITATIS GAUDIUM* (2017): A
RECEPÇÃO DO ESTILO DO VATICANO II NA EDUCAÇÃO**

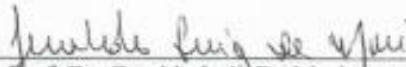
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 13 de abril de 2021.

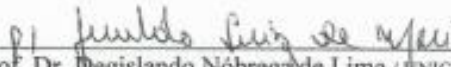
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Eugenio Rivas / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori / FAJE



Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima / UNICAP (Visitante)

Dedico este trabalho à minha família, motivadora da minha paixão pela Teologia e pela Educação. Em primeiro e especialíssimo lugar, ao meu amado esposo, Antônio Carlos, que me acompanha e incentiva na realização dos meus sonhos e planos há mais de 50 anos, e a todos os nossos filhos e filhas, genros, noras, netos, netas e bisneta: Andrea, Karina, Viviane, Marcelo e Mauricio. Marco, Paulo, Luís Eugênio e Jeísa. Julio César, Luana, Bianca, Marina, Henrique, Pedro Paulo, José Carlos, Ana Catarina, Luísa, Mateus, João Marcelo, Gabriel, Maria Fernanda, Lucas, Rafael e Giovanna. “Meus grandes amores”! E a todos os que passaram por mim, há mais de 50 anos, e aos que ainda passarão, na Educação e na Teologia. Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me fez apaixonada pela Teologia e pela Educação.

Agradeço à FATEO, por aceitar levar adiante a proposta do Minter junto à FAJE, nas pessoas do Bispo de Referência, Dom Marcony Vinícius Ferreira, do Diretor Geral, Pe. Godwin Nnaemeka Uchego, e do Coordenador do Minter na FATEO, Dr. Pe. Lázaro Ilzo Daniel. E à FAJE, máximo expoente na formação de profissionais em Teologia e Filosofia no Brasil, voltada à realidade do país, para um desenvolvimento rumo à fraternidade e à paz. Em especial, ao Magnífico Reitor, Professor Dr. Geraldo Luiz De Mori S.J., que aceitou o desafio de formar profissionais em Teologia no Centro-Oeste, e ao Professor Dr. Eugenio Rivas S.J., Coordenador do Minter na FAJE, meu incansável e competente orientador. A todos os professores e funcionários, muito obrigada!

Aos colegas de turma, que colaboraram para que o curso se tornasse ainda mais interessante, pela unidade na diversidade. Aos de Brasília e aos de Goiânia, na pessoa do querido amigo e afilhado, Pe. David Pereira de Jesus, que se empenhou e incentivou seus colegas de Goiânia a realizarem o Minter em Brasília.

Um agradecimento especial aos que colaboraram com a revisão deste trabalho, meu amado esposo, Antônio Carlos Oliva Ribeiro, e o Professor Dr. Antônio Lopes Ribeiro, Diác.

Muito obrigada!

A Palavra de Deus não dá receitas históricas para iluminar a práxis: não podemos tirar uma só palavra do Evangelho para resolver um problema atual. O que nos ajuda na fé a resolver os problemas atuais é passar pelo processo inteiro. O Evangelho é educativo. Nele acontece algo semelhante ao que ocorre na educação: é evidente que nenhum de nós concebe a educação como uma aprendizagem de respostas já feitas. [...] Educação supõe passar por experiências diferentes, tentando compreendê-las e tentando ver o que se exige, em cada circunstância diferente, para alguém que seja capaz depois de colocar-se frente a problemas novos e ser suficientemente criativo para resolvê-los, apesar desse problema nunca se ter apresentado antes. É o que eu me referia como dar tempo e energias à teologia não como uma aprendizagem de primeiro grau, isto é, como uma aprendizagem de respostas, mas como um aprender a aprender, o que assegura que, ainda depois da Bíblia, o cristão continua aprendendo, continua esse processo pelo qual a história mesma vai lhe ensinando¹.

¹ SEGUNDO, 1975, p. 10.

RESUMO

A humanidade vive uma época de crises, em que se destaca a crise de transmissão da fé. Nesse contexto, delinea-se o objetivo geral do trabalho: verificar como a Teologia contribui com a educação superior para a transmissão da fé, a partir do estilo do Vaticano II, recepcionado nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017). E os objetivos específicos: 1. Identificar a relação entre Teologia e educação, bem como sua contribuição à nova evangelização para a transmissão da fé. 2. Verificar a evolução da concepção de transmissão da fé, por meio da educação superior, a partir dos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), com base no estilo do Vaticano II. 3. Levantar perspectivas de ação para a superação dos desafios à educação superior para a transmissão da fé. Tais objetivos dão origem aos capítulos do trabalho. A partir da motivação para a investigação, levantam-se as seguintes questões: quais são as orientações emanadas pela Igreja Católica para a transmissão da fé na nova evangelização? É possível transmitir a fé na educação, particularmente na educação superior, no mundo de hoje? Quais fundamentos embasam a educação para a transmissão da fé, a fim de que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade? A hipótese, confirmada no decorrer do trabalho, é a de que a educação é um vasto campo para a transmissão da fé nos dias de hoje, já que as instituições católicas de ensino, em especial as universidades, são a presença mais constante da Igreja em meio à sociedade, não somente pelos estudos que possibilitam realizar, mas, principalmente, pelo testemunho da alegria do Evangelho por parte da comunidade educativa, que se evidencia nos frutos de transformação de vida, em vista da fraternidade e solidariedade. A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica, buscando dados na Sagrada Escritura, na Tradição e nos documentos do Magistério da Igreja e em teólogos de renome. O primeiro capítulo destaca a relação entre Teologia e Educação: aliados, mostram o caminho a ser percorrido para a aquisição de conhecimentos no seguimento de Jesus Cristo, com a finalidade de que todos obtenham a libertação e o bem. O segundo capítulo investiga a recepção do estilo do Concílio Vaticano II, e sua repercussão na transmissão da fé na educação superior. Vê-se que a recepção do novo estilo conciliar acontece por uma práxis que busca abrir caminho, fazer a verdade. Em Cristo, a dimensão social da fé é exigência na universidade, em busca da fraternidade. O terceiro capítulo destaca as diretrizes para a educação, apontadas, em especial, no pacto educativo global, do Papa Francisco. Conclui-se com as palavras do Papa Francisco: “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à natureza” (LS, 215). E esse modelo é o do serviço ao próximo, preparando os estudantes para assumir as responsabilidades que lhes serão solicitadas na vida, em prol da fraternidade, da solidariedade e da paz.

PALAVRAS-CHAVE: Transmissão. Fé. *Ex Corde Ecclesiae*. *Veritatis Gaudium*. Vaticano II.

ABSTRACT

Through the motivation for investigation, the following questions arise: what are the guidelines issued by the Catholic Church for the transmission of faith in the new evangelization? Is it possible to transmit faith through education, particularly in higher education, in today's world? What are the foundations of education for the transmission of the faith, so that Christians can make a difference and cooperate for the good of society? The hypothesis, confirmed in the course of the work, is that education is a vast field for the transmission of the faith today, since Catholic teaching institutions, especially Universities, are the Church's most constant presence amidst society, not only through the studies that make it possible to carry out, but mainly by their testimony of the joy of the Gospel on the part of the educational community, which is evident in the fruits of life transformation, in view of fraternity and solidarity. The methodology used is bibliographic research, searching for data in Sacred Scripture, in Tradition, in the documents of the Magisterium of the Church and in renowned theologians. The first chapter highlights the relationship between Theology and Education: show the path to be taken, for the acquisition of knowledge in following Jesus Christ, with the aim that everyone obtains liberation and good. The second chapter investigates the reception of the style of the Second Vatican Council, and its repercussions on the transmission of the faith in higher education. It is seen that the reception of the new conciliar style happens through a praxis that seeks to pave the way, to do the truth. In Christ, the social dimension of faith is a requirement at the University, in search of fraternity. The third chapter highlights the guidelines for education, outlined in Pope Francis' global educational pact. It concludes with the words of Pope Francis: "education will be ineffective and its efforts sterile, if it is not concerned with spreading a new model concerning the human being, life, society and nature" (LS, 215). And this model is that of service to others, preparing students to assume the responsibilities that they will be asked in life, for the sake of fraternity, solidarity and peace.

KEYWORDS: Streaming. Faith. *Ex Corde Ecclesiae*. *Veritatis Gaudium*. Vatican II.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Termos recorrentes na <i>Ex Corde Ecclesiae</i>	117
Quadro 2 – Termos recorrentes na <i>Veritatis Gaudium</i>	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1 Cor	–	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1 Pd	–	Primeira Carta de Pedro
2 Cor	–	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
Ap	–	Apocalipse
At	–	Atos dos Apóstolos
CELAM	–	Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe
Cl	–	Colossenses
CNBB	–	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV	–	<i>Caritas in Veritate</i>
DA	–	Documento de Aparecida
DGC	–	Diretório Geral da Catequese
DSI	–	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
DV	–	<i>Dei Verbum</i>
ECE	–	<i>Ex Corde Ecclesiae</i>
Ef	–	Efésios
EG	–	<i>Evangelii Gaudium</i>
ELN	–	<i>Ejército de Liberación Nacional</i>
EN	–	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Fm	–	Filêmon
FR	–	<i>Fides et Ratio</i>
FT	–	<i>Fratelli Tutti</i>
Gl	–	Gálatas
GME	–	<i>Gaudet Mater Ecclesia</i>
Gn	–	Gênesis
GrEd	–	<i>Gravissimum Educationes</i>
GS	–	<i>Gaudium et Spes</i>
IL	–	<i>Instrumentum Laboris</i> “Educar hoje e amanhã”
Is	–	Isaías
Jo	–	Evangelho de João
Lc	–	Evangelho de Lucas
LG	–	<i>Lumen Gentium</i>

LS	–	<i>Laudato Si</i>
Mc	–	Evangelho de Marcos
Mt	–	Evangelho de Mateus
OMS	–	Organização Mundial de Saúde
OT	–	<i>Optatum Totius</i>
Pr	–	Provérbios
Rm	–	Romanos
SD	–	Documento de Santo Domingo
SS	–	<i>Spe Salvi</i>
UNESCO	–	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VD	–	<i>Verbum Domini</i>
VG	–	<i>Veritatis Gaudium</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – TEOLOGIA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES À NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	22
1.1 Mensagem de fé e condições para sua transmissão na nova evangelização	22
1.2 A nova evangelização no continente latino-americano, de Medellín até o Papa Francisco	25
1.3 Mensagem libertadora e as condições para sua transmissão	37
1.3.1 A transmissão da mensagem perante os desafios da crise de fé	44
1.4 Orientações para a educação na América Latina em Medellín, conforme o estilo do Vaticano II.....	51
1.4.1 Orientações de Medellín à educação na América Latina e consequências para a Evangelização.....	51
1.4.1.1 Realidade da educação na América Latina.....	52
1.4.1.2 Opção pela educação libertadora no continente latino-americano.....	54
1.4.1.3 Recomendações pastorais para a educação e a evangelização na América Latina	54
1.4.2 Recepção do Vaticano II por Medellín: consequências para a educação cristã e para a evangelização na América Latina	59
1.4.2.1 A recepção do Vaticano II pela Conferência Episcopal de Medellín com consequências para a educação e a evangelização.....	59
1.4.2.2 Nova evangelização e educação na América latina, após 50 anos de realização da Conferência de Medellín e 500 anos de evangelização	65
1.4.2.3 Contribuições da Teologia à Educação e à Nova Evangelização no continente latino-americano: de Medellín aos dias atuais.....	71
1.4.2.4 Teologia rumo à libertação no continente latino-americano	75
1.5 A título de conclusão do Capítulo I.....	77
CAPÍTULO II – TRANSMISSÃO DA FÉ NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, DE ACORDO COM AS CONSTITUIÇÕES <i>EX CORDE ECCLESIAE</i> (1990) E <i>VERITATIS GAUDIUM</i> (2017), A PARTIR DO ESTILO DO VATICANO II	80
2.1 O estilo do Concílio Vaticano II e sua repercussão para a transmissão da fé.....	81
2.2 A recepção do estilo conciliar pela Igreja até os dias de hoje.....	87

2.2.1	A recepção do estilo do Vaticano II na Igreja com o Papa Francisco: caminho para a transmissão da fé	90
2.3	A transmissão da fé no ensino superior segundo as Constituições <i>Ex Corde Ecclesiae</i> (1990) e <i>Veritatis Gaudium</i> (2017), com base no estilo do Concílio Vaticano II..	98
2.3.1	Características da educação superior católica na <i>Ex Corde Ecclesiae</i> (1990), de João Paulo II, sob a perspectiva da transmissão da fé.....	99
2.3.2	Características da educação superior católica na <i>Veritatis Gaudium</i> (2017), do Papa Francisco, para a transmissão da fé.....	104
2.4	Evolução da recepção do estilo do Vaticano II a partir da comparação das Constituições <i>Ex Corde Ecclesiae</i> (1990) e <i>Veritatis Gaudium</i> (2017), do Papa Francisco, sob a perspectiva da transmissão da fé	110
2.4.1	Evolução da recepção do estilo do Vaticano II nas Constituições <i>Ex Corde Ecclesiae</i> e <i>Veritatis Gaudium</i> , de acordo com o critério pastoral	111
2.4.2	Recepção do estilo conciliar nas Constituições <i>Ex Corde Ecclesiae</i> (1990) e <i>Veritatis Gaudium</i> (2017), de acordo com o critério linguístico.....	116
2.4.2.1	Contexto dos termos na <i>Ex Corde Ecclesiae</i>	118
2.4.2.2	Análise dos termos selecionados no contexto da <i>Veritatis Gaudium</i>	120
2.4.2.3	Novas ênfases quanto à evolução da recepção do estilo do Vaticano II na <i>Veritatis Gaudium</i> (2017) em relação à <i>Ex Corde Ecclesiae</i> (1990), de acordo com o critério linguístico, para a transmissão da fé.....	124
2.5	Conclusões sobre a evolução da recepção do estilo conciliar, com reflexos à transmissão da fé na educação superior	128
CAPÍTULO III – DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A TRANSMISSÃO DA FÉ POR MEIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO		132
3.1	Desafios à educação para a transmissão da fé no contexto latino-americano...	134
3.2	Perspectivas para a transmissão da fé pela educação superior	140
3.3	Linhas estratégicas e operativas para a transmissão da fé na educação superior, apresentadas no pacto global, segundo o Papa Francisco	151
3.3.1	O convite ao pacto educativo pela CNBB à sociedade brasileira	156
3.4	A título de conclusão do Capítulo III.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS		162
REFERÊNCIAS		170

INTRODUÇÃO

Passados mais de 50 anos do Concílio Vaticano II (1962-1965), verifica-se hoje em dia o interesse pelo entendimento do estilo que o norteou, já que, do ponto de vista histórico, esse evento ainda é muito jovem e se descortina amplo espaço de tempo para sua real compreensão e implementação, especialmente no que se refere à área da educação, em particular no nível superior, que é o interesse deste trabalho.

Diversas investigações vêm ocorrendo sobre o Vaticano II e algumas questões são levantadas em relação à sua aplicação. A partir do discurso de Natal, de Bento XVI, à Cúria Romana, em 2005, vários estudos foram realizados sobre o tema, apontando para a importância do Vaticano II². Também, segundo o teólogo jesuíta professor Cesar Alves, nos últimos anos verificou-se renovado e aprofundado interesse pela hermenêutica do Concílio Vaticano II³. Nesse sentido, destacam-se as seguintes questões: como o Concílio vem sendo recebido pelos Sacerdotes, Bispos e Cardeais da Igreja Católica? Até que ponto suas orientações são aceitas e implementadas nos dias de hoje pelos fiéis e pela educação em particular?

Várias diretrizes para a realização do Concílio, expostas no discurso do Papa João XXIII *Gaudet Mater Ecclesia* (GME, 11 de outubro de 1962) na sua abertura, não são até hoje bem conhecidas, deixando por isso de ser implantadas. Essa atitude acarreta implicações na relação da Teologia com a educação, especialmente no que diz respeito à educação superior, com importantes consequências para a complexa dinâmica da transmissão da fé. No intuito de entender as orientações do Vaticano II, bem como os seus reflexos na educação superior, em especial quanto à transmissão da fé, este trabalho parte da análise do estilo que norteou o Concílio; ou seja, dos grandes ensinamentos que o Vaticano II trouxe à Igreja, para então centrar-se nas constituições *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), que definem as diretrizes para as universidades católicas e estudos eclesiásticos. Analisam-se, também, os documentos nelas citados e os estudos teológicos sobre o assunto.

Salienta-se que a referida análise tem como foco o contexto latino-americano, com vistas a oportunizar perspectivas de ação para a transmissão da fé no continente, objetivando a superação dos desafios que nele enfrenta a educação superior católica.

Hoje em dia, qualquer tipo de transmissão, não só da fé como também de valores ou conteúdos, encontra-se em crise, tanto no âmbito familiar, educativo, social quanto no religioso.

² Alguns dos estudos sobre o assunto são mencionados por Cesar Alves em seu artigo intitulado: “Para uma hermenêutica apropriada do Vaticano II” (2013).

³ ALVES, 2013, p. 5-34.

Basta verificar que muitos pais se acham perdidos na educação de seus filhos. Em grande parte, os professores são reféns da rebeldia dos alunos; e muitos cônjuges trancam-se em seu isolamento, distanciando-se um do outro, pela falta de diálogo entre si e com os filhos. Essa mesma situação é vivenciada na Igreja pelos educadores cristãos, ao se depararem com dificuldades na transmissão da fé, em sua missão evangelizadora, o que se faz notar nas dificuldades com a catequese, na liturgia, nos cursos, na pregação, nas escolas, nas faculdades e nos demais atos da vida eclesial e comunitária.

Diante da presente situação, inúmeras são as questões que desafiam as pessoas de fé nos dias de hoje, dentre elas: quais são as orientações emanadas pela Igreja Católica para a transmissão da fé na nova evangelização? É possível transmitir a fé na educação, particularmente na educação superior, no mundo de hoje? Quais fundamentos embasam a educação para a transmissão da fé, a fim de que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade?

Perante esses questionamentos, levanta-se a hipótese de que a educação é um vasto campo para a transmissão da fé nos dias de hoje, já que as instituições católicas de ensino, em especial as universidades, são a presença mais constante da Igreja em meio à sociedade, não somente pelos estudos que possibilita realizar, mas, principalmente, pelo testemunho da alegria do Evangelho por parte da comunidade educativa, que se evidencia nos frutos de transformação de vida, na vivência da fraternidade e solidariedade. Justifica-se, portanto, este estudo, haja vista a educação cristã ser um dos campos que favorece a formação espiritual e teológica do batizado, bem como a orientação de sua consciência, o que lhe oportuniza ser construtor de um mundo que vivencie o bem comum, a justiça e a paz.

Nesse contexto de conflitos para a transmissão da fé, que envolve a educação superior católica, delineia-se o objetivo geral do presente trabalho, qual seja: verificar como a Teologia contribui com a educação superior para a transmissão da fé, a partir do estilo do Vaticano II, recepcionado nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017). Para isso, traçam-se os seguintes objetivos específicos: 1. Identificar a relação entre Teologia e educação, bem como sua contribuição à nova evangelização para a transmissão da fé; 2. Verificar a evolução da concepção de transmissão da fé, por meio da educação superior, a partir dos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), com base no estilo do Vaticano II; 3. Estabelecer a relação entre a transmissão da fé e a nova evangelização, com a superação dos desafios, pelas perspectivas de ação à educação superior.

A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica, buscando dados na Sagrada Escritura e na Tradição, bem como nos documentos do Magistério da Igreja, dentre os quais, o

discurso de abertura do Concílio Vaticano II, do Papa João XXIII (1962); o documento *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI (1975); a *Lineamenta*, de Bento XVI, para a XIII Assembleia Geral sobre a nova evangelização (2011); a *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco (2013); e as Constituições *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017). Somam-se a esses documentos estudos de teólogos que vêm trabalhando o tema em questão. A pesquisa está inserida no contexto latino-americano, razão pela qual os documentos são lidos na perspectiva da Teologia desse continente.

A Sagrada Escritura apresenta a transmissão da mensagem da Boa Nova como obra essencial da evangelização, com a missão deixada por Jesus a todos os seus discípulos: “Ide e evangelizai a todos” (Mt 28, 19-20). No processo de evangelização, a finalidade da educação para a transmissão da fé é formar comunidade que seja testemunha dessa alegre mensagem libertadora do Evangelho. Porém, diante da crise da transmissão dos valores e dos princípios fundamentais, em todos os sentidos, a Igreja sente dificuldades para a transmissão da fé, em um mundo em que, em meio a tristezas e dificuldades, pouco ou nada enxerga, na prática, a vivência da alegria do Evangelho.

Em meio aos desafios para a transmissão da fé nos dias de hoje, e em razão do descontentamento de muitos com a atual forma com que a evangelização vem sendo realizada, o escritor e teólogo brasileiro, professor João Batista Libanio, destaca várias situações que afastam muitos crentes da fé, como a crise da caridade, que, por tentar suprir as necessidades dos pobres, muitas vezes contribui para que se tornem alienados em relação à sua realidade⁴. Assim, segundo Libanio, com o advento do conceito de práxis como sendo “a ação que afeta as relações sociais, [...] transformadora da realidade”⁵, pode-se apontar os desafios que levam muitos a deixar a fé, quando, ao invés de mudar a realidade, a prática da caridade adormece a consciência e impede a mobilização dos pobres, por verem já supridas suas necessidades⁶.

Porém, mesmo em meio aos desafios, apresentam-se também caminhos que abrem as portas à fé, na realidade de hoje, para o encontro com o Absoluto⁷. Diante disso, evidencia-se a importância da educação, já que, como diz Santo Agostinho, “só conhecemos bem aquilo que amamos e só amamos bem aquilo que conhecemos” (Confissões 13, 1973, p. 293). E, conforme

⁴ Conforme o Papa Francisco, “não se trata apenas de garantir a comida ou um decoroso ‘sustento’ para todos, mas ‘prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos’”. Isso engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum (EG, 192).

⁵ LIBANIO, 2014, p. 118.

⁶ *Ibidem*.

⁷ LIBANIO, 2014, p. 125-156.

o Papa João Paulo II, razão e fé são como duas asas que levam o homem à Verdade que é Deus (FR, prólogo). Assim, a educação que se propõe à transmissão da fé é um amplo campo para se chegar à Verdade.

Para se transmitir a fé, precisa-se ser evangelizado. Vivendo em um mundo em crise, também o povo de Deus sente necessidade de ser evangelizado, para que possa conservar a força de ser transmissor do Evangelho. Imerso no mundo, não é raro o povo de Deus ser tentado pelos mesmos ídolos do momento, necessitando ouvir, incessantemente, a proclamação das obras que convergem para o Senhor; o povo precisa ser convocado e reunido de novo por Deus, na pessoa de Jesus, pela graça do Espírito, para levar o Senhor a todos. O Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, afirma: “A comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, para dar razões da sua esperança no mandamento novo do amor” (EN, 15). A comunidade de fé, quando partilha a experiência vivenciada de amor fraterno, reflete e comunica o mandamento de Jesus, ao mesmo tempo que demanda novos conhecimentos sobre seus ensinamentos. É nesse processo que a evangelização evolui e a fé se transmite num dinamismo tal que, uma vez evangelizados, os evangelizados se tornam evangelizadores.

Nesse contexto de confrontos, entre necessidades e desafios, veem-se também muitos exemplos da eficaz transmissão do Evangelho, geradores de muitos frutos, quando realizados pela força do Espírito Santo. Dentre os frutos que a Evangelização produz, tem-se: as muitas famílias, sinais do amor e da partilha, capazes de se abrir à esperança e à vida; as comunidades dotadas de verdadeiro espírito ecumênico, abrindo-se ao diálogo com outras religiões; as várias iniciativas de justiça social e de solidariedade, que colocam no centro das suas atenções os pobres e os marginalizados; outras iniciativas e projetos de experiência vocacional ou de consagração; a coragem de denunciar as infidelidades e os escândalos; a capacidade de continuar a testemunhar Jesus Cristo, mesmo frente às fraquezas humanas, vendo nelas o poder de Cristo que salva. Essas experiências positivas de evangelização, em meio às situações de crise, são expressões da passagem do Evangelho que diz: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo” (2 Cor 12,9). Assim, muitos cristãos, conduzidos pela graça de Cristo, produzem frutos de salvação nas comunidades de fiéis, que se deixam guiar pela força do Espírito Santo.

Cita-se também, como fruto do Evangelho, o empenho da Igreja em reparar as consequências de seus erros, pois “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). Tal fato

demonstra uma Igreja aberta à ação do Espírito, esperançosa na reconciliação, já que se reconhece pecadora e necessitada de conversão, propondo-se à emenda de seus atos. Todos os arrependidos são merecedores de perdão, pois conforme São Paulo: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero. Ora, se eu faço o que não quero, [...] vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento” (Rm 7, 14-25). Assim, em meio às turbulências, diz Bento XVI, a Igreja da nova evangelização é “uma Igreja que transmite sua fé, capaz de mostrar que o Espírito a guia e transfigura a história: a história da Igreja, dos cristãos, dos homens e de suas culturas” (*Lineamenta*, 17). Conduzida pelo Espírito, a Igreja é constituída por uma comunidade de fiéis, que se converte e caminha, dando frutos de ação viva e eficaz da força do Espírito, capaz de transfigurar a história.

Dentre as várias frentes que se abrem para a transmissão da fé na nova evangelização, com vistas à transformação da sociedade, o Documento de Aparecida (DA, 150) destaca as instituições católicas de ensino — a instituição superior inclusa —, incentivando-as a serem viabilizadoras do processo de evangelização, por meio do seu carisma educativo, fundamentando os educadores na relação do ser humano com a Santíssima Trindade. Pois “o Espírito na Igreja forja missionários decididos e valentes como Pedro e Paulo, indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo” (DA, 150). Cada um, com seus dons, evangeliza atualmente sob a força da Trindade, no lugar que lhe é destinado em sua própria vida. Baseados na Escritura, os bispos em Aparecida alertam que, “ao receber a fé e o batismo, os cristãos acolhem a ação do Espírito Santo que leva a confessar Jesus como Filho de Deus e a chamar Deus ‘Abba’” (DA, 157). Em particular, destacam a ação evangelizadora do povo de Deus, na realidade em que vivem na América Latina e no Caribe, pois, pelo sacerdócio comum do Povo de Deus, todos são chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, já que “a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária” (DA, 157). É nas situações de vida que se transmite a fé, movidos que são os batizados pela força da Trindade. Com a força do Espírito Santo, recebido em Pentecostes, a Igreja — a instituição superior inclusa — continua sua missão evangelizadora por todo o sempre, com renovado ardor e vitalidade, com novos carismas, dons e ofícios, que brotam em cada época, cultura e ocasião, provenientes do mesmo Espírito, pela graça do Pai, que leva os cristãos a confessar Jesus como Filho de Deus.

Assim, dentre os ofícios que servem à evangelização, a educação é um deles. Sob a condução do Espírito Santo, edifica a Igreja na propagação da salvação operada por Jesus, em obediência ao Pai, com educadores missionários vocacionados, em uma instituição que se

dedica ao ensino, como espaço de evangelização, a todos que a procuram, com efeitos a toda sociedade.

Em decorrência do batismo, a *Gaudim et Spes* explicita que todo cristão, remido por Cristo e feito nova criatura no Espírito Santo (GS, 37), tem direito a uma educação cristã que o conduza ao amadurecimento do conhecimento do mistério da salvação. Também, a Constituição Federal do Brasil reconhece a educação como direito de todos ao longo da vida (Art. 206, IX). Sendo que todo direito deve ser garantido de modo universal, destaca-se o direito à educação cristã aos batizados como um meio para se tornarem cada vez mais conscientes da fé que receberam, para aprenderem a adorar a Deus e para se disporem a levar uma vida em busca da santidade, até se aproximarem do homem perfeito em Cristo, conforme expressa o Vaticano II, na *Gravissimum Educationis* (GrEd, 2).

Dessa forma, resguardando o direito universal da educação cristã aos batizados, a *Gravissimum Educationis* (n. 2) sublinha seus fins, quais sejam: além de procurar dar maturidade ao ser humano, a educação cristã proporciona, principalmente, a introdução gradual dos batizados no conhecimento e na vivência do mistério da salvação, tornando-os capazes de serem conscientes do dom da fé que receberam. Nesse sentido, são motivados a: aprender na ação litúrgica a adorar Deus Pai em espírito e em verdade; dispor-se a levar a vida nos princípios de justiça e de santidade de verdade; aproximar-se do homem perfeito, isto é, da idade plena de Cristo (Ef 4,13); colaborar com a Igreja a edificar o Corpo místico de Cristo; e, conscientes da sua vocação, testemunhar a esperança que neles existe (1 Pd 3,15); ajudando à conformação cristã do mundo, mediante a qual os valores integrais do homem redimido por Cristo, para o bem de toda a sociedade.

Diante do direito e do dever da educação cristã, pergunta-se: hoje, no mundo atual, como transmitir a fé perante a crise de transmissão, de forma geral? Incorporados à Igreja pelo batismo, os fiéis são chamados a testemunhar Cristo à humanidade, por palavras e obras, para levar Jesus a todos, nas mais diferentes culturas. Alimentados pela Eucaristia, os cristãos manifestam a unidade do Povo de Deus, bem como demonstram o que realiza cada sacramento que recebem da Igreja. Assim, movido pelo Espírito Santo, cada fiel, no seu caminho vocacional e estado de vida, é chamado à perfeição do Pai, na vida em Cristo, em meio ao mundo de hoje (GS, 11). Conscientes de sua vocação e movidos pela Trindade, os cristãos colaboram para o bem de toda a sociedade, por meio do testemunho da fé e da esperança da vivência dos valores de Cristo, caminhando rumo à perfeição.

O fundamento da ação educativa cristã está no imperativo de Jesus aos apóstolos: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). E estes transmitem à

Igreja o mandato de Cristo de anunciar a salvação, levando até aos confins da terra os ensinamentos de Jesus (At 1,8). Por isso, todos os fiéis batizados assumem a tarefa de evangelizar e de ensinar. Impelidos pelo Espírito Santo, irão cooperar para que o desígnio de Deus se realize, até que Cristo seja o princípio de salvação para o mundo todo.

Transmitir a fé em Jesus Cristo consiste no anúncio da Boa-nova do Evangelho, ou seja, na transmissão da mensagem de salvação. Cumpre, ao longo deste trabalho, esclarecer como os Papas definem evangelização. É necessário também diferenciar evangelização do processo de ensino e aprendizagem. Para o Papa Paulo VI, a evangelização é definida como a transmissão do “anúncio de Cristo aos que o desconhecem” (EN, 17). Porém, diz o Papa, qualquer definição fracionada deixa incompleto o complexo processo de evangelização. Por sua vez, a tarefa de ensinar, ou seja, de transmitir conhecimentos ou instruções, vem acompanhada da indicação de um caminho a seguir para se alcançar determinado objetivo, o que é condição para a aprendizagem. Quem ensina, instrui, explica, mostra as coisas por meio de argumentos. Porém, eles se perdem se não se vê para que servem e como aplicá-los na vida. Dessa forma, os discípulos de Jesus também ensinavam e mostravam o caminho, seguindo a sua indicação, para fazer discípulas todas as nações, iniciando-as no caminho pelo batismo, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo e ensinando-lhes a guardar todas as coisas que Ele ensinou para aplicá-las na vida (Mt 28,19-20a). Aí está a relação entre ensino e evangelização: mostrar um caminho a ser percorrido, com a transmissão de conhecimentos na vivência do seguimento de Jesus Cristo, para que todos obtenham a libertação e o bem.

A *Lumen Gentium* (LG, 1965) apresenta a importância do apostolado dos fiéis no mundo, pelo testemunho de vida cristã, acompanhando a proclamação e o ensino da Palavra e prefigurando, assim, um novo céu e uma nova terra: “Este modo de evangelizar, proclamando a mensagem de Cristo com o testemunho da vida e com a palavra, adquire um certo carácter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo” (LG, 35). O testemunho é importante, pois transmite a fé cristã em meio à vida, no cotidiano de cada um.

É em meio à vida do dia a dia que o testemunho atua com toda sua força. Assim, é grande a importância dos leigos na evangelização, pois eles estão no mundo onde muitas vezes os religiosos não alcançam estar. A todos, portanto, incumbe-se a obrigação de cooperar para a propagação e o crescimento do Reino de Cristo, com o adequado conhecimento da verdade revelada, proclamando a mensagem de Cristo, pelo testemunho de vida e pela palavra, nas condições cotidianas no mundo.

Segundo o documento *Lumen Gentium*, é nas atividades temporais que os fiéis passam a conhecer o valor das coisas criadas, ajudando, por conseguinte, uns aos outros, com uma vida mais santa, pela graça de Cristo. Pois, “devem os fiéis conhecer a natureza íntima e o valor de todas as criaturas, e a sua ordenação para a glória de Deus, ajudando-se uns aos outros, mesmo através das atividades propriamente temporais, a levar uma vida mais santa” (LG, 36). A santidade é alcançada, portanto, com a ajuda mútua e a correção fraterna.

A *Lumen Gentium* (LG) resume a importância da educação cristã, ao defini-la como obra de evangelização, sendo que a ênfase do perfil educativo para os batizados deve firmar-se sobre a eucaristia, por toda a vida. Em especial, a educação recebida na família, pois que “todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho” (LG, 11). E a Igreja recebeu dos Apóstolos o mandato solene de Cristo de anunciar a verdade da salvação e de levá-la até os confins da terra (At 1,8), “até que se dê ao criador todo poder e honra” (LG, 17). Essa é, portanto, a importância da educação, dada sua relação com a obra evangelizadora: levar a salvação a todos. Daí a necessidade da atuação de todos os fiéis em prol da evangelização.

Sendo a educação vasto campo de atuação dos fiéis, em especial os leigos, haja vista sua presença massiva na educação, a declaração *Gravissimum Educationis* (GrEd, 1965) dedica especial atenção às escolas e às universidades católicas, que se colocam a serviço da sociedade e da Igreja, para que “brilhem não pelo número, mas pela dedicação à ciência” (GrEd, 10). Ao desenvolver uma autêntica investigação científica, o objetivo da educação católica superior vem a ser o de preparar os estudantes para assumir as responsabilidades culturais, sociais e religiosas, que lhes serão solicitadas em sua vida. Dessa forma, a educação é um amplo campo para a evangelização.

Por sua vez, o Papa João Paulo II, na Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (ECE, 1990), chama a atenção para a importância das universidades católicas como caminho para se chegar à verdade sobre a natureza, sobre o homem e sobre Deus, por meio do diálogo da Igreja com todos os homens de qualquer cultura.

De outra feita, o Papa Francisco anuncia que a pesquisa, o ensino e o serviço cultural na universidade católica promovem a reflexão à luz da fé católica sobre os conhecimentos a serem adquiridos, na fidelidade à mensagem cristã da Igreja e no serviço aos homens e mulheres, para que todos tenham acesso à verdade (*Instrumentum Laboris* Educar hoje e amanhã, 2014, n. 2). A educação católica apresenta, portanto, a condição de se basear na Palavra de Deus, para mediar as ciências, a fim de que todos cheguem à verdade sob a luz de Deus, apontando caminhos e definindo valores e princípios à vida da humanidade.

Por isso, relevância especial é dada ao diálogo da Teologia com as várias disciplinas e os diversos saberes da universidade, com vistas à conscientização das implicações éticas e morais das pesquisas, conforme a Palavra de Deus, a fim de evitar uma visão fechada de cada estudo. No intercâmbio da Teologia com as várias ciências, tanto a Teologia pode ajudar as outras disciplinas a aprofundar as razões e o significado da sua própria ação como os outros saberes podem estimular a pesquisa teológica, contribuindo no enfrentamento dos problemas da vida e numa melhor compreensão do mundo (ECE, 19). A Teologia é, então, como uma ponte pela qual transitam os valores éticos e morais cristãos, da pesquisa para as várias ciências.

Perante a importância da educação católica, pergunta-se: como realizar a transmissão da fé, nos moldes da nova evangelização, na educação superior, em meio à situação de crise em que ela se encontra, de forma geral, nos dias de hoje?

Diante da problemática, descortina-se a importância da Teologia nas universidades católicas, principalmente pela ação evangelizadora, que se desenvolve por meio da transmissão da fé, apresentando à comunidade educativa a possibilidade de uma vida melhor, com a aplicação prática dos conhecimentos advindos da ciência teológica aplicados à vida, em relação com as demais ciências, tendo por base a Sagrada Escritura e a Tradição. Partindo das questões da realidade, a Teologia, inserida na vida de fé, busca na Palavra de Deus as respostas às perguntas levantadas.

Portanto, com a finalidade de se verificar quais são os traços que os documentos estudados apresentam para a transmissão da fé, por meio da educação superior católica, e como essas orientações configuram o fazer teológico no meio educacional, este trabalho se desenvolve em três capítulos. Partindo da relação entre teologia e educação, no primeiro capítulo buscam-se as orientações emanadas da Igreja Católica para a transmissão da fé na nova evangelização. Segue o segundo capítulo, que apresenta o estudo das Constituições *Ex Corde Ecclesiae* (ECE, 1990) e *Veritatis Gaudium* (VG, 2017), com base no estilo do Vaticano II, buscando-se também identificar a evolução da recepção do estilo conciliar nessas Constituições. Chega-se ao terceiro capítulo, abordando a relação entre educação e transmissão da fé, com foco nos desafios e perspectivas para a educação, com destaque ao contexto latino-americano.

CAPÍTULO I – TEOLOGIA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES À NOVA EVANGELIZAÇÃO

Ao buscar respostas na Palavra de Deus para as inquietações da comunidade sobre a fé, a Teologia aponta a educação como possibilidade de satisfação dos direitos fundamentais da humanidade. Por sua vez, aliada à evangelização, a educação apresenta a oportunidade de realização plena do ser humano que conhece Jesus Cristo. Considerando tal premissa, levanta-se a questão: quais são as orientações emanadas da Igreja Católica para a transmissão da fé na nova evangelização? Para se investigar sobre esta pergunta, estabelece-se como propósito do capítulo identificar, na relação entre teologia e educação, a forma como a Igreja orienta o desenvolvimento da educação e da evangelização, para que todos os povos alcancem sua plena realização.

Vê-se, conforme o estilo do Vaticano II, que, no processo de evangelização, o exemplo de vida é constantemente praticado (GME, 17), considerada a realidade na qual se evangeliza. Dessa forma, cumpre esclarecer qual é a mensagem de fé a ser transmitida na nova evangelização e quais são as condições para que aconteça a transmissão da fé na realidade evangelizada. De acordo com Libanio, após o Vaticano II, a cultura popular na América Latina desafiara “uma evangelização que se estruturara segundo os moldes europeus”⁸. Despontava, assim, o novo caminho evangelizador para o continente, explicitado pelos bispos em Medellín e que, conforme Libanio, “aposta na renúncia ao poder e à pompa eclesiástica”⁹ e acredita nas pequenas comunidades como lugar, fonte e força evangelizadora. Nesse sentido, a Conferência dos bispos, realizada em Medellín, focaliza a realidade do continente latino-americano, com a opção preferencial pelos pobres e excluídos. Dessa forma, justifica-se o estudo do documento de Medellín para o conhecimento da realidade da nova evangelização e da educação, em especial no continente latino-americano. Após Medellín, abordam-se as diretrizes da Conferência de Aparecida, até chegar ao Papa Francisco, primeiro Papa latino-americano.

1.1 Mensagem de fé e condições para sua transmissão na nova evangelização

Ao se abordar o tema da mensagem de fé a ser transmitida — bem como as condições em que ocorre essa transmissão na nova evangelização, com destaque à educação no continente

⁸ LIBANIO, 2014, p. 198.

⁹ Tal atitude é verificada desde o início do pontificado do Papa Francisco, nos sinais de despojamento e simplicidade, aproximando-se da vertente evangelizadora da América latina (LIBANIO, 2014, p. 199).

latino-americano —, destacam-se três questões: 1. O que vem a ser nova evangelização? 2. Qual é a mensagem a ser transmitida e quais são as condições para sua transmissão, em especial na realidade latino-americana? 3. Quais são as orientações para a educação que pretende transmitir a fé no contexto da América Latina? É o que se procura responder.

Percorrendo os conceitos pós-conciliares, como foi dito anteriormente, destaca-se a definição de evangelização pelo Papa Paulo VI (1975), como sendo a transmissão do “anúncio de Cristo aos que o desconhecem” (EN, 17). Porém, diz o Papa, “nenhuma definição parcial e fragmentária chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar” (EN, 17). Entende-se, portanto, que, é impossível anunciar Cristo se não se considerar, de forma conjunta, os elementos essenciais desse anúncio, compreendido como a transmissão da fé em Jesus a determinado povo, em sua cultura, acompanhado do testemunho daquele que fez o encontro com Cristo e teve sua vida transformada em busca do Reino. Diz Paulo VI: “Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora” (EN, 13). Esse processo de construção conjunta do reino de Deus chama à conversão constante tanto do evangelizador como do evangelizando, ocasionando um processo contínuo de evangelização, no seguimento de Jesus.

Bento XVI, nos *Lineamenta* para o Sínodo da nova evangelização (2011), recorda os ensinamentos de Paulo VI sobre evangelização na *Evangelii Nuntiandi* como uma atividade total. “Nos últimos tempos, com o termo evangelização, pretende-se referir-se à atividade da Igreja na sua totalidade [...] o que inclui a pregação, a catequese, a liturgia, a vida sacramental, a piedade popular e o testemunho de vida dos cristãos” (EN 17, 21, 48ss). O amplo processo de evangelização abrange toda a vida da pessoa e inclui, além da pregação e da liturgia, a vida do povo e o seu testemunho. Assim é que, nos *Lineamenta*, o Papa Bento XVI chama a atenção ao efeito do encontro com Cristo, ao considerar que “os desafios de um mundo em acelerada transformação são como a via para se viver, hoje, reunidos no Espírito Santo, o dom de fazer a experiência de Deus que é nosso Pai, testemunhando e anunciando a todos a Boa Nova - o Evangelho - de Jesus Cristo” (*Lineamenta*, Prefácio). Em meio aos desafios da vida é que se dá o encontro com Cristo, que produz efeitos na própria vida, com o testemunho de renovação da sociedade, transformada pela vivência dos ensinamentos de Jesus. Segundo o Papa Bento XVI, “educar para a fé, o seguimento e o testemunho, quer dizer ajudar os nossos irmãos, ou melhor,

significa ajudar-nos uns aos outros a entrar num relacionamento vivo com Cristo e com o Pai”. Essa é, portanto, a tarefa fundamental dos educadores evangelizadores¹⁰.

Assim é que, por sua vez, o Papa Francisco (2013) declara que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176). Com essas palavras, o Papa demonstra sua preocupação com a dimensão social da evangelização, afirmando que “se esta dimensão não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora” (EG, 176). O processo de evangelização permeia, portanto, toda a vida do Povo de Deus, transformando a realidade em que se vive, na busca da libertação trazida por Jesus.

A evangelização é nova, na medida em que o testemunho de Jesus a ser acolhido pelos homens e mulheres de hoje, animados pelo dom do Espírito, situa-se na busca de Deus. Portanto, é nova não no seu conteúdo, que continua sendo a vivência de Jesus, mas na urgência e na forma de se realizar. Assim como advertiu João Paulo II, também afirma Dom Steiner que a “nova Evangelização não é um novo Evangelho, que surgiria de nós mesmos e não de Cristo. Mas, a transmissão da fé, da mesma fé, permanece no centro da Nova Evangelização”¹¹. Anunciar e seguir Jesus é comprometer-se com sua mensagem na vida, que se transforma em fraternidade e solidariedade. Ao anunciar e viver a evangelização no seguimento de Jesus, os evangelizadores transformam a ordem temporal, assumindo e renovando as culturas, conduzindo todos à conversão e chamando-os à perseverança de uma vida libertada por Jesus.

Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (2010), o Papa Bento XVI expressa que “não existe prioridade maior do que reabrir ao homem atual o acesso a Deus” (VD, 2). Também, explicita o Papa que essa busca prioritária de Deus, em vista da qual se estabelece a nova evangelização, é “a experiência de Deus que é nosso Pai” que leva a “testemunhar e anunciar a todos a Boa Nova – o Evangelho – de Jesus Cristo” (*Lineamenta*, 1). Além do anúncio de Cristo, a experiência de Deus e o testemunho de vida constituem as condições para a transmissão da Boa Nova no processo da nova evangelização. Segundo o Papa Bento XVI, “a testemunha de Cristo não transmite simplesmente informações, mas compromete-se de maneira pessoal na verdade que propõe e, através da sua própria vida, torna-se um ponto de referência confiável”. Isso porque ela “não se inspira em si mesma, mas [...] encontra o seu próprio modelo em Jesus Cristo”¹². Cristo é o modelo para o testemunho e a mensagem a ser anunciada.

¹⁰ BENTO XVI, PP, 2007.

¹¹ STEINER, 2014, p. 131-150.

¹² BENTO XVI, PP, 2007.

1.2 A nova evangelização no continente latino-americano, de Medellín até o Papa Francisco

Para tornar o Reino de Deus presente no mundo, conforme o Papa Francisco, cumpre conhecer a realidade em que se vive para se poder a ela evangelizar (EG, 176). Assim, busca-se conhecer: como deve ser a evangelização no continente latino-americano, considerando-se a realidade do continente? Para esclarecer a questão à situação levantada, parte-se da posição dos bispos na Conferência de Medellín, com destaque à nova evangelização na realidade latino-americana. Após o entusiasmo por parte da Igreja com os propósitos da Conferência de Medellín, ocorre certo período de esfriamento, até que os Papas João Paulo II e Bento XVI retomam o tema da nova evangelização. Com o Papa Francisco, é acrescentada à expressão “Igreja pobre e popular”, de Paulo VI, o sentido da ecologia integral, com o resgate da cultura dos oprimidos para pensar a evangelização como libertação, já que os pobres são a maiores vítimas da exploração dominante. Dessa forma, para conhecer sobre a nova evangelização no continente latino-americano, cumpre elucidar o percurso de Medellín ao Papa Francisco.

A Conferência de Medellín debruçou-se sobre os principais problemas e desafios vividos pela Igreja no continente latino-americano, consideradas as raças e culturas da América Latina. Assim, em Medellín, a Igreja toma partido pelos oprimidos e se associa à sua luta pela libertação. Segundo Beozzo, esta é uma das forças de Medellín: “o esforço por aderir à realidade, por penetrá-la e interpretá-la, para, só então, tentar responder pastoralmente aos desafios [...] (pois) Deus nos fala no hoje da realidade e é preciso estar atento aos sinais dos tempos”¹³. Daí a importância de Medellín.

Assim, após o Vaticano II, reunidos em Medellín (1968), os bispos alertam à necessidade de uma evangelização voltada à realidade do continente latino-americano, renovada especialmente nos seus métodos, com atenção prioritária a essa realidade, que é, na sua grande maioria, a realidade dos pobres. Seguindo o mandato evangélico, “o Espírito do Senhor está sobre mim, por isso me enviou para evangelizar os pobres” (Lc 4, 18), o documento de Medellín defende o direito dos pobres e oprimidos, “urgindo aos nossos governos e classes dirigentes que eliminem tudo quanto destrói a paz social: injustiça, inércia, venalidade, insensibilidade” (Medellín, 2.22). Reunidos na Conferência, os bispos alertam à imperiosa necessidade de se implantar uma evangelização exigente no continente, que desperte uma

¹³ BEOZZO, 2005, p. 4-63.

política de desenvolvimento, que trate “não de suprimir os comensais e sim de multiplicar o pão” (Medellín, 3.9). Pois “Cristo Pascal, imagem do Deus invisível, é a meta para o desenvolvimento do ser humano” (Medellín, 4.9), e esta é também a meta da nova evangelização: Cristo vivo e ressuscitado no meio de nós, trazendo vida nova, em especial, na defesa dos valores inalienáveis, como o respeito à pessoa, especialmente dos pobres e marginalizados.

Dáí que o processo de evangelização não é só o anúncio, mas o comprometimento com a mudança de vida em favor dos pobres, pois Cristo habita entre a pobreza do povo. Medellín esclarece: “este compromisso exige denunciar a carência injusta dos bens, implica comprometer-se com a pobreza material, como também pregar e viver a pobreza espiritual como atitude de abertura para o Senhor” (Medellín, 14.5). É certo que nem todos vivem a pobreza de modo igual, mas todos os evangelizadores se comprometem com ela, já que todos os membros da Igreja são chamados a viver a pobreza evangélica. Tal imperativo, reafirmado em Medellín, impõe aos evangelizadores um desafio e uma missão: “Cristo, nosso Salvador, não só amou os pobres, mas também, ‘sendo rico se fez pobre’, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens” (Medellín, 14.7).

Nesse sentido, evangelizar implica viver a dor e o sofrimento do pobre, demonstrando assim o valor do pobre perante Deus. Dizem os bispos em Medellín: “A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal do valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; e compromisso de solidariedade com os que sofrem” (Medellín, 14.7). Esta é a missão dos evangelizadores na América latina: ser sinal do valor do pobre e compromisso de solidariedade para com eles.

Devido ao foco de Medellín sobre a nova evangelização, que considera a realidade do pobre, Libanio esclarece que a Conferência “vai além do Vaticano II, pois pensa a evangelização a partir dos pobres, das culturas nativas, na linha de sua libertação. Nasce aqui a nova evangelização libertadora”¹⁴. O autor defende a ideia de que a evangelização libertadora vem a ser a marca da nova evangelização no continente americano, com especial atenção aos pobres e marginalizados. Segundo a *Evangelii Nuntiandi*, “a Igreja, tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela chegue a ser total” (EN, 30). Uma evangelização que promova a libertação corresponde,

¹⁴ LIBANIO, 2014, p. 195.

portanto, à essência da nova evangelização, especialmente na América Latina, onde vive um imenso contingente de pobres e marginalizados.

Segundo o Papa João Paulo II, a nova evangelização é “nova em seu ardor, em seus métodos, em suas expressões” (*Lineamenta*, 5). Outro marco da nova evangelização acontece em 2011, quando o Papa Bento XVI convoca a Igreja para refletir sobre a questão após um período de esfriamento. Nos *Lineamenta* para o sínodo dos Bispos, o Papa Bento XVI reforça o significado da nova evangelização, com especial ênfase à renovação dos métodos para a evangelização das diferentes culturas. Diz o Papa Bento XVI: é preciso conceber a evangelização como o processo através do qual a Igreja, animada pelo Espírito, anuncia e difunde o Evangelho em todo o mundo, de forma que, “guiada pelo amor, permeia e transforma toda a ordem temporal, assumindo e renovando as culturas” (*Lineamenta*, 12). Nota-se nas palavras do Papa Bento XI a retomada da ênfase sobre a nova evangelização, que transmite a fé com o devido respeito às mais diferentes culturas.

Libanio esclarece que essa é a nova maneira de evangelizar, com envolvimento existencial, tanto por parte de quem evangeliza como de quem é evangelizado, já que o testemunho de fé proclamado e vivido por Jesus tem como propósito a conquista da liberdade¹⁵. Esta é, portanto, a novidade da nova evangelização, em especial na América Latina: transmitir a fé em Cristo com o anúncio e o testemunho de vida, em meio aos pobres e marginalizados, em busca da libertação. Assim considerada, como um denso e contínuo processo de anúncio e difusão do Evangelho de Jesus Cristo numa perspectiva de inculturação, evangelização implica não somente o anúncio da mensagem, mas necessariamente o testemunho e a inserção na realidade de vida, para a transformação da sociedade. De acordo com o documento *Lumen Gentium*, “este modo de evangelizar, proclamando a mensagem de Cristo com o testemunho da vida e com a palavra, adquire particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo” (LG, 35). Nova evangelização está, pois, ligada à vida, com a mensagem de Cristo transmitida na vivência dos princípios de fraternidade e solidariedade junto aos mais necessitados.

Inserida na vida do povo, a evangelização destina-se tanto aos novos evangelizados como aos antigos seguidores do caminho de Jesus. Segundo o Papa Bento XVI, a Igreja encontra “energias para motivar os sujeitos e aquelas comunidades que vão dando sinais de cansaço e de resignação” (*Lineamenta*, 18). A retomada da motivação a quem dá sinais de cansaço é também um dos campos da evangelização, pois o futuro das comunidades depende,

^{15 15} LIBANIO, 2014, p. 195-212.

de um lado, do esforço investido na iniciação, e de outro, do vigor das iniciativas evangelizadoras, revigoradas com novo ardor missionário. É o ardor do encontro com Jesus que suscita o discípulo a “responder à vocação recebida e a comunicar em toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Cristo” (DA, 14). Assim, a evangelização é um processo contínuo que se desenvolve por toda a vida e para todos, já que quem evangeliza é também constantemente evangelizado, com o ardor missionário que se renova e se expande. Segundo os bispos em Aparecida, o ardor suscita o desejo de que “Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências” (DA, 14). De acordo com Dom Leonardo Steiner, o ardor desperta o desejo de transmitir a fé e encontra novos métodos e modos de transmitir o tesouro do coração. O ardor é criativo, é dinâmico¹⁶. Portanto, sendo que a nova evangelização apresenta a necessidade de novos métodos para a transmissão da fé, o ardor da missão é essencial para que se busquem novos caminhos e formas de evangelização.

É esse o complexo processo a que se refere o Papa Bento XVI sobre a evangelização, que parte da vida e a ela retorna, transformando-a com a mensagem de Jesus, de amor e fraternidade. Para que isto aconteça, grande é o cuidado com a transmissão da fé, empregando-se nesse processo os meios adequados, preocupando-se com a fidelidade na pregação, viva e com destinação universal, com atenção especial aos pobres, com evangelizadores com ardor renovado pela missão, agindo por ordem e pela graça de Cristo Salvador, sob a condução do Espírito Santo, por seu testemunho de vida. Dizia o Papa João XXIII, no discurso de abertura do Concílio Vaticano II: “De fato, do seu exemplo de vida, constantemente praticado, e das suas iniciativas de caridade, toma vigor e incremento o que há de mais alto e mais nobre na sociedade humana” (GME, 17). O testemunho é, portanto, a chave que abre as portas para que a evangelização produza frutos, no seguimento a Jesus, para a mudança de vida rumo à fraternidade, na construção do Reino de Deus.

Diante da urgência da ação evangelizadora, em especial na realidade de desafios que se apresenta na América Latina, o caminho da nova evangelização no continente é assim apresentado pelos bispos, pela primeira vez, na Conferência de Medellín.

Com Medellín (1968), uma nova Igreja nasce na América Latina, sob a ação do Espírito Santo, para o anúncio do Evangelho. Nas palavras do teólogo Aquino Júnior, “o ‘fruto maior’ de Medellín foi ter dado à luz a Igreja americana como *latino-americana*”¹⁷. É assim que a Conferência marca o nascimento de uma Igreja voltada à realidade do continente. Tal fato

¹⁶ STEINER, 2014, p. 145.

¹⁷ AQUINO Júnior, 2018, p. 43.

acontece em decorrência de a Igreja na América Latina se encontrar no processo de recepção do Concílio Vaticano II, logo após ter sido encerrado, em 1965.

Ao se falar em nova evangelização, o próprio termo reflete que havia descontentamento em relação ao processo evangelizador anterior, por estar desvirtuado do seu sentido primogênito, do seguimento de Jesus Cristo. Segundo Libanio, constatam-se no processo evangelizador “elementos que lhe contradizem e desvirtuam o sentido primogênito, verdadeiro”. Percebe-se até a “contradição com a mensagem e a prática fundamental de Cristo”¹⁸. Assim é que, de acordo com Libanio, “a expressão ‘nova evangelização’ surge em Medellín [...] (A Conferência) vai além do Concílio e pensa a evangelização a partir dos pobres, das culturas nativas e populares, na linha da sua libertação”¹⁹. Este é o sentido da nova evangelização na América Latina: ser adequada à cultura do povo, que no continente é definida pelos pobres, com uma realidade que exige libertação.

Pensa-se então em uma nova maneira de evangelizar e daí decorrem várias iniciativas pastorais no continente. De acordo com Libanio, com a nova evangelização libertadora, “surgirão as comunidades eclesiais de base, a leitura popular da Bíblia, a Teologia da Libertação, o processo libertador dos pobres com a ruptura do sistema dominante, a vida religiosa inserida e a educação libertadora”²⁰. Tais ações demonstram a força da fé dos pobres nas iniciativas de evangelização.

Assim, com a Conferência Episcopal de Medellín, a evangelização no continente latino-americano, voltada para a ação transformadora da sociedade, parte dos pobres e das culturas populares, na linha da sua libertação, com vistas ao bem comum. Para isso, de acordo com Libanio, muito contribui a educação libertadora: uma “evangelização voltada para a ação [...] que colabore com todos os homens de boa vontade que estejam numa paz autêntica, firmada na justiça e no amor”²¹. A nova evangelização chama a Igreja a um novo modo de anunciar a mensagem de salvação a partir dos pobres, com várias iniciativas dela derivadas de ação transformadora da sociedade, o que se alcança pela educação libertadora.

Essa nova perspectiva de evangelização é reiterada pela *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI (1971), com o anúncio da libertação a partir dos pobres, eles mesmos sendo sujeitos da evangelização e não simplesmente destinatários, mas agentes do processo evangelizador.

¹⁸ AQUINO Júnior, 2018, p. 43.

¹⁹ LIBANIO, 2014, p. 195.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*, p. 196.

No Brasil, firma-se a expressão Igreja Popular, que define como ela se organizou e exprime sua opção fundamental, ou seja, a Igreja nasce do povo pelo Espírito de Deus, em que o próprio povo é o agente da evangelização, unindo, assim, fé e vida. Essa é a perspectiva libertadora da evangelização, que, segundo Libanio, “favorece um clima de igualdade, de fraternidade e de colaboração [...] e privilegia aspectos sociais da fé com impacto transformador da realidade, acreditando nas iniciativas do povo”²². Com a Igreja organizada em meio ao povo e com o povo, os pobres passam a ser os agentes da nova evangelização, com muitas iniciativas aflorando, principalmente com a atuação das comunidades eclesiais de base. Nesse sentido, para Libanio, a Igreja “lançou-se corajosa e criativamente, com imensa liberdade”²³. O novo caminho de evangelização centra-se na renúncia ao poder e à pompa eclesiástica e acredita nas comunidades eclesiais de base.

No entanto, ao lado das iniciativas libertadoras da Igreja, no seu próprio interior surgem embates e resistências e as iniciativas populares vão sendo abandonadas. Segundo Libanio, “o grupo conservador, que durante o Concílio perdera a hegemonia, recupera-a nesse momento pós-conciliar de hesitação e de confusão. E mais [...] os ideais democráticos não se consubstanciaram. Por isso, puderam ser revertidos”²⁴. A própria Igreja de Roma sente como que se perdesse o controle das ações da Igreja na América Latina e o grupo conservador reage contra elas, ocasionando o período de “inverno da Igreja”, segundo Karl Rahner. Libanio cita essa expressão de Rahner, dizendo que “fecharam-se as portas para tentativas novas e limitaram o espaço da liberdade e criatividade”²⁵. Logo “as instituições romanas perceberam que perdiam o controle [...] Iniciou-se o processo de caráter conservador, que atravessou os dois últimos pontificados, de João Paulo II e de Bento XVI”²⁶. A partir desse período, enfraquece o espaço libertador na Igreja.

O teólogo Agenor Brighenti também cita que a Igreja viveu, nos anos posteriores ao Concílio Vaticano II, o processo de involução eclesial, que toma força no seu interior, com uma Igreja silenciosa e omissa, distante do estilo do Vaticano II. Diz Brighenti: “Diante da renovação do Concílio Vaticano II, durante os pontificados de João Paulo II e Bento XVI [...] no âmbito social, passamos a ter uma Igreja silenciosa e omissa, quando não silenciadora e conivente com o cinismo dos satisfeitos”²⁷. Esse período de involução eclesial é marcado pelo

²² LIBANIO, 2014, p. 197.

²³ *Ibidem*, p. 199.

²⁴ *Ibidem*, p. 200-201.

²⁵ *Ibidem*, p. 202.

²⁶ *Ibidem*, p. 199-201.

²⁷ BRIGHENTI e ARROYO, 2016.

impasse com os fundamentalistas e conservadores, que segundo Libanio, “esfriam algumas experiências criativas de espaço libertador e de criatividade” junto ao povo²⁸. Fecham-se, assim, as portas para novas tentativas de liberdade e criatividade.

Destacam-se nesse período os embates ocorridos de involução em meio às próprias iniciativas da Igreja, ressaltando como um dos motivos o autoritarismo com as violências que aconteciam. Segundo Beozzo, “as mudanças, por vezes com violência [...] abriram intermináveis pleitos [...] com a expulsão de alguns vigários. Mesmo nas CEBs não faltaram [...] uma visão religiosa tradicional, acomodada e resignada [...] e outra visão mais combativa e [...] mais secularizada”²⁹. Nota-se que os conflitos, até mesmo dentro da própria Igreja, chegaram até a atos de violência, como a expulsão de alguns vigários.

Também hoje, por vezes, entre o clero mais jovem, existe certa resistência para sair do conforto e colocar-se a serviço dos pobres, atendendo ao apelo do Papa Francisco para uma Igreja em saída. Segundo Beozzo, “o entusiasmo com Francisco foi menor entre parte do clero mais jovem e seminaristas instados a sair da zona de conforto dos seminários e sacristias e lançar-se na aventura missionária a serviço dos pobres e excluídos”³⁰. Para o autor, tal resistência acontece devido ao fato de grande parte do clero ser oriunda de pontificados anteriores. De acordo com Beozzo, “os bispos são respeitosos em relação ao Papa, mas têm dificuldade em percorrer os novos caminhos, em retomar as inspirações maiores do Vaticano II”³¹. Indica-se, dessa forma, que a mudança proposta pelo Vaticano II e por Medellín, retomada pelo Papa Francisco, é um processo ainda em desenvolvimento.

Porém, em paralelo ao período de retrocesso às ideias inovadoras de Medellín, muitos avanços devem ser considerados na Igreja até os dias de hoje. Dessa forma, mesmo que alguns historiadores considerem as iniciativas da evangelização libertadora enfraquecidas, da parte da Igreja elas não são de todo esquecidas, com iniciativas tais como, em prol do diálogo inter-religioso, os pedidos de perdão pelos erros da Igreja na Quaresma de 2000 e a peregrinação e João Paulo II pelo mundo, dentre outros exemplos.

Essa situação de avanços e retrocessos na nova evangelização é sentida, após Medellín (1968), até mesmo nas conferências episcopais da América Latina, como acontece em Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), durante os pontificados de João Paulo II (1978 a 2005) e Bento XVI (2005 a 2013), respectivamente.

²⁸ LIBANIO, 2014, p. 201.

²⁹ BEOZZO, 2012/3, III.2, p. 116-122.

³⁰ BEOZZO *apud* SANTOS, 2018.

³¹ *Ibidem*.

Em Puebla (1979), os bispos do continente latino-americano elegem como tema da Conferência: “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. No seu documento final, os bispos dizem: “A evangelização da América Latina não pode cessar de afirmar a fé da Igreja: Jesus Cristo, Verbo e Filho de Deus, se faz homem para aproximar-se do homem e trazer-lhe, pela força de seu mistério, a salvação” (Puebla, n. 1.6). Os bispos citam que “os pobres e os jovens constituem a riqueza e a esperança da Igreja na América, Latina, e sua evangelização é, por conseguinte, prioritária” (Puebla, n. 1132.). Dessa forma, Puebla reforça o empenho pela evangelização, com foco a partir dos pobres na América latina.

Nesse caminhar de esforços para evangelizar, por parte da Igreja, é de considerável importância a retomada da nova evangelização, em 1979, quando o Papa João Paulo II se referia à nova cruz de madeira erguida durante as celebrações do milênio, como sinal de que o Evangelho voltava a ser anunciado de uma nova maneira, apesar de a Boa Nova ser sempre a mesma. Segundo João Paulo II, a nova evangelização não significa re-evangelização, mas “uma evangelização nova em seu ardor, em seus métodos e expressão”³². O próprio Papa dá o exemplo de ardor pela evangelização com as peregrinações que realiza pelo mundo, levando Cristo a todos, pois Cristo é o ponto de partida e a riqueza da nova evangelização. Nova evangelização implica, portanto, a transmissão da mesma fé em Jesus, com o uso de novos métodos e expressões, com renovado ardor.

Nas pegadas de João Paulo II, a Conferência de Santo Domingo (1992) realça a evangelização como um de seus temas centrais, e os pontos básicos da Conferência são: a evangelização como anúncio do Reino; realizada sob a inspiração do Espírito; seguindo o mandato de Jesus Cristo e em fidelidade à Palavra de Deus; em resposta às exigências de Jesus; a partir da experiência de Deus; valorizando a participação dos leigos e a adaptação às culturas. Com Santo Domingo, o tema da nova evangelização reforça a chamada ao respeito às diferentes culturas. Assim, com o tema “Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã”, Santo Domingo destaca que a “nova evangelização tem [...] a certeza de que em Cristo há uma ‘riqueza insondável’ (Ef 3,8), [...] e à qual nós homens sempre poderemos recorrer para enriquecer-nos. [...] Cristo mesmo é a nossa salvação” (Santo Domingo, n. 6). A ênfase da evangelização, em Santo Domingo, é a atenção à mensagem centrada em Cristo Jesus, com prioridade à formação do clero. Segundo o documento, a condição indispensável para a nova evangelização é contar com evangelizadores numerosos e qualificados. “Por isso, a promoção das vocações sacerdotais e religiosas [...] há de ser uma prioridade dos bispos, [...] bem como

³² BEOZZO, 2012/3, III.2, p. 204.

[...] a formação permanente do Clero” (SD, 26). A Conferência de Santo Domingo destaca também que “a evangelização, no respeito às culturas, é a razão de ser da Igreja” (SD, 12), levando à promoção do desenvolvimento integral do homem” (SD, 13, 157, 243, 252). O foco da evangelização passa, portanto, com Santo Domingo, da opção preferencial pelos pobres ao respeito às culturas para o desenvolvimento integral do homem e da mulher.

Segundo o teólogo brasileiro professor Afonso Murad, ao afirmar a intenção de levar adiante as orientações do Vaticano e das Conferências de Medellín e Puebla, Santo Domingo pouco aborda suas orientações, como no caso da opção pelos pobres e da educação libertadora. Diz Murad: “Em Santo Domingo [...] os desvios de rotação visíveis. Proclama-se a assunção da opção pelos pobres (SD 296), mas essa, na realidade, é pouco contemplada (SD 23-156). O item ‘Ação educativa da Igreja’ (SD 263-278) [...] nem sequer cita a educação evangélico-libertadora”³³. Portanto, para Murad, há um retrocesso em Santo Domingo quanto à evangelização libertadora a partir dos pobres.

Assim, no caminhar da evangelização na América latina, entre avanços e retrocessos, principalmente após o período de esfriamento da Conferência de Santo Domingo (1992), renovada força é dada à nova evangelização com a Conferência de Aparecida (em 2007), que alerta à necessária preparação dos discípulos missionários, lançando-os pelo continente para o enfrentamento dos problemas concretos que se apresentavam à evangelização³⁴. Segundo o Documento de Aparecida, “esta é a tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (DA, 146). O discípulo que se enamora de Jesus sente a necessidade de anunciá-lo aos outros. Assim, Aparecida recorda a importância da fundamentação na Palavra de Deus e o “enamoramento” de Cristo para o discipulado, pois sem o amor a Cristo não há amor nem futuro entre os homens. E esse enamorar-se por Cristo inclui a opção preferencial pelos pobres, com a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã.

Nesse caminhar, a Conferência de Aparecida (2007) veio dar nova ênfase à evangelização na América Latina, segundo Libanio, “ocupando-se em lançar discípulos e missionários pelo continente”³⁵. Em Aparecida, os bispos chamam a Igreja a refletir sobre a realidade do carisma da evangelização na América Latina em relação com o Espírito Santo (AP, n. 150), na presença da Santíssima Trindade (AP, n. 157). Dentre outras indicações, os bispos dizem que a comunidade paroquial deve ser atendida por meio das comunidades eclesiais de

³³ MURAD, 1993, p. 14.

³⁴ LIBANIO, 2014, p. 204-208.

³⁵ *Ibidem*, p. 205.

base (AP, n. 178) e sob outras formas de comunidade (AP, n. 180, 307, 308). Aparecida incentiva as instituições católicas de educação (AP, n. 338, 346) e os institutos de Teologia (AP, n. 344) a manterem seu carisma educativo para a transmissão da fé³⁶. Dessa forma, a grande opção da Conferência de Aparecida é a de converter a Igreja em uma ampla comunidade missionária, lançando os fiéis para a evangelização de todo o continente.

Após Aparecida, o Papa Bento XVI, na Exortação *Verbum Domini* (2010), volta a conclamar todos os batizados à missão, com vistas à transformação da sociedade pela promoção da dignidade das pessoas. Segundo o Papa: “a evangelização e a difusão da Palavra de Deus devem inspirar a sua ação no mundo à procura do verdadeiro bem de todos, no respeito e promoção da dignidade de toda a pessoa” (VD, 100). Libanio destaca que, em 2012, nos *Lineamenta* ao Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, o Papa Bento XVI chama a atenção para que a nova evangelização seja endereçada a todos, não só aos de dentro da Igreja, mas principalmente aos que dela se afastaram, para, assim, transformar a vida pessoal, familiar e social dos cristãos³⁷. São palavras do Papa Bento XVI: “A nova evangelização é, antes de mais nada, endereçada a quantos se afastaram da Igreja [...] Tal fenômeno existe mesmo nos Países onde a Boa Nova foi anunciada nos últimos séculos, mas não suficientemente bem acolhida a ponto de transformar a vida pessoal, familiar e social dos cristãos” (*Lineamenta*, Prefácio). Acolher a mensagem de fé implica, portanto, transformação da vida pessoal e social de quem é evangelizado.

Nesse percurso da evangelização na América Latina, na realidade particular do Brasil, o caminho da Igreja é regido pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Hoje, a Igreja no Brasil propõe a revitalização da ação evangelizadora, apresentando, dentre as ações para o período de 2019 a 2023, como uma de suas prioridades, a “Igreja nas casas”, “comunidade de comunidades” (Doc. 109, CNBB, p. 50), em conformidade com a Igreja missionária em saída junto ao povo, como solicitado pela Conferência de Aparecida e pelo Papa Francisco. Conforme o Papa, “a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG, 21). Quem experimenta a alegria do evangelho, transborda essa alegria e passa a anunciar a mesma alegria aos outros, especialmente pelo testemunho de vida.

No que se refere à nova evangelização, na visão de Libanio, o Papa Francisco vai além dos pontificados anteriores ao acrescentar à expressão “Igreja pobre e popular”, de Paulo VI, o sentido da ecologia, a fim de que pela evangelização a Igreja chegue a salvar a Terra, e, nela,

³⁶ LIBANIO, 2014, p. 204-206.

³⁷ *Ibidem*, p. 208.

principalmente os pobres, que são as maiores vítimas da exploração dominante. Ainda segundo Libanio, o Papa Francisco abre também novos espaços contra a opressão (machista, sexual e religiosa), sendo a cultura dos oprimidos seu ponto de partida para pensar a evangelização como libertação, privilegiando os aspectos sociais da fé, com impacto transformador da realidade³⁸. Este é mais um diferencial do pontificado de Francisco: a preocupação com o aspecto ecológico e social da evangelização, a partir dos pobres e excluídos.

Além disso, o Papa Francisco, o primeiro Papa latino-americano, desde o início de seu pontificado testemunha o despojamento e a simplicidade na sua forma de agir. Esta é a evangelização do Papa Francisco: com seu modo de viver junto ao povo, atrai as pessoas do mundo todo, católicos e não católicos, que com ele se identificam, principalmente os povos da América Latina, devido à sua origem e à sua simplicidade e coerência entre fé e vida, o que se tornou seu mote fundamental. Conforme o Papa Francisco, todos têm o direito de receber o Evangelho, por isso “os cristãos têm o dever de anunciá-lo, não como quem tem obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte maravilhoso e oferece um banquete irrecusável” (EG, 14). Assim, segundo o Papa, “a evangelização se desenvolve não pelo proselitismo, mas ‘por atração’” (EG, 14). Uma evangelização atraente, que transmite a alegria de seguir Jesus, é a ênfase que o Papa Francisco dá à evangelização, com convite a todos à conversão nos tempos atuais.

É assim que o Papa Francisco entende a evangelização, na interpelação a todos, sem exceção, pois todos têm o direito de receber a alegria do Evangelho, atraídos por um horizonte estupendo e apresentado de forma alegre e radiante pelo testemunho da alegria do Evangelho. Segundo o Papa Francisco, a nova evangelização se realiza em três âmbitos: “na pastoral ordinária [...] aos fiéis que frequentam regularmente a comunidade [...] no âmbito das pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo [...] e, àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram” (EG 14). Todos, portanto, são destinatários da evangelização, segundo o Papa Francisco.

Assim, entre avanços e retrocessos, buscando novos ideais, a Igreja caminha na América Latina. Com o Papa Francisco, é retomado o tema da nova evangelização como mandato recebido do Senhor, e a mensagem a transmitir é a alegria do Evangelho, que se verifica na vida do dia a dia da vida, rumo à pátria definitiva, desde já, no hoje da Igreja em saída e missionária, em busca do povo, como mãe amável e misericordiosa, até a pátria celeste.

³⁸ LIBANIO, 2014, p. 199.

Porém, mesmo com o Papa Francisco, o desencontro permanece, e sempre existirá, entre o novo e o velho, sendo que o diálogo é o meio estabelecido pelo Concílio, e seguido também por Francisco, para a superação das divergências. Enfrentando avanços e retrocessos, muitas iniciativas criativas permanecem nos dias de hoje. Nesse sentido, na América Latina, mesmo em meio a incompreensões, conflitos e perseguições, a Igreja vem desempenhando sua missão sob as orientações das Conferências episcopais para a evangelização no continente, que, nesse caminhar, por vezes ficou obscurecida.

A nova evangelização não é, portanto, ruptura com a antiga evangelização, mas situa-se na qualidade da evangelização, antes de tudo a partir dos pobres e oprimidos, na perspectiva da libertação. Segundo Libanio, é o Espírito Santo quem conduz a evangelização e ele sopra onde quer e como quer³⁹. A nova evangelização, baseada na adequação dos métodos às necessidades atuais, possibilita que a mensagem de Jesus seja vivida e proclamada a todos. Cumpre, portanto, à Igreja, a urgência de evidenciar a relação entre fé e vida, inclusive com a atuação importante de todos os fiéis na evangelização, a partir dos mais pobres e necessitados, já que os pobres ensinam sobre Deus no grito dos que são sem voz.

Segundo o estudioso da realidade latino-americana, Ignacio Madera Vargas, “os pobres ensinam” é o eco da Conferência de Medellín. “Trata-se de uma descoberta [...] dos pobres como lugar teológico; isto significou uma reorientação a partir de onde encontrar a ação de Deus na história”⁴⁰. Os pobres expressam e vivem a fé à sua maneira, desafiando “a quem escuta a voz de Deus no grito sem ouvintes dos sem voz”⁴¹. Em relação à dignidade dos pobres, diz São João Crisóstomo (séc. VI) que “o altar em que se dá o sacrifício de Cristo e o altar em que se realiza a caridade tem a mesma dignidade. [...] Há identidade mística entre Cristo e o Pobre, entre os sacrifícios destinados tanto a um como a outro”⁴². E ainda, segundo o Papa São Leão Magno (séc. V-VI), “temos todos os motivos para reconhecer no indigente e no pobre a própria pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo”⁴³. Pois, como diz o Apóstolo Paulo: “de rico que era, se tornou pobre por nós a fim de nos enriquecer com sua pobreza” (2 Cor 8,9). É em meio à luta dos pobres por melhores condições de vida que Deus se manifesta e se revela na vida dos mais simples e necessitados, desafiando todos à solidariedade e a uma vida mais fraterna.

Em Medellín, se revela o que não se tinha conhecido até então: o pobre como lugar teológico que apela para ser ouvido. Deus se fez pobre e se revela na fé dos pobres. Ter fé é

³⁹ LIBANIO, 2014, p. 212.

⁴⁰ VARGAS, 2013, p. 108.

⁴¹ *Ibidem*, p. 108.

⁴² SPANNEUT, 2002, p. 123.

⁴³ *Ibidem*, p. 326.

mais do que confessar que se crê no que não se vê porque Deus revelou. Afirma Vargas que “a fé é mais do que aceitação reacional de verdades, é uma maneira de viver a vida regulada pela palavra santa dos Evangelhos de nosso Senhor Jesus Cristo”⁴⁴. A vida, que é regulada pelos Evangelhos, é que demonstra a fé que se tem.

Assim, dizer “eu creio”, é uma profissão de fé que envolve tanto o conhecer quanto o atuar em Deus. À luz da Carta de São Tiago, trata-se de verificar a verdade do confessado pelo comportamento que se tem, pelas coisas que foram feitas. “Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tg 2, 18-20). Assim é que Vargas apresenta que é pelas obras que os pobres demonstram sua fé em Deus: “a luta diária pela subsistência, pelos salários de fome e pelas poucas possibilidades de educação, moradia e saúde, não foram maiores que a vontade de [...] gerar para os filhos condições de vida melhores das que os pais e mães puderam ter”⁴⁵. Por fidelidade à vida de Deus na vida dos últimos, os sem voz e os rostos sofridos de Deus são os primeiros destinatários e também os agentes da evangelização, em busca de uma vida digna para todos.

1.3 Mensagem libertadora e as condições para sua transmissão

Após a abordagem sobre o conceito de nova evangelização, com destaque à realidade na América Latina, levanta-se o seguinte questionamento: qual é a mensagem a se transmitir e quais são as condições para sua transmissão, em especial no continente latino-americano?

O Papa Francisco apresenta que a mensagem de fé a se transmitir é uma pessoa: Jesus Cristo. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa diz que “na boca do evangelizador, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo te ama, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar’” (EG, 164). Esse é o anúncio que se deve sempre voltar a ouvir e proclamar de diferentes maneiras, em todas as etapas e momentos da vida do seguidor de Jesus.

O ponto central do conteúdo da mensagem a transmitir é, portanto, o anúncio do nascimento de Jesus, o Filho de Deus feito homem que veio para nos salvar e libertar (Lc 2, 9-11). “O anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago notícias de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2,9-11). O Filho unigênito de Deus nasceu para dar a todos uma grande alegria, a Boa Nova da salvação, que é de libertação de todo mal e de todos os pecados.

⁴⁴ SPANNEUT, 2002, p. 109.

⁴⁵ VARGAS, 2013, p. 112.

Portanto, o esforço da nova evangelização consiste em transmitir a mensagem de fé a todos, que brota da vida e obra de Jesus, a partir dos mais pobres, que por sua vez também evangelizam. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco destaca que “os pobres estão no centro da Igreja e se fazem eles mesmos sujeitos principais da evangelização e não simplesmente destinatários da evangelização”⁴⁶. Essa fé libertadora nasce e cresce entre todos, encontrando-se também entre os pobres, haja vista que “a fé, e, por conseguinte, a Igreja, nascem e crescem em religiosidade culturalmente diversificada nos distintos povos, e essa fé, que embora imperfeita, pode encontrar-se ainda nos níveis culturais mais inferiores” (Medellín, 6.5). Os pobres são, portanto, não apenas destinatários, mas também protagonistas da evangelização, pois eles nos ensinam a chegar a Deus, com suas lutas solidárias em meio às tribulações.

A realidade da América latina retrata o anúncio da Boa Nova em meio ao povo, na sua grande maioria, em situação de pobreza. Diante da realidade, Jesus Salvador (Lc 2,11; 13,23; At 5,31) convida a todos, ricos e pobres, para se deixarem “revestir” pelo poder da vida que anima toda a obra do Enviado. Respondendo com a fé, o povo tende a compartilhar o caminho do Cristo Salvador, o que inclui passar pelas provações, perseverantes nas tribulações, até assumirmos a felicidade nesta vida e plenamente na vida eterna.

Em consonância com a mensagem de alegria da salvação, anunciada aos pobres no nascimento de Jesus, o Papa Francisco apresenta o parâmetro para a transmissão da fé, na Igreja em geral, e na América Latina, convocando todos os fiéis a transmitir a alegria do Evangelho, já que “a evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus” (EG, 111). A evangelização é fonte de alegria, já que o bem tende sempre a comunicar uma experiência autêntica de verdade e beleza, que procura sua expansão.

Uma pessoa que vive a libertação ganha sensibilidade face à alegria do Evangelho, que se manifesta nas necessidades dos outros; e, assim, o bem se firma e se desenvolve. Por isso, se alguém deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão receber e proporcionar ao outro a busca do seu bem. O Papa Francisco, na EG, 9, destaca as palavras de São Paulo: “O amor de Cristo nos absorve completamente” (2 Cor 5, 14), até que cheguemos a dizer, como o Apóstolo: “Ai de mim, se eu não evangelizar!” (1 Cor 9, 16). Evangelizar se torna imperativo na vida da pessoa evangelizada, daquele que faz a experiência de Cristo em sua vida.

Com o Papa Francisco, os fiéis são convocados a comunicar a experiência de libertação na prática do bem, proclamando e vivendo a alegria do Evangelho, que é a doação em Cristo.

⁴⁶ LIBANIO, 2014, p. 197.

Segundo o Papa Francisco, “a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isto é, definitivamente, a missão” (EG, 10). Assim, de acordo com o Papa, é na doação da vida aos irmãos que o ser humano alcança a plenitude de sua vida.

A transmissão da fé em Jesus é, portanto, a missão de todo batizado, que se realiza com o poder de Deus para a libertação de todos. Dizia também o Papa Bento XVI: “A missão da Igreja é realizar a *traditio Evangelii*, o anúncio e a transmissão do Evangelho, que é ‘poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê’ (Rm 1, 16) e que, em última análise, se identifica com Jesus Cristo” (*Lineamenta*, 11). A falta de zelo missionário é falta de zelo pela fé. “Pelo contrário, a fé fortalece-se com a sua transmissão” (*Lineamenta*, 10). Portanto, a transmissão é intrínseca à fé, já que a fé se manifesta pelo testemunho que dela se dá, em um movimento intrínseco ao ser de fé, e assim é transmitida aos outros, tanto pelo testemunho como também pelo anúncio. Ou a pessoa de fé é evangelizadora, ou não se tem fé.

Assim, é importante destacar a transmissão como algo intrínseco à fé, pois a fé não é somente para ser guardada como propriedade da Igreja, mas é para ser transmitida, a serviço de todos os batizados. A fé se vive e se transmite pela vida da Igreja, já que a revelação é vivente e atuante. Nesse sentido, esclarece Cesar Izquierdo, que a mesma fé em Jesus se transmite de maneira igual por todo o sempre aos batizados, por meio de ação diferenciada dos diversos ministérios eclesiais. E assim transmitida, a fé dá frutos à Igreja, já que a revelação é vivente e atuante. Segundo o professor de Teologia Fundamental, César Urbína Izquierdo:

O depósito da fé não é propriedade da Igreja; ela está a seu serviço. O depósito é a revelação vivente e atuante que só se conserva realmente na medida em que é vivido e transmitido. [...] O serviço à revelação de Deus se realiza na Igreja de acordo com a igualdade radical que provém do batismo, na diferença ministerial⁴⁷.

Pela atuação ministerial do Povo de Deus, a pessoa crê na verdade, guiada pelo sentido sobrenatural da fé, sob a efusão do Espírito Santo. Assim, a inteligência da revelação pela Igreja acontece a partir do sentido sobrenatural da fé, ou seja, pelo *sensus fidei*, sendo que o povo conhece a revelação e compreende a fé sem engano pela ação do Espírito Santo. A infalibilidade da fé acontece *in credendo*, ou seja, à medida em que o povo vê aplicado na vida aquilo que crê. Dessa forma, sob a condução do Espírito, a partir da unanimidade do consentimento do povo na fé do que ele crê e vive, e com a anuência do magistério, a fé do povo na verdade revelada não pode conter erros. Segundo Izquierdo:

⁴⁷ IZQUIERDO, 2002, IV. 2.3.

A inteligência da revelação se realiza na Igreja através do sentido sobrenatural da fé (ou *sensus fidei*) e do magistério da Igreja. Os fiéis, quando creem uma verdade como pertencente ao depósito da fé, não podem equivocar-se, pois que neles atua o Espírito Santo, e por isso são infalíveis em sua fé (infalibilidade *in credendo*). Pode-se falar de uma função ativa na ordem da vida de fé e caridade, que encontra sua expressão no consentimento universal de todo o Povo de Deus numa verdade revelada. Para que esse consentimento seja infalível é preciso que tenha unanimidade, ao menos moral, na verdade crida⁴⁸.

A transmissão da mensagem revelada é, portanto, intrínseca à fé, já que o batizado transmite o que crê pelas suas ações na comunidade. Dessa forma, fé e transmissão estão diretamente relacionadas. Por essa razão, Izquierdo apresenta a missão da Igreja como sendo a de participar da mediação de Cristo, já que conserva e anuncia em palavras e atos a revelação divina que lhe foi confiada, tornando-a acessível a todos pela ação evangelizadora, a partir dos Apóstolos. Pela fé, a Igreja, com origem na Trindade, dá continuidade à ação dos Apóstolos como mediadora entre o povo e Deus, possibilitando assim que as pessoas cheguem a Jesus. Para Izquierdo:

A revelação foi confiada à Igreja, com a missão de ser-lhe fiel (conservá-la) e anunciá-la (transmitir). Por isso, a Igreja se acha na mesma linha da mediação de Cristo, participada pelos Apóstolos. Ela continua essa mediação que faz acessível aos homens a mensagem da Salvação, e os introduz no mistério de Deus revelado em Cristo. [...] Ter fé na Igreja é chegar a Jesus Cristo e encontrá-lo na Igreja, [...] que tem sua origem na Santíssima Trindade⁴⁹.

É na Igreja que se encontra Jesus, pois a Igreja tem sua origem na Santíssima Trindade. Ela conserva o depósito da revelação e é a partir desse tesouro guardado pela Igreja que a fé é transmitida a todos. Assim, a evangelização, como missão prioritária da Igreja, parte e se destina a todos, tanto aos que estão dentro (*ad intra*) quanto aos que se encontram fora da Igreja (*ad extra*), pois todo batizado é evangelizador e todo ser humano é destinatário da evangelização. Conforme apresenta o Papa Francisco, a Igreja “sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG, 24). Esta é a missão evangelizadora da Igreja: sair em busca de todos, sem excluir ninguém.

Anunciar o Evangelho não significa transmitir somente um livro, mas, essencialmente, uma pessoa: Jesus Cristo, a Palavra de Deus feito homem e que atua na Igreja pelo Espírito Santo. Conforme Bento XVI:

⁴⁸ IZQUIERDO, 2002, IV. 2.4.

⁴⁹ *Ibidem*.

O Evangelho é Evangelho de Jesus Cristo: não tem somente como conteúdo Jesus Cristo. Jesus é, através do Espírito Santo, muito mais, é o promotor e o tema principal da sua mensagem, da sua transmissão. O objetivo da transmissão da fé é, portanto, a realização deste encontro com Jesus Cristo, no Espírito, para chegar a fazer a experiência do Seu e do nosso Pai (*Lineamenta*, n. 11).

A Trindade é o foco da evangelização, já que o Evangelho é Jesus Cristo e, por meio do Espírito Santo, chega-se ao encontro com o Pai, que é bom e misericordioso. Jesus é, portanto, o transmissor do Evangelho e é Ele também o próprio Evangelho. Assim, a finalidade da transmissão da fé é a de levar os irmãos “por Cristo, ao Pai no Espírito” (Ef 2, 18). Esta é a novidade do Deus cristão, conforme o Papa Bento XVI: “inserir os homens na relação do Filho com o Pai para sentir a força do Espírito” (*Lineamenta*, 11), e essa é a essência da evangelização. Assim, o Papa Bento XVI destaca que a evangelização é um processo que exige “criar condições para uma fé pensada, celebrada, vivida e anunciada na Santíssima Trindade” (*Lineamenta*, n.11). Esta é a forma para se inserir a pessoa evangelizada na vida da Igreja: chegar a pensar, celebrar, viver e anunciar a Santíssima Trindade. É nesse sentido que o Papa Bento XVI se refere à transmissão da fé como “uma dinâmica muito complexa que implica totalmente a fé dos cristãos e a vida da Igreja” (*Lineamenta*, 12), pois ninguém transmite o que não acredita e o que não testemunha com as ações da sua vida. O modo natural com que a fé é transmitida aos outros é sinal de uma fé madura e arraigada, em resposta ao chamado de Jesus.

O próprio Jesus “chamou os que queria [...] para que ficassem com ele e os enviar a pregar” (Mc 3, 13-14). Atender ao chamado de Jesus e ficar com ele, viver com ele, aprender com sua vida, é condição para ensinar a partir de seus ensinamentos, da mesma forma como os discípulos evangelizavam. Não se pode transmitir o Evangelho, sem “estar” com Jesus, sem viver iluminado pelo Espírito e sem ter feito a experiência de Deus Pai.

Em relação à transmissão da fé, o Papa Bento XVI alerta que “não se trata de anunciar uma palavra anestesiante, mas desinstaladora, que chama à conversão, que torna acessível o encontro com Deus, através do qual floresce uma humanidade nova” (VD, 93). E isso vale para a educação que pretende, por essência, ser transmissora da fé. Segundo Bento XVI, “a transmissão da fé, entendida como encontro com Cristo, realiza-se mediante a Sagrada Escritura e a Tradição viva da Igreja, sob a orientação do Espírito Santo” (*Lineamenta*, 13). Possibilitar o encontro com Cristo e viver segundo seus ensinamentos é o fim da evangelização.

Para que ocorra a transmissão da fé, o teólogo francês, Bernard Sesboüe, destaca “como ponto inicial da evangelização, a Tradição, que engloba tudo” sobre Jesus⁵⁰. No processo de

⁵⁰ SESBOÛE, 2006, p. 435.

evangelização, é com a Tradição dos Apóstolos que se deve aprender a forma como transmitir a fé em Jesus. Também segundo Bento XVI, a transmissão da Boa Nova foi feita por Jesus aos apóstolos e, por esses, aos seus sucessores, que são os arautos do Evangelho (DV, 7), os primeiros agentes e transmissores da tradição. Essa transmissão da fé pelos Apóstolos e seus sucessores acontecia com a prática de vida aprendida de Jesus, já que ele nada escreveu. O documento *Dei Verbum* explicita o processo de transmissão da fé pela Tradição da Igreja.

Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, mandou aos Apóstolos que pregassem, a todos, o Evangelho prometido e cumprido [...] comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos [...] como por aqueles varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação. [...] Porém, para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores (DV, 7).

A partir da missão dos Apóstolos de pregar a revelação de Deus, que receberam de Jesus e anunciaram fielmente, os batizados recebem a missão de evangelizar, em unidade aos bispos, sucessores dos Apóstolos. Assim é que a Tradição e a Sagrada Escritura, refletidas na Igreja, permitem que a humanidade contemple Deus desde já, na vida terrena, até sua visão face a face, na vida eterna.

Da mesma forma, ao comentar a DV, Sesboüe recorda que “Jesus confiou seu Evangelho a testemunhas, primeiro aos Apóstolos, depois aos seus sucessores”⁵¹. Para isso que Jesus chamou os que queria e os enviou a pregar (Mc 3, 13-14). Sendo origem e alimento da Sagrada Escritura, e também dela se alimentando, a Tradição acompanha a existência da Igreja até o fim dos tempos, com base na Palavra escrita e nos testemunhos deixados. Desse modo, a Revelação continua a ser comunicada até o fim dos tempos.

Sesboüe chama a atenção para o fato de que, para a Revelação ser recebida e conservada, sua transmissão precisa respeitar alguns critérios, dentre eles o respeito às leis da comunicação interpessoal, da mesma forma como aconteceu na sua comunicação original com Cristo e os Apóstolos. Segundo Sesboüe, “Cristo, em quem se completa a revelação de Deus, é que está na origem da sua transmissão”⁵². Seguir a evangelização realizada por Jesus, indo às fontes da Tradição e da Palavra escrita significa, portanto, beber do manancial da evangelização.

Quanto à transmissão da mensagem, a Constituição *Dei Verbum* apresenta que, “com a pregação oral, por meio de exemplos e instituições, (os primeiros evangelizadores) transmitiram inicialmente o que aprenderam da convivência e das obras de Cristo, ou das sugestões do

⁵¹ SESBOÜE, 2006, p. 436.

⁵² *Ibidem*.

Espírito Santo, para então aprenderem com o que os varões apostólicos puseram por escrito da mensagem da salvação” (DV 7,1). Assim, a transmissão acontece inicialmente pelo convívio com Jesus, na pregação oral dos Apóstolos, não só com palavras, mas com exemplos e instituições, como o culto, os sacramentos, o modo de agir, com uma pregação concreta e viva daquilo que Jesus ensinou e o Espírito articulou com sua ação interior.

Portanto, o cristianismo não é somente uma religião do livro, mas do testemunho e do anúncio, pois deriva da convivência com a vida e obra de Jesus, e somente após é que a mensagem da Boa Nova foi colocada por escrito, sob a inspiração do Espírito Santo. O movimento de transmissão começa, portanto, pela pregação viva, para depois se fixar nas Escrituras. Seguindo a Tradição dos Apóstolos, só é possível transmitir a Boa Nova quem passa pela experiência do “estar” com Jesus, e de, no Espírito Santo, fazer a experiência de Jesus na sua vida. Tal experiência é que leva ao desejo do conhecimento e de aprofundamento nas Escrituras. Portanto, de acordo com Sesboüe, “a Tradição e a Escritura são como que o ‘espelho’ da revelação divina, e, como veículos do Evangelho, constituem ambas a norma da Igreja”⁵³. Sendo essa a missão da Igreja, é na Tradição e na Escritura que a mensagem a ser transmitida é encontrada e nelas encontra sua norma.

Assim, a Escritura materializa a Tradição à medida que é viabilizada pelos testemunhos da revelação divina. Conforme Sesboüe: “a materialização mais importante e fundamental da Tradição é a Escritura, na medida em que seja viabilizada por um testemunho vivo”⁵⁴. Dessa forma, a partir da Escritura e da Tradição, o anúncio que converte vem sempre acompanhado do testemunho. Por isso, para se manter o Evangelho vivo e intacto, a evangelização deve se espelhar no testemunho dos Apóstolos, transmitido aos bispos, e por esses, aos evangelizadores, até os dias de hoje e por todo o sempre. É essa a forma a se transmitir a mensagem: viver a experiência de Jesus e testemunhá-la com a vida, nas obras de fé, caridade e esperança, como fizeram os primeiros evangelizadores em seguimento aos Apóstolos.

Nesse sentido, afirma o Papa Bento XVI: “a transmissão da fé é uma dinâmica muito complexa que implica totalmente a fé dos cristãos e a vida da Igreja” (*Lineamenta*, 12). Sendo a evangelização constituída a partir de Jesus, a tarefa de evangelizar é de toda a Igreja, em resposta à missão deixada aos discípulos e a todos nós (Mt 28, 19-20) por Jesus antes de subir aos céus. Esta é a missão da Igreja: transmitir a todos a mensagem de fé da boa nova de salvação.

Para transmitir Jesus, a fé é essencial, e os evangelizadores devem responder à pergunta que Jesus fez aos Apóstolos e faz a todos nós: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,27-30).

⁵³ SESBOÜE, 2006, p. 438.

⁵⁴ *Ibidem*.

A essa resposta somente se chega no seguimento de Jesus, pelo caminho da vida, quando se encontra a verdade, pois ninguém vai ao Deus verdadeiro a não ser caminhando. A partir da progressão no caminhar, é revelado que em Jesus, além do seu comportamento humano, há algo a mais do que simplesmente um homem: ele é verdadeiramente Deus. E quando, no decorrer do caminhar da nossa existência, nós chegamos a dizer “eu creio em Deus”, é aí que damos o salto da fé, pois é quando nós nos reconhecemos criaturas perante o Criador. O seguimento a Jesus é, portanto, um caminho de experiência a ser percorrido durante toda a vida, até que se chegue a exclamar como a Samaritana: “Senhor, dá-me sempre desta água” (Jo 4,15), e então se reconheça que Jesus é que sacia toda sede, que Ele é o Senhor a quem se quer seguir, viver e anunciar.

Nesse caminhar de experiência de Deus e de transmissão da fé, Sesboüe afirma que apenas com a razão não se pode ir tão longe no conhecimento de Jesus, sendo necessário, sobretudo, a fé. Porém, ninguém pode acreditar excluindo a razão. “Se assim fosse, a fé não seria um ato autenticamente humano”⁵⁵. Portanto, a fé ilumina a razão para o conhecimento de Cristo, a partir da experiência que fazemos de Jesus, no caminhar da nossa existência. E o conhecimento de Jesus decorre do anúncio com palavras e com o testemunho de vida. Fé e vida são, portanto, inseparáveis na evangelização.

1.3.1 A transmissão da mensagem perante os desafios da crise de fé

Perante o chamado desafiador de Jesus para a transmissão da fé, o cristão se depara, hoje em dia, com um momento de crise generalizada, inclusive de fé. O Papa Francisco deixa à Igreja o parâmetro da alegria do Evangelho, para enfrentar os desafios da crise, na transmissão da fé. Porém, em especial na realidade da América Latina, esse caminho encontra altos e baixos. Sendo assim, e considerando a realidade em que vivemos, particularmente na América Latina, que posição se tem a tomar perante os desafios que se apresentam à transmissão da fé?

Diante dos desafios à transmissão da fé, uma de duas posições pode ser tomada: ou se acomodar, ou se renovar. Assim é que, ao se abordar os desafios que a Igreja enfrenta para a nova evangelização, o Papa Bento XVI destaca a importância da renovação, no sentido de atender ao contexto sociocultural em que se atua, perante a crise que se evidencia de transmissão da fé. Segundo o Papa, “nova evangelização indica o esforço de renovação que a Igreja é chamada a fazer para estar à altura dos desafios que o contexto social e cultural de hoje coloca

⁵⁵ SESBOÜE, 1999, p. 313.

à fé cristã, ao seu anúncio e ao seu testemunho, como consequência das profundas mudanças em curso” (*Lineamenta*, 5). A resposta a esses desafios exige, portanto, uma renovação com a revitalização da Igreja, colocando Jesus Cristo no centro de seus membros e de suas ações, para que o encontro com Ele, que doa o Espírito Santo, forneça as energias necessárias para o anúncio do Evangelho através de novos caminhos que tenham a capacidade de se comunicar com as culturas de hoje. Nova evangelização exige, portanto, a capacidade de decifrar os novos cenários sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos da humanidade para transformar as situações de crise, por meio do testemunho e do anúncio do Evangelho.

Assim, diante do cenário em que vive a humanidade hoje em dia, o que se constata são vários obstáculos à transmissão da fé, que precisam ser conhecidos para que a evangelização se renove em seus métodos e formas. E nesse contexto de crise, a evangelização enfrenta os desafios à transmissão da fé.

O Papa Bento XVI destaca os desafios a serem vencidos na situação atual de crise de fé:

1. A questão cultural e a secularização.
2. A mentalidade hedonista e consumista, com a consequente tendência ao prazer, à superficialidade e ao egocentrismo.
3. O fenômeno social da migração e a “liquidez” das tradições, que acarretam perda de identidade.
4. A manipulação e o boicote das informações.
5. A concentração egocêntrica sobre as necessidades individuais, a perda do valor da reflexão e do pensamento, a alienação da dimensão ética e política, a cultura do efêmero, do imediato, da aparência, ou seja, de uma sociedade incapaz de memória e de futuro.
6. A crise econômica e social, com desequilíbrios no acesso e na distribuição dos recursos.
7. A realidade inversa à da solidariedade nas políticas sociais, com perspectiva individualista e utilitarista.
8. A crise da política com a tentação do domínio do poder.

O Papa Bento XVI se refere, em primeiro lugar, dentre os desafios à transmissão da fé, à questão cultural do mundo de hoje. Segundo o Papa, “vivemos numa época de profunda secularização, que perdeu a capacidade de ouvir e compreender as palavras do Evangelho como uma mensagem viva e revigorante” (*Lineamenta*, 6). Com essa secularização, apresenta-se hoje em dia uma imagem de libertação, com a possibilidade de uma vida em que não se faça

referência à transcendência. Tal ideia invade o cotidiano das pessoas, sobretudo de forma resignada, além de desenvolver uma expressão da cultura do relativismo, com a mentalidade de que Deus pode ser colocado à parte da existência humana. Tal concepção acarreta, segundo Bento XVI, “sérias implicações antropológicas que colocam em questão a própria experiência humana básica, como a relação homem-mulher, o sentido da procriação e da morte” (*Lineamenta*, 6). O homem se vê como todo-poderoso e deixa de ouvir a revelação divina quanto aos fundamentos da natureza humana, o que acarreta uma série de consequências éticas e sociais que se vive hoje em dia.

Outro desafio é a mentalidade hedonista e consumista, decorrente do secularismo, que provoca a tendência ao prazer como o bem supremo, à superficialidade e ao egocentrismo. Com isso, para Bento XVI, “o risco de se perder os elementos fundamentais da fé é uma realidade, com a consequência de se cair na atrofia espiritual e no vazio do coração, ou da substituição da pertença religiosa por um vago espiritualismo” (*Lineamenta*, 6). Nesse cenário, a nova evangelização estimula a redescoberta da “alegria da experiência cristã, para reencontrar ‘o amor de um tempo’ que se perdeu (Ap 2,4) e confirmar a natureza da liberdade na busca da Verdade” (conforme Bento XVI, *Lineamenta*, 6). Levar à Verdade de Jesus pela via da libertação é a finalidade da evangelização.

Ao desafio cultural e à secularização, junta-se o fenômeno social da migração para outros países ou ambientes urbanizados. Desse fenômeno, deriva a mistura das culturas e dos valores, o que acarreta a “liquidez” das tradições, inclusive as religiosas, ocasionando perda de identidade. A globalização, nesse caso, tanto pode influenciar negativamente, favorecendo um determinismo econômico, quanto positivamente, desenvolvendo novas formas de solidariedade e partilha para o desenvolvimento rumo ao bem de todos. Para o Papa, a missão da evangelização diante do fenômeno migratório é levar a Palavra de Jesus a todos os continentes, até o fim do mundo, inclusive “nos ambientes estranhos à fé” (*Lineamenta*, 6).

Em decorrência do fenômeno da globalização, depara-se com o desafio dos meios de comunicação social, por meio dos quais, segundo Bento XVI, “as culturas têm maior acesso à informação [...] de solidariedade, de capacidade de reconstruir sua cultura de forma sempre mais global, tornando os valores e os melhores desenvolvimentos do pensamento e da expressão humana patrimônio de todos” (*Lineamenta*, 6). Por outro lado, pode ocorrer também a manipulação e o boicote das informações, principalmente no campo religioso.

Os desafios citados acarretam riscos à humanidade, aos quais o processo de evangelização deve estar atento. Dentre eles, o Papa Bento XVI chama a atenção para a “concentração egocêntrica sobre as suas necessidades individuais [...] perda do valor da

reflexão e do pensamento [...] alienação da dimensão ética e política [...] a cultura do efêmero, do imediato, da aparência, ou seja, de uma sociedade incapaz de memória e do futuro” (*Lineamenta*, 6). Nesse contexto, a evangelização tem a missão de tornar audível o patrimônio educativo e a sabedoria preservados pela tradição cristã. Daí a importância de a educação andar aliada à evangelização.

Outra situação de crise da transmissão da fé refere-se ao cenário econômico. No tempo de mudanças e transformações em que vivemos, com consequente crise econômica e social, são necessários espaços para a escuta e para o diálogo. Diz o Papa Bento XVI: “o contexto sociocultural foi afetado com mudanças significativas e imprevistas, cujos efeitos — como na crise econômica e financeira — são visíveis e ativos nas nossas realidades locais” (*Lineamenta*, 4). A Igreja também foi afetada pelas mudanças e, como consequência, precisou lidar com perguntas para a compreensão dos fenômenos que ocorrem, com as práticas a corrigir, com novos caminhos e novas realidades, a quem se deve comunicar a esperança do Evangelho de maneira nova.

Hoje, como exemplo, vivemos a crise da pandemia mundial, com a humanidade prostrando-se diante de um ser microscópico, a COVID 19. Perante tantas mortes e a decorrente crise social e econômica, assombrosamente ampliada, novas perguntas assolam a humanidade. Diante desta realidade, a evangelização dialoga com novas questões. “Da escuta e do confronto recíproco sairemos todos mais enriquecidos e prontos para identificar os caminhos que Deus, através de Seu Espírito, está construindo para se manifestar e fazer-se encontrar pelos homens”, diz o Papa Bento XVI (*Lineamenta*, 4). Conforme Isaías, a missão evangelizadora deve seguir a profecia: “Consolem o meu povo, encorajem e anunciem [...], endireitai os caminhos do Senhor” (Is 40, 1-3). O homem de fé nunca perde a esperança e endireita os caminhos dos que têm o Senhor à frente com resposta às indagações e inquietações do povo.

Assim, a situação de crise econômica e social acarreta à atividade evangelizadora profundas mudanças, muitas vezes deparando-se com desequilíbrios no acesso e na distribuição dos recursos. Esse cenário danoso traz sérias consequências sociais, especialmente evidentes na América Latina, onde se encontram dificuldades para se definir regras de mercado que colaborem para uma convivência mais justa. Nesse contexto, conforme afirma o Papa Bento XVI, “durante muito tempo, pensou-se que os povos pobres deveriam permanecer estacionados num estágio predeterminado de desenvolvimento, contentando-se com a filantropia dos povos desenvolvidos” (CV, 61). Porém, o Papa destaca que os pobres podem promover seu próprio desenvolvimento, por meio de ações solidárias, o que pode acarretar possibilidades sociais de

consequente elevação da qualidade de vida⁵⁶. Perante a crise que se avoluma, maior é a importância de os pobres serem não somente destinatários, mas agentes da evangelização, com consequências sociais dela derivadas que atendam às suas necessidades e promovam o seu desenvolvimento. Além disso, as condições para fazer os povos saírem da miséria são grandes, mas acabaram por se aproveitar delas os povos dos países desenvolvidos.

Considerando a realidade dos países pobres, o Papa Bento XVI identifica, com pesar, uma realidade inversa a da solidariedade nas políticas sociais. “Infelizmente esta alma (de humanização solidária) é muitas vezes abafada e condicionada por perspectivas ético-culturais de delineamento individualista e utilitarista” (CV, 42). O benefício em causa própria muitas vezes é prioritário às causas do bem de todos em muitas das ações políticas e sociais. Ademais, “a investigação científica e tecnológica se torna o novo ídolo do presente, pelos benefícios que dela desfrutamos” (*Lineamenta*, 6). Com essa forma de pensar, o homem torna-se dependente da técnica e se esquece de Deus.

Diante das circunstâncias, muitas vezes se reserva menor atenção a uma leitura das situações de crise a partir da voz dos pobres. A nova evangelização é, portanto, uma chamada à promoção de condições de sensibilização perante as situações sociais, gerando ações concretas em favor dos mais necessitados.

Por último, o Papa Bento XVI cita a situação de crise da política com a tentação do domínio do poder, quando a ideologia comunista terminou. No dizer de Bento XVI, “o emergir, na cena mundial, de novos atores econômicos, políticos e religiosos, como o mundo islâmico e asiático, criou-se uma situação inédita, rica de potencialidades, mas também cheia de perigos e de novas tentações de domínio e de poder” (*Lineamenta*, 6). Nessa realidade, o Papa destaca temas na área política, que devem ser iluminados pelo Evangelho, tais como: “o compromisso pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos [...] o diálogo e cooperação entre diferentes culturas e religiões [...] a salvaguarda da criação e o compromisso com o futuro do nosso planeta” (*Lineamenta*, 6).

Além dos desafios citados por Bento XVI quanto à crise de fé, o Papa Francisco alerta sobre o risco de hoje, a respeito dos desafios a enfrentar. Segundo o Papa Francisco, muitos cristãos são seduzidos por propostas enganadoras, decorrentes, principalmente, de duas heresias antigas que reaparecem com novas formas: o gnosticismo e o pelagianismo (GE, n. 35). Quanto

⁵⁶ Para a OMS (Organização Mundial de Saúde), a definição de qualidade de vida é a “a percepção que um indivíduo tem sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Nesse sentido, poderemos afirmar que a qualidade de vida é definida como a “satisfação do indivíduo no que diz respeito à sua vida quotidiana”. Disponível em: <<https://www.saudebemestar.pt/pt/blog-saude/qualidade-de-vida/>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

ao gnosticismo, o Papa Francisco alerta: “o gnosticismo supõe uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa [...] uma série de conhecimentos em que [...] em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos” (GE, n. 36). Diante da tendência ao gnosticismo, a humanidade se acha autossuficiente, sem necessitar de Deus. Perante tal soberba, a humanidade deve reconhecer sua arrogância intelectual, que anula a grandeza de Deus. Quanto ao pelagianismo, segundo Francisco, a humanidade “só confia nas suas próprias forças e sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico” (GE, 47 e 49). Tais enganos dos gnósticos e pelagianos levam muitos ao erro de ocultar ou anular a necessidade da graça de Deus em suas vidas, acarretando a recusa da fé em Deus.

Destacam-se, também, os desafios apresentados pelo Papa Francisco à evangelização, na *Evangelium Gaudium*: uma economia da exclusão; a idolatria do dinheiro, que governa em vez de servir; a desigualdade social, que gera violência; os desafios culturais e de inculturação da fé; e o desafio das culturas urbanas (EG, cap. II). Além disso, a autorreferencialidade desafia a transmissão da fé. Segundo o Papa Francisco:

Somente graças ao encontro — ou reencontro — com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora (EG, 8).

O encontro com o amor de Deus é a fonte da evangelização, pois conduz o ser humano ao seu ser verdadeiro ao depositar sua confiança em Deus, e não somente em si mesmo.

Outra tentação a se vencer é a do mundanismo espiritual, que, segundo o Papa Francisco, “se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, buscando, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG, 93). Tal maneira de agir, alerta o Papa, é uma forma de procurar os próprios interesses e não os interesses de Jesus.

No que se refere à crise que afeta a transmissão da fé, citada pelos Papas Bento XVI e Francisco, já em Aparecida os bispos alertavam ao fato de que, para os discípulos missionários, os desafios que o mundo de hoje apresenta à evangelização os desinstala e encoraja. Dentre eles, o documento cita “o êxodo de fiéis para seitas e outros grupos religiosos; [...] a desmotivação e [...] a escassez de sacerdotes em muitos lugares; os graves problemas de violência, pobreza e injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas” (DA, 185). Tais situações chamam à ação os evangelizadores missionários.

Tendo presente os desafios e a crise de fé que a evangelização enfrenta nos mais diferentes cenários do mundo nos dias de hoje, torna-se urgente refletir sobre as seguintes questões: o que é realmente central na evangelização? Quais são as respostas que a evangelização deve dar às mais diferentes situações de crise enfrentadas pela humanidade no mundo atual? Os documentos da Igreja estabelecem os critérios para o discernimento das respostas a tais questões.

Na *Laudato Si'*, encontra-se o respeito à pessoa e a solidariedade em prol do bem comum como princípio unificador da humanidade. Conforme o Papa Francisco, urge “o respeito à pessoa como tal, a busca das condições que permitem seu desenvolvimento integral, a justiça distributiva e, o mais urgente, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (LS, 158)⁵⁷. Esses princípios sociais de respeito e solidariedade são transmitidos ao ser humano por meio de uma educação evangelizadora exigida pelos tempos atuais, ligada essencialmente à fé em Cristo Jesus, o Filho de Deus. A fé proclamada e vivida, que busca o bem comum no respeito à pessoa e às condições, e que permite seu desenvolvimento integral, com solidariedade para com os mais pobres, é a mensagem a ser transmitida pela evangelização.

Recordando o Papa Bento XVI, a nova evangelização exige o “esforço de renovação a que a Igreja é chamada, para estar à altura dos desafios que o contexto social e cultural de hoje coloca à fé cristã” (*Lineamenta*, 5). Tal renovação, exigida para a superação dos desafios à nova evangelização, encontra seu parâmetro, segundo o Papa Francisco, na “alegria do Evangelho” (EG, 1), já que evangelizar, para o Papa Francisco, é “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176). Assim, a fim de tornar o Reino de Deus presente no mundo, de acordo Juan Luis Segundo, é necessário “integrar nas expressões religiosas individualistas a dimensão original à religião cristã, da solidariedade comunitária e da fraternidade”⁵⁸. E isso é uma forma de libertação, ao se possibilitar ao ser humano ser sujeito — e não mais objeto — da história. Ao experimentar na vida diária a alegria do Evangelho, o povo se torna protagonista do seu próprio desenvolvimento, rumo à construção de um mundo melhor, conforme o modelo deixado por Jesus, de amor a Deus e ao próximo, na fraternidade e na prática da solidariedade.

Assim, Teologia e educação contribuem à nova evangelização no sentido de que ambas, quando aliadas, mostram o caminho a ser percorrido para a aquisição de conhecimentos e para os demais meios ao seguimento de Jesus Cristo, com a finalidade de que todos promovam a libertação e o bem.

⁵⁷ RIVAS, 2019, p. 8.

⁵⁸ SEGUNDO, 1978, p. 205.

1.4 Orientações para a educação na América Latina, em Medellín, conforme o estilo do Vaticano II

Sendo que o interesse é verificar como se pode transmitir a fé pela educação, destaca-se que no Brasil, segundo Libanio, a nova evangelização aproveitou os “métodos pedagógicos de Paulo Freire que iluminaram a relação espontânea de dependência de pessoas do povo em face do opressor, considerando-o, às vezes, até benfeitor”⁵⁹. O contexto e as orientações para a educação na América Latina, de Medellín aos dias atuais, observam-se também nos pontos em que a educação chega a contribuir com a nova evangelização, na América Latina.

Os princípios de respeito à pessoa e de solidariedade social são os valores fundamentais de uma educação que proporciona a libertação do ser humano, baseada na transmissão da fé em Cristo Jesus. Diante da realidade latino-americana e perante o contraste dos desafios, de um lado, e dos impulsos à nova evangelização, de outro, pergunta-se: quais são as orientações dadas pela Igreja à educação, para que a transmissão da fé ocorra no continente? Para se investigar sobre essa pergunta, cumpre, inicialmente, conhecer o contexto em que ocorre a educação na América Latina, para, em seguida, verificar como ocorreu a recepção do Vaticano II nesse Continente, bem como averiguar como anda a situação da educação evangelizadora na América Latina após 50 anos de Medellín; e, por fim, chegar a verificar a contribuição da Teologia com rumo à libertação no continente latino-americano.

Assim, o texto a seguir se inicia com as orientações de Medellín para a educação na América Latina, abordando a realidade do continente e as orientações pastorais, para, então, apresentar os reflexos da recepção do Concílio no continente de Medellín até os dias atuais.

1.4.1 Orientações de Medellín à educação na América Latina e consequências para a Evangelização

Dentre os diversos enfoques da Conferência de Medellín (1968), um capítulo todo (o capítulo 4 do documento final) se refere à educação. Vê-se, assim, que atenção especial foi dedicada à educação em Medellín, destacada como agente evangelizador e fator decisivo para o desenvolvimento do continente. A seguir, apresentam-se as orientações de Medellín para a educação, seguindo a estrutura do documento, com destaque aos seguintes aspectos: realidade, opção e recomendações pastorais à educação na América Latina.

⁵⁹ SEGUNDO, 1978, p. 205.

1.4.1.1 Realidade da educação na América Latina

A América Latina, na época da Conferência de Medellín (1968), enfrentava vários desafios, dentre eles o da educação. Após mais de 50 anos da realização da Conferência, muitos desses desafios ainda persistem, sendo o maior deles o vasto contingente de pessoas à margem da educação formal. O Papa Francisco usou uma expressão forte, de catástrofe educativa nos dias de hoje, pois os dados demonstram que há cerca de 10 milhões de crianças em vias de abandonar a escola, devido ao Coronavírus, o que gerará uma disparidade social alarmante, com mais de 250 milhões de crianças excluídas de atividades educativas por todo o mundo⁶⁰. Vê-se, assim, que a situação educativa hoje em dia pode realmente ser caracterizada como catastrófica para o desenvolvimento dos povos.

À época da Conferência de Medellín, destacavam-se várias situações de marginalização da educação, principalmente a quantidade de analfabetos, dentre eles grande parte dos indígenas. Segundo Medellín, “existe, em primeiro lugar, o vasto setor dos ‘marginalizados’ da cultura, os analfabetos e especialmente os analfabetos indígenas, privados por vezes até do benefício elementar da comunicação por meio de uma língua comum” (Medellín, 4.3). Muitas vezes, os marginalizados necessitam de estímulo para serem agentes do seu desenvolvimento, o que se inicia com o respeito à sua própria cultura. Dizem os bispos que “sua ignorância é uma escravidão inumana. [...] Devem ser libertados de seus preconceitos e superstições, de seus complexos [...] de sua incompreensão do mundo em que vivem” (Medellín, 4.3). A tarefa de educação, nessa situação, consiste em capacitar os marginalizados para que respeitem, em primeiro lugar, os valores de sua própria cultura, como condição de libertação e desenvolvimento.

Outra questão a se considerar são os conteúdos abstratos e formalistas, bem como os métodos didáticos voltados mais à transmissão de conteúdo do que à sua aplicação prática à vida com espírito crítico e criativo. Nesse sentido, é impossível o desenvolvimento de um espírito crítico e criativo com sistemas educacionais que visam a manutenção das estruturas sociais e econômicas, e não a sua transformação. De acordo com a Conferência, “os métodos didáticos estão mais preocupados com a transmissão dos conhecimentos do que com a criação de um espírito crítico” (Medellín, 4.4). E, em meio à riqueza do pluralismo humano da

⁶⁰ Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), conforme o Papa Francisco em palestra proferida na Pontifícia Universidade Lateranense (Roma) por ocasião do Encontro “Pacto Educativo Global. Juntos para olhar além”, em 15 de outubro de 2020, ao vivo, em vídeo.

comunidade latino-americana, a educação se desenvolve de maneira uniforme, sendo que o respeito à diversidade cultural é uma riqueza para a identidade do próprio povo.

Destaca-se também na educação a formação com a ânsia do “ter mais”, quando os educandos querem “ser mais” para a busca da sua autorrealização; bem como uma formação profissional pragmatista e imediatista, que, frente às exigências do mercado de trabalho, marcam a educação do continente. Conforme Medellín, “a formação profissional de nível médio e superior sacrifica com frequência a profundidade humana, em nome do pragmatismo e do imediatismo, para ajustar-se às exigências do mercado de trabalho” (Medellín, 4.4). Esse tipo de educação não prepara para uma economia a serviço do homem, mas, ao contrário, coloca o homem a serviço da economia, onde o ter mais é o que conta, em detrimento do ser.

Diante do contexto da educação na época da Conferência de Medellín, constata-se que nos dias de hoje muitos desses desafios, apesar dos esforços envidados, ainda permanecem na educação da América Latina, sendo o maior deles a falta de democratização do acesso à educação. Vemos no documento final da Conferência que “a democratização da educação é um ideal que está ainda longe de ter sido atingido, sobretudo no nível universitário” (Medellín, 4.6), já que as universidades não levaram em conta as peculiaridades latino-americanas e pouco deram resposta aos problemas próprios do nosso continente.

Perante a realidade latino-americana, em especial em relação à educação no nível superior, a Conferência destacou a importância das universidades como fonte de pesquisa, e, nesse sentido, elas pouco ou nada responderam, permanecendo com cursos tradicionais, inaptos à situação socioeconômica do continente. Conforme o que consta do documento de Medellín, “nem sempre (a universidade católica) esteve devidamente aberta para a investigação ou para o diálogo interdisciplinar, indispensável ao progresso da cultura e ao desenvolvimento integral da sociedade” (Medellín, 4.6). Assinala ainda o documento uma insuficiência de diálogo entre a Teologia e os diversos ramos do saber na universidade católica, sendo que o diálogo é o meio para se “trazer a luz do Evangelho para a convergência dos valores humanos em Cristo” (Medellín, 4.6). Daí a importância fundamental do diálogo na universidade, bem como da interação da Teologia com as demais ciências, pois é justamente esse o meio que possibilita à universidade católica levar a luz do Evangelho à sociedade e iluminar com a luz de Cristo os valores humanos e a verdade a qual se deseja chegar.

1.4.1.2 Opção pela educação libertadora no continente latino-americano

Frente aos desafios na América Latina, como a educação irá superá-los? Como resposta aos desafios da realidade latino-americana, a educação libertadora possibilita a transformação do educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento, com uma educação integral e libertadora, que seja a antecipação da plena redenção de Cristo. Conforme a Conferência de Medellín: “uma educação mais conforme com o desenvolvimento integral para nosso continente, chamá-la-íamos de ‘educação libertadora’, isto é, que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento” (Medellín, 4.8). Nesse sentido, a educação é vista como o meio para libertar os povos de servidão e para fazê-los ascender a condições mais humanas, levando em conta que “o homem é o responsável e ‘o artífice principal de seu êxito e de seu fracasso’” (Medellín, 4.8). Porém, como toda libertação é uma antecipação da plena redenção de Cristo, a educação libertadora do povo tem o apoio da Igreja na América Latina (Medellín, 4.9). Uma educação para a fraternidade e a solidariedade, rumo à libertação das condições de escravidão do povo pobre, é o modelo para a América Latina.

As condições de vida tornam-se mais humanas com o sujeito sendo artífice do seu próprio desenvolvimento. Este é o sentido que faz com que a Igreja seja solidária ao esforço educativo na América Latina: proporcionar a libertação e o desenvolvimento do continente, com o povo como artífice do desenvolvimento. Pois “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8, 31.32). Uma educação que liberte da servidão torna-se o fundamento e a meta da educação na América Latina, ao visar a plenitude da vida para todos, em especial a partir dos pobres.

1.4.1.3 Recomendações pastorais para a educação e a evangelização na América Latina

Perante a realidade da educação na América Latina, há cristãos que se empenham em prol da tarefa exigida pelos povos, proporcionando uma educação que considere o povo como artífice do seu desenvolvimento. Conduzida pelo próprio povo, a educação é garantia para o desenvolvimento das pessoas e do progresso social.

A Igreja, em sua missão de serviço, se compromete em Medellín a utilizar os meios ao seu alcance para estimular os responsáveis pelas instituições católicas de ensino a oferecer oportunidades educativas a todos os homens, em vista do desenvolvimento de seus talentos e de sua personalidade, a fim de que todos sejam integrados à vida em sociedade e nela tenham plena participação. Dizem os bispos em Medellín: “os responsáveis pela educação [...] ofereçam

oportunidades educativas a todos os homens [...] a fim de que [...] consigam alcançar, por si próprios, a sua integração na sociedade, com plenitude de participação social, econômica, cultural, política e religiosa (Medellín, 4.11). Dessa forma, a educação oportuniza a integração e a plena participação de todos na sociedade.

Nesse contexto, a Igreja em Medellín exorta, em primeiro lugar, os pais de família, como principais educadores, a tomarem consciência de seus deveres e direitos e a participarem nas atividades e na organização da educação dos seus filhos. Diz o documento: os pais de família, primeiros e principais educadores, “não podem ficar marginalizados do processo educativo. É urgente auxiliá-los a tomarem consciência de seus deveres e direitos e facilitar-lhes a participação nas atividades e na organização dos centros docentes” (Medellín, 4.12). A participação da família no processo educativo é essencial para o desenvolvimento dos seus próprios filhos, conforme seus valores e aspirações.

Quanto aos educandos e grupos, como as lideranças juvenis, sejam ouvidos no que têm a dizer em relação à sua própria formação e recebam valores úteis ao seu autodesenvolvimento. E os educadores sejam valorizados, bem preparados e com justa retribuição por sua missão na transformação da sociedade. De acordo com Medellín: “é preciso valorizar sua missão na transformação da sociedade e chegar a uma decisão consciente e corajosa na preparação, seleção e promoção do professorado [...] colaborando com eles em suas justas reivindicações” (Medellín, 4.14).

Reconhecendo a importância dos educandos e dos educadores, bem como o valor da transcendência da educação para a promoção do homem, a Conferência Episcopal de Medellín faz um apelo aos responsáveis pela educação, como sendo “a maior garantia para o desenvolvimento das pessoas e do progresso social e também a melhor distribuidora dos frutos do progresso” (Medellín, 4.10). A educação é viabilizadora do desenvolvimento e do progresso dos povos.

Por reconhecer o valor da educação como viabilizadora de um futuro de desenvolvimento e preocupada com a educação integral do homem, a Igreja incentiva ainda as congregações docentes a prosseguirem em sua função, visando a democratização da escola católica, a fim de que todos os setores sociais tenham acesso a elas. São palavras dos bispos em Medellín: “Procure-se a democratização da escola católica, a fim de que todos os setores sociais, sem discriminação alguma, tenham acesso a ela e nela adquiram uma autêntica consciência social que enforme sua vida” (Medellín, 4.18). A democratização da escola é um dos ideais propostos por Medellín para a aquisição de uma consciência social de todos os que dela participam, a que os responsáveis pela educação cooperam.

Os bispos reunidos em Medellín esperam que as escolas abertas às comunidades nacional e latino-americana, como também ao diálogo ecumênico, transformem-se em centro cultural, social e espiritual da comunidade. Cheguem às famílias, inclusive obtenham os meios econômicos necessários para a educação de seus filhos nas escolas de sua escolha, “a fim de conseguir uma escola católica, aberta e democrática [...] dentro das exigências do bem comum” (Medellín, 4.20). A democratização da escola católica exige, portanto, o seu acesso a quem o desejar, no respeito, principalmente, à opção dos pais no direito de escolha da educação de seus filhos.

Por sua vez, conforme inspira Medellín, nas universidades católicas, o saber teológico, em diálogo com os demais saberes, é integrador da investigação das disciplinas em busca da verdade, respeitando as diversas manifestações culturais. A Conferência salienta também a urgência de as universidades católicas terem sua própria faculdade de Teologia, para que procurem saber quais são as necessidades reais da sociedade, com o objetivo de promover o desenvolvimento da comunidade, tanto do país quanto do continente, conforme a Palavra de Deus, devido à sua riqueza de integração. Segundo o documento, as universidades “devem esforçar-se por integrar ativamente seus professores, alunos e graduados na comunidade universitária [...] podendo responder com espírito criador e coragem às exigências do próprio país [...] com permanente avaliação” (Medellín, 4.23 e 4.24). E, ainda, entrando em coordenação com “os organismos nacionais e internacionais interessados na educação” (Medellín, 4.31), promovem a integração da universidade, tanto interna quanto externamente. Para isso, a universidade responde com espírito criador e com coragem às exigências do próprio país e interage com a comunidade, até mesmo em nível internacional.

Nesse sentido, muito contribui a pastoral universitária com equipes de sacerdotes, religiosos e religiosas e leigos educadores, responsáveis pelas tarefas apostólicas. Também a colaboração aberta e franca das instituições confessionais com as não-confessionais, bem como com as instituições de ensino oficiais, é exigida à universidade católica, para que em conjunto atuem em benefício da comunidade universal, com a presença da Igreja no mundo de hoje. Assim, os bispos afirmam que “a atitude da Igreja no campo da educação deve ser [...] a de colaboração aberta e franca entre escolas e [...] as iniciativas extraescolares de formação e de educação, entre os planos de educação da Igreja e os do Estado [...] em benefício da comunidade universal dos homens” (Medellín, 4.29). Tal é o papel da educação: propiciar o bem universal de toda a humanidade.

Assim, comentando sobre as diretrizes da Conferência de Medellín, Libanio destaca as inúmeras consequências para a evangelização, que se estendem à educação, no que se refere à

transmissão da fé. Segundo Libanio, no seguimento ao que preconiza a Conferência de Medellín, é justamente nisto que consiste a nova evangelização, unida à educação cristã: “verificar a maneira adequada de transmitir a fé no mundo de hoje, no respeito à cultura dos povos atuais, com coerência entre fé e vida, visando à transformação da realidade para o bem de todos”⁶¹. Encontra-se justamente aqui a relação entre educação cristã e nova evangelização: encontrar a forma adequada de transmitir a fé cristã no respeito às culturas, com testemunho de vida coerente com o que se crê, para a transformação da realidade com vistas ao bem de todos.

Quanto ao meio adequado de transmissão da fé, o documento de Medellín alerta que, muitas vezes, “a linguagem comum da transmissão da palavra (pregação, documentos pastorais etc.) é estranha (à vida do povo) e por isso não têm influência na sua vida”. Pelo contrário, o povo espera dos evangelizadores que “não somente divulguem princípios doutrinários, mas que os provem com atitudes e realizações concretas” (Medellín, 5.5). Por vezes, muitos condicionam a aceitação dos evangelizadores à coerência de suas atitudes com a dimensão social do Evangelho, de modo particular com opção pelos pobres e a simplicidade de vida.

A coerência entre fé e vida e o respeito à cultura dos povos são, portanto, os pontos fundamentais para a transmissão a fé cristã, no continente latino-americano. Assim, a tarefa da educação libertadora é a de capacitar o povo para ser autor do próprio progresso, no respeito à sua cultura. E, em diálogo com o povo, favorecerá a criação de um novo tipo de sociedade. De acordo com Medellín, “a educação latino-americana é chamada a dar uma resposta ao presente e ao futuro em nosso continente. Somente assim será capaz de libertar nossos homens das servidões culturais, sociais, econômicas e políticas que se opõem ao desenvolvimento” (Medellín, 4.7). Essa forma de pensar não exclui “a dimensão sobrenatural que se inscreve no próprio desenvolvimento, o qual condiciona a plenitude da vida cristã” (Medellín, 4.7). A plenitude da vida é alcançada pelo povo desenvolvido de forma integral (cultural, social, econômica e politicamente), o que inclui a dimensão sobrenatural do ser.

Uma educação evangelizadora libertadora voltada à ação, ligada à vida do continente, que dialogue com a cultura do povo, marcada por uma nova ordem de justiça, que atinja tanto as elites como as massas, que incorpore a todos na paz, justiça e amor, é, portanto, o fim de uma educação libertadora, segundo Medellín.

Nesse sentido, o educador brasileiro Paulo Freire foi um dos que colocaram em prática esse ideal de educação libertadora, no diálogo e respeito entre os seres, visando a libertação da dominação em que vivem por sua própria ação, no respeito à diversidade e na luta por seus

⁶¹ LIBANIO, 2014, p. 195.

ideais⁶². Para Freire, “o homem radical na sua opção não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo”⁶³. Na educação libertadora, os seres têm sua opção respeitada, já que a opção do povo é que produz a mudança da sociedade ao colocá-lo como agente da transformação.

Assim, tanto a educação quanto a evangelização libertadora, têm como fundamento o diálogo e o respeito para com o próximo, em que todos tenham o direito de apresentar seus anseios, opiniões e reivindicações. Segundo Freire, “a liberdade é concebida como o modo de ser, o destino do ser humano, por isto mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem”⁶⁴. A liberdade é, portanto, condição que se encontra na vida do ser humano, integra o seu modo de ser e viver, até que perfaça o seu destino. Portanto, é no respeito à liberdade e à opção de vida de cada um, dentro de sua própria cultura, que a educação libertadora e a transmissão da fé se desenvolvem plenamente. Segundo Rivas, “esta defesa e promoção implicam o respeito à pessoa humana como tal, a busca das condições que permitem seu desenvolvimento integral, a justiça distributiva”⁶⁵. Portanto, o respeito ao ser humano e as condições para seu desenvolvimento, com uma justiça distributiva, são fundamentais à sociedade como um todo, para que se atenda o que foi preconizado já na *Lumen Gentium*: o apelo “à solidariedade e à opção preferencial pelos mais pobres” (LS, 158).

Para Libanio, este é o kerigma da mensagem a ser transmitida: Deus se revelou para a salvação de todos⁶⁶. A transmissão da mensagem divina, plenamente revelada por Jesus Cristo, se perpetua no hoje da história da salvação por homens e mulheres evangelizadores. Portanto, a mensagem de fé é transmitida para a liberdade e a felicidade de todos e deve acontecer por meio da experiência de vida cristã, haja vista Deus, na pessoa do Filho, ter assumido a carne humana para transmitir sua mensagem de salvação, e o fez em linguagem humana, obediente em tudo à vontade do Pai.

⁶² Segundo Purcari, “a necessidade de uma prática dialógica, em oposição à educação bancária, que contribua para a libertação de opressão e transformação em sujeito social cognoscente, não pode acontecer isoladamente. O docente em comunhão com o aluno, na busca do aprendizado, deve alicerçar-se no diálogo a fim de verificar conteúdos que podem ser aproveitados pelos discentes no seu cotidiano, estruturando uma atuação que permita ações reflexivas e críticas dos educandos, sobre os conhecimentos que já possuem”. (PURCARI, Cleiton. *Pedagogia que liberta*. In: 50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido [livro eletrônico]. Paulo Roberto Padilha...[et al.], [organizadores]. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019. Disponível em: < https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/E-book_50_Olhares.pdf >.

⁶³ FREIRE, 1967, p. 49.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 6.

⁶⁵ RIVAS, 2019, p. 8.

⁶⁶ LIBANIO, 2014, p. 194.

1.4.2 Recepção do Vaticano II por Medellín: consequências para a educação cristã e para a evangelização na América Latina

As características de Medellín deixam entrever a forma como aconteceu a recepção do estilo do Vaticano II pela Conferência, com consequências para a educação cristã e para a evangelização na América Latina. Dentre as orientações de Medellín para a educação libertadora, destaca-se a tarefa de capacitar o povo para ser autor do próprio progresso, no respeito à sua cultura. Como método de ação, destaca-se o diálogo com o povo, o que favorece a criação de um novo tipo de sociedade, voltada à ação e ligada à vida do continente. O diálogo com a cultura do povo marca a educação libertadora com uma nova ordem de justiça, que atinge tanto as elites como as massas, incorporando todos na paz, na justiça e no amor. Dessa forma, a educação libertadora, respeitando a opção de vida do povo, promove a mudança da sociedade, colocando o povo como agente de transformação. Assim, é no respeito à liberdade e à opção de vida de cada um, dentro de sua própria cultura, que a educação libertadora e a transmissão da fé se desenvolvem plenamente.

Diante das orientações de Medellín para a educação libertadora, levantam-se as seguintes interrogações: de que forma a Conferência recebeu o estilo do Vaticano II? Como ela o refletiu? Após a recepção do estilo do Concílio em Medellín, como se encontra hoje a situação da evangelização no Continente, após 50 anos da realização do Concílio e 500 de evangelização? A seguir busca-se investigar a respeito de tais indagações.

1.4.2.1 A recepção do Vaticano II pela Conferência Episcopal de Medellín com consequências para a educação e a evangelização

Para se compreender a educação e a nova evangelização no continente latino-americano, parte-se do estilo introduzido pelo Vaticano II à Igreja e à humanidade em geral. Procura-se conhecer tal estilo nos textos conciliares, mais explicitamente no discurso de abertura do Concílio, *Gaudet Mater Ecclesia*, do Papa João XXIII (1962), e na *Gaudium et Spes* (1965). Esse último apresenta, além do estilo do Concílio, um método indutivo de se fazer Teologia a partir dos sinais dos tempos. Após a abordagem do assunto no primeiro capítulo, o tema do estilo do Vaticano II será mais explicitado no segundo capítulo.

O novo estilo ou gênero literário dos documentos do Vaticano II foi obra do norte-americano John O'Malley SJ, prestigiado historiador da Igreja. Para o estudioso, o Concílio passou “das ordens às propostas, das leis aos ideais, das ameaças à persuasão [...] do monólogo

ao diálogo, da mudança de comportamento à conversão do coração [...] à busca da feliz santidade”⁶⁷. Esse novo estilo introduzido pelo Concílio é, portanto, um caminho de conversão à Igreja, e se estende a toda a humanidade, rumo à santidade.

Apesar de O’Malley ser o autor que cunhou o conceito de estilo, apresenta-se a sistematização feita pelo teólogo jesuíta, Pe. Taborda, que, por sua vez, também segue O’Malley. Segundo Taborda, “o Vaticano II, seguindo a inspiração do Papa João XXIII, desenvolveu um novo estilo de texto conciliar e introduziu um novo método na Constituição *Gaudium et Spes*, um método indutivo de fazer teologia a partir dos sinais dos tempos”⁶⁸. É, portanto, o estilo do Concílio e o método daí decorrente que se procura conhecer nos documentos conciliares.

Após Medellín, as orientações para a evangelização na América Latina surtiram forte efeito sobre o catolicismo no continente, porém, de forma desigual nas diferentes regiões, pois nem todas estavam preparadas para receber o novo estilo do Concílio, no qual se baseou a Conferência. Segundo Taborda, “a distância de apenas dois anos entre um e outra fez como que a recepção de Medellín e do Concílio na América Latina se fundam e confundam”⁶⁹. Foi durante a última sessão do Concílio que, conforme o autor, surgiu a ideia de um “sínodo” latino-americano para aplicar o Concílio no continente, fruto dos contatos entre os bispos das Igrejas do Brasil, desde a década de 1950 e durante o Concílio. Além disso, Paulo VI convocou a Conferência de Medellín para 1968 e encarregou o CELAM de organizá-la⁷⁰. Nasce, portanto, no clima do Concílio, a Conferência de Medellín.

Assim, a exemplo do Concílio, que tem como objetivo expressar a riqueza da verdade salvífica em novas circunstâncias históricas à totalidade dos fiéis, em Medellín a Igreja na América Latina lança-se à missão evangelizadora destinada à totalidade do povo de Deus, e, prioritariamente, aos pobres, com o mesmo objetivo conciliar. A intenção do Vaticano II, que era a de dialogar com o mundo, foi assumida também por Medellín. No discurso *Gaudet Mater Ecclesia* (GME), de abertura do Concílio, o Papa João XXIII declara: “iluminada pela luz deste Concílio [...] a Igreja, aureolada de luz divina, envia os seus raios ao mundo inteiro” (GME, VIII.3). Dessa forma, as decisões do Concílio buscam respostas aos anseios do mundo todo.

A recepção do Concílio Vaticano II, sustentada pelo Espírito Santo, leva os fiéis, em especial na América Latina, a um processo gradativo e criativo de crescimento espiritual em

⁶⁷ O’MALLEY, 2006, p. 29.

⁶⁸ TABORDA, 2019, p. 115.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 125.

⁷⁰ *Ibidem*.

meio à tradição da fé cristã e à participação na vida da Igreja, que os conduzem à transformação da sua própria vida. De acordo com o teólogo Taborda, “o pronunciamento de uma autoridade eclesial precisa da sua acolhida pela comunidade eclesial para que se transforme em vida e contribua para a edificação a Igreja”⁷¹. O que leva a comunidade a acolher o pronunciamento eclesial é o *sensus fidelium* (LG, n. 12), que é como o “‘instinto’ infundido pelo Espírito Santo em todos os fiéis para aderirem à doutrina da Igreja, dando seu consentimento e traduzindo-a em sua vivência”⁷². Contando com a luz do Espírito Santo, o povo acolhe a doutrina e a coloca em prática em sua vida. Também a Constituição *Lumen Gentium* (LG) destaca que é “com este sentido da fé, que se desperta e sustenta, pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens, mas a verdadeira palavra de Deus” (LG, 12). É sob a condução do Espírito que o povo aceita o pronunciamento eclesial e caminha rumo a uma vida melhor, na construção do reino de Deus.

Porém, o processo de recepção do Concílio não acontece de forma repentina, mas paulatinamente. Para Taborda, o processo de recepção depende de “um enriquecimento da própria visão que pode levar anos ou séculos até a assimilação plena do que vem de fora”⁷³. Assim, pelo fato de sua recepção acontecer durante um longo processo, um Concílio não é um acontecimento do passado, mas um evento que precisa ser acolhido e vivido pela comunidade eclesial durante muito tempo. Para compreender o acolhimento do Vaticano II no continente latino-americano, é necessário conhecer o seu estilo, que vem sendo aceito e implementado ao longo do tempo, com altos e baixos.

Taborda explicita também que o estilo de um documento, ou evento, reflete a personalidade do autor. Portanto, segundo o Taborda, citando O'Malley, “o estilo de uma pessoa, tanto no falar como no agir, expressa a verdade mais íntima e mais profunda desse sujeito”⁷⁴. Dessa forma, o estilo do Vaticano II reflete o estilo de vida do Papa João XXIII.

Até a realização do Vaticano II, predominavam nos Concílios e na vida da Igreja os cânones e seus anátemas, com a distinção entre os fiéis e os hereges. Por sua vez, o Vaticano II veio substituir a severidade pela misericórdia, postura essa que refletia o estilo de vida do Papa João XXIII. Segundo O'Malley, o Papa usa “um estilo menos autocrático e mais colaborativo, pronto a ouvir diferentes pontos de vista, aberto e transparente, comprometido com a equidade,

⁷¹ TABORDA, 2019, p. 117.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ *Ibidem*, p. 117.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 119.

que se abstinhasse de denúncias anônimas e táticas inquisitoriais”⁷⁵. Assim, as primeiras características do estilo do Vaticano II foram as de um estilo colaborativo, aberto, transparente e justo.

Ao mesmo tempo, o Vaticano II apresentou como objetivo a guarda do depósito da fé, porém, com uma mudança no estilo de abordagem, nova para toda a Igreja na forma de tratar os assuntos, sob a égide do diálogo com o mundo. Diz o Papa João XXIII: “o que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V.1). Essa mudança de estilo compromete a Igreja com a mudança no seu modo de agir, onde a meta é a mesma, mas os caminhos são diversos. Para Taborda, “o Concílio Vaticano II desenvolveu um estilo diferente e introduziu um novo método teológico”⁷⁶. O novo método do Concílio é, pois, o do encontro e do diálogo com o mundo, baseado na misericórdia, em substituição à severidade.

Também a *Gaudium et Spes* introduz um novo método interpretativo da realidade à luz da Palavra de Deus, que inclui identificar os sinais dos tempos. Conforme o documento, “esta possibilidade aberta pelo Concílio, de uma nova forma de fazer Teologia, exige também uma nova hermenêutica, que é a interpretação dos sinais dos tempos à luz do Evangelho” (GS, 4). Daí decorre que Deus continua a se manifestar na história da humanidade, em meio à vida do povo, e é na cultura popular que Ele deve ser buscado, o que necessita de uma hermenêutica das situações vivenciadas à luz da Palavra de Deus.

Segundo Taborda, a história é a instância onde se produz conhecimento teológico, já que ela (a história) “permite compreender e expressar mais profundamente a própria Revelação”⁷⁷. Deus se manifesta em meio ao povo, nos sinais dos tempos, revelados pelo Espírito, na história da vida e da cultura do povo. Assim, identificar a manifestação do Espírito nos acontecimentos dos dias de hoje, eis o caminho para a teologia preconizada pelo Concílio. De acordo com Taborda: “A recepção do Concílio deve ser medida não só pela retomada de seu conteúdo, mas pelo seu espírito, que se configura no estilo e no método teológico”⁷⁸. Para Taborda, os sinais dos tempos devem ser discernidos para responder as eternas perguntas sobre o sentido da vida: “é isso que significa ‘sinais dos tempos’”⁷⁹. Nos sinais dos tempos se encontra o Espírito Santo, e, nele, as respostas às eternas perguntas sobre o sentido da vida, que interrogam desde sempre e para sempre o ser humano.

⁷⁵ O’MALLEY, 2006, p. 31.

⁷⁶ TABORDA, 2019, p. 118.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 122.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 116.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 123.

Assim é que, na época da Conferência de Medellín, o continente latino-americano vivia com entusiasmo a busca dos sinais dos tempos. Porém, em meio ao ânimo vivido, levanta-se uma questão: estariam as igrejas, como um todo, preparadas para esta novidade de investigação dos sinais dos tempos no continente latino-americano? Para Taborda, “embora não se deva generalizar, é possível dizer que nossas igrejas não estavam preparadas para a novidade. A evolução dos acontecimentos eclesiais nesse período havia sido seguida apenas por círculos muito restritos”⁸⁰. Daí decorrem algumas resistências à recepção do Concílio na Igreja da América Latina.

Também no Brasil, a realidade dos fatos aponta para os que favoreceram a transformação da Igreja e para outros que se mantiveram na retaguarda. Dentre os fatores de transformação, que prepararam o episcopado à recepção do estilo do Concílio com grandes figuras de liderança, segundo Taborda, se destaca “a atuação do núncio apostólico Dom Armando Lombardi”⁸¹. Além disso, importante para a América Latina como um todo foi também a criação do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), na Conferência do Rio de Janeiro, em 1955. Tais fatores possibilitaram, no Brasil, a recepção do estilo conciliar, com a opção preferencial pelos pobres, trazida por Medellín. Entre as expectativas e novidades na Igreja da América Latina, Taborda destaca um anseio comum: “a urgência das mudanças sociais e a urgência das mudanças eclesiais, a transformação da sociedade e a implantação do cristianismo conciliar”⁸². Há, nesse sentido, expectativas de mudança no continente latino-americano e muitas delas são incentivadas pela Igreja no período pós-conciliar.

Por outro lado, a recente mudança social suscitava novos problemas, segundo Taborda, com “uma urbanização sem industrialização suficiente, que cria atmosfera de desenraizamento e miséria urbana (favelização) [...] e o desenvolvimento econômico aumentando a brecha entre ricos e pobres”⁸³. Os problemas exigem soluções vislumbradas a partir da própria sociedade. Em vista disso, Taborda aponta para a crescente necessidade do que se poderia chamar de “consciência ‘revolucionária’ no sentido amplo da palavra”⁸⁴. Nesse contexto, surgem também tendências revolucionárias, no sentido estrito do termo, como foi o caso, segundo Taborda, “do Padre Camilo Torres, na Colômbia, que aderiu ao grupo guerrilheiro *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) e tombou no campo de batalha em 1966”⁸⁵. O caso do Padre Camilo Torres

⁸⁰ TABORDA, 2019, p. 124.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ *Ibidem*.

exemplifica a situação decorrente do envolvimento da Igreja com a causa do povo, em favor dos pobres e oprimidos.

José Oscar Beozzo, sacerdote e estudioso da história da Igreja na América Latina, afirma que “apesar da boa recepção que a Igreja na América latina teve em relação a Medellín, prevaleceu, em paralelo, a opinião de que a Conferência aplicou as conclusões do Vaticano II sem perceber os aspectos essenciais da realidade latino-americana”⁸⁶. E, alegando não atender à realidade da América Latina, muitos reagem a Medellín. Porém, na verdade, segundo Beozzo, foi no diálogo com os povos que “Medellín introduziu a visão de um mundo profundamente dividido entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, entre países da abundância e países da miséria”⁸⁷. Assim, Medellín aponta à divisão explícita entre ricos e pobres no mundo, em especial na América Latina.

Nesse contexto de mudanças, que sempre ocasiona conflitos, a sociedade latino-americana era afetada, e nela, em especial, a família, a célula base da sociedade, que sofria as consequências dos fenômenos sociais. O documento de Medellín destaca como fenômenos fundamentais que atingem a família na América Latina a passagem de uma sociedade rural à urbana, ocasionando abundantes riquezas para poucas famílias e insegurança com marginalidade social para as restantes, gerando grandes problemas, subtraindo à família muitos aspectos de sua importância social e de sua influência. Conforme o documento de Medellín, “o processo de desenvolvimento implica em abundantes riquezas para algumas famílias, insegurança para outras e marginalidade social para as restantes [...] e engendra vários problemas tanto de ordem socioeconômica como de ordem ético-religiosa” (Medellín, 3.2). Assim, a crise enfrentada pela sociedade é decorrente, em grande parte, dos fenômenos sociais que atingem a família. Tal realidade de desafios que afetam as famílias exige mudanças urgentes na Igreja como um todo, em especial, na evangelização, em face à nova realidade do continente latino-americano.

Porém, como visto, os anseios de mudança não vêm desacompanhados de conflitos dentro da sociedade e da própria Igreja, geralmente por falta de amadurecimento da maioria do clero e da vida religiosa, o que ocasiona, por um lado, resistência e, por outro, extremismos. Segundo Taborda, “antes mesmo de o Concílio acabar, o CELAM organizou encontros para aplicar a reforma litúrgica, catequética, da vida religiosa consagrada. [...] Mas sempre com conflitos e excessos por falta de amadurecimento e preparo”⁸⁸. Assim é que, enfrentando os

⁸⁶ Beozzo (2005, III).

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ TABORDA, 2019, p. 125.

conflitos divergentes, ao lado dos fatos que demonstravam a recepção do estilo do Concílio e geravam reformas, outros fatores favoreceram resistência à sua recepção por parte da Igreja latino-americana. Dessa forma, ocorreram no continente muitas desigualdades na receptividade do Concílio e na aplicação das orientações de Medellín.

Dentre os diversos ensinamentos do Vaticano II, salienta Rivas “o apelo insistente à Igreja para que se converta ao novo estilo”⁸⁹. Segundo Rivas, a contribuição de O'Malley, para a interpretação dos textos conciliares sobre a temática do estilo do Vaticano II, inclui o “alerta ao fato de que a recepção do estilo conciliar exige renovada e calma adesão a todo o ensinamento da Igreja”⁹⁰. Tal renovação implica a consciência de que é necessária, segundo Rivas, uma peregrinação da Igreja na história da humanidade, com o *aggiornamento* da doutrina, ou seja, a sua contextualização, e aí está a mudança exigida pelo estilo conciliar⁹¹. Como fenômeno humano e eclesial, Taborda destaca que a recepção é sempre processual e “não acontece de uma hora para outra, podendo durar séculos”⁹². Hoje em dia, várias contestações ao Concílio ainda acontecem, sendo elas mesmas sinais dos tempos negativos, quanto mais nos fazem esquecer da situação dos pobres que é cada vez de maior pobreza, e este é o grande desafio a se assumir na realidade latino-americana: a opção preferencial pelos pobres.

1.4.2.2 Nova evangelização e educação na América Latina, após 50 anos de realização da Conferência de Medellín e 500 anos de evangelização

A recepção do estilo do Concílio trouxe várias consequências para a América Latina, em especial no que se refere à educação e à evangelização, devido ao alerta ao povo sobre a realidade de pobreza, marginalização e exclusão no continente. Nesse contexto, destaca-se o questionamento sobre como ficam a evangelização e a educação latino-americanas, desde Medellín até os dias atuais, perante a realidade vivenciada.

A primeira pergunta que fazemos é: como fica a evangelização a partir de Medellín?

Dentre os fatores que evidenciam o sucesso da recepção do Concílio no continente estão os efeitos da encíclica *Populorum progressio*, de Paulo VI, voltada ao “terceiro mundo”, em favor dos trabalhadores; e a novidade de uma Conferência Episcopal, com vistas à uma nova evangelização, voltada à realidade do continente. Segundo Taborda, de acordo com Vaz, “pode-

⁸⁹ RIVAS, publicação em breve.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Ibidem*.

⁹² TABORDA, 2019, p. 129.

se dizer que é então que as Igrejas da América Latina, até o momento ‘Igrejas-reflexo’ se tornam ‘Igrejas-fonte’”⁹³. Segundo Beozzo, “o mais notável foi o aparecimento de um rosto próprio das igrejas particulares, com seus carismas e seu jeito pastoral [...] Cresceram também os laços de corresponsabilidade no interior das Igrejas e com as outras Igrejas”⁹⁴. Surge, a partir de Medellín, uma Igreja com rosto próprio latino-americano, com pastorais voltadas à realidade do povo, estendendo sua colaboração a outras Igrejas, por meio do diálogo, o que acontece também com as demais Igrejas, com vistas a uma aproximação do diálogo ecumênico e inter-religioso.

Pode-se identificar na Conferência de Medellín a recepção do estilo do Concílio, conforme Taborda, com consequências à evangelização, especialmente sintetizadas em quatro características⁹⁵:

1. ***O método indutivo de fazer teologia.*** Segundo Taborda, “a missão específica e conjuntural da Igreja na América Latina não só a partir da fé, mas também das situações históricas”⁹⁶. Consideram-se tanto os valores como também os desvios que aconteceram em meio à vivência do povo, em que a Igreja lhe apresenta o caminho para a experiência cristã e a salvação. É assim que a Igreja se volta para a realidade do povo latino-americano, enfocando especialmente as minorias étnicas, dentre elas os indígenas, o que não havia sido muito focado pelo Concílio.

2. ***O recurso aos ‘sinais dos tempos’ latino-americanos.*** Nesse particular, destacam-se, para Taborda, “as injustiças e os processos de desumanização social, diante da pergunta que não pode calar: como pode ser tão injusto um Continente de formação cultural católica?”⁹⁷ Diante da percepção das injustiças sociais, segundo o autor, a Igreja prioriza os pobres na evangelização, com a consciência de uma solidariedade fraterna e decide “assumir e acompanhar os esforços de libertação e de humanização dos povos da América Latina, o que passará a chamar-se ‘evangelização

⁹³ TABORDA, 2019, p. 126.

⁹⁴ BEOZZO, 2005.

⁹⁵ TABORDA, 2019, p. 126-128.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 126.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 127.

libertadora”⁹⁸. É a partir dos sinais dos tempos no continente latino-americano que nasce a expressão evangelização libertadora, na Conferência de Medellín.

3. ***Libertação dos pobres e oprimidos.*** A evangelização libertadora volta-se ao serviço do mundo e, na América Latina, “o tema da libertação cristã dos pobres e oprimidos destina-se a tornar-se o tema mais importante da teologia, após Medellín”⁹⁹. A libertação dos pobres e oprimidos em situação de opressão, decorrente do pecado estrutural, é a resposta de fé aos sinais dos tempos latino-americanos.
4. ***A partir da valorização da Igreja local,*** “latino-americana, com sua personalidade e suas riquezas próprias no interior da comunhão católica”¹⁰⁰, destaca-se no documento de Medellín, segundo Taborda, que Cristo está em todas as comunidades de fiéis, no povo de Deus unido aos seus pastores, sendo que a Igreja latino-americana toma um rosto próprio, que reflete o rosto do pobre.

Levando em consideração essas características da Conferência, depreende-se a receptividade do estilo do Vaticano II por Medellín. Segundo Taborda, a tarefa de Medellín foi a de aplicar o Concílio à realidade do continente latino-americano, com criatividade e seletividade.

Das características da Igreja adotadas em Medellín, decorre um pluralismo eclesial, que dá origem a várias iniciativas pastorais, como a criação das CEBs e as várias manifestações de religiosidade popular, como resultado da diversidade cultural da América Latina. Tais iniciativas são provenientes da recepção do estilo do Concílio na prática, considerada a realidade cultural do continente latino-americano.

Vê-se, portanto, que Medellín é a porta de entrada do Concílio, no continente latino-americano, para a nova evangelização, considerado, pela Conferência, o continente da esperança. Porém, como o processo de recepção de um novo estilo não acontece de imediato, ele inclui avanços e retrocessos no decorrer do tempo. Por isso, talvez seja necessário hoje, após 50 anos da Conferência, que se volte a Medellín, como um remédio à época em que vivemos, de pessimismo e de falta de esperança, com os pobres cada vez mais pobres e a situação de opressão cada vez mais fortalecida. Conforme diz Taborda: “O perigo que se corre é o de não

⁹⁸ TABORDA, 2019, p. 127.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 128.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

querer ‘ver’ a realidade, pois, muitas vezes, a ‘cegueira’ é mais cômoda”¹⁰¹. A realidade está aí, mas muitas vezes não se quer vê-la. Diante da situação, segundo Taborda, a desesperança de hoje pode ser abrandada com o retorno ao “método ver-julgar-agir proposto na GS, que permite reconhecer o que o Espírito diz às Igrejas (Ap 2,7) nos dias de hoje”¹⁰². Este é o sentido do método apresentado na GS: ver o que o Espírito Santo diz aos dias atuais.

O método ver-julgar-agir, proposto na GS, nos remete ao método da circularidade hermenêutica, de Juan Luis Segundo. O método Segundiano da circularidade hermenêutica é definido pelo autor como a “contínua mudança de nossa interpretação da Bíblia em função das contínuas mudanças de nossa realidade presente, tanto individual quanto social”¹⁰³. O termo hermenêutico significa interpretação; circularidade significa a interpretação da Revelação diante de cada nova realidade apresentada, mudando com ela a própria realidade, para, então, voltar a reinterpretá-la, e assim por diante. Tal método interpreta a Palavra de Deus, relacionando-a com o passado e o presente. A preocupação do método Segundiano da circularidade hermenêutica está relacionado à preocupação do autor com o divórcio entre fé e vida.

Nessa perspectiva da circularidade hermenêutica, a aplicação do método ver-julgar-agir parte, pois, das questões da realidade, ascende à Palavra de Deus que traz respostas aos problemas que afligem a humanidade, em especial do continente latino-americano, e dela novas propostas de ação surgem para a transformação da realidade, conduzidas pelo Espírito Santo. Porém, ver a realidade, que consiste em uma leitura dos sinais dos tempos, desafia e desinstala e, muitas vezes, se prefere o comodismo ao comprometimento.

Medellín concentra os esforços em aderir à realidade, penetrá-la e interpretá-la, para, então, tentar responder pastoralmente aos seus desafios. Essa opção metodológica acarreta uma nova visão de Teologia, pois, segundo Beozzo, “Deus nos fala no hoje da realidade e é preciso estar atento aos sinais dos tempos. O lugar privilegiado deste encontro são os pobres nas suas necessidades [...] ou em sua situação de desamparo”¹⁰⁴. A realidade é, pois, onde se manifestam os sinais dos tempos, em que Deus nos fala hoje. A mesma situação deve ser interpretada à luz da Palavra de Deus, para ser transformada em nova realidade. Tal é o método de Medellín, que inclui ver com os olhos do outro, o que exige doar-se em favor do próximo, já que ver a

¹⁰¹ TABORDA, 2019, p. 130.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ SEGUNDO, 1978, p. 9.

¹⁰⁴ BEOZZO, 2005, III.1.

expressão do outro exige o colocar-se ao seu lado, até que se veja estampada em seu semblante a transformação ocorrida pela alegria do Evangelho.

Doar-se em favor do próximo é sempre multiplicação de bens, pois, segundo o teólogo pesquisador, professor Eugenio Rivas, “o dom tem sua própria dinâmica [...] como na parábola dos talentos, ela só cresce na medida em que se dá, e na prestação de contas recebemos multiplicado o que devolvemos”¹⁰⁵. A doação ao próximo faz com que os dons se multipliquem e se recebe em dobro o que se dá.

Ver com os olhos do outro faz com que a realidade mostre o que se passa diante do outro. Nesse sentido, Medellín chama à nova evangelização com o propósito de desinstalar, fazer ver a realidade e nela atuar de acordo com a Palavra de Deus.

Nova pergunta nos interpela: como fica a Educação a partir de Medellín?

Após mais de 500 anos de evangelização na América Latina, a Conferência de Medellín resgata a importância da relação entre as culturas e a evangelização quando se fala em educação cristã. O tema da relação com as culturas polarizou as atenções no pós-concílio, na América Latina. Segundo Beozzo, no primeiro momento, os sinais dos tempos foram identificados, com destaque aos pobres e à situação de subdesenvolvimento; no segundo, com a questão da opressão e libertação; e, somente posteriormente é que foi focalizando o tema das culturas¹⁰⁶. Tal preocupação vem mostrar que os sinais dos tempos na América Latina trazem consequências à educação cristã, dentre elas a necessidade de se transmitir o Evangelho a partir da realidade cultural do continente, considerando-se a imensidão da variedade de culturas do povo latino-americano.

Três grandes metas foram sonhadas por João XXIII para o Concílio, quais sejam, o *aggiornamento* da Igreja frente ao mundo moderno; o ecumenismo como busca de restauração da unidade cristã; e a igreja dos pobres, que se tornou tema central em Medellín. No documento final da Conferência, os bispos ressaltam a intenção de solidariedade para com os pobres: “Queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos [...] ensinando-lhes a ajudar-se a si mesmos” (Medellín, 14.8 e 14.11). Como servidora de todos, em especial dos mais pobres, a Igreja revela em Medellín seu intento de agir pastoralmente na América Latina, em função dos pobres e excluídos.

Quanto à educação, observa-se, a partir do posicionamento dos bispos, o estilo de possibilitar a formação dos educandos de forma a serem solidários com os pobres, a valorizar

¹⁰⁵ RIVAS, 2019, p. 4.

¹⁰⁶ BEOZZO, 2005, II.

os bens do Reino e a serem humildes servidores de todos, ensinando-lhes, assim, a ajudar-se a si mesmos.

Na educação, a realidade latino-americana é também o ponto de partida, conforme o documento de Medellín. No final do documento, o episcopado da América Latina aponta o método a ser seguido, do diálogo e solidariedade com os povos em situações semelhantes, para a libertação dos obstáculos, que ora se apresentam à América Latina, com vistas à justiça internacional. Dizem os bispos, no documento de Medellín: “a América Latina tentará obter sua libertação a custo de qualquer sacrifício [...] em espírito de solidariedade. Julgamos decisivo o diálogo com os povos irmãos [...] que tem seu fundamento e expressão no reconhecimento da autonomia política, econômica e cultural de nossos povos”¹⁰⁷. Portanto, os bispos se comprometem com a proposta de solidariedade interna e externa entre os povos, com base no diálogo, reconhecendo a autonomia dos povos e nações.

A libertação dos muitos fatores que oprimem o povo latino-americano é, portanto, o que os bispos deixam como meta a ser alcançada a partir de Medellín, pela educação. O documento conclui com o compromisso eclesial: “Esperamos assim ser fiéis aos compromissos que contraímos nesses dias de reflexão e oração comunitária, para dar a plena e efetiva colaboração da Igreja no processo de transformação que está vivendo nossa América”¹⁰⁸. O legado de Medellín a ser alcançado é, portanto, a libertação da realidade de opressão do povo latino-americano.

Descortina-se, portanto, um longo caminho a ser percorrido, para que as consequências da recepção do estilo do Concílio e da Conferência de Medellín se efetivem na evangelização e na educação do continente americano, considerando-se, em especial, a realidade social e cultural de seu povo, com crescimento sempre maior da situação de pobreza e marginalização, apesar dos esforços envidados a partir de então. Uma educação que seja evangelizadora e que vise à libertação dos povos da América Latina das suas condições de servidão, sendo por eles próprios conduzidos em direção a uma vida melhor, nos valores da alegria do Evangelho, é o desafio a se enfrentar. Para isso, em grande parte contribui a Teologia com o método de interpretação dos sinais dos tempos, em busca da transmissão da fé em meio ao povo.

¹⁰⁷ BEOZZO, 2005, III.1.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

1.4.2.3 Contribuições da Teologia à Educação e à Nova Evangelização no continente latino-americano: de Medellín aos dias atuais

Sendo o continente latino-americano um campo propício à recepção do estilo do Vaticano II, pela necessidade de abertura e diálogo da Igreja com o povo, devido à realidade de pobreza em que vive, uma das grandes contribuições nesse sentido advém da Teologia, com possibilidades de interpretação dos sinais dos tempos. Nesse sentido, quais são as contribuições que a Teologia traz ao diálogo da Igreja com o povo, para o percurso da nova evangelização e da educação no continente? O que segue é fruto da investigação.

Destaca-se o princípio norteador da nova evangelização, rumo à libertação dos povos da América Latina, a partir de Medellín, como sendo o diálogo da teologia com os demais campos de evangelização, dentre eles a educação. Tanto a nova evangelização como a educação na América Latina, a partir de Medellín, voltam-se ao ideal libertador de Jesus, que veio para libertar os pobres e os prisioneiros de toda espécie de opressão. Sendo a realidade do continente caracterizada pela divisão entre ricos e pobres, é nas palavras de Jesus que se funda a nova evangelização no continente: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar a boa nova aos pobres. Ele me enviou para proclamar a liberdade aos presos e a recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos” (Lc 4, 18). Dentre as prioridades à educação libertadora, destaca-se, portanto, a boa nova proclamada por Jesus, dirigida aos oprimidos e aos pobres.

Em atenção ao estilo trazido pelo Concílio, de diálogo da Igreja com os pobres, importância fundamental é dada à comunicação entre Teologia e os diversos saberes, e, com ela, à linguagem utilizada, para que a fé transmitida venha ao encontro das necessidades do povo, em especial dos mais pobres. Para o teólogo uruguaio Juan Luis Segundo, “a diferença (de linguagem) não pode ser deixada de lado [...] Caso contrário, corre-se o risco de a tentativa de conversa se transformar em um diálogo de surdos”¹⁰⁹. O que ocorre muitas vezes é que uns falam, mas outros não escutam, e vice-versa. Isso é o que se vê em muitos casos hoje em dia, pois a mensagem não atinge o destinatário. Em especial no processo de transmissão da fé por meio da educação, a linguagem vem a ser um ponto importante para a comunicação entre Teologia e realidade.

Diz Sesboüé, “quando queremos exprimir as coisas últimas, isto é, aquelas que concernem à nossa relação com o Absoluto, a nossa linguagem empobrece, têm-se falta de ar,

¹⁰⁹ SEGUNDO, 1978, p. 201.

como um avião que voa demasiado alto, porque ela é feita para falar das realidades finitas”¹¹⁰. Falar das coisas do mundo já não é fácil, quanto mais falar das coisas de Deus. A atenção à linguagem é, portanto, essencial no processo de evangelização, em especial no diálogo que se pretende entre a Teologia e as diferentes realidades.

Considerando a importância da comunicação interpessoal na evangelização, na Encíclica *Spe Salvi* (2007), o Papa Bento XVI assinala expressamente a importância da distinção entre informação e comunicação, entre linguagem informativa e performativa, quando aplicada à fé. O Papa destaca a importância performativa da mensagem de fé transmitida nas primeiras comunidades cristãs, gerando frutos para a vida, pois quem tem esperança vive de forma diferente. Essa esperança, trazida por Jesus, é a do encontro com o Deus vivo, que é mais forte do que os sofrimentos da vida. Segundo o Papa Bento XVI, “para as primeiras comunidades cristãs, o cristianismo não era apenas uma ‘boa nova’, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem atual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só ‘informativa’, mas ‘performativa’” (SS, 2). As primeiras comunidades cristãs são exemplos de que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades a se conhecer, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida, pois quem tem esperança vive de forma diferente, recebe uma vida nova.

Na verdade, a Boa Nova transformava a vida das primeiras comunidades cristãs, e a respeito disso, o Papa Bento XVI toma como exemplo o sofrimento de Jesus na cruz: “o encontro com o Deus vivo e, deste modo, o encontro com uma esperança, era mais forte do que os sofrimentos da escravidão e, por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo [...] em uma peregrinação antecipada” (SS, 4). Esse exemplo mostra que após o sofrimento vem a certeza da vida nova, apesar de as estruturas permanecerem as mesmas. Diante da realidade de uma vida transformada pelo encontro com Deus, por parte das primeiras comunidades cristãs, o Papa Bento XVI lança as seguintes perguntas: para nós, hoje, a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida? Ou é simplesmente ‘informação’ [...] superada por informações mais recentes? (SS, 10). A fé transmitida pelos evangelizadores e educadores hoje em dia tem a capacidade performativa de uma esperança que transforma e sustenta nossa vida? Ou é simplesmente informativa?

Seguindo na esperança de uma vida transformada por Jesus, o teólogo Vicente Vide Rodriguez aponta que a comunicação da fé vai além da transmissão de uma mensagem informativa meramente. Na mesma linha de Bento XVI, segundo o autor, comunicar a fé inclui

¹¹⁰ SESBOÛE, 1999, p. 72.

atrair a atenção do destinatário com vistas à sua performatividade. Não se pode transmitir o Evangelho sem ter como base uma vida que seja moldada pelo Evangelho, que encontre seu sentido, sua verdade e seu futuro no Evangelho.

Para poder transmitir a fé, a mesma deve ser professada, vivida e rezada. Nesse sentido, nova evangelização não significa novo Evangelho, pois Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre; mas significa dar respostas adequadas aos tempos atuais, às necessidades dos homens de hoje, aos novos cenários que mostram sua cultura radicada no Evangelho. Nova evangelização é descobrir o homem novo que existe em nós, graças ao Espírito que nos tem sido dado por Jesus Cristo e pelo Pai. Assim, segundo o teólogo Vicente Vide, para comunicar a fé, há que se falar com Deus, habitar com Deus e dar voz à Palavra de Deus, na pessoa de Cristo Jesus, que transforma a vida de quem a ele adere¹¹¹. A comunicação da mensagem de fé implica, portanto, a relação da pessoa com Deus, que escuta e que reage à mensagem divina com a transformação de sua vida. Diante disso, interroga-se: até que ponto a linguagem interfere na evangelização que se pretende libertadora?

Muitas vezes pensa-se que, se temos a mensagem, essa é transmitida automaticamente pela linguagem. Mas não ocorre bem assim, em especial quando se fala de evangelização libertadora. Explica Juan Luis Segundo: até “a mera repetição do que se declarou sem maior dificuldade em Medellín, chega a se constituir, hoje em dia, literalmente, em crime político”¹¹². Esse esvaziamento do termo libertação ocasionou o distanciamento da sua ideia original, baseada na palavra de Deus: “Eu vim para libertar os pobres” (Lc 4,18). Assim, o conteúdo de uma teologia libertadora muitas vezes se vê ameaçado por uma tendência decorrente das circunstâncias antidemocráticas, vivenciadas em especial no continente latino-americano, chegando mesmo a ser visto como ameaça, inclusive, à atividade religiosa.

Como afirma Juan Luis Segundo: “até a educação católica clássica se autodefine como educação libertadora, e a ideologia mais direitista usa frequentemente o vocabulário de libertação”¹¹³. Na verdade, por meio de uma terminologia utilizada de forma diversa ao seu sentido, a educação muitas vezes aparenta ser o que não é. Assim, sem compreender o verdadeiro sentido da libertação, muitas vezes o preconceito é automático, com decorrentes ações antidemocráticas. Em relação à educação, a importância da linguagem é fundamental para que ela se desenvolva de forma libertadora e promova a plena libertação do ser humano.

¹¹¹ VIDE, 2013, p. 65-67.

¹¹² *Ibidem.*

¹¹³ *Ibidem.*

Dentro da realidade do dia a dia, especialmente no continente latino-americano, pode-se perguntar em relação à ação dos teólogos: É possível diferenciar as atitudes de um teólogo da libertação das de um teólogo qualquer? Ampliando a questão à educação, interroga-se: é possível distinguir uma educação libertadora, da educação que adota qualquer outro tipo de ação? Buscamos a resposta nas palavras de Juan Luis Segundo: o teólogo da libertação “se vê obrigado, a cada passo, a colocar juntas as disciplinas que lhe abrem o passado e as disciplinas que lhe explicam o presente, e isso na própria elaboração da teologia, isto é, no seu intento de interpretar a palavra de Deus dirigida a nós, aqui e agora”¹¹⁴. Da mesma forma, a educação libertadora é aquela que se volta a ser significativa na vida do ser humano, no dia a dia de sua existência. Utilizando-se da contribuição das ciências, o teólogo e o educador da libertação traduzem para o aqui e o agora o que a Palavra de Deus transmite à sua realidade.

Porém, o que se constata, de acordo com Juan Luis Segundo, é que “apesar de uma porção de mudanças, continua-se a ensinar a Teologia de um modo autônomo, e isso não apenas a futuros professores de teologia, mas a pessoas normais que só vão fazer uso dela para enfrentar os problemas reais da gente simples e ordinária”¹¹⁵. Educadores e teólogos ficam, dessa forma, alheios à realidade da vida, enquanto a verdadeira educação e evangelização libertadoras preparam para a vida.

Por vezes, o simples uso o termo “libertação” acontece para mascarar, sob o título de educação libertadora, uma educação que pretende manter a situação reinante. O autor Juan Luis Segundo explicita que “a adoção da terminologia libertadora muitas vezes enfeita tudo, mas é na verdade para se continuar tudo no mesmo”¹¹⁶. Por isso suas atitudes nada têm a ver com as mudanças necessárias à libertação. E, assim, tanto a educação como a Teologia na América Latina continuam sendo a educação e a Teologia dos livros, muitas vezes considerada como a forma erudita e preferida de se fazer Teologia¹¹⁷. Ao passo que a transmissão da fé realizada de forma libertadora é aquela que mantém relação com a realidade da vida.

Nesse sentido, para uma educação e evangelização libertadoras, a escolha do método a ser utilizado é essencial. De acordo com Juan Luis Segundo, salienta-se a necessidade de se analisar não tanto o conteúdo, mas o método da Teologia (e da Educação) na América Latina, para que cooperem com a libertação dos povos latino-americanos. São palavras de Juan Luis Segundo: “quem sabe as críticas posteriores à teologia latino-americana, se forem

¹¹⁴ VIDE, 2013, p. 10.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 9.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 9.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 7-8.

suficientemente eruditas, terão que começar justificando-se a si mesmas. E isso talvez já possa levar ao início de um diálogo”¹¹⁸. Portanto, o diálogo sobre o método utilizado para se fazer Teologia e sobre como a educação deve ser desenvolvida, para que se relacione à vida, seja já o começo de uma evangelização e educação que tenham em vista a libertação dos povos na América Latina. Nas palavras de Juan Luis Segundo: “Só um estudo e um pôr-se de acordo em torno ao método de fazer Teologia dentro da nossa realidade latino-americana, pode desafiar, talvez com sucesso, os mecanismos da opressão e as tentativas de apropriar-se do vocabulário libertador por parte do sistema opressor”¹¹⁹. Talvez, para isso, seja necessário combater a metodologia teológica como é utilizada nos centros acadêmicos, de modo a fazer uso do desafio construtivo lançado à Teologia: a partir das questões da humanidade, aplicar a Palavra de Deus para a transformação da realidade.

A missão evangelizadora, bem como a educativa libertadora, baseia-se no método que contempla a realidade latino-americana como desafio a ser superado, para que o povo alcance sua libertação de todo tipo de opressão.

1.4.2.4 Teologia rumo à libertação no continente latino-americano

Quando se fala em teologia da libertação, bem como em pedagogia libertadora, lembra-se do nome do educador brasileiro, Paulo Freire, que nos remete à ideia de opressão e exploração em que vivem as massas latino-americanas, alienadas e incapacitadas de atuar em prol de sua própria libertação. Conforme Juan Luis Segundo, “a teologia da libertação — assim como a pedagogia libertadora de Paulo Freire — brotou da convicção de que as massas latino-americanas não só eram oprimidas e exploradas, mas, o que é muito mais, alienadas”¹²⁰. Nesse sentido, são incapacitadas não apenas em relação a oportunidades de se expressarem pela fala, mas também de pensar sua própria libertação, como sujeitos da história, e para isso que a educação colabora, em prol da consciência e da ação libertadoras¹²¹. O povo é sujeito da história.

A Palavra de Deus é libertadora, Jesus veio para libertar os cativos e oprimidos. O que fazer para que o povo oprimido busque a libertação? O teólogo franco-alemão Christoph

¹¹⁸ VIDE, 2013, p. 8.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 7-8.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 205.

¹²¹ Segundo o Papa Francisco, “alguns comprazem-se simplesmente em culpar, dos próprios males, os pobres e os países pobres, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar a solução numa ‘educação’ que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos” (EG, 60). Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG, 64).

Theobald afirma que a escuta da Palavra de Deus leva a uma “Teologia de liberdade”, pois o evangelho que Jesus proclama é um “evangelho de liberdade”¹²². Foi para evangelizar os pobres e libertar os cativos e oprimidos que Jesus veio ao mundo, conforme revelado na Sagrada Escritura (Lc 4, 18-19). Porém, apesar de ser o desígnio de Jesus libertar a todos, a liberdade não é um direito adquirido. O direito à liberdade não produz efeitos por si só, mas deve ser acompanhado por medidas sociais, para que se efetive na realidade. Segundo Theobald, “nós, herdeiros da modernidade europeia, entendemos a liberdade como uma aquisição ou um direito de todos, sabendo, entretanto, que este direito não transforma nossos países em terra onde correm ‘leite e mel’”¹²³. O direito à liberdade, acompanhado por medidas sociais, não se torna ficção, mas promove ao indivíduo uma nova realidade.

Todo cristão é convidado, portanto, a atingir essa nova vida, a partir do encontro com Jesus, pelo “caminho” da vida, com a aventura de segui-lo e imitá-lo fielmente, pois assim falou Jesus: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12). Seguir a luz de Jesus mostra a existência de vida nova. A liberdade é, portanto, uma conquista que se consegue pelo amor fraterno, segundo São Paulo: “Porque vós fostes chamados à liberdade [...] servi-vos uns aos outros pelo amor” (Gl 5,13). Pelo fato de chamarmos Deus de Pai e sermos filhos de Deus, é que somos livres. “Recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai” (Rm 8,15). Descobrir-se na condição de filho de Deus é libertador. Porém, a Palavra ensina que, “se o grão de trigo não morrer, permanece só o grão; mas se morrer, dará muito fruto” (Jo 12,24); e, ao final, “todos os inimigos, até o último deles, a morte, serão colocados debaixo de seus pés. e todas as coisas lhe serão sujeitas, com exceção do que lhe sujeitou todas as coisas” (1 Cor 15,25-27). Os frutos de liberdade começam a brotar já nesta vida, em decorrência da ação baseada no amor fraterno, até que vença a morte e dê a vida eterna.

Assim, segundo Theobald, o itinerário de liberdade está no encontro e no seguimento a Cristo, que se entrega a nós por amor e nos passa uma indizível alegria, se ouvimos o Evangelho de Deus como Evangelho de nossa liberdade¹²⁴. Pois sempre há a possibilidade de liberdade, já que Cristo se entregou a nós para nossa libertação, aqui entendida como a meta da evangelização, a partir da consciência, do desejo e do empenho para que a mesma ocorra, haja vista sermos filhos de Deus e termos nascido para a liberdade, no amor aos irmãos.

¹²² THEOBALD, 2009, p. 43.

¹²³ *Ibidem*, p. 45.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 50-61.

A alienação leva o povo à incapacidade até de pensar sobre a possibilidade de libertação. Nesse sentido, percebe-se que a ideologia do opressor se interioriza no oprimido, para manter a situação de dominação. Assim, a palavra libertadora do Evangelho e a educação libertadora despertam no povo a esperança de libertação, a partir da visão de que o próprio povo é agente de transformação da realidade. De acordo com Juan Luis Segundo: “integrar nas expressões religiosas individualistas a dimensão, original à religião cristã, da solidariedade comunitária e da fraternidade como parte essencial de qualquer ato religioso é uma forma de libertação”¹²⁵. A solidariedade e a fraternidade são, portanto, a mensagem a ser transmitida para a promoção de uma educação libertadora, cujo resultado seja “tomar-se sujeito — e não mais objeto — da história”, conforme aponta Juan Luis Segundo¹²⁶. Ser sujeito e, não, objeto da história, com vista aos desígnios do Absoluto, é o fim da evangelização e da educação libertadoras, com a proposta de que a libertação ocorre, desde já, nesta vida e, em plenitude, na vida eterna.

1.5 A título de conclusão do Capítulo I

Para responder à questão levantada no início do capítulo sobre “quais são as orientações emanadas da Igreja Católica para a transmissão da fé na nova evangelização”, a Teologia irá buscar respostas na Palavra de Deus. No processo de evangelização, as inquietações do ser humano encontram luzes na fé aplicada à realidade, apontando a educação como uma das possibilidades de satisfação dos direitos fundamentais da humanidade, com vistas à sua libertação. Aliada à evangelização, a educação apresenta oportunidades de realização plena ao ser humano, que conhece Jesus Cristo e o vive na realidade de sua vida, transformando-a em busca da liberdade. Dessa forma, vê-se a contribuição da Teologia e da educação à nova evangelização.

Passando pelo histórico da nova evangelização no continente latino-americano, a partir de Medellín (1968), atentos à realidade do continente, os bispos indicam uma evangelização nova, especialmente nos seus métodos, sendo os pobres os destinatários prioritários da sua atenção. A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina é sinal e compromisso da nova evangelização no continente: sinal do valor do pobre aos olhos de Deus; e compromisso de solidariedade com os que sofrem. Assim, a Conferência vai além do Concílio, pensando a evangelização a partir dos pobres, na linha da sua libertação. Nesse intuito, os novos métodos exigidos para a transmissão da fé são os que consideram a realidade do povo, com vistas à

¹²⁵ THEOBALD, 2009, p. 227.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 227.

transformação da realidade apoiada na Palavra de Deus. Encontra-se a indicação do método exposto pela *Gaudium et Spes*, do ver, julgar e agir, que parte das questões da realidade, procura respostas na Palavra de Deus e conduz à ação, em busca de sua transformação libertadora.

Dessa forma, a Conferência de Medellín retrata a recepção do estilo do Concílio Vaticano II, especialmente nas seguintes características: 1. No método indutivo de fazer teologia; 2. No recurso aos sinais dos tempos latino-americanos; 3. Na libertação dos pobres e oprimidos; e, 4. Na valorização da Igreja local. Pode-se observar em Medellín, portanto, a recepção do estilo do Concílio pela Igreja que busca transmitir, de modo renovado aos tempos atuais, a doutrina de Cristo no continente latino-americano.

Nesse caminhar, os Papas dedicam-se à questão da nova evangelização como missão da Igreja. O Papa Bento XVI reforça o seu significado, “como o processo através do qual a Igreja, animada pelo Espírito, anuncia e difunde o Evangelho em todo o mundo, [...] assumindo e renovando as culturas” (DGC, 48). E o Papa Francisco destaca que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176). Com tal sentido, o Papa Francisco retoma a preocupação com a dimensão social da evangelização, alertando que o processo de evangelização permeia toda a vida do Povo de Deus. Segundo o Papa Francisco, “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG, 1). Essa é, portanto, a novidade da nova evangelização para a América Latina: Jesus veio para libertar a todos, a partir dos pobres, e o caminho para isso é a alegria do amor, da misericórdia e da paz, especialmente a quem mais necessita.

A Igreja tem a missão de conservar e transmitir a fé na Revelação. Portanto, é missão de todo batizado transmitir a fé em Jesus a todos os povos. E, dentre os vários setores da vida humana iluminados por Cristo para a evangelização, destaca-se a educação, destinada a ensinar a todos o caminho que leva “por Cristo, ao Pai no Espírito” (Ef 2, 18). Assim, a educação libertadora, aliada à Teologia, contribui para a nova evangelização, ao possibilitar a vivência do amor cristão na história de vida de cada homem e mulher.

A educação responde ao anseio da humanidade, que é o respeito a todo ser humano e o seu desenvolvimento, em especial aos mais necessitados, com vistas ao bem de todos. Assim, a defesa e a promoção do bem comum são alcançados pela evangelização e pela educação, ao promover a dignidade da pessoa, na busca das condições para o seu desenvolvimento integral e da justiça distributiva, em solidariedade preferencial com os mais pobres.

Porém, a realidade mostra que, após mais de 50 anos da realização da Conferência de Medellín, muitos dos desafios da época ainda persistem, sendo o maior deles o vasto contingente de pessoas à margem da educação formal no continente latino-americano. Nas

universidades católicas, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a ser percorrido, no sentido do diálogo da Teologia com as demais ciências, com vistas à superação comum dos desafios da humanidade. E esses desafios reforçam, em última instância, a crise da transmissão da fé. Sendo que o encontro com Cristo é o máximo da altura que o ser humano alcança, quando essa condição é promovida pela educação, a pessoa vê a possibilidade de transformação da vida operada pela fé e pela esperança em Cristo Jesus, com efeitos de libertação.

Medellín foi a porta de entrada do Concílio no continente da esperança. Porém, como toda recepção é um processo, o estilo de libertação no continente inclui avanços e retrocessos. O risco a se evitar é o da desvalorização do termo libertação, pois a educação libertadora, bem como a nova evangelização, deve ser significativa na vida do ser humano, no dia a dia de sua existência, para o bem de todos. Para isso, o diálogo é o caminho para se superar os desafios dos dias de hoje. O processo da evangelização e da educação libertadora procura identificar os “sinais dos tempos” para com eles dialogar, em vista da promoção da fé e da esperança do povo, em meio às dificuldades, com a presença do Espírito Santo, que conduz à plena libertação pela fé em Cristo Jesus.

CAPÍTULO II – TRANSMISSÃO DA FÉ NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, DE ACORDO COM AS CONSTITUIÇÕES *EX CORDE ECCLESIAE* (1990) E *VERITATIS GAUDIUM* (2017), A PARTIR DO ESTILO DO VATICANO II

Após abordar o tema da nova evangelização, tem-se como objetivo, neste capítulo, analisar a evolução da concepção sobre a transmissão da fé na educação superior, especificamente nas Constituições *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*. Para tal, investiga-se o processo de recepção do estilo do Vaticano II pela Igreja até os dias de hoje, com o Papa Francisco, para então se identificar a influência desse estilo nas Constituições *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*. Esse se constitui, na verdade, no principal foco de todo o trabalho.

Tanto a evangelização como a educação cristã têm por base a ética do respeito à pessoa, com o princípio norteador de solidariedade para o bem de todos, a partir dos pobres. Tal ética interfere na forma da transmissão da fé. Porém, como a educação e a evangelização implicam amplo processo que se desenvolve durante toda a vida, ambas incluem avanços e retrocessos na sua implementação. Dessa forma, interroga-se: qual é o papel da educação, a fim de que a transmissão da fé cristã aconteça no mundo de hoje, em especial na educação superior, com vistas ao respeito pela pessoa e à solidariedade, preferencialmente, com os pobres e necessitados? Para responder à questão, o foco do estudo recai sobre as Constituições *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*, buscando-se verificar até que ponto a recepção do estilo do Concílio ocorre nesses documentos e se há evolução de um documento para o outro. Tal estudo parte do estilo conciliar, identificado no discurso *Gaudet Mater Ecclesia* (1962), do Papa João XXIII, na abertura do Vaticano II.

A escola e a universidade se apresentam como parte integrante da Igreja e se fundamentam em bases sociais de respeito e de promoção humana, no amor e na misericórdia. Assim, são realidade de presença e de acolhimento da fé e de sua transmissão na sociedade, com o acompanhamento espiritual dos que as buscam, ao permanecerem abertas a todos para a defesa da dignidade humana, por meio da difusão do conhecimento. Esses princípios referentes à educação são preconizados pelo estilo do Concílio Vaticano II e acolhidos por Medellín, tendo em vista sua aplicação no continente latino-americano.

Na busca de se verificar a implantação desses princípios na educação superior, toma-se por base, a seguir, o estilo do Concílio e como ele é recebido pela Igreja, e pela educação superior, em especial nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), sobre a educação, com destaque para a transmissão da fé.

2.1 O estilo do Concílio Vaticano II e sua repercussão para a transmissão da fé

Para atender o que foi proposto no capítulo, interroga-se: qual é o papel da educação, a fim de que a transmissão da fé cristã aconteça no mundo de hoje, em especial no nível superior, com vistas ao respeito pela pessoa e à solidariedade, preferencialmente, com os pobres e necessitados? Na busca de esclarecimentos a essa questão, parte-se à análise a seguir, aprofundando o que já foi abordado no primeiro capítulo sobre o estilo do Vaticano II.

O Vaticano II trouxe grandes ensinamentos à Igreja, dentre eles o apelo a que se converta ao seu estilo, identificado a partir do discurso *Gaudet Mater Ecclesia* (1962), do Papa João XXIII, na abertura do Concílio e, em seguida, em seus documentos¹²⁷.

Retomando o que foi iniciado no primeiro capítulo, avança-se aqui no argumento a respeito do tema do estilo conciliar, introduzindo novos elementos. Pesquisadores atuais compreendem o estilo do Vaticano II a partir dos estudos dos precursores do assunto, sendo o primeiro deles o historiador católico John O'Malley (2006). De acordo com O'Malley:

O Papa João XXIII e o Concílio distanciaram-se de uma abordagem de bronca e desconfiança com relação ao “mundo” [...] fazendo uso do remédio da misericórdia mais do que de severidade [...] demonstrando a validade do ensino [da Igreja] mais do que de suas condenações¹²⁸.

Para O'Malley, mesmo não usando a palavra “reconciliação”, fica claro que o Papa João XXIII, na abertura do Concílio, falava em reconciliação da Igreja com a humanidade.

Conforme O'Malley:

Embora a reconciliação permeie implicitamente todos os documentos do Concílio, ela emerge mais claramente na *Gaudium et Spes*¹²⁹ [...] pela primeira vez na história da Igreja, um documento conciliar dirigido não somente para os membros da Igreja, mas para toda a humanidade¹³⁰.

¹²⁷ O objetivo que João XXIII tinha dado ao Concílio, no dia 11 de outubro de 1962, era o de “reconsiderar o ‘todo’ (tutto) do ensinamento da Igreja numa perspectiva nova, segundo as formas e as proporções de um magistério sobretudo pastoral” (THEOBALD, 2012, p. 227).

¹²⁸ O'MALLEY, 2015, p. 5.

¹²⁹ Segundo O'Malley, a propósito da *Gaudium et Spes*, devemos notar dois fatos importantes. “Em primeiro lugar, o título do documento é ‘A Igreja NO Mundo Moderno’, e não a Igreja ‘para’ o mundo moderno, nem a Igreja ‘contra’ o mundo moderno. Em outras palavras, o Concílio reconheceu como fato da vida que todos e cada um de nós, incluindo os membros da Igreja, fazemos parte do mundo moderno. Não podemos, de forma alguma, sair dessa realidade, mesmo que queiramos. Por conseguinte, nem a Igreja pode sair dele” (O'MALLEY, 2015, p. 14).

¹³⁰ *Ibidem*, p. 14.

Apontando o Concílio como uma nova época de abertura da Igreja para a humanidade, o documento *Gaudium et Spes* (1965) afirma que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1). A Igreja se entristece com as tristezas do povo e se alegra com suas alegrias, e, nesse sentido, busca reconciliar-se com a humanidade.

Em outros documentos conciliares, a questão da reconciliação também aparece, como se vê no Decreto *Unitatis Redintegratio*, que aborda a questão ligada ao diálogo ecumênico, desenvolvido no âmbito do cristianismo, e na Declaração *Nostra Aetate*, que se refere ao diálogo inter-religioso, com os não cristãos, bem como nos documentos que tratam das situações econômica, social e política, e em outros assuntos da modernidade¹³¹. Segundo O'Malley, “no discurso de abertura de João XXIII, o tema da reconciliação apareceu, mas de modo discreto e completamente genérico. O Concílio assumiu-a como orientação fundamental e impregnou-a de alcance notável, estendendo-a para a relação da Igreja com [...] toda a humanidade”¹³². A reconciliação é uma das marcas fundamentais do estilo do Vaticano II, em uma época em que grandes transformações ocorriam dentro e fora da Igreja, e a humanidade se via em meio à crise de valores e costumes, o que se refletia na crise com a Igreja.

Destaca a GS que o ser humano vive profundas transformações sociais e culturais e novos caminhos se abrem à unidade do gênero humano, no respeito às particularidades culturais. Diz o documento:

As condições de vida do homem moderno sofreram tão profunda transformação no campo social e cultural [...] Novos caminhos se abrem [...] tanto mais se favorecerá e expressará a unidade do gênero humano, quanto melhor se souber respeitar as peculiaridades das diversas culturas (GS 54).

Assim, o tema da reconciliação implica renovação na ação pastoral da Igreja. Daí o Vaticano II ser identificado como um Concílio de estilo notadamente pastoral, com ações junto às mais diferentes culturas.

Além de o estilo do Concílio ser reconhecido como pastoral, O'Malley alerta à importância do estilo linguístico do Vaticano II, que se demonstra como sendo de abertura, o que é identificado não só nos documentos produzidos pelo Concílio, mas desde o seu início, já

¹³¹ A *Lumen Gentium*, em consonância com o novo estilo, “adotou o tema do diálogo como uma das suas palavras mais características, palavra essa jamais pronunciada em Concílios anteriores, indicação exímia do novo vocabulário adotado a partir desse momento nos documentos do Concílio” (O'MALLEY, 2015, p. 17).

¹³² *Ibidem*, p. 15.

no discurso do Papa João XXIII. Segundo O'Malley, “os comentaristas geralmente se satisfazem em designar o estilo do Concílio como pastoral, [...] o que não diz muita coisa. Não conseguem perceber as implicações profundas do novo estilo. Não veem como o estilo afeta e, muitas vezes, até determina o conteúdo”¹³³. Não basta reduzir o estilo do Concílio como pastoral e não perceber as implicações que acarretam o novo estilo para a vida da Igreja e a transmissão da fé. O estilo do Concílio afeta, assim, o seu conteúdo.

Nesse sentido, O'Malley destaca três elementos dominantes que caracterizam o estilo do Vaticano II, a saber: sua forma, seu vocabulário e sua intertextualidade, cada um determinando o outro em vista de um corpo unitário coerente. Para O'Malley, o elemento dominante do Concílio é o estilo epidítico, que acarreta o uso de um vocabulário específico, identificando uma unidade temática em seus documentos, de louvor e glória, admiração e encorajamento, que se encontra em todos os seus documentos. Segundo o autor: “o elemento mais característico e dominante do Concílio é o que se chama estilo de retórica epidítica ou demonstrativa, ou seja, o panegírico, a arte do louvor [...] que traz admiração e encorajamento”¹³⁴. Os três elementos (forma, vocabulário e caráter intertextual dos documentos), portanto, determinam a unidade temática dos documentos conciliares¹³⁵.

Algumas mudanças pastorais, em consequência do estilo epidítico, podem ser expressos em forma de ideais, convite, persuasão, diálogo e reconciliação. Assim, segundo O'Malley, o estilo do Concílio parte “das ordens aos convites; das ameaças à persuasão [...] do monólogo ao diálogo [...] do de cima para baixo para a partilha [...] da exclusão à inclusão. [...] Em suma, do afastamento à reconciliação”¹³⁶. A reconciliação é, portanto, a marca do estilo conciliar, com convite à persuasão e ao diálogo.

Ao analisar as proposições de O'Malley sobre o estilo do Vaticano II, o estudioso Christoph Theobald procura integrar à unidade estilística do corpus do Vaticano II, além da conversão conciliar à pastoralidade, também uma maneira de a assembleia se colocar de acordo sobre esse princípio, o que influenciará o processo de sua recepção. Para Theobald, o estudo do estilo do Vaticano II nos conduz a conceber seu *corpus* textual como de abertura a uma

¹³³ O'MALLEY, 2015, p. 15.

¹³⁴ *Ibidem*.

¹³⁵ A adoção da retórica epidítica teve importante repercussão teológica. “Ela predispôs o Concílio a favorecer uma teologia mais encarnada que escatológica, uma teologia mais propensa a sublinhar a bondade da Criação e da Encarnação do que os mistérios obscuros do Pecado Original e da Expição, uma teologia mais próxima a Tomás de Aquino do que de Martinho Lutero, que lembra mais os Padres da Igreja do Oriente do que Santo Agostinho — mais inclinada à reconciliação com a cultura humana do que ao afastamento dela. Nesta teologia, a graça não é estranha à natureza, mas harmoniza-se com ela, de alguma maneira reconcilia-se com ela. A graça aperfeiçoa a natureza” (O'MALLEY, 2015, p. 18).

¹³⁶ *Ibidem*, p. 19.

verdadeira metamorfose espiritual do mundo de hoje. Analisada sob o princípio de pastoralidade, a proposta do Concílio se dá no sentido de uma experiência singular e plural de conversão, a se viver no aqui e no agora, com vistas à vivência do Evangelho. Segundo Theobald: “o corpus textual (do discurso de abertura) é como abertura profética [...] (que conduz) a uma experiência [...] de conversão [...] a ser realizada fora do texto [...] por destinatários infinitamente diversificados, remetidos a se entender segundo uma maneira evangélica de proceder”¹³⁷. A reconciliação exige, portanto, conversão por parte tanto da Igreja como de toda a humanidade, com base no Evangelho de Jesus.

Diante dessa proposta do Concílio, de conversão à prática pastoral fundada no amor evangélico, Theobald levanta as seguintes questões: quais relações devem ser estabelecidas entre o novo estilo pastoral do Vaticano II e a tradição dogmática do catolicismo? Deve-se temer que o potencial de violência, escondido em todo corpo social, num conjunto tão matizado como a Igreja católica, suscite formas de regulação que acabem por não mais concordar com uma maneira evangélica de proceder, proposta pelo Concílio?¹³⁸. São questões importantes que só o tempo pode responder. Assim, a experiência de conversão a que conduz o estilo do Concílio Vaticano II, apontada por Theobald, tem por base o diálogo e a misericórdia, e sobre sua recepção, só o tempo poderá responder.

O processo de conversão exigido à Igreja, pelo estilo do Concílio, é também destacado nos estudos sobre o Concílio, por César Alves, como uma oportunidade à Igreja Católica para lançar um olhar atento ao passado, com o propósito de voltar à fonte¹³⁹. O processo de conversão é como “tirar do tesouro coisas novas e coisas antigas” (Mt 13,52). Com isso, a conversão desejada pelo Concílio destina-se a toda a Igreja, ou seja, a todo o povo de Deus, e exige renovação para que a mesma Revelação divina de todos os tempos seja transmitida de forma nova ao mundo atual. Este é o grande impulso apresentado pelo Vaticano II à transmissão a fé: a mesma doutrina revelada por Jesus, transmitida de forma nova, adequada aos tempos atuais, na linguagem do povo, em comunicação com os dias de hoje.

A fim de a Igreja alcançar a renovação exigida pelo Concílio, de conversão e reconciliação, com a mesma mensagem de fé sendo transmitida de forma renovada no amor e na misericórdia, Alves identifica quatro elementos a serem considerados na hermenêutica do Concílio, com reflexos à transmissão da fé, que, segundo o autor, “compõem a raiz última do

¹³⁷ THEOBALD, 2012, p. 234.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 235-236.

¹³⁹ ALVES, 2013, p. 8.

que o discurso *Gaudet Mater Ecclesia* determinou para todos os trabalhos do Vaticano II”¹⁴⁰. São estes os elementos a seguir. Primeiro: atitude fundamental de amor e a misericórdia. Segundo: abraçar os dias de hoje. Terceiro: manter o patrimônio essencial da revelação divina. Quarto: renovação do modo de expor tal patrimônio.

O primeiro ponto trata da *atitude fundamental de amor e a misericórdia*¹⁴¹. Segundo Alves, a atitude de amor e misericórdia “é a atitude básica com a qual o objetivo do Concílio deve ser alcançado”¹⁴², já que, nas palavras de João XXIII: “agora, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade” (GME, 2)¹⁴³.

O segundo, destaca a atitude de se *abraçar os dias de hoje*¹⁴⁴. Para Alves, “a atitude contrária impede a detecção da ação e presença positivas do Espírito Santo nos tempos atuais”¹⁴⁵. Alguns cristãos, mesmo com ardor religioso, não analisam as coisas de modo sereno e ponderado, só enxergando a ruína do estado atual da sociedade. Diz João XXIII: “devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo” (GME, IV,3). Ao lado dos aspectos negativos, devem ser reconhecidos nos dias de hoje os recônditos da providência divina, especialmente junto aos cristãos que, pela fé, se colocam em diversos lugares para o bem da humanidade.

O terceiro ponto destaca que o *patrimônio essencial da revelação divina deve ser sempre mantido*¹⁴⁶. De acordo com Alves, “expressa pela figura do remédio da misericórdia e do [...] amor cristão [...] a atitude da Nova Aliança é a base para que o Vaticano II conserve o patrimônio divino revelado em plenitude em Jesus de Nazaré e mantido desde então pela Igreja”¹⁴⁷. Esst é o patrimônio para a vida da Igreja: a transmissão da fé na revelação divina em plenitude, na pessoa de Jesus de Nazaré, com atitude de amor e misericórdia.

O quarto aspecto se refere à *renovação do modo de se expor o patrimônio da Revelação*¹⁴⁸. Para João XXIII, “o que mais importa ao Concílio é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V 1). A

¹⁴⁰ ALVES, 2013, p. 16.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 17.

¹⁴² *Ibidem*, p. 17.

¹⁴³ “Em 25 de janeiro de 1959, quando anunciou a intenção de convocar o Concílio, João XXIII apresentou duas metas gerais para ele: a primeira era de ‘esclarecimento, edificação e alegria para todo o povo cristão’; a segunda, estender ‘um renovado e cordial convite aos fiéis das comunidades separadas para participarem conosco na busca da unidade e da graça, que tantas almas esperam em todas as partes do mundo’” (O’MALLEY, 2015, p. 5).

¹⁴⁴ ALVES, 2013, p. 17.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 18.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 19.

mudança deve ocorrer, portanto, na forma e nos métodos de se transmitir a fé, mantendo-se a mesma doutrina cristã.

Assim, segundo Alves, o discurso *Gaudet Mater Ecclesia* resume o caminho a ser trilhado pela Igreja, marcado pela misericórdia, a busca dos reflexos do Espírito Santo nos sinais dos tempos hoje, a manutenção do depósito da fé e a transmissão da fé de forma eficaz, para a transformação da humanidade na vivência dos princípios cristãos.

Quanto à transmissão da fé, Theobald alerta que, muitas vezes, o problema está em se querer distinguir o que é conteúdo essencial e quais são os elementos secundários da fé. Inclusive, quanto às normas do catolicismo, Theobald adverte que só fazem sentido para a cultura ocidental, sendo que, quando o conteúdo da fé é transmitido a outras culturas, o que vale para uma cultura pode não ter o mesmo valor para as demais. Assim, as normas devem ser estabelecidas no intercâmbio das culturas com o conjunto da Tradição. Nesse sentido, a discussão sobre o conteúdo essencial da fé e os elementos secundários, de acordo com Theobald, “é pouco operante no concreto das situações, porque o catolicismo, inclusive suas expressões normativas, só existe [...] a saber, como simbiose entre ele e a cultura mediterrânea e ocidental”¹⁴⁹. E a transmissão da fé ocorre a partir do respeito e da interação com cada uma das culturas em particular.

Nesse sentido, Theobald refere-se ao apontado na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI (1975), com a intenção de “a Igreja do século XX estar mais apta ainda para anunciar o Evangelho à humanidade [...] e ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, em tempos novos de evangelização” (EN, 2). A transmissão da fé que anima a Igreja em Pentecostes, transmitida de forma adequada aos tempos atuais, é, pois, a meta do Concílio.

Porém, essa atualização não é tão fácil hoje em dia se consideradas as diferenças entre as várias culturas da humanidade. Diante da necessidade de a transmissão da fé adequar-se às situações dos dias atuais, Paulo VI destaca a dificuldade de se articular o conteúdo essencial da evangelização à sua forma oportuna de transmissão, e alerta também à importância da unidade entre as Igrejas particulares com a Igreja Universal. De acordo com Paulo VI, “a evangelização perderia sua força [...] se não tomasse em consideração o povo concreto a que se dirige. [...] De outro lado, correria o risco de perder a sua alma se fosse despojada do seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor” (EN, 63). Portanto, a consciência por parte da Igreja sobre a

¹⁴⁹ THEOBALD, 2012, p. 230.

importância da transmissão da fé a toda humanidade, e sobre sua universalidade, faz com que se torne possível transmitir a fé de forma a ser entendida por todos.

O Papa Paulo VI destaca que, no centro da transmissão da fé, está a mensagem de libertação trazida por Jesus Cristo. Alerta, porém, o Papa, que “toda libertação que se pretende estritamente temporal e política desvia-se do seu ideal, pois suas motivações não são a justiça e a caridade, seu impulso não é a dimensão espiritual e sua finalidade não é a salvação e a beatitude em Deus” (EN, 35). O foco no espiritual é, portanto, a motivação da libertação trazida por Jesus, que, por sua vez, se reflete no material. Esta é a mensagem a ser transmitida: a salvação e a vida em Deus.

A transmissão da fé ocorre em meio à realidade vivida, voltada à libertação e à vida plena em Deus, a todos os homens, pelo conhecimento da verdade. Pois como destaca a *Donum Veritatis*, “a busca da verdade é inerente à natureza do homem, enquanto a ignorância o mantém em uma condição de escravidão” (DV, 1). A nova evangelização atende, portanto, ao conteúdo essencial da fé a ser transmitido, bem como aos métodos utilizados para sua transmissão, buscando que seu processo não se desvie do propósito libertador, que se realiza plenamente na Verdade que é Jesus Cristo. O conhecimento da revelação, essencial para a fé, acontece associando-se fé e razão, o que, em grande instância, se dá pela educação. É, pois, no intercâmbio e no diálogo entre as culturas que se define a forma de se manter o depósito da fé, e, ao mesmo tempo, de transmiti-la de maneira atualizada.

A fim de que as culturas sejam respeitadas e a Tradição seja mantida na transmissão da fé, questiona Theobald: “como ficarão as próximas orientações da Igreja”?¹⁵⁰. É o que se pretende verificar a seguir, tomando-se por base a recepção do estilo conciliar na Igreja hoje, com o Papa Francisco, para, em seguida, se passar à análise da educação superior nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*.

2.2 A recepção do estilo conciliar pela Igreja até os dias de hoje

A partir do significado do estilo do Vaticano II e de suas características, interessa saber de que forma vem acontecendo a recepção do etilo do Vaticano II pela Igreja, em especial na América Latina, para a transmissão da fé.

Inicialmente, cumpre esclarecer o que significa recepção do estilo do Vaticano II. Sobre isso, Rivas cita a definição de Yves Congar, que entende recepção como “o processo pelo qual

¹⁵⁰ THEOBALD, 2012, p. 230.

um corpo eclesial realmente endossa uma determinação que ele não se deu [...] e que combina com sua vida”¹⁵¹. Recepção implica, portanto, consentimento, o que ocorre quando se percebe que os recursos espirituais originais colocam em risco a vida do corpo social a que se pertence. Tal consentimento depende de um caminhar que demanda tempo e crescimento da compreensão da mensagem transmitida, e que se reflete na situação em que se encontra. Conforme diz o Papa Francisco, “é lá, no meio dos caminhos poeirentos da história, que o Senhor vem ao teu encontro”¹⁵². O Senhor é encontrado em meio ao caminhar da história de cada um, e não distante dela, sob a ação do Espírito Santo, dando sentido à vida da pessoa. Portanto, recepção é o processo de consentimento a partir do significado do fato que ocorre no tempo, em uma história pessoal e social.

E como entender a recepção do Vaticano II? Segundo Rivas, “falar de recepção na perspectiva do Vaticano II significa relacionar esse grande evento para a vida da Igreja com duas outras características constitutivas do mesmo evento: o seu estilo e seu caráter pastoral”¹⁵³. O caráter pastoral e o estilo do Vaticano II marcam, portanto, a recepção do Concílio, dando novo sentido à vida da Igreja.

Esse estilo trazido à Igreja pelo Vaticano II, segundo O’Malley, é “um estilo menos autocrático e mais colaborativo, um estilo que está disposto a ouvir e levar em conta diferentes pontos de vista, [...] (inclusive) com outras instituições fora da comunidade católica”¹⁵⁴. Uma forma de agir menos autocrática e mais colaborativa para as tomadas de decisão é a marca do estilo do Concílio, e esse novo estilo é recebido aos poucos pela Igreja, a partir do reconhecimento de que faz sentido à vida do corpo social em caminho.

Assim, a recepção do Concílio, mais propenso ao diálogo, não é assimilada por alguns participantes de forma tão pacífica, nem tão de imediato. Pelo contrário, por vezes, o novo estilo é até motivo de discórdia, conforme relata O’Malley: “O primeiro confronto aberto [...] ocorreu em meados de novembro de 1962, sobre o documento *De fontibus revelationis* [...] Esse documento continha expressões como: ‘Não se atreva a dizer’ [...] que contrastavam com o estilo do Concílio”¹⁵⁵. Os confrontos existiram no Concílio devido à postura autocrática adotada até então pela Igreja, e seus defensores ocasionavam certa resistência ao novo estilo, com

¹⁵¹ RIVAS, publicação próxima, p. 5.

¹⁵² FRANCISCO, PP, 2018, p 15-22.

¹⁵³ RIVAS, publicação próxima, p. 1.

¹⁵⁴ O’MALLEY, 2006, p. 31, tradução nossa.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 21. (tradução nossa).

dificuldades para abandonar o autoritarismo e abraçar o espírito de diálogo, acolhida e misericórdia¹⁵⁶.

A recepção do novo estilo, segundo Rivas, se dá por “uma práxis que busca abrir caminho, fazer a verdade, e que, por esse processo, rejeita qualquer suposto universalismo ortodoxo que torne a proposta abstrata e a-histórica. Receber é fazer história”¹⁵⁷. Portanto, é no caminhar do dia a dia da história que a recepção de um estilo vai ocorrendo, transformando a realidade, com frutos de libertação. Esse novo estilo implica uma espiritualidade que leva à santidade, segundo Rivas, com a “misericórdia e o amor a serem utilizados pela Igreja, para a abordagem da humanidade peregrina no mundo”¹⁵⁸.

A misericórdia e o amor no trato com a humanidade, propostos pelo novo estilo conciliar, se constituem, portanto, em caminho de santidade, que exige conversão e reconciliação¹⁵⁹. Conforme o documento *Dei Verbum*, “a tradição que deriva dos apóstolos progride na Igreja com a assistência do Espírito Santo, com a Igreja tendendo à plenitude da verdade divina ao longo dos séculos, até que nela sejam cumpridas as palavras de Deus” (DV, 8). O Espírito Santo é, portanto, quem conduz a Igreja para que a recepção do estilo do Concílio se torne vida na história, rumo à vida eterna. E, unidos, os seres humanos descobrem a verdade, passando a agir em prol do bem de todos, resolvendo seus problemas com amor, conduzidos pela ação do Espírito.

Recepção é, portanto, fazer história em constante discernimento dos “sinais dos tempos”, assumindo a defesa do Evangelho como seguimento de Jesus e transformando as condições de vida de forma a se tornarem mais dignas e fraternas. Nesse caminhar, não faltarão obstáculos a superar, em particular quanto à transmissão da fé. Porém, conforme o Papa Francisco ensina na *Evangelii Gaudium*, “o tempo é mensageiro de Deus” (EG, 171) e nos dá paciência diante de situações desafiadoras, que aparecem ao longo caminho.

Assim, aguardar o tempo de Deus e reconhecer os sinais dos tempos é ao que alerta o Papa Francisco, enquanto convida à vivência da alegria do Evangelho, que inclui amor e

¹⁵⁶ “Os prelados sabiam que para obter-se uma abordagem positiva (do estilo do Concílio) seria necessário abandonar, ou pelo menos mudar radicalmente, a forma da maior parte dos projetos que eles tinham elaborado. De algum modo eles perceberam que isso significava abandonar ou modificar radicalmente a forma de falar de todos os Concílios anteriores” (O’MALLEY, 2015, p. 16).

¹⁵⁷ RIVAS, publicação próxima, p. 4.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 5.

¹⁵⁹ A *Lumen Gentium* introduziu a palavra santidade, dedicando-lhe um capítulo inteiro. “Duvido que os prelados no Concílio tenham percebido o quanto essa palavra rompeu radicalmente com a tradição. Os Concílios anteriores estavam preocupados com o comportamento perceptível, bom ou ruim. Este, ao contrário, preocupa-se com outra coisa, algo profundamente mais cristão. A santidade tornou-se um dos temas principais do Concílio e a melhor expressão do que ele pretendia realizar. Uma vez que a santidade tinha entrado no vocabulário, a ‘consciência’ teve que vir logo atrás, outra surpreendente ruptura com a tradição dos Concílios” (O’MALLEY, 2015, p. 18).

misericórdia. É na história de vida que a transmissão da fé ocorre e o Reino vai se instaurando em meio ao povo de Deus pela vivência da alegria do Evangelho.

2.2.1 A recepção do estilo do Vaticano II na Igreja com o Papa Francisco: caminho para a transmissão da fé

A maneira como vem ocorrendo a recepção do estilo do Vaticano II pela Igreja, em particular na América Latina, desperta a pergunta: como esse estilo repercute na transmissão da fé? Para responder à indagação, investigam-se as orientações do Papa Francisco para a evangelização no mundo de hoje, que refletem a recepção do estilo conciliar no seu pontificado.

O Papa Francisco chama a Igreja a viver a alegria do Evangelho que Jesus nos trouxe e a levá-la a todos. Porém, em meio à alegria do Evangelho, Francisco alerta também às dificuldades que poderão ocorrer, especialmente em decorrência das situações de violência que perduram enquanto não houver a inclusão dos excluídos em uma sociedade mais justa e fraterna (EG 59). Quando um mal se instala, sempre leva a situações de morte. Perante esses desafios, o Papa chama ao amor e à misericórdia.

Assim, após mais de 50 anos da abertura do Concílio, o estilo conciliar, de reconciliação com amor e misericórdia, reaparece com força especial com o Papa Francisco. Segundo O'Malley, “com a eleição para o papado de Jorge Mario Bergoglio, a reconciliação assumiu, de um dia para o outro, uma tal proeminência na agenda papal como nunca tinha tido desde o pontificado de João XXIII”¹⁶⁰. A reconciliação da Igreja com a humanidade é a marca do pontificado de Francisco¹⁶¹. Diz ainda O'Malley: “seguindo o exemplo do Papa João XXIII, Francisco atualiza a missão de reconciliação”¹⁶². O Papa Francisco traduz ao mundo de hoje, em ações de misericórdia, uma Igreja que é mãe amorosa de todos, chamando assim a Igreja à reconciliação com a humanidade¹⁶³.

¹⁶⁰ O'MALLEY, 2015, p. 19.

¹⁶¹ Num mundo devastado pela discórdia, pelas guerras, por ameaças da proliferação nuclear, por blogs vomitando ódio, pela globalização da indiferença diante do sofrimento dos outros, mesmo quando acontece em grande escala, “o Papa Francisco leva a sério a nova missão de reconciliação que o Concílio deu à Igreja. [...] A antiga missão de reconciliação! O Vaticano II simplesmente nos lembrou dela. Em palavra e ações o Papa Francisco está nos mostrando que ele a leva a sério. Ele leva a sério a missão mais antiga e fundamental da Igreja, que o Concílio, seguindo o exemplo dado pelo Papa João XXIII, tentou simplesmente atualizar” (O'MALLEY, 2015, p. 21).

¹⁶² *Ibidem*.

¹⁶³ Enquanto o Concílio Vaticano II estava acontecendo, “Bergoglio era um jovem jesuíta na distante Argentina. Tudo o que ele conheceu ou aprendeu sobre o Concílio foi, na melhor das hipóteses, de segunda mão. No entanto, suas palavras e feitos como Papa indicam que ele interiorizou plenamente as orientações básicas do Concílio. Pode ser que a sua não participação tenha se tornado, de fato, uma vantagem. Pode-se argumentar que seus antecessores nunca puderam livrar-se plenamente das batalhas travadas durante o Concílio. Francisco estava livre dessas batalhas e dessas memórias. Ele parece nos pedir para dar um passo atrás, deixar de lado as memórias das guerras

Logo após sua eleição, o Papa Francisco mostra que o diálogo será a marca do seu pontificado. Ressalta O'Malley: “Quando Bergoglio criou a Comissão de Cardeais para aconselhá-lo na ampla gama de assuntos da Igreja, parecia sugerir que o diálogo dentro da Igreja seria a característica proeminente de seu pontificado, como também pelo diálogo com aqueles que estão fora da Igreja”¹⁶⁴. O Papa Francisco conta sempre com o aconselhamento de seus colaboradores nas decisões da Igreja. Ainda, em época mais recente, no Sínodo Extraordinário sobre a Família em 2014, Francisco incentivou o mundo ao diálogo com a Igreja, “ao insistir que os participantes falassem honestamente e, em seguida, ouvissem com atenção e com mentes abertas”¹⁶⁵. O Papa implementa com ternura o diálogo, junto à humanidade, ouvindo e sendo ouvido, pois, segundo O'Malley, “o diálogo é uma forma de discurso que encoraja a reconciliação e torna o coração terno”¹⁶⁶. E assim, por meio do diálogo, o Papa busca com ternura a reconciliação da humanidade com a Igreja nos dias de hoje.

No início do seu pontificado, Francisco pede que a alegria do Evangelho seja proclamada ao mundo e exorta a Igreja à nova evangelização. Pois os que se encontram com Jesus ficam com o coração preenchido de alegria, e essa alegria extravasa em obras de amor e fraternidade. Diz o Papa Francisco: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG, 1). A alegria de quem se encontra com Jesus liberta a pessoa da tristeza, ao mesmo tempo que a alegria extravasa e conduz à vivência da mesma alegria, em Jesus, junto aos demais.

Porém, em meio aos desafios dos dias atuais, para se viver a alegria do Evangelho, Francisco chama a Igreja a compreender os sinais dos tempos. Ressalta também o Papa a necessidade da escuta do Espírito nas manifestações de fé para, assim, realizar-se a transmissão da fé, já que a evangelização é obra de Deus e se realiza por mandato de Jesus, que promete estar com os que ensinam o Evangelho até o fim dos tempos (Mt 28, 19-20). Segundo Francisco: “À escuta do Espírito, que nos ajuda a reconhecer comunitariamente os sinais dos tempos [...] a nova evangelização interpela a todos” (EG, 14). A transmissão a fé acontece por obra do Espírito Santo, e se destina a todos, produzindo frutos de alegria em meio à humanidade.

litúrgicas, guerras culturais, guerras doutrinárias e outras guerras com as quais nos ocupamos nos últimos 50 anos e, agora, voltar nosso olhar para fora, para o mundo pós-moderno” (O'MALLEY, 2015, p. 19).

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 20.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

Quanto à nova evangelização, Francisco destaca três âmbitos em que a transmissão da fé deve ocorrer. Conforme afirma o Papa, é dever dos cristãos levar a Boa-Nova a todos (EG, 14), como quem partilha a alegria de um “banquete apetecível” (EG, 14), agindo por atração e não por proselitismo, tanto aos de dentro como aos de fora da Igreja: primeiro, aos que já frequentam a comunidade, segundo, aos que não vivem as exigências do Batismo, e, terceiro, aos que não conhecem Cristo ou que o recusam, pois todos têm o direito de receber o Evangelho. Com o anúncio do evangelho nesses três âmbitos, o Papa Francisco convida a todos para receberem a alegria do Evangelho, como quem recebe a oferta de um “banquete apetecível” (EG, 14).

É certo que a Igreja vive hoje a alegria espiritual da nova evangelização. Porém, ao lado dos motivos para a alegria, a transmissão da fé também vem passando por várias provações e desafios, que tornam vivas as palavras de Simeão: “Este menino está posto para ruína e para ressurreição de muitos, e será sinal de contradição” (Lc 2, 34). Contradições sempre existirão. Porém, disse Jesus: “Quem não está comigo, está contra mim; e quem não recolhe comigo, dispersa” (Lc 11, 23). É preciso estar com Jesus em meio aos desafios da vida para que a transmissão da fé se realize pelo anúncio e pelo testemunho de vida.

É em meio às situações de desafios e contrários, e de crise da transmissão da fé, que a Igreja cumpre a missão de sua transmissão no mundo de hoje. Diz o Papa Francisco que, nesta viragem histórica em que vivemos, “são louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas. [...] Todavia, não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências” (EG, 52). Há de se notar que aumentam as doenças, trazendo novas dificuldades, e a alegria de viver frequentemente se desvanece frente à falta de respeito e de violência, com a desigualdade social tornando-se cada vez mais evidente. Em paralelo, a transmissão da fé traz esperança no contexto de contrários em que vive a humanidade.

Assim, em meio aos sucessos da ciência, situações de contrários ocorrem quando muitos são privados de partilhar os avanços científicos. Nesse contexto de contrários, a Igreja enfrenta sérios desafios para a nova evangelização, conforme destacados por Francisco, tais como: os ataques à liberdade religiosa; a indiferença relativista; a deformação ética; os novos movimentos religiosos; a crise cultural da família, dentre outros.

Francisco define os desafios à nova evangelização como características da crise que afeta a liberdade religiosa e a transmissão da fé. Segundo o Papa Francisco, vive-se hoje uma “generalizada indiferença relativista, relacionada com a desilusão e a crise das ideologias, como reação a tudo o que pareça totalitário” (EG, 61). O grande mal do século é a indiferença das

pessoas frente às responsabilidades pessoais e sociais. “Cresce uma deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social” (EG, 62), onde tudo é relativo e só interessa o que é útil à pessoa¹⁶⁷. Daí decorre “a proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus” (EG, 63). O que se busca nesses casos, em termos de religião, é a retribuição imediata de pedidos vantajosos.

Tudo isso afeta a família, que vem atravessando uma crise cultural profunda, como também as demais comunidades sociais. “No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade” (EG, 66). O que se vive em família é reproduzido em sociedade, já que é da família que se carregam os valores aprendidos. Ademais, salienta o Papa Francisco, uma tarefa especial é destinada aos teólogos, dentre tantos outros, que respondem às questões de hoje: “ajudar a reconhecer o possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja” (EG 104). A forma de atuação da mulher na Igreja representa grande força para a transmissão da fé, com sua sensibilidade frente aos desafios atuais, e muitas vezes essa força é menosprezada ou até mesmo esquecida.

Para enfrentar os desafios à transmissão da fé, segundo o Papa Francisco (EG, 52-59), a Igreja age em meio a um contexto de contrários: de um lado, grandes avanços qualitativos e quantitativos possibilitam o desfrute, por uma parcela da população, do progresso científico, de inovações tecnológicas e suas aplicações em aspectos da natureza e da vida. De outro lado, muitos ficam à margem dos avanços científicos e tecnológicos, haja vista a era do conhecimento e da informação ser fonte de novas formas de opressão, que provocam um sistema de exclusão, especialmente aos idosos e às tantas pessoas que passam fome, com grande parte da população vivendo sem trabalho e tantos sem condições de sobrevivência.

Segundo o Papa Francisco (EG, 52-59), agrava-se a cultura do descartável, na qual os excluídos são considerados como sobra em meio à globalização da indiferença, tornando as pessoas insensíveis diante do drama dos outros, já que a cultura do bem-estar chega a anestesiá-los; criam-se novos ídolos como o dinheiro, o consumo e a ganância do ter, o que ocasiona a corrupção, a ambição do poder e o aumento dos benefícios próprios.

¹⁶⁷ Segundo o Papa Francisco, “vivemos numa sociedade da informação que nos satura indiscriminadamente de dados, todos postos ao mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. Portanto, é necessária uma educação que ensine a pensar criticamente, e com amadurecimento nos valores” (EG, 64).

Diante do cenário de contrários, o Papa Francisco clama à sua superação por meio da nova evangelização e da transmissão da fé, pois sempre há um feixe de luz na escuridão. Segundo o Papa Francisco, “a alegria não se vive da mesma maneira em todas as circunstâncias da vida, por vezes muito duras. [...] Mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados” (EG 6). A alegria sempre permanece quando temos a certeza de que somos amados por Deus. Assim, o Papa Francisco encoraja a transmissão da fé no amor de Deus por nós: “nossa imperfeição não deve ser desculpa (para não agirmos); pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade” (EG 126). O chamado e o amor de Deus nos impelem à missão da transmissão da fé.

Diante dos desafios de hoje, ao sairmos a evangelizar, impelidos pela missão, o Papa alerta sobre a importância de a transmissão da fé ocorrer aliada à razão. Segundo o Papa Francisco, “a fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus” (EG, 191). A fé e a razão provêm de Deus. Por isso, ambas são grandes aliadas na transmissão da fé. Segundo Francisco, “a evangelização está atenta aos progressos científicos para os iluminar com a luz da fé e da lei natural” (EG 242). O progresso científico, iluminado pela fé, é guiado pelo respeito ao ser humano em todas as fases de sua existência. A Igreja alegra-se, portanto, ao reconhecer o enorme potencial que Deus deu à mente humana para chegar à verdade, vislumbrando o valor da ciência iluminada pela fé.

O Papa Francisco destaca também a importância da vida de oração para a transmissão da fé. Diz o Papa: “a leitura orante da Bíblia não está separada do estudo [...] antes pelo contrário, é dela que se deve partir para procurar descobrir aquilo que a mensagem tem a dizer à sua própria vida” (EG 152). Pela oração, a mensagem de Deus nos é transmitida no estudo da Palavra de Deus.

Enfim, se pensamos que as coisas não vão mudar diante dos desafios, o Papa Francisco chama a atenção ao exemplo de Jesus, que triunfou sobre o pecado e a morte. Diz o Papa: “recordemos que Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e possui todo o poder [...] Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia” (EG, 275). O poder de Jesus, que venceu todos os desafios, até a morte, nos encoraja a seguir na missão, e segue nos guiando pela ação Espírito Santo para a transmissão da fé atualmente.

Nesse caminhar, ao se viver os valores de autêntico humanismo cristão, conforme ensina o Papa Francisco (EG, 68), semeia-se o Espírito Santo em uma cultura que é evangelizada para

a solidariedade, com uma forma de vida justa e fraterna (EG 87). Porém, há de se respeitar o tempo em que os frutos irão brotar, pois, segundo Francisco, “toda a cultura e todo grupo social necessitam de purificação e amadurecimento” (EG 69), especialmente para que sejam curados das suas mazelas pelo Evangelho. O Espírito Santo é, portanto, a força que faz superar os desafios, em especial nesse processo de reconciliação, em que a transmissão da fé produz seus frutos perante os desafios do mundo de hoje.

O Papa Francisco ressalta, também, como meio para a superação dos desafios à transmissão da fé, a promoção de uma autêntica piedade popular baseada na dignidade social e na formação dos fiéis (EG 70). A fé leva a descobrir que Deus habita na vida do povo, onde quer que ele esteja, promovendo a fraternidade e o desejo do bem comum. Segundo o Papa Francisco: “Precisamos identificar (os sinais dos tempos) a partir de um olhar de fé que descubra Deus que habita nas casas, nas ruas, nas praças [...] Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça” (EG 71). Deus age em meio ao povo que O busca com coração sincero, mesmo que o faça de maneira incerta e imprecisa, com esperança de vida nova.

Deus vive entre o povo e é em meio ao povo que precisa ser descoberto e transmitido. Porém, não de maneira ingênua, mas cientes dos desafios a se enfrentar. Perante os desafios do mundo de hoje, o Papa Francisco recorda que, já na época em que se realizou o Concílio Vaticano II (1962), João XXIII alertava sobre a situação de contrários, que desafiava a humanidade, sendo que, mesmo depois de 2000 anos da vinda de Jesus, vários problemas permanecem como na época em que Ele esteve entre nós: por um lado, Cristo brilha na história, com alguns homens desfrutando de sua luz; e, por outro, não poucas pessoas vivem sem encontrá-lo, tornando-se motivo de confusão, causando aspereza nas relações humanas e perigos contínuos (GME, 5). E assim permanece a humanidade até hoje: alguns vivendo a alegria do Evangelho e outros não encontrando a luz de Cristo. Daí a necessidade da transmissão da fé nos dias de hoje, pois, como diz o Papa Francisco, “com Jesus renasce sem cessar a alegria” (EG, 1). E a motivação para evangelizar é o amor que encontramos em Jesus, derivada da experiência de sermos amados e libertos por Ele.

Essa é a verdade que não passa, capaz de penetrar até mesmo onde nada mais pode chegar. Transmitir a fé com ardor só é possível a partir da experiência de libertação que Cristo traz, o que acontece no caminhar da história, ao se falar com ele e se viver com ele no hoje da

história¹⁶⁸. Pois ninguém continua sendo o mesmo após conhecer Jesus, mas o “segue por outro caminho” (Mt 2,12).

Segundo o Papa João XXIII, para que a transmissão da fé em Jesus atinja as diversas áreas da realidade humana, é necessário que “a Igreja não se aparte do patrimônio sagrado da verdade [...] e, ao mesmo tempo olhe para o presente, para as novas condições e formas de vida” (GME, 5). Jesus leva alegria e bondade onde quer que Ele se encontre, agindo em meio à história dos homens. E é na história que a fé é transmitida.

Assim que acontece a recepção do estilo do Concílio na vida da Igreja, com ações de amor e misericórdia em meio aos desafios da vida. O Papa Francisco encoraja os evangelizadores a vencer o desânimo perante os desafios do mundo atual. São palavras do Papa Francisco: “Os males do nosso mundo — e os da Igreja — não deveriam servir como desculpa para reduzir [...] o nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer” (EG, 84). Além disso, o olhar daquele que crê é capaz de reconhecer a luz do Espírito Santo em meio à escuridão, pois, lembrando as palavras de São Paulo, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20). A presença do Espírito dá força e esperança para se superar os obstáculos que se apresentam à transmissão da fé, já que, segundo o Papa João XXIII, “tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja” (GME, IV, 3.4). Com tal certeza, vencendo as adversidades, os evangelizadores prosseguem na missão de transmissão da fé para o bem da Igreja e de toda a humanidade.

É por essa razão que o Papa Francisco nos chama a sermos uma Igreja “em saída” para a transmissão da fé, convidando todos, em especial os excluídos, a sermos comunidade de discípulos missionários, que “primeira” (EG, 24), ou seja, que toma a iniciativa, se envolve, acompanha, frutifica e festeja, oferecendo misericórdia. Segundo o Papa Francisco: “a comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo [...] para convidar os excluídos” (EG 24). Como discípulos missionários, somos a Igreja em saída, enviados a oferecer misericórdia para que outros se convertam a Jesus e festejem sua vitória. Pois, diz Francisco, “a comunidade evangelizadora jubilosa [...] celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização, no meio desta exigência diária de fazer avançar o bem” (EG, 24). A alegria e o

¹⁶⁸ “Uma vez que o bem comum da sociedade humana está ao serviço das pessoas, os meios de ação devem ser conformes à dignidade do homem e favorecer a educação da sua liberdade. Este é um critério seguro de julgamento e de ação: não haverá verdadeira libertação se, desde o princípio, não forem respeitados os direitos da liberdade” (Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução *Libertatis Conscientia*. Sobre a liberdade cristã e a libertação. 1986, n. 76).

bem levam a festejar as vitórias que são alcançadas em Deus, em prol do bem de todos e da glória de Deus, o que ocorre pela transmissão da fé.

Cada um de nós, a seu modo, segundo Francisco, “há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede para sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, 20). Os meios para se transmitir a fé são diversos e serão discernidos no caminhar da história, pois, segundo o Papa, “a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG 21). Assim, a Igreja em saída “vive um desejo inexaurível de oferta de misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva” (EG 24). Desta forma se realiza a transmissão da fé: quem experimenta a misericórdia do Pai, leva-a sem cessar aos irmãos, pelos meios por ele discernidos a cada situação e comunidade.

Nesse caminhar, segundo o Papa Francisco, a Igreja “às vezes põe-se à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes mantém-se simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deve caminhar atrás do povo” (EG, 31). Com diálogo e acompanhamento aos mais necessitados, a misericórdia é exercida na Igreja, conforme as situações exigidas por cada um.

Assim, a recepção do Papa Francisco ao estilo do Vaticano II é o eco do que destaca O'Malley, de que o amor e a misericórdia são a linha mestra do Concílio para a ação pastoral da Igreja, como também é para o Papa Francisco¹⁶⁹. O'Malley destaca as palavras do Papa Francisco, no discurso aos sacerdotes, quando instituiu o Ano Santo da Misericórdia: “Nunca tenham medo da ternura”¹⁷⁰. O amor e a ternura são, portanto, as linhas mestras para a transmissão da fé, que faz superar todo medo e tremor. Para o Papa Francisco, “o que conta é, antes de mais nada, a fé que atua pelo amor” (EG, 37). As obras de amor e ternura ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito. Por isso, a misericórdia e o amor são as maiores de todas as virtudes e, com elas, pela transmissão da fé, podemos debruçar-nos sobre os outros para remediar suas misérias.

Em suma, o pontificado do Papa Francisco demonstra a recepção do estilo do Concílio Vaticano II para a transmissão da fé, guiada pelo amor e pela misericórdia, na Igreja aberta a todos, como mãe amabilíssima, atenta aos sinais dos tempos, a partir do diálogo com o mundo atual.

¹⁶⁹ Os atos do Papa Francisco falam ainda mais alto que suas palavras. Basta lembrar como, logo depois de eleito, ele lavou os pés de uma mulher muçulmana na prisão; ou sua visita a Lampedusa, poucos meses depois, sua primeira viagem para fora de Roma, gesto espontâneo e sincero de compaixão e ternura (O'MALLEY, 2015, p. 21).

¹⁷⁰ *Ibidem*.

Mais do que renovar condenações, em seguimento ao Concílio, o Papa Francisco pretende apresentar a doutrina que convence pela sua validade, voltada à promoção da dignidade da pessoa. Importa ao Papa Francisco “indicar caminhos para o percurso da Igreja” (EG V, 1) para a transmissão da fé. Assim, o Papa Francisco aponta como caminho principal o diálogo com o mundo, para que a fé seja transmitida a todos, convidando a humanidade à vivência da alegria do Evangelho (EG, 1).

Seguindo o modelo da revelação divina, em que o próprio Deus se dirige aos homens e com eles fala como a amigos (DV, 2), também com o Papa Francisco impera o diálogo para a transmissão da fé. Segundo Sesboüe, na Revelação “prevalece a linguagem da comunicação, do encontro, do relacionamento e do convite à comunhão”¹⁷¹. A comunicação pelo diálogo é, portanto, a forma que Deus utiliza para comunicar-se com os homens, e o faz como a amigos. Tal é o modelo para a transmissão da fé adotado pelo Papa Francisco: o diálogo, o amor e a misericórdia na ação da Igreja nos tempos atuais.

Mesmo diante dos desafios que existem à transmissão da fé, o Papa Francisco aponta o caminho para sua superação. A solução é “o modo de nos relacionarmos com os outros [...] numa fraternidade [...] que sabe descobrir Deus em cada ser humano [...] que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu bom Pai” (EG, 92). Descobrir Cristo no próximo, buscando a sua felicidade, como o deseja Deus Pai, gera frutos de fraternidade e solidariedade, e esse é o caminho para a transmissão da fé nos dias de hoje, no desejo de felicidade partilhada, fazendo o bem aos outros, na fraternidade e solidariedade, que sabe superar a crise do nosso tempo, em especial a crise de fé.

2.3 A transmissão da fé no ensino superior segundo as Constituições *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), com base no estilo do Concílio Vaticano II

Diante da recepção do estilo conciliar pela Igreja nos dias de hoje, em especial com o Papa Francisco, busca-se conhecer: de que forma esse estilo se reflete na educação superior? Nesse sentido, investiga-se como ocorre a transmissão da fé, segundo o estilo do Concílio, nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017).

A transmissão da fé na educação, conforme preconizado pelo estilo conciliar, é identificada na forma de se possibilitar ao educando pensar criticamente e caminhar rumo à liberdade, à fraternidade e à solidariedade, a partir da descoberta de Deus no próximo. Esse

¹⁷¹ SESBOÛE, 2006, p. 425.

caminho se vislumbra nas instituições de educação, como figuras da Igreja que são na sociedade. Haja vista, ainda hoje, na maioria das culturas, a Igreja ser uma instituição credível e confiável no âmbito da solidariedade e fraternidade, com preocupação pelos mais pobres, medianeira da concórdia e da paz. Muitos mestres cristãos, exemplos do Cristo vivo, possibilitam que se reconheça Cristo no outro, ao buscar curar as feridas dos necessitados, construir pontes, estreitar laços e ajudar “a carregar os fardos uns dos outros” (Gl 6, 2). Com isso, hoje em dia, surgem muitas formas de defesa dos direitos, como fruto de uma educação fundamentada nos princípios cristãos.

Em comemoração aos 25 anos do Concílio Vaticano II (1962-1965), o Papa João Paulo II apresenta a Constituição *Ex Corde Ecclesiae* (1990), que traz orientações para a educação superior Católica. O mesmo acontece após 50 anos do Concílio, quando o Papa Francisco promulga a Constituição *Veritatis Gaudium* (2017), também sobre a educação superior. Pode-se observar, nesses documentos, a forma como acontece a recepção do estilo do Vaticano II, com orientações que se estendem à transmissão da fé pela educação, bem como a evolução de uma para o outro.

Assim, com o objetivo de se verificar até que ponto o estilo do Vaticano II vem sendo recebido pela educação, serão apresentadas as Constituições *Ex Corde Ecclesiae*, do Papa João Paulo II (1990), e a *Veritatis Gaudium*, do Papa Francisco (2017), com foco na transmissão da fé. Para isso, inicia-se com a análise da estrutura dessas Constituições, e, em seguida, busca-se identificar a evolução da recepção do estilo conciliar nos documentos citados.

2.3.1 Características da educação superior católica na *Ex Corde Ecclesiae* (1990), de João Paulo II, sob a perspectiva da transmissão da fé

Quanto às características da educação superior católica, identificadas na *Ex Corde Ecclesiae*, levantam-se oito aspectos, conforme especificados a seguir.

De início, como primeiro aspecto, verifica-se na *Ex Corde Ecclesiae* que a Universidade Católica, “nascida do coração da Igreja” (ECE, 1), é “esperança de um novo florescimento da cultura cristã [...] nos nossos tempos” (ECE, 2). Assim, a Constituição é um chamado à renovação das universidades católicas com vistas à investigação da verdade, para que a mesma aconteça sem condicionamento a qualquer tipo de interesse. Dessa forma, o empenho na investigação acerca da natureza, do homem e de Deus é balizado pela dignidade do homem e pela causa da Igreja (ECE, 4). A dignidade do ser humano e a causa da Igreja se

constituem, portanto, no guia para os estudos e a investigação da Universidade, com princípios definidos pela fé cristã.

Em segundo lugar, por seu caráter católico e universal, “a Universidade é mais capaz de fazer a investigação desinteressada da verdade [...] que não está subordinada nem condicionada por interesses de qualquer gênero” (ECE, 7). Nesse sentido, a fidelidade à verdade é a marca dos estudos e da investigação, guiados pelos princípios cristãos.

Como terceiro aspecto, destaca-se que a inspiração cristã da universidade “consente-lhe incluir a dimensão moral, espiritual e religiosa na investigação e avaliar as conquistas da ciência e da técnica na perspectiva da totalidade da pessoa” (ECE, 7). Ademais, os estudos universitários e a investigação científica são guiados pela Teologia e pela Filosofia, com uma “visão da pessoa e do mundo iluminada pelo Evangelho, portanto, pela fé em Cristo” (ECE, 16).

Dessa forma, evidencia-se como quarto aspecto o objetivo da universidade católica, qual seja, o de “garantir, em forma institucional, uma presença cristã no mundo universitário perante os grandes problemas da sociedade e da cultura” (ECE, 13). A partir do objetivo da universidade, identificam-se as características do ensino na instituição, com reflexos à transmissão da fé, quais sejam: primeiro, toda universidade católica deve ter orientação cristã (ECE, 12.1). Constitui-se, portanto, como princípio básico da universidade católica, a sua orientação com base na fé cristã. Segundo: a fé católica ilumina a reflexão do conhecimento humano, evidenciando “a reflexão incessante, à luz dessa fé, sobre o tesouro crescente do conhecimento humano” (ECE, 13.2). A reflexão sobre o conhecimento humano é, assim, iluminada pela fé católica. Terceiro: o trabalho educativo se mantém em “fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja” (ECE, 13.3). A fidelidade à mensagem cristã, conforme apresentada pela Igreja, é o princípio essencial do trabalho da universidade. Quarta e última característica: a instituição caminhará “ao serviço do povo de Deus e da família humana no seu itinerário rumo ao objetivo transcendente que dá significado à vida” (ECE, 13.4). O objetivo transcendente é a luz a conduzir o caminho da universidade a serviço de toda a humanidade. As características do ensino na universidade católica evidenciam, portanto, “a inspiração à luz da mensagem cristã” (ECE, 14), em que Cristo é o centro de toda universidade.

O quinto aspecto é que a investigação na universidade católica, ao atender os princípios cristãos, seja guiada pelos seguintes critérios de: 1. Integração do conhecimento, com diálogo entre a fé e a razão; 2. Preocupação ética, mantendo-se em uma perspectiva teológica (ECE, 15). Assim, a integração do conhecimento é balizada pela perspectiva teológica, que se

fundamenta na Palavra de Deus, por meio do diálogo entre fé e razão, mantendo-se a ética cristã.

Destaca-se também o sexto aspecto, qual seja, a particular responsabilidade dos bispos em “promover as Universidades Católicas, e, especialmente, segui-las e assisti-las” (ECE, 29). Os bispos participam da vida da universidade e sua orientação é essencial, para que a Igreja permeie a sociedade por meio das universidades.

Como sétimo aspecto, a universidade é instrumento do progresso cultural, com a investigação estudando os graves problemas da humanidade, em nível nacional e internacional, tais como “a dignidade da vida humana [...] a proteção da natureza [...] e a repartição mais equânime das riquezas do mundo [...] (para que) se sirva melhor a comunidade humana” (ECE, 32). Esses problemas contemporâneos encontram respostas na Palavra de Deus. Nesse sentido, especial atenção será dada às “dimensões éticas e religiosas” (ECE, 32) na universidade, que por vezes, deverá ter a coragem de “proclamar verdades incômodas, necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade” (ECE, 32). Mesmo que sejam incômodas, muitas vezes as verdades devem ser ditas, em função do bem da humanidade, em fidelidade à mensagem de Cristo.

Por fim, como oitavo aspecto, no sentido de se alcançar o bem de todos, muito contribui, na universidade, o diálogo com os mais diferentes campos da vida, como: o diálogo ecumênico e o inter-religioso (ECE, 47). E o diálogo do pensamento cristão com as ciências modernas, exigindo pessoas preparadas e com adequada formação teológica, “capazes de enfrentar as questões epistemológicas ao nível das relações entre fé e razão” (ECE, 46). Dessa forma, fé e razão balizam as discussões, que se realizam com o diálogo entre todos e com todos os tipos de saber. Assim, de modo particular, a universidade católica contribui para “manifestar a superioridade do espírito, e nunca pode [...] consentir em colocar-se ao serviço de qualquer outra coisa que não seja a procura da verdade” (ECE, 46). A busca da verdade, por meio do diálogo, orienta, portanto, toda a ação da universidade católica.

A partir da identificação das características da universidade, segundo a ECE, destacam-se a seguir quatro pontos básicos que apresentam a recepção do estilo do Vaticano II na Constituição *Ex Corde Ecclesiae*, com foco na transmissão da fé, a partir da sua comparação com o discurso *Gaudet Mater Ecclesia*.

Como primeiro ponto, destaca-se que a Igreja Católica, levanta “o facho da verdade religiosa” (GME, 3). A Constituição ECE tem por finalidade prioritária a orientação cristã da comunidade universitária, com vistas a “proclamar o sentido da verdade no seu nexos essencial com a Verdade suprema, que é Deus” (ECE, 4). A verdade é buscada por meio do diálogo entre

os vários saberes, com a finalidade de “enriquecimento recíproco” (ECE, 15). A universidade católica, pela sua própria orientação cristã, não separa a busca da verdade de Deus, pelo contrário, Deus garante a autenticidade dessa busca.

O segundo ponto sublinha que “o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V.1). A ciência é desenvolvida para “garantir que as novas descobertas sejam usadas para o bem autêntico dos indivíduos e da sociedade humana” (ECE, 7). O bem da pessoa e o da sociedade são vistos como o fim da educação superior católica. Tendo em vista o bem dos seres humanos e da sociedade, em geral, as descobertas são dirigidas pela verdade da doutrina cristã, tal como a apresenta a Igreja (ECE, 13). A fidelidade ao Magistério da Igreja é a base para a transmissão da doutrina cristã.

O terceiro ponto mostra que “esta doutrina, certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo” (GME, VI.5). A Constituição conclama a universidade à solução dos problemas da sociedade atual, com atenção às suas dimensões éticas e morais (ECE, 18). A teologia católica, “ensinada em plena fidelidade à Escritura, à Tradição e ao Magistério da Igreja” (ECE, 20), proporciona o conhecimento do Evangelho e dá sentido e dignidade à vida humana. A universidade católica espera dos seus membros não católicos, “o respeito do carácter católico da instituição na qual prestam serviço, enquanto a Universidade, por seu lado, respeitará a sua liberdade religiosa” (ECE, 27). O respeito é, portanto, a base da convivência entre todos, católicos e não católicos.

O quarto ponto destaca a melhor maneira para se apresentar a verdade, “que mais corresponda ao magistério” (GME VI,5). A coragem de proclamar muitas vezes verdades por vezes incômodas é necessária para salvaguardar o bem da sociedade. A verdade deve ser sempre proclamada para que o bem de todos seja garantido (ECE, 32). Assim, dispondo-se à aprendizagem e ao diálogo do pensamento cristão com as ciências modernas, a universidade coopera com o bem da sociedade, sendo necessário, para isso, o diálogo com as diferentes culturas. (ECE, 43, 46). O diálogo ecumênico e inter-religioso é especialmente fundamental para o respeito à alteridade e fundamenta a ação da universidade católica, com vistas à fraternidade (ECE, 47). Conforme os aspectos enunciados na *Ex Corde Ecclesiae*, vê-se que a identidade e a missão da universidade católica adotam a concepção do ser humano como pessoa fundamentada na fé e na razão. Esse entendimento sobre o ser humano é essencial para a compreensão da missão da universidade católica e se constitui no ponto comum do diálogo entre a ECE e a GME.

Outro documento com o qual a *Ex Corde Ecclesiae* pode ser comparada para sua conexão com o estilo do Vaticano II é a *Gravissimum Educationis* (1965). Nota-se que a

Constituição *Ex Corde Ecclesiae*, de João Paulo II (1990), caminha em paralelo à Declaração *Gravissimum Educationis* (1965) no que se refere às suas orientações.

Defende também a *Gravissimum Educationis* que os alunos das instituições cristãs “se façam homens verdadeiramente notáveis pela doutrina, preparados para aceitar os mais importantes cargos na sociedade e ser testemunhas da fé no mundo” (GrEd, 9). A verdade única é, portanto, a base da doutrina para a formação dos alunos, que a refletirão em suas atuações profissionais.

Se na *Gravissimum Educationis* se defende a formação dos alunos das instituições cristãs com base na verdade, o mesmo princípio é defendido na *Ex corde ecclesiae*, como se vê a seguir: 1. Garanta-se “aos seus membros a liberdade acadêmica na salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade no âmbito das exigências da verdade e do bem comum” (ECE, 12), e que a liberdade acadêmica seja guiada pela verdade em busca do bem comum; 2. Na universidade haja “uma Faculdade ou, ao menos, uma cátedra de teologia” (ECE, 19), para que a investigação seja balizada pela Palavra de Deus.

Assim, a renovação pedida pela ECE às universidades católicas corresponde à transmissão da mensagem cristã a todos os homens, nas diversas sociedades e culturas, já que “toda a realidade humana [...] foi libertada por Cristo [...] todos os filhos e todas as filhas da Igreja devem [...] descobrir como a força do Evangelho pode penetrar e regenerar as mentalidades e os valores dominantes” (ECE, conclusão). Dessa forma, a universidade católica tem como finalidade a ação salvífica da Igreja no mundo e esta é a meta para transmissão da fé no ensino superior. Dessa forma, segundo o *Instrumentum Laboris* “Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova”, a Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae* buscou “chamar a atenção para a importância de uma universidade católica, como instrumento privilegiado para se chegar à verdade sobre a natureza, sobre o homem e sobre Deus; e também para favorecer um diálogo franco entre a Igreja e todos os homens de qualquer cultura” (IL, 2). O foco da recepção do estilo conciliar na ECE para a transmissão da fé recai, portanto, na retidão da doutrina, adaptada aos dias atuais. A universidade católica coloca-se a serviço do povo de Deus e de toda a convivência humana por meio do ensino, da pesquisa e do serviço à comunidade, promovendo reflexão à luz da fé católica sobre as questões da humanidade, para que todos tenham acesso à verdade.

Após o estudo da ECE, passa-se à análise do prólogo da *Veritatis gaudium*, com o mesmo intuito de se identificar, nessa Constituição, primeiro as características da universidade e depois a recepção do estilo do conciliar, principalmente no que diz respeito à transmissão da fé na educação superior.

2.3.2 Características da educação superior católica na *Veritatis Gaudium* (2017), do Papa Francisco, para a transmissão da fé

A Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, do Papa Francisco (2017), que trata sobre as universidades e as faculdades eclesiais, apresenta as orientações da Igreja para o ensino superior. Dessa forma, buscam-se conhecer as características da universidade, constantes no prólogo da Constituição, e, depois, a recepção do estilo do Vaticano II no documento, em especial quanto à transmissão da fé.

De início, ressalta-se a orientação do Papa Francisco às faculdades eclesiais para abrirem seus estudos ao âmbito civil. Esse passo abre oportunidades aos leigos para o estudo da Teologia, até então dirigidas, em grande parte, ao clero. Nesse sentido, na VG, a universidade é chamada a uma radical renovação, que, para ser atingida, exige cinco características apontadas a seguir.

A primeira característica para sua renovação destaca a proclamação da alegria da verdade na universidade. Retomando Santo Agostinho, o Papa Francisco ressalta que “*a alegria da verdade (Veritatis gaudium)* é expressão do desejo ardente que traz inquieto o coração de cada ser humano enquanto não encontra, habita e partilha com todos a Luz de Deus” (VG, 1). A alegria é fruto da busca e da experiência de ter encontrado a verdade.

A segunda característica de renovação é a atenção ao desejo ardente de cada coração humano para chegar à alegria do Evangelho, com a *alegre mensagem transmitida e testemunhada com paixão sempre nova*. Diz o Papa: “A verdade [...] que é Jesus, o Verbo de Deus, em quem está a Vida que é a Luz dos homens [...] a Igreja [...] deve testemunhar e anunciar, sem interrupção e com uma paixão sempre nova, na sua missão” (VG, 1). Essa nova paixão na transmissão da fé guia a renovação dos estudos e pesquisas.

A terceira característica impõe-se no sentido de uma “mudança radical de paradigma” para a “corajosa revolução cultural”, com a “renovação do sistema dos estudos eclesiais” (VG, 3). A renovação apontada realiza-se à luz da Tradição, com a mesma doutrina de Jesus a ser transmitida, porém, com novos métodos e nova forma de apresentação, em conformidade com os dias atuais. Os centros de estudos superiores, como lugar de formação qualificada, interpretam a realidade à luz de Jesus, guiados pelo Espírito, com estudiosos e teólogos transmitindo ensinamentos que se refletem na transformação das situações vivenciadas para o bem de toda humanidade. Para o Papa Francisco, como em um “laboratório cultural, a Igreja faz exercício da interpretação performativa da realidade que brota do evento de Jesus Cristo e

que se alimenta dos dons da Sabedoria e da Ciência dos quais o Espírito Santo enriquece em várias formas todo o Povo de Deus” (VG, 3). A realidade é enriquecida quando as respostas às suas questões são guiadas pela luz do Espírito Santo, na investigação da universidade.

Como quarta característica da universidade, segundo o documento, destaca-se que a finalidade da investigação científica é o serviço da humanidade, cuidando da natureza, defendendo os pobres e construindo uma rede de respeito e de fraternidade. Nesse sentido, interagem, segundo o Papa Francisco, “estudiosos provenientes dos vários universos religiosos e das diferentes competências científicas, de modo a estabelecerem diálogo entre si” (VG, 5). Assim, a educação requer uma renovação, para que os estudos superiores se concentrem em favor dos pobres e da natureza, com vistas ao respeito e à fraternidade universal.

A quinta característica de uma universidade renovada é a *elaboração de instrumentos intelectuais úteis para a transmissão da fé, diante do pluralismo ético e religioso*. Segundo o Papa Francisco, os estudos superiores “não se podem limitar a transferir conhecimentos, competências e experiências [...] mas devem abraçar a tarefa urgente de elaborar instrumentos intelectuais úteis para o anúncio num mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso” (VG, 5). Com a reformulação dos procedimentos destinados à finalidade da investigação científica ao bem do mundo atual, a universidade se renova, para transmitir a fé em Jesus com instrumentos úteis à realidade de hoje.

O ensino e a investigação na universidade renovada, que se preocupa em gerar resultados performativos para a vida da humanidade, atende a cinco critérios, com reflexos à transmissão da fé, segundo o documento.

O primeiro critério do ensino e da investigação é o da *alegria do Evangelho experimentada na vida da humanidade*. Segundo o Papa Francisco, “a feliz notícia, sempre nova e fascinante do Evangelho de Jesus, cada vez mais e melhor vai-se fazendo carne na vida da Igreja e da humanidade” (VG, 4, a). A transmissão da fé pelo anúncio da alegre notícia do Evangelho é ensinada nos estudos superiores, com vistas a ser experimentada na história e na vida do povo de Deus.

O segundo critério é do *diálogo para a busca e a vivência da Verdade*. Para o Papa Francisco, “o diálogo sem reservas [...] (é) exigência para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas” (VG, 4, b). O diálogo propicia à comunidade o conhecimento e a experiência da alegria da Verdade, com implicações práticas.

O terceiro critério é o da *Revelação divina, em Jesus Cristo, perpassando todas as investigações e conduzindo à unidade do saber na universidade, em prol do bem de todos*. As

diferentes investigações, “exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação” (VG, 4, c), com a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade guiadas pela Palavra de Deus, são fontes de unidade dos diferentes saberes. A “pluralidade de saberes, correspondente à riqueza multiforme da realidade, na luz patenteada pelo evento da Revelação [...] em Cristo Jesus” (VG, 4, c), oportuniza as descobertas das diferentes ciências em prol do bem de todos.

O quarto critério é o da *fraternidade universal* como alvo da universidade, assumindo-se nela o rosto das diversas culturas, e, ao mesmo tempo, mantendo-se fiel ao Evangelho e à tradição eclesial, *com vistas ao respeito à natureza e em prol dos pobres*, e da felicidade de todos. A fraternidade universal é o alvo a ser atingido na universidade, já que “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens” (VG, 4, d). As redes de fraternidade entre as várias instituições possibilitam que a transmissão da fé chegue a todos, concebendo “o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum” (*Laudato Si'*, 164). Em um mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso, a Igreja e, assim, a universidade, busca “comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode dar quando a perfeição não é possível” (VG, 5). No empenho de que o Evangelho seja escutado por todos, a Igreja visa manter “o cuidado da natureza, a defesa dos pobres e a construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5). A fraternidade universal é, pois, o alvo a ser atingido pela universidade, privilegiando-se o cuidado da natureza e a defesa dos pobres.

O quinto e último critério do ensino e da investigação para a renovação da universidade refere-se à “*dimensão social da evangelização*” (VG, 4, a) derivada da fraternidade universal, que propicia a felicidade de todos, com ações de solidariedade em prol dos mais pobres e necessitados e o respeito à natureza. Segundo o Papa Francisco, a fraternidade faz “descobrir Deus em cada ser humano, tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus e abrir o coração ao amor divino, na procura a felicidade dos outros” (VG, 4, c). Deus é encontrado em meio à fraternidade. Dessa forma, sob o impulso do Vaticano II, com o resgate da dimensão social da evangelização pelo Papa Francisco, a Igreja assume uma renovada presença na história por meio da universidade, adquirindo o rosto das diversas culturas, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel à transmissão do Evangelho e à tradição eclesial, com efeitos na realidade histórica do povo.

Mantendo as características da universidade e os critérios para o ensino e para a investigação, conforme a VG, as instituições superiores de ensino atendem à necessidade de reformulação, indo além da transmissão de conhecimentos, de competências e de experiências, abraçando a tarefa da transmissão da fé pelo anúncio do Evangelho, com efeitos

transformadores na vida da comunidade. Dessa forma, levando em conta o princípio da encarnação, com a fé encarnada na vida das pessoas, os estudos eclesiais prestarão sua contribuição e poderão elucidar de forma nova e realista a sua tarefa. Pois a Teologia e a cultura de inspiração cristã só estiveram à altura da sua missão quando souberam viver em meio às aflições do povo. Segundo Francisco: “as questões do nosso povo [...] possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos deveras levar a sério o princípio da encarnação” (VG, 5). As questões do povo nos ajudam a nos aprofundar na Palavra de Deus, o que exige o diálogo e a comunhão com o povo, em prol do pobre e excluído. Assim, a renovação das universidades e das faculdades eclesiais ocorre sob o ponto de vista “cultural, espiritual e educativo [...] que nos guia, ilumina e sustenta na fé jubilosa e inabalável em Jesus crucificado e ressuscitado, centro e Senhor da história” (VG, 6). A universidade, assim, vai além da transmissão de conhecimentos, gerando efeitos transformadores na história de vida do seu povo.

Em suma, vê-se que a mudança exigida à universidade, conforme o Papa Francisco, baseia-se no anúncio e no testemunho da alegria da verdade, já que ela atende ao desejo de todo coração humano. O anúncio e o testemunho da alegria da verdade, realizados com paixão sempre nova, favorecem a performatividade da realidade, fazendo-se carne na vida do povo, por meio do diálogo entre os seres humanos, para a busca e a vivência da Verdade. Nesse sentido é que a investigação se estabelece na universidade, por meio do diálogo de estudiosos dos vários universos religiosos e diferentes competências científicas, à luz da Revelação. Como consequência, as investigações promovem a fraternidade universal ao assumir o rosto das diversas culturas, em fidelidade ao Evangelho e à tradição eclesial, com vistas a atender às necessidades do nosso tempo, com o respeito à natureza e à realidade dos pobres, para a felicidade de todos. Na vivência da fraternidade, descobre-se que Deus está em cada ser humano, o que possibilita tolerar as moléstias da convivência, abrindo-se o coração ao amor divino, na procura da felicidade dos outros.

Assim, a partir das características da universidade na *Veritatis Gaudium*, destacam-se a seguir três pontos que identificam a recepção do estilo do Vaticano II na Constituição, com base no discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, para a transmissão da fé: 1. A transmissão da doutrina realizada de forma mais eficaz; 2. A exposição da doutrina atendendo às necessidades do nosso tempo; e, 3. O amor e a misericórdia, que definem a linha de atuação do Concílio, sendo também o ponto central da VG.

O primeiro ponto que identifica a recepção do estilo conciliar na VG refere-se à sua identificação com o interesse do Concílio, de que “o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V.1). Para o Papa Francisco, a universidade,

como parte da Igreja, interpreta a realidade com vistas à transformação da vida das pessoas, com base no “evento de Jesus Cristo, e se alimenta dos dons da Sabedoria e da Ciência dos quais o Espírito Santo enriquece em várias formas todo o Povo de Deus” (VG, 3). Assim, baseada em Jesus Cristo, e diante da realidade de hoje, a universidade é chamada pelo Papa Francisco a uma “mudança radical de paradigma” e à “corajosa revolução cultural” para que ocorra a “renovação do sistema dos estudos superiores” (VG, 3)¹⁷². De acordo com o Papa Francisco, a realidade é enriquecida quando as respostas aos questionamentos são guiadas pela Palavra de Deus, sob a luz do Espírito Santo. “A feliz notícia, sempre nova e fascinante do Evangelho de Jesus, cada vez mais e melhor se vai fazendo carne na vida da Igreja e da humanidade” (VG, 4, a).

Como segundo ponto, para o Concílio, “é necessário, que a doutrina [...] seja fielmente respeitada, aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo” (GME, VI.5). Para o Papa Francisco, a fraternidade com vistas à felicidade de todos é o critério da investigação na universidade, com base na Palavra de Deus, fazendo ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra, tornando, assim, concreta a “dimensão social da evangelização” (VG, 4, a). Dessa forma, a retomada do aspecto social da transmissão da fé pela educação é o grande diferencial do Papa Francisco quanto à recepção do estilo do Vaticano II como necessidade do nosso tempo. Conforme o Papa Francisco, o respeito e a fraternidade fazem “descobrir Deus em cada ser humano, tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus e abrir o coração ao amor divino, na procura a felicidade dos outros” (VG, 4, c). Nesse sentido, a fraternidade universal passa a ser o alvo da universidade quando ela “assume o rosto das diversas culturas, mantendo-se ao mesmo tempo fiel ao Evangelho e à tradição eclesial” (VG, 5). Na busca do cuidado da natureza e da defesa dos pobres, com a construção de uma rede de respeito e de fraternidade, a universidade responde às exigências do nosso tempo. Uma das tarefas dos estudos superiores é a resposta ao chamado a “elaborar instrumentos intelectuais úteis para o anúncio num mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso” (VG, 5). Segundo o documento, a necessidade do nosso tempo é a vivência da fraternidade. Ou a educação conduz à fraternidade, ou ela não cumpre sua missão.

O terceiro ponto de recepção do estilo conciliar é que o amor e a misericórdia são a linha de atuação do Concílio, bem como o são da VG, por meio do diálogo. A Igreja “prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade” (GME, VII.2). Para o Papa Francisco, “o diálogo sem reservas [...] (é) exigência para fazer experiência comunitária da alegria da

¹⁷² O estilo do Papa Francisco, primeiro Papa latino-americano, reflete a recepção de Medellín e “aponta a um projeto de Igreja: simples, pobre, evangélica e destituída de todo poder” (BOFF, 2013).

Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas” (VG 4, b). O diálogo propicia à comunidade a reconciliação e a experiência da alegria da Verdade, na “pluralidade de saberes, correspondente à riqueza multiforme da realidade, na luz patenteada pelo evento da Revelação [...] em Cristo Jesus” (VG, 4, c), em prol do bem de todos. Para isso, colaboram “estudiosos provenientes dos vários universos religiosos e das diferentes competências científicas, de modo a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5). Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco fala que a arma para o encontro é o diálogo: “Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro!” (FT, 217). Esta é a arma para a mudança radical: o diálogo com vistas à cultura do encontro, para que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz.

Vê-se que a renovação dos estudos católicos exige uma “mudança radical de paradigma e uma corajosa revolução cultural” (VG, 3), já que hoje “é necessária uma verdadeira hermenêutica evangélica para compreender melhor a vida, o mundo, os homens; em uma atmosfera espiritual de investigação e certeza fundamentada nas verdades da razão e da fé feita com a mente aberta e de joelhos” (VG, 3). Conforme o Papa Francisco, vive-se hoje uma crise antropológica e socioambiental global, com aceleradas mudanças e situações de degradação, tanto nas catástrofes naturais como em crises sociais, de saúde ou mesmo financeiras (VG, 3). Por isso, segundo o Papa Francisco, “trata-se de mudar o modelo de desenvolvimento global e de redefinir o progresso”. O problema, diz o Papa, “é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que tracem caminhos” (VG, 3). A universidade poderia ser um espaço privilegiado para a formação dessas lideranças.

A revolução acontecerá com a interação entre os estudiosos dos vários universos religiosos e de diferentes competências científicas, por meio do diálogo cultural, espiritual e educativo, com respeito e espírito de fraternidade. Nesse sentido, para a renovação da universidade, a Teologia exerce papel fundamental ao buscar, na Palavra de Deus, alternativas para as questões do povo, para suas aflições, batalhas, sonhos, lutas e preocupações. Dessa forma, aliam-se Teologia e educação rumo ao progresso e o desenvolvimento de todos.

Nesse sentido, destacam-se as questões da natureza e dos pobres a interrogar a humanidade e instigar os pesquisadores à busca de respostas aos seus clamores, no mistério da Palavra de Deus, iluminando as investigações científicas. Nesse processo de interação entre fé e razão, com o diálogo e a comunhão entre todos os seres humanos, levando-se em conta as realidades existenciais, a mensagem de Cristo é transmitida a todos. Esta é a eficácia que se

espera da educação, aliada à transmissão da fé: levar oportunidade de transformação de vida ao povo, com base na Palavra de Deus.

Para tal, as universidades e faculdades eclesiais exercem sua missão como “fermento, sal e luz do Evangelho de Jesus Cristo e da Tradição viva da Igreja, sempre abertas a novos cenários e propostas” (VG, 3), para a melhor compreensão da vida, do mundo e dos homens. Não com certezas a serem impostas, mas sob a atmosfera espiritual e diálogo na investigação, fundamentada nas verdades da razão e da fé. Com o estudo da Sagrada Escritura, a participação consciente na Liturgia e o estudo da Tradição da Igreja em diálogo com os homens do nosso tempo, numa escuta profunda dos seus problemas, a universidade atua nas diferentes áreas continentais, em diálogo com as várias culturas. Esta é a renovação requerida pela transformação missionária de uma universidade pertencente à Igreja “em saída”¹⁷³.

A partir da análise feita sobre a *Veritatis Gaudium*, sobre a identificação das características e da recepção do estilo do Vaticano II na Constituição, destaca-se a seguir a evolução da recepção desse estilo na *Veritatis Gaudium* (2017) em relação à *Ex Corde Ecclesiae* (1990), sob a perspectiva da transmissão da fé. A análise será realizada, considerando-se inicialmente o estilo pastoral¹⁷⁴, e, em seguida, o estilo linguístico de ambas as Constituições.

2.4 Evolução da recepção do estilo do Vaticano II a partir da comparação das Constituições *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), sob a perspectiva da transmissão da fé

Após a apresentação das características da educação superior católica, na *Ex Corde Ecclesiae* e no proêmio da *Veritatis Gaudium*, passa-se à comparação entre ambas as Constituições, para se verificar até que ponto ocorre a evolução de uma para outra quanto à recepção do estilo do Vaticano II. Verifica-se que a recepção do estilo conciliar ocorre de forma distinta em cada uma delas. Portanto, serão explicitadas a seguir essas distinções, acentuando-se as mudanças de um documento para outro. Para o estudo, é adotado, inicialmente, o critério

¹⁷³ São palavras do Papa Francisco aos alunos da Universidade do Sentido, *Scholas Occurrentes*, em 5 de junho de 2020: “A educação ouve, ou então não educa. Se não se escuta, não se educa. A educação cria cultura, ou não educa. A educação nos ensina a celebrar, ou não educa”. Alguém poderia me dizer: “Mas como, educar não é saber as coisas”? Não. “Isso é saber”, sublinhou o Papa. “Educar é ouvir, criar cultura, celebrar”. “Nunca se esqueçam dessas três palavras: gratidão, sentido e beleza. Elas podem parecer inúteis, sobretudo hoje. Quem cria uma empresa procurando gratidão, sentido e beleza? Não produz, não produz. No entanto, dessas coisas que parecem inúteis dependem toda a humanidade, o futuro” (In: JAGURABA, 2020).

¹⁷⁴ Os preâmbulos das Constituições *Dei Verbum*, *Sacrosanctum Concilium*, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* permitem avaliar esse estilo pastoral (THEOBALD, 2012).

de análise do estilo pastoral em cada uma das Constituições, e, em seguida, passa-se à análise do seu estilo linguístico.

2.4.1 Evolução da recepção do estilo do Vaticano II nas Constituições *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*, de acordo com o critério pastoral

Segundo Theobald, o estilo pastoral é “uma maneira evangélica de proceder e de se pôr de acordo, inscrito num corpo textual aberto que, em razão mesmo dessa abertura, permanece por sua vez intimamente ligado a uma maneira de se situar entre a Palavra de Deus e seus receptores potenciais”¹⁷⁵. Assim, norteados pela Palavra de Deus, os agentes da educação adotam como estilo pastoral o proceder evangélico dirigido aos receptores. Alertando-se que, na educação, ora se é agente do processo, ora receptor. Nesse sentido, inicia-se a análise dos documentos do ponto de vista pastoral.

- **Estilo pastoral da *Ex Corde Ecclesiae* (1990):**

A *Ex Corde Ecclesiae* (1990) demonstra a recepção do estilo do Vaticano II do ponto de vista pastoral, o que se evidencia nos quatro pontos a seguir destacados, a partir da GME, para a transmissão da fé: 1. Transmitir a doutrina de forma mais eficaz. 2. Não se apartar do patrimônio sagrado da verdade, e, ao mesmo tempo, olhar para o presente. 3. Responder às exigências do nosso tempo. 4. Corresponder às esperanças e às necessidades dos vários povos.

Quanto ao primeiro ponto, segundo o Concílio, “o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V.1). Nesse sentido, para a transmissão da fé, segundo a *Ex Corde Ecclesiae*, a universidade deve manter o essencial da doutrina, ensinando-a com métodos renovados às diferentes culturas. Em consonância com João XXIII, a investigação científica, segundo a ECE, se dedica à busca da verdade e se dirige a “todos os aspectos da verdade no seu nexo essencial com a Verdade suprema, que é Deus”, (ECE, 4). E responde às questões sobre o homem, já que, segundo João Paulo II, na universidade “está em causa o significado da investigação científica e da tecnologia, da convivência social, da cultura, mas, mais profundamente ainda, está em causa o próprio significado do homem” (ECE, 7). A busca da verdade dirige-se, portanto, ao significado da vida humana, na “salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade, no âmbito das exigências [...] do bem comum” (ECE, 12). Portanto, a investigação conduz ao significado do próprio ser humano e da criação,

¹⁷⁵ THEOBALD, 2012, p. 221-222.

colocando a ciência frente à Verdade suprema na busca do bem comum. Dessa forma, a universidade transmite a fé por meio do processo de reflexão sobre os problemas da humanidade, com a interação dos diversos saberes, abordando os grandes problemas da sociedade e da cultura, à luz do Evangelho, em busca do bem comum. O diálogo, que é uma das características do estilo do Vaticano II, conduz a universidade à manutenção do patrimônio da verdade.

No que diz respeito ao segundo ponto, de acordo com o Concílio, “é necessário que a Igreja não se aparte do patrimônio sagrado da verdade; e, ao mesmo tempo, olhe para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo hodierno” (GME, V.5). Assim, a universidade é chamada a “marcar presença cristã no mundo perante os grandes problemas da sociedade e da cultura (ECE, 13). Refletindo “a luz da fé católica” (ECE, 13.2), “fiel à mensagem cristã” (ECE, 13.3) e “a serviço do povo de Deus e da família humana, a Universidade caminha com a comunidade no seu itinerário rumo ao objetivo transcendente, que dá significado à vida” (ECE, 13.4). Assim, a *Ex Corde Ecclesiae* demonstra a recepção do estilo conciliar ao considerar que é certo que a doutrina deve ser mantida, e esse é o desejo da ECE em fidelidade ao Concílio, ao mesmo tempo em que as condições do mundo atual devem ser consideradas para a transmissão da fé.

O terceiro ponto se refere à intenção do Concílio de transmitir pura e íntegra a doutrina, mas com “renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja [...] de forma a responder às exigências do nosso tempo” (GME, VI.5). É nesse sentido que o estilo do Vaticano se faz notar na ECE para a transmissão a fé, de forma a responder às questões e problemas do nosso tempo, fiel à Palavra de Deus. Nessa direção, segundo a ECE, a universidade é chamada a renovar-se, especialmente, com disposição “ao diálogo e à aprendizagem de qualquer cultura” (ECE, 43). O empenho pela renovação caminha na direção de a universidade católica “tornar-se cada vez mais atenta às culturas do mundo de hoje [...] de maneira a promover um contínuo e proveitoso diálogo entre o Evangelho e a sociedade” (ECE, 45). Tal diálogo do Evangelho com a sociedade propicia que as aspirações humanas sejam evidenciadas e se tomem medidas, a partir do discernimento das aspirações da cultura moderna, para possibilitar o desenvolvimento integral das pessoas e dos povos. Dessa forma, atenta às culturas do mundo de hoje, a transmissão da fé na universidade se realiza pela divulgação do resultado das investigações das ciências que se norteiam e convergem à Verdade absoluta, com base no diálogo do Evangelho com todos os povos.

O quarto ponto diz respeito ao que o Concílio apresenta como “o trabalho comum correspondendo às esperanças e às necessidades dos vários povos” (GME, IX.3). Nesse sentido,

a recepção do estilo do Vaticano II se faz notar na *Ex Corde Ecclesiae*, ao propor à educação superior a renovação exigida pela sociedade atual para manter a luz do Evangelho, iluminando todos os povos por meio do diálogo com as várias culturas e todos os povos.

Esse é, portanto, o resultado obtido quanto à análise da recepção do estilo do Concílio, do ponto de vista pastoral, pela *Ex Corde Ecclesiae* (1990), do Papa João Paulo II, evidenciados nos quatro pontos apresentados. Passa-se a seguir à análise da *Veritatis Gaudium* (2017), do Papa Francisco, quanto à recepção do estilo do Vaticano II do ponto de vista pastoral.

- **Estilo pastoral da *Veritatis Gaudium* (2017):**

Conforme o estilo pastoral para a transmissão da Palavra de Deus, seguem os aspectos que evidenciam a recepção do estilo conciliar na *Veritatis Gaudium*, nos três pontos exigidos à renovação a universidade. 1. A missionariedade da instituição superior de ensino, em uma Igreja em saída. 2. A opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora; 3. O testemunho de vida acompanha o anúncio da alegria do Evangelho.

Vê-se, em primeiro lugar, que a *Veritatis Gaudium* exige a *missionariedade* à instituição superior de ensino, em uma *Igreja em saída*. Conforme o Papa Francisco, a renovação exigida pede à universidade a “mediação cultural e social do Evangelho atuado pelo povo de Deus nas diferentes áreas continentais e em diálogo com as várias culturas” (VG, 3). A universidade se renova, portanto, estando presente no mundo, junto às várias culturas.

Em seguida, um segundo aspecto se destaca quanto à renovação da universidade, em que um sinal não pode faltar, conforme o Papa Francisco: “a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora” (VG, 4.a). Portanto, atenção especial aos pobres e excluídos é exigida na vivência do Evangelho, com frutos de promoções de cunho social pela integração de pessoas com objetivos comuns, na vivência da fraternidade e da solidariedade. Assim, o fim último da educação vem a ser o respeito à natureza e o bem dos pobres, e é nesse sentido que se realiza a transmissão da fé, conforme a VG.

Enfim, identifica-se, na VG, um terceiro aspecto, de que a transmissão da fé acontece pela atuação da universidade em missão junto ao povo de Deus, levando o Evangelho por meio do testemunho de vida ao povo de Deus, conduzindo à transformação da realidade, no diálogo com os povos e a valorização das culturas. A nova etapa da missão da Igreja e da universidade é “marcada pelo testemunho da alegria resultante do encontro com Jesus e do anúncio do seu Evangelho”, com vistas à “transformação da realidade, no diálogo com os povos e a valorização das culturas”. Nesse sentido, a exigência prioritária é a “interpretação performativa da realidade

que brota do evento de Jesus Cristo e se nutre dos dons do Espírito Santo [...] no diálogo e discernimento dos sinais dos tempos e das diferentes expressões culturais” (VG, 1).

Resumem-se, portanto, as características da educação superior na VG, do ponto de vista pastoral: a missionariedade é exigida à instituição superior de ensino, em uma Igreja em saída, com a opção pelos últimos, aqueles que a sociedade descarta e lança fora. Nesse sentido, a nova etapa da missão da universidade é marcada pelo testemunho da alegria do encontro com Jesus e pelo anúncio do seu Evangelho em meio ao povo, para a transformação da realidade no diálogo com os diferentes povos e a valorização das diversas culturas.

A partir da identificação da recepção do estilo conciliar na *Veritatis Gaudium*, sob o aspecto pastoral, uma nova pergunta surge: acontece evolução da recepção do estilo conciliar, da *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*? Como se identifica tal evolução? É o que se passa a apresentar, comparando-se a VG com a ECE.

- **Novas ênfases quanto à recepção do estilo conciliar na *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, para a transmissão da fé, de acordo com o critério pastoral**

A partir das características da educação superior, identificadas na ECE e na VG, enfatiza-se a seguir a evolução identificada na VG, em relação à ECE, quanto à recepção do estilo do Vaticano II, com vistas à transmissão da fé. Tal evolução é apresentada em cinco pontos, a saber: 1. A universidade sai de seus muros e se abre às necessidades da sociedade; 2. A práxis transformadora da realidade é a missão da universidade; 3. A reconciliação é um estilo de vida a ser alcançado; 4. O diálogo é a base para a unidade na diversidade dos vários saberes; e 5. A fraternidade e a solidariedade constituem a finalidade da universidade.

O primeiro ponto diz respeito ao chamado à universidade a sair de seus muros e a abrir-se às necessidades da sociedade, com base na Verdade do Evangelho. Ao levar o resultado de suas investigações à sociedade, com base na Verdade do Evangelho, toda a universidade é chamada a transformar-se a partir da solidariedade derivada do conhecimento de Jesus. A forma de se transmitir a fé é firmada, assim, “sobre o rosto de Deus revelado em Jesus Cristo como Pai rico em misericórdia” (VG, 4, a), em vista ao “respeito à natureza e ao bem dos pobres” (VG, 5). Daí que o ponto chave da *Veritatis gaudium*, que caracteriza o avanço em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, é o alcance social da fé, transmitida por uma Igreja em saída, como mãe amabilíssima de todos.

O segundo ponto se refere à práxis transformadora da realidade. Nesse sentido, a transmissão da fé prioriza de forma permanente a “introdução espiritual, intelectual e

existencial no coração do querigma [...] da feliz notícia, sempre nova e fascinante, do Evangelho de Jesus” (VG, 4, a), com Cristo que se faz carne na vida da Igreja e da humanidade, ocasionando ações de transformação da realidade.

O terceiro ponto é o chamado à reconciliação, para que todos sejam iluminados pela Verdade e vejam o reflexo da fé em Cristo na sua vida. O Papa Francisco convida a universidade “a favorecer o diálogo com os cristãos pertencentes a outras Igrejas [...] às demais convicções religiosas ou humanistas [...] e a outros ramos do saber, quer se trate de crentes, quer de não crentes [...] à luz da verdade revelada” (VG, 4, b). O princípio de unidade entre todos, portanto, é permeado pela Verdade que se encontra em Jesus. A marca da reconciliação, impressa na *Veritatis Gaudium* pelo Papa Francisco, identifica-se também no incentivo à “criação de novos e qualificados centros de investigação onde possam interagir, com liberdade responsável e transparência mútua, estudiosos provenientes dos vários universos religiosos e das diferentes competências científicas” (VG, 5).

O quarto ponto diz respeito à unidade na diversidade dos vários saberes em busca do bem em prol de todos. O que caracteriza a universidade a nível do conteúdo e do método, é a “unidade [...] na distinção e respeito pelas suas múltiplas, conexas e convergentes expressões” (VG, 4, c). Iluminados pela Palavra de Deus, os pesquisadores socializam os resultados do seu saber, agindo, também, por meio de “rede entre as várias instituições” (VG, 4, d), tanto em nível nacional como internacional.

Dessa forma, o quinto ponto é evidenciado no resultado a se alcançar na universidade, qual seja, a fraternidade e a solidariedade, privilegiando-se “cuidado da natureza e a defesa dos pobres, na construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5), com base na alegria da verdade que se encontra em Jesus.

A recepção do estilo do Concílio avança, portanto, na *Veritatis Gaudium*, em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, pois a universidade, ao espelhar-se nas ações da Igreja, inspira-se na Igreja em saída, proclamada pela Papa Francisco. Como a Igreja, a universidade coloca-se em saída, toma a iniciativa para a transmissão da fé, levando o Evangelho a todos, tanto aos de dentro como aos de fora da universidade e da Igreja, o que inclui os que não conhecem Cristo (EG, 14). A práxis transformadora de uma universidade em saída na alegria da Verdade é a marca da *Veritatis Gaudium*.

A universidade, como a Igreja, conforme o Papa Francisco, é aquela que “primeira”, isto é, “se envolve, acompanha, frutifica e festeja, toma a iniciativa” (EG, 24) junto ao povo de Deus. Nesse sentido, a universidade, mais uma vez, segue na linha da reconciliação preconizada pelo estilo do Vaticano II, convidando a humanidade à participação do amor de Deus, atraindo

a todos por atos de misericórdia. Não se torna arrogante pela detenção de um conhecimento destinado a poucos, mas, pelo contrário, atrai pelo conhecimento que brota de um saber destinado ao bem de todos e da natureza.

Assim, vê-se retratada a evolução da recepção do estilo do Vaticano II, no proêmio da *Veritatis Gaudium*, em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, já que a marca do Papa Francisco para a educação superior católica é o caráter de acolhida e de reconciliação junto aos irmãos de todos os credos, culturas e saberes. Com uma Igreja em saída, o Papa Francisco espera que a universidade supere, por meio do diálogo, as diferenças não só entre os saberes, mas também entre os diferentes credos religiosos, sob a luz da alegria do Evangelho. E, como fruto da investigação científica, alcance respostas às questões dos pobres e da natureza, na fraternidade e solidariedade universal.

Estas são, portanto, as observações quanto ao avanço da *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, no que se refere à recepção do estilo pastoral do Vaticano II, para a transmissão a fé pela educação: o chamado à universidade a sair de seus muros e a abrir-se às necessidades da sociedade, tendo em vista o respeito à natureza e o bem dos pobres. Nessa saída, a transmissão da fé ocorre com a introdução do ser humano na feliz notícia do Evangelho de Jesus, que se faz carne na vida da Igreja e da humanidade, com ações transformadoras da realidade. Tudo por meio do diálogo, inclusive com os cristãos pertencentes a outras Igrejas e às demais convicções religiosas ou humanistas, bem como com outros ramos do saber, à luz da verdade revelada.

Perante as observações decorrentes da análise dos documentos *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*, sob o ponto de vista do estilo pastoral, levanta-se a seguinte questão: além do estilo pastoral do Concílio Vaticano II, qual outro critério pode ser utilizado para complementar a análise realizada? Parte-se à análise das Constituições com base no estilo linguístico. É esta análise que se realiza a seguir.

2.4.2 Recepção do estilo conciliar nas Constituições *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017), de acordo com o critério linguístico

Conforme destacado anteriormente, para se identificar o estilo do Vaticano II, além da análise sob o ponto de vista da pastoralidade, é também importante analisar o seu *corpus* textual do ponto de vista linguístico. Dessa forma, selecionaram-se alguns termos para a análise das Constituições ECE e VG do ponto de vista linguístico do estilo conciliar, para se verificar a recepção, no ensino superior, do que declara o historiador norte-americano John O'Malley:

O Papa João XXIII e o Concílio distanciaram-se de uma abordagem de bronca e desconfiança com relação ao ‘mundo’ [...] fazendo uso do remédio da misericórdia mais do que de severidade [...] demonstrando a validade do ensino [da Igreja], mais do que de suas condenações¹⁷⁶.

Assim, o critério para a seleção dos termos foi sua correspondência com a transmissão da fé na universidade, conforme os quatro pontos já apontados como fundamentais do discurso *Gaudet Mater Ecclesia*. Os termos selecionados, correspondentes aos pontos fundamentais do estilo conciliar, foram os seguintes: 1. O termo “Deus”, de importância significativa para a atitude de amor e misericórdia a ser adotada pela Igreja (GME, 2). 2. Os termos “investigação, verdade e vida”, para se verificar até que ponto a educação superior abraça a realidade dos dias de hoje (GME, IV,3); 3. O termo “Igreja”, referindo-se à importância que o concílio dá a se guardar o depósito da fé (GME, V 1); e, 4. Os termos “Evangelho / evangelização / evangelizar” no que se refere a “ensinar o depósito sagrado da doutrina cristã de forma mais eficaz” na universidade (GME, V 1).

Apresentam-se a seguir os Quadros 1 e 2, com a frequência dos termos selecionados em ambas as Constituições, e, em seguida, a análise do contexto em que os termos aparecem nos documentos.

Quadro 1 – Termos recorrentes na *Ex Corde Ecclesiae*.

<i>EX CORDE ECCLESIAE</i>	
Termo recorrente	Citação/vezes
Igreja	70
Vida	66
Investigação	49
Verdade	43
Evangelho/evangelização	23
Deus	12

Fonte: *Ex Corde Ecclesiae* (1990).

¹⁷⁶ O'Malley, 2015, p. 5.

Quadro 2 – Termos recorrentes na *Veritatis Gaudium*.

VERITATIS GAUDIUM	
Termo recorrente	Citação/vezes
Deus	28
Vida	21
Evangelho/evangelização/evangelizar	21
Igreja	19
Investigação	12
Verdade	10

Fonte: *Veritatis Gaudium* (2017).

Como evidenciado no quadro 1, vê-se na *Ex Corde Ecclesiae* que, do total de 10.621 palavras, o termo “Igreja” é citado 70 vezes, seguido pelo termo “vida” (66x), “investigação” (49x) e “verdade” (43x). Por sua vez, aparecem como menos citados os termos “Evangelho/evangelização” (23x) e “Deus” (12x).

Por seu lado, conforme o quadro 2, no proêmio da *Veritatis Gaudium*, com 4.969 palavras, são termos predominantes: “Deus” (28x), seguido de: “vida” (21x), e “Evangelho / evangelização / evangelizar” (21x). E como menos citados: “Igreja” (19x), “investigação” (12x) e “verdade” (10x).

Verifica-se, de início, que há uma inversão na ordem de frequência dos termos em ambas as Constituições. Apresenta-se, a seguir, o contexto dos termos analisados nos dois documentos.

2.4.2.1 Contexto dos termos na *Ex Corde Ecclesiae*

Os termos de maior frequência na *Ex Corde Ecclesiae*, especificados no Quadro 1, são apresentados a seguir.

- Contexto do termo “**igreja**”:

De acordo com o título do documento, “nascida do coração da Igreja, a Universidade Católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da Universidade como instituição” (ECE, 1), para o bem da humanidade pela irradiação do saber. No nosso tempo, “a Igreja, perita em humanidade [...] investiga, graças às suas Universidades Católicas e ao seu patrimônio [...] os mistérios do homem e do mundo, esclarecendo-os à luz que a Revelação lhe dá” (ECE, 3).

A universidade católica mantém uma relação com a Igreja que é essencial à sua identidade. Ela “participa na vida da Igreja particular como instituição acadêmica, pertence à comunidade internacional do saber e da investigação, participa e contribui para a vida da Igreja universal, [...] em favor de toda a Igreja” (ECE, 27). Da mesma forma, a Igreja propõe, convida, chama a comunidade a participar na vida da Universidade, em fidelidade à mensagem cristã e à autoridade magisterial da Igreja. Assim, “os membros católicos da Comunidade universitária são também chamados a uma fidelidade pessoal à Igreja, com tudo quanto isto comporta” (ECE, 27). Portanto, a universidade é chamada à fidelidade como instituição que participa e contribui com a vida da Igreja, bem como os católicos são chamados a uma fidelidade pessoal, por sua participação na vida da universidade.

- Contexto do termo “**vida**”:

Conforme a ECE, a “interação vital dos dois níveis distintos de conhecimento (fé e razão), da única verdade, conduz a um amor maior pela mesma verdade e contribui para uma compreensão mais ampla do significado da vida humana e do fim da criação”. Assim, a universidade católica proclama a “dignidade da vida humana” (ECE, 32), mesmo quando se faz necessário posicionar-se “a favor de verdades incômodas [...] para salvaguardar o autêntico bem da sociedade” (ECE, 32). Fé e razão caminham juntas para a compreensão da vida humana e da criação.

Dessa forma, o documento pede à universidade para comunicar à sociedade de hoje “aqueles princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana [...] e que permite ao dinamismo da criação e da redenção influir sobre a realidade e sobre a reta solução dos problemas da vida” (ECE, 33). De modo que, no espírito cristão de serviço aos outros, a justiça social seja promovida. E pela “relação entre a fé e a vida, no contexto sociocultural em que as pessoas vivem, agem e se comunicam” (ECE, 48), a transmissão da fé se efetiva na história de vida de cada um e da sociedade.

- Contexto dos termos “**investigação da verdade**”:

A harmonia entre a excelência do desenvolvimento humanístico e cultural e a formação profissional especializada conduz os estudantes à investigação da verdade e do seu significado durante toda a vida, dado que “é necessário que o espírito seja cultivado [...] de modo a se tornarem capazes de formar um juízo pessoal e de cultivar o sentido religioso, moral e social” (ECE, 23). Isso torna os estudantes idôneos para adquirirem ou aprofundarem um estilo de vida autenticamente cristão.

Nesse sentido, destaca-se a disposição à investigação baseada “no diálogo e na aprendizagem de qualquer cultura” (ECE, 43). Além disso, as atividades fundamentais da universidade católica ligam-se com a missão evangelizadora da Igreja, com o desenvolvimento de uma “investigação conduzida à luz da mensagem cristã [...] no diálogo com a cultura, que favorece uma compreensão melhor da fé; e na investigação teológica que ajuda a fé a exprimir-se numa linguagem moderna” (ECE, 49). A mensagem é, portanto, conduzida à luz do Evangelho. Assim, a Igreja, cada vez mais consciente da sua missão salvífica neste mundo, “quer ter (centros de ensino superior) presentes e operantes na difusão da mensagem autêntica de Cristo” (ECE, 49).

Esse é o resultado do estudo sobre a transmissão da fé na *Ex Corde Ecclesiae*, com base no estilo linguístico do Concílio Vaticano II, considerados os aspectos fundamentais do estilo conciliar. Assim, perita em humanidade, a universidade investiga os mistérios do homem e do mundo à luz da Revelação, participa na vida da Igreja particular e contribui para a vida da Igreja universal. Dessa forma, mantém-se em fidelidade à mensagem cristã e à autoridade magisterial da Igreja, proclamando a dignidade da vida e comunicando os princípios para o pleno significado da vida humana. A investigação da verdade, baseada na relação entre a fé e a vida no contexto sociocultural, busca o significado da vida humana, formando um juízo pessoal e cultivando o sentido religioso, moral e social dos estudantes, favorecendo-lhes, também, uma melhor compreensão da fé. Para isso, contribui a investigação teológica, que ajuda a fé a exprimir-se em linguagem moderna.

2.4.2.2 Análise dos termos selecionados no contexto da *Veritatis Gaudium*

Parte-se, a seguir, à análise do contexto dos termos de maior frequência na *Veritatis Gaudium*, especificados no Quadro 2, verificando seu significado para a transmissão da fé conforme os aspectos fundamentais do estilo conciliar.

De início, verifica-se que o título da Constituição do Papa Francisco, *Veritatis Gaudium*, foi inspirado no enunciado da *Ex Corde Ecclesiae*: “é no amor pelo saber que a Universidade católica compartilha com as demais universidades o *Gaudium de Veritate*, isto é, a alegria da busca da verdade, para descobri-la e comunicá-la em todos os campos do conhecimento” (ECE, 1). A alegria da Verdade é, portanto, o impulso que move o ser à busca do saber na universidade para levá-lo a todos. Identifica-se, assim, a continuidade da nova Constituição, em relação à anterior, apesar das diferenças entre elas, no sentido de atualização à época.

A diferença se faz sentir nos termos identificados como de maior frequência na *Veritatis Gaudium*, com vistas à sua relação com a transmissão da fé, que identificam a nova forma sobre como anunciá-la, mantendo-se a mesma doutrina de Jesus Cristo. São eles, conforme o quadro 2: “Deus”, “Evangelho-Evangelizar” e “vida”. Vejamos o contexto desses termos, na Constituição *Veritatis Gaudium*.

- Contexto do termo “**Deus**”:

Destaca-se na *Veritatis Gaudium* que a alegria da verdade tem seu fundamento no encontro da luz de Deus e na partilha dessa luz com todas as pessoas. O encontro com a alegria do Evangelho é o ponto de unidade de toda a humanidade para que o desejo de Jesus, “que todos sejam um” (Jo 17, 21) se realize, à luz do Espírito, em busca do Pai. Essa alegria se encontra na busca da verdade suprema que é Deus e se traduz em vida na justiça e no amor fraterno.

Fundamentado em Santo Agostinho, o Papa Francisco apresenta a alegria da verdade como “a expressão do desejo ardente que traz inquieto o coração de cada ser humano enquanto não encontra, habita e partilha com todos a Luz de Deus” (VG, 1). É pela unidade na Trindade que a missão da universidade católica se realiza. O Papa Francisco mostra que a alegria que todos almejam é a mesma que “Jesus nos quer comunicar em plenitude da parte do Pai, com o dom do Espírito Santo: Espírito de verdade e amor, de liberdade, justiça e unidade” (VG, 1). Por conseguinte, a Luz de Deus conduz todos à fraternidade e à união que se vivem na liberdade da justiça e do amor.

É na alegria do Evangelho, que é Jesus, o Verbo de Deus, que está a Luz dos homens (Jo 1, 4), pois “só Jesus, na revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe sua vocação sublime” (VG, 1). No encontro com Jesus, o coração do homem se descobre e experimenta a luz e a festa da união com Deus, desde já, em antecipação à plenitude eterna.

- Contexto do termo “**vida**”:

Hoje, é necessária a interpretação do Evangelho para “compreender melhor a vida, o mundo, os homens” (VG, 3). Tal interpretação deriva da investigação que leva em consideração as verdades fundamentais, baseadas na razão e na fé, e, nesse sentido, a filosofia e a teologia fortalecem o intelecto e iluminam a vontade. Porém, é exigida também uma mente aberta, que se coloque de joelhos para enxergar a Luz e a Vida, que são “oferecidas pela Sabedoria que dimanam da Revelação de Deus” (VG, 3, c). Portanto, é missão da Igreja e da universidade

“anunciar a boa nova de Cristo a todos, dialogando com as várias ciências ao serviço de uma penetração cada vez profunda e aplicação da verdade na vida pessoal e social” (VG, 5). Conforme o Papa Francisco, a alegria em Deus é a mensagem de fé a ser transmitida e testemunhada pela Igreja, com uma paixão sempre nova, para uma vida renovada pelo Evangelho.

- Contexto dos termos “**evangelho/evangelização/evangelizar**”:

Os homens e mulheres de todos os tempos e culturas caminham pela história, conforme o Papa Francisco, “iluminados com a luz do Evangelho” (EG, 1), até que todos sejam um com o Pai. Assim, a finalidade dos estudos superiores e eclesiais é a de “promover o crescimento autêntico e integral da família humana até sua plenitude definitiva em Deus” (VG, 1). Também, conforme a Constituição *Sapiência Christiana*, “é necessário que toda a cultura do homem seja penetrada pelo Evangelho” para que os homens e mulheres sejam impregnados pela virtude do mesmo Evangelho nos seus modos de pensar, nos critérios de julgar e nas normas de agir (Proêmio, I). A finalidade do ensino superior é, então, promover o crescimento integral do ser humano, por meio do testemunho do Evangelho, vivendo todos em unidade, com vistas à vida plena em Deus. Enfim, conforme o Papa Francisco, a investigação, nas universidades e institutos eclesiais, cria “as predisposições para que o Evangelho seja escutado por todos” (VG, 5).

Vê-se que a transmissão da fé na Universidade visa promover o desenvolvimento da família humana unida no seu caminhar rumo a Deus, seja pelos estudos realizados ou pela vivência testemunhada da fé. Por essa razão, desde o Concílio Vaticano II, foi priorizada nos estudos eclesiais a manutenção do estudo da Revelação cristã (GME, V 1), voltado à missão de evangelizar. Já o decreto conciliar, *Optatam Totius* (1965), estabelecia que, na revisão dos estudos eclesiais, “as disciplinas concorram de modo harmônico para que a mente dos alunos se abra ao mistério de Cristo, que atinge toda a história do gênero humano, e continuamente penetra a vida da Igreja” (OT, 14). Dessa forma, a transmissão da fé é priorizada nos estudos superiores católicos, com destinação universal, às diferentes culturas, iluminando-as com a luz da Revelação divina e purificando os costumes dos seres humanos. Desde o Vaticano II, os documentos priorizam nos estudos eclesiais e na universidade a inserção de disciplinas que contribuam para a obra de evangelização aplicadas à vida da humanidade.

Após mais de 50 anos do Concílio Vaticano II (1962-1965), o Papa Francisco alerta na *Veritatis Gaudium* (2017) sobre a necessidade de que os estudos superiores atendam “ao desenvolvimento no campo dos estudos acadêmicos [...] bem como as mudanças no contexto

sociocultural a nível global [...] na implementação das várias iniciativas a que aderiu a Santa Sé” (VG, 1). A novidade da transmissão da fé em Cristo é quanto aos novos métodos e renovado ardor, de forma aberta às mudanças socioculturais do mundo atual em união com a Igreja Universal.

A intenção dessa renovação dos estudos eclesiais exigida pelo Papa Francisco é, portanto, o relançamento das universidades no contexto da nova etapa da missão da Igreja, como sendo do “testemunho da alegria resultante do encontro com Jesus e do anúncio do seu Evangelho” (VG, 1). Assim, é prioritariamente no testemunho da alegria do Evangelho que a transmissão da fé se efetiva.

Por isso, a união entre fé e vida é a meta a se alcançar na interação dos diversos níveis do saber, em primeiro lugar pelo testemunho, proporcionando ao ser humano o encontro de si próprio para o bem de todos. Pois, segundo o Papa João Paulo II, a “Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho [...] que comporta presença, participação e solidariedade, que é o elemento essencial, geralmente o primeiro de todos, na evangelização” (EN, 21). A alegria do encontro com Jesus fundamenta e incentiva o testemunho de uma vida de fé, que se traduz em gestos de fraternidade e solidariedade.

Assim, para se compreender melhor a vida, é necessária hoje uma verdadeira hermenêutica evangélica, fundada nas verdades da razão e da fé, com a mente aberta e com os joelhos colocados no chão em oração. O Papa Francisco alerta que “o teólogo que se compraz com o seu pensamento completo e concluído é um medíocre. O bom teólogo e filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *mais* de Deus e da Verdade” (VG, 3). Estar disposto e aberto a avançar no conhecimento é a atitude do teólogo e de todos os que buscam o saber com base na verdade.

Nesse caminhar da universidade, o diálogo e a comunhão são fundamentais, já que, segundo o Papa Francisco, o aprofundamento no mistério da Palavra de Deus “exige e pede que se dialogue, que se entre em comunhão” (VG, 5). O grande desafio é, portanto, o da renovação das universidades e das faculdades eclesiais do ponto de vista “cultural, espiritual e educativo [...] que nos guie, ilumine e sustente na fé jubilosa e inabalável em Jesus crucificado e ressuscitado, centro e Senhor da história” (VG, 6). Aqui temos o ponto de encontro da educação com a transmissão a fé, com a renovação da universidade, visando a sustentação da fé em Jesus Salvador da humanidade, com sua transmissão por meio de novos métodos adequados aos tempos atuais.

Os estudos superiores acontecem, portanto, na vivência da alegria do evangelho no contexto das culturas, para a transmissão da fé, a fim de “iluminá-las com a luz da Revelação

divina e purificar em Cristo os costumes dos homens” (VG, apêndice I, I). Assim, não só pelos estudos específicos se transmite a fé, mas, com o testemunho da alegria do evangelho nas mais distintas culturas, a partir da simplicidade da fé do povo.

Nesse sentido, o intuito do Concílio Vaticano II foi superar o divórcio entre fé e vida, especialmente nos estudos superiores católicos. A educação católica se orienta à evangelização por meio da coerência entre fé e vida nos estudos eclesiásticos e nas universidades.

Desse modo, segundo a *Evangelii Gaudium*, a missão de evangelizar destina-se a todo ser humano que se vê penetrado pelo Evangelho nos seus modos de pensar e de agir, já que, segundo o Papa Francisco, “o sentido unitário e completo da vida humana proposto pelo Evangelho é o melhor remédio para todos os males” (EG, 75). Sendo vivida por todos, a alegria do Evangelho permeia o mundo e transforma a realidade.

A partir dos estudos realizados e das características apresentadas nas Constituições *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*, novas ênfases serão dadas quanto à recepção do estilo do Vaticano II, expostas a seguir.

2.4.2.3 Novas ênfases quanto à evolução da recepção do estilo do Vaticano II na *Veritatis Gaudium* (2017) em relação à *Ex Corde Ecclesiae* (1990), de acordo com o critério linguístico, para a transmissão da fé

Dando continuidade ao estudo, são enfocados novos aspectos da evolução do estilo conciliar na *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, considerado o critério linguístico, com foco na transmissão da fé.

Na medida em que os termos analisados nas Constituições se relacionam com a transmissão da fé no ensino superior, fica evidente a evolução do estilo conciliar na Constituição do Papa Francisco em relação à do Papa João Paulo II. Os termos se apresentam nos quadros a seguir, com suas frequências em cada um dos documentos. A partir da análise do contexto dos termos, evidencia-se a evolução da recepção do estilo do Vaticano II na *Veritatis Gaudium*, em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, quanto às características para a transmissão da fé.

São os seguintes os aspectos que evidenciam a evolução da recepção do estilo do Vaticano II na *Veritatis gaudium*, em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, do ponto de vista linguístico: 1. Transmissão do Evangelho realizada por meio do diálogo com as culturas (GME, II, 2); 2. Aplicação dos princípios da misericórdia, do amor e da fraternidade (GME, VI, 3); 3. Abertura às questões prementes da época, em especial junto aos pobres e à criação (GME VII, 3); e, 4. Posicionamento a serviço do bem da humanidade (GME, VIII, 3).

Como primeiro ponto, cita-se que o conhecimento do Evangelho, transmitido a todos por meio do diálogo com as culturas, é apresentado aos homens e mulheres do nosso tempo, tendo em conta os desvios, as exigências e as possibilidades deste tempo (GME, II, 2). Na *Ex Corde Ecclesiae*, as comunidades universitárias católicas dos diversos continentes são “o sinal vivo e promotor da fecundidade da inteligência cristã no coração de cada cultura” (ECE, 1). Vê-se, assim, a valorização do Evangelho no respeito às culturas, em particular na vivência da inteligência cristã. Já na *Veritatis Gaudium*, a transmissão da fé se dá na cultura do encontro, que valoriza os dons dados por Deus a cada um em suas respectivas culturas. Assim:

O que o Evangelho e a doutrina da Igreja estão atualmente chamados a promover [...] é uma autêntica cultura do encontro [...] entre todas as culturas autênticas e vitais, graças a um intercâmbio recíproco dos respectivos dons no espaço de luz desvendado pelo amor de Deus para todas as suas criaturas. (VG, 4b).

Desse modo, vemos florescer na VG o chamado à cultura do encontro, no qual todos os dons são valorizados, enriquecendo-se uns aos outros, o que ultrapassa o respeito a cada cultura, em particular para a vivência cristã.

Como segundo ponto, destaca-se a aplicação dos princípios da misericórdia, do amor e da fraternidade. Na *Ex Corde Ecclesiae*, o diálogo entre fé e razão leva ao amor pela verdade, que dá sentido à vida humana e a toda criação. Segundo o Papa João Paulo II, “a interação desses dois níveis de conhecimento (fé e razão) da única verdade conduz a um amor maior pela mesma verdade e contribui para uma compreensão mais ampla do significado da vida humana e do fim da criação” (ECE, 17). A fé e a razão são, portanto, duas vias que levam a humanidade ao amor pela verdade. Já na *Veritatis Gaudium*, a experiência do amor divino conduz à libertação e à fraternidade universal. Conforme o Papa Francisco, é do “rosto de Deus revelado em Jesus Cristo como Pai rico em misericórdia [...] que deriva a experiência libertadora [...] fermento da fraternidade universal [...] que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros, como a procura o seu Pai bom” (VG, 4, a).

Assim, conforme a VG, apresenta-se o imperativo de “escutar no coração e fazer ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra, para tornar concreta a dimensão social da evangelização” (VG, 4, a). A dimensão social marca, portanto, a transmissão da fé na universidade, conforme a VG. Assim, a reforma exigida na educação cristã deve restabelecer os quatro pilares da educação nos primeiros séculos da era cristã: “a unicidade de ciência, a comunicação de santidade, o costume de vida e a mútua oferta de amor” (VG, 4, c). Eis aí a

chave da reforma da educação superior católica, qual seja, a ciência colaborando para a santidade da humanidade na busca da vivência e da oferta do amor fraterno.

Como terceiro ponto, salienta-se a abertura às questões prementes da época (GME, VII, 3). Segundo o Papa João XXIII, os bens da graça divina, comunicados a todos, “elevam os homens à dignidade de filhos de Deus e são defesa poderosíssima e ajuda para uma vida mais humana” (GME, VII, 3). Sendo assim, com todos os homens e mulheres destinatários da graça de Deus para a solução das questões de sua época, mais uma evolução pode ser notada na *Veritatis Gaudium* no que se refere ao atendimento das questões da nossa época, em especial aos pobres e à criação.

A *Ex Corde Ecclesiae* expõe a necessidade do diálogo entre fé e razão, exigindo, para isso, pessoas com formação teológica, para enfrentar as questões a respeito da doutrina da fé, segundo a orientação dos Bispos. Baseados “na Sagrada Escritura, na Tradição e no Magistério da Igreja, os Bispos estudam as vias pelas quais a teologia pode levar luz às questões específicas, postas pela cultura de hoje” (ECE, 29). A interação com as culturas é exigência à Teologia. Dessa forma, ocorre “o diálogo entre o pensamento cristão e as ciências modernas, com pessoas preparadas e dotadas de adequada formação teológica, capazes de enfrentar as questões epistemológicas ao nível das relações entre fé e razão” (ECE, 46). As questões da época atual, que se referem à doutrina cristã, são elucidadas à luz da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja.

A *Veritatis Gaudium*, por sua vez, considera que a teologia e a cultura cristãs estão à altura de sua missão quando sabem viver na fronteira das aflições e da luta do povo, com uma teologia encarnada. Isso ajuda a aprofundar o mistério da Palavra de Deus, que exige diálogo e comunhão. Sob o imperativo de “escutar no coração e fazer ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra” (VG, 4, a), é que se transmite a fé. Este é o imperativo das questões de hoje para a transmissão da fé: o clamor dos pobres e da terra. Segundo o Papa Francisco, “as questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas e preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos deveras levar a sério o princípio da encarnação” (VG, 5). Dessa forma, são as questões do povo na luta do dia a dia que interrogam o saber da universidade, o que ajuda a aprofundar o mistério da Palavra de Deus na exigência do diálogo e da comunhão.

O quarto ponto de evolução da VG em relação à ECE se relaciona ao fato de colocar-se a serviço do bem da humanidade (GME, VIII, 3). Evidencia-se na GME que a Igreja está a serviço da humanidade, enviando seus raios ao mundo inteiro com a luz da unidade sobrenatural que beneficia a todos (GME, VIII, 3). O serviço à humanidade caracteriza, portanto, a missão

da universidade. Na *Ex Corde Ecclesiae*, a universidade católica “revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade, [...] compartilhando a alegria de procurar a verdade [...] em todos os campos do conhecimento” (ECE, 1). Irradiando o saber, a universidade exerce sua missão para o bem da humanidade, na alegria da busca da verdade.

Na *Veritatis Gaudium*, a alegria da Igreja é caminhar, “em solidária companhia com os homens e mulheres de todos os povos e culturas, para iluminar com a luz do Evangelho o caminho da humanidade rumo à nova civilização do amor” (VG, 1). Assim, em estrita conexão com a missão evangelizadora da Igreja, é que se encontram os estudos superiores católicos, “que floresceram, ao longo dos séculos, pela sabedoria do Povo de Deus, sob a guia do Espírito Santo e no diálogo e discernimento dos sinais dos tempos e das diferentes expressões culturais” (VG, 1). A transmissão da fé adquire sentido ao colaborar para a civilização do amor. Por meio da universidade, “Deus quer associar a humanidade ao mistério de comunhão que é a Santíssima Trindade, de que a Igreja é sinal e instrumento em Cristo Jesus” (VG, 2). É por meio da comunhão entre todos os seres da humanidade, seguindo o modelo da Santíssima Trindade, que a universidade sai de si e se coloca a serviço da humanidade para sua libertação. Para isso, a universidade é chamada a conhecer e orientar a humanidade sobre as novas questões que a preocupam, para que, animada na perspectiva da civilização do amor, partilhe os conhecimentos dos diversos níveis do saber humano, provenientes das investigações teológica, filosófica, social e científica (VG, 2).

Tais são, enfim, os aspectos que evidenciam a evolução da VG em relação à ECE, de acordo com as seguintes características da transmissão da fé na universidade: percorre-se o caminho da misericórdia, do amor e da fraternidade; utiliza-se do diálogo aberto às culturas; e abre-se às questões prementes da época, em especial junto aos pobres e à natureza. Dessa forma, coloca-se o resultado da investigação na universidade a serviço do bem da humanidade, balizada pela alegria do Evangelho. Tal evolução se resume na forma proposta para conduzir os homens e mulheres à comunhão com Deus e entre si, tornando nova a humanidade.

Na *Ex Corde Ecclesiae*, a investigação da verdade baseia-se na certeza de conhecer já a fonte da Verdade que é Deus. Segundo o Papa João Paulo II, a universidade “nascida do coração da Igreja” (ECE, 1) tem por missão primeira a transmissão da fé, já que o coração da Igreja é a evangelização. Na missão de evangelizar, a universidade católica conduz os homens à unidade com Deus, e entre si, por meio da investigação da verdade, já que a universidade tem a certeza de conhecer a fonte da Verdade, que é Deus, e esta Verdade embasa a investigação. Assim, a tarefa da universidade católica é a de “unificar [...] a investigação da verdade, na certeza de

conhecer já a fonte da verdade” (ECE, 1). Em Deus, a Verdade se encontra e essa é a fonte da verdade dos diversos saberes, “para tornar nova a própria humanidade [...] e como que transformar mediante a força do Evangelho os critérios [...] que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (ECE, 48). A finalidade da transmissão da fé é, portanto, a transformação da realidade, conforme a Palavra de Deus. Nesse sentido, a universidade “leva a Boa Nova a todos os estratos da humanidade e, com o seu influxo, transforma a partir de dentro e torna nova a própria humanidade” (ECE, 48).

Por sua vez, na *Veritatis Gaudium*, o Papa Francisco utiliza a alegoria de um rio. Diz o Papa Francisco: “A Tradição não é transmissão de [...] uma coleção de coisas mortas. A Tradição é o rio vivo que nos liga às origens, [...] irriga diferentes terras, [...] fazendo germinar o melhor daquela terra, o melhor daquela cultura” (VG, 4, d). É assim que o Evangelho continua a se encarnar em todos os povos do mundo de forma sempre nova.

Portanto, a evolução da recepção do estilo conciliar se evidencia na VG, já que, enquanto na *Ex Corde Ecclesiae* a investigação da verdade baseia-se na certeza de conhecer já a fonte da Verdade que é Deus e essa verdade transforma a partir de dentro e torna nova a própria humanidade, na *Evangelii Gaudium*, por sua vez, a transmissão da mesma verdade, que é Cristo, não se reduz a passar uma noção morta, mas uma mensagem que nos liga às suas origens e irriga todos os povos de forma sempre nova, fazendo germinar frutos sempre melhores.

2.5 Conclusões sobre a evolução da recepção do estilo conciliar, com reflexos à transmissão da fé na educação superior

Buscou-se neste capítulo respostas à seguinte pergunta: qual é o papel da educação, em especial no nível superior, a fim de que ocorra a transmissão da fé cristã no mundo de hoje, tendo em vista o respeito pela pessoa e a solidariedade, em especial com os pobres e a criação? O questionamento deu origem ao objetivo do capítulo, que se refere à transmissão da fé na educação superior católica na *Veritatis Gaudium* (2017) e na *Ex Corde Ecclesiae* (1990).

Verifica-se, de início, que as orientações dos documentos à educação superior católica identificam a necessidade de reformulação da universidade, para que ela seja presença da Igreja na sociedade, agindo com o acolhimento da fé e o acompanhamento espiritual de todos os que a buscam, em especial junto aos pobres e no cuidado com a criação. O fundamento dessa reformulação embasa-se no estilo do Vaticano II, qual seja, de respeito e promoção humana, de amor e misericórdia. Nesse sentido, é que ambas as Constituições alertam à necessidade de

renovação da universidade, para que possa realizar sua missão de transmissão da fé, tanto pelo testemunho de vida como pelo ensino, com a transmissão do Evangelho de Jesus, de forma contextualizada aos dias atuais.

O estilo pastoral do Concílio mostra que a Igreja é “mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade” (GME, VII, 3). E assim age a universidade, por ter nascido do coração da Igreja. Para tal missão, o caminho é o da conversão e da reconciliação da Igreja com a humanidade.

A fim de se alcançar a renovação exigida, identificam-se quatro elementos no estilo do Concílio para a prática da Igreja e da universidade com reflexos à transmissão da fé. Primeiro, uma atitude fundamental de amor e a misericórdia¹⁷⁷. O amor e a misericórdia são a linha de atuação do Concílio e da universidade para a transmissão a fé, por meio da investigação e do testemunho da comunidade educativa. Segundo, o acolhimento da realidade dos dias de hoje¹⁷⁸. É no acolhimento à realidade que a fé se transmite. Terceiro, a manutenção do patrimônio essencial da revelação divina¹⁷⁹. A verdade do Evangelho é sempre a mesma. Quarto, a preocupação com a utilização de novos métodos, adequados aos dias atuais, renovando-se o modo de se expor tal patrimônio¹⁸⁰. *Aggiornamento* foi a palavra-chave do Concílio, isto é, colocar a Igreja em dia com o seu tempo.

A universidade, como representante da Igreja, visa a transmissão do depósito da fé e, ao mesmo tempo, apresenta a mesma doutrina de forma renovada a cada realidade, o que implica o intercâmbio entre as culturas e a Tradição, para que a inculturação da alegria do Evangelho ocorra em todos os povos e culturas.

A partir do estilo conciliar, com suas implicações para a transmissão a fé, buscou-se conhecer como tal estilo obteve recepção pela Igreja, em geral, e na universidade, em particular. Nos dias de hoje, com o Papa Francisco, a recepção do Vaticano II é identificada em quatro princípios.

Primeiro, que “o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V.1). A mensagem da alegria do Evangelho é transmitida de modo a atingir e transformar a realidade atual, em relação aos pobres e à criação.

Segundo, “a doutrina [...] seja fielmente respeitada, aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo” (GME, VI.5). Já que o espírito cristão do mundo

¹⁷⁷ Alves, 2013, p. 17.

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 18.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 19.

inteiro anseia por adentrar a doutrina, é na formação das consciências em prol das exigências do mundo todo que se encontra o caminho para a recepção da fé em prol do bem de todos.

Terceiro, ao se usar “mais o remédio da misericórdia do que o da severidade” (GME, VII.2), julga-se “satisfazer melhor às necessidades de hoje, mostrando a validade da doutrina mais do que renovando condenações” (GME, VII.2). A misericórdia é o remédio para se sentir o amor de Deus que transforma as realidades do mundo.

Quarto, a atitude da Igreja, mostrando-se “mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade, também com os filhos dela separados” (GME, VII.3), é o caminho a ser seguido para a transmissão da fé na universidade. A todos, portanto, deve chegar a mensagem do Evangelho, com amor e misericórdia.

Cinquenta anos após o Concílio Vaticano II, pode-se identificar, especialmente nos documentos do Papa Francisco, que a nova evangelização é oportunidade para Igreja retomar a “alegria do Evangelho” (EG, 1), devendo para isso agir como uma “mãe de coração aberto” (EG, V). Em meio à alegria do Evangelho, as dificuldades persistem, enquanto não forem permitidas condições de inclusão de todos em uma sociedade mais justa e fraterna.

Diante da situação de contrários em que vivem a Igreja e a humanidade toda, a transmissão da fé possibilita o despertar da esperança mesmo em meio aos desafios da vida pelo testemunho dos que fazem a experiência do amor de Deus. Segundo o Papa Francisco, a alegria do Evangelho “não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, que por vezes são muito duras” (EG, 6). Mas, mesmo em meio aos desafios, a alegria sempre permanece, pois ela “nasce da certeza de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados” por Deus (EG, 6). O Papa declara que apesar dos sofrimentos a esperança renasce na experiência do amor, que reflete o amor de Deus pela humanidade e por toda a criação. Assim, pela transmissão da fé, somos chamados a manter a confiança no Espírito (EG, 84), que conduz a história para manter viva a alegria do Evangelho.

A recepção do estilo do Concílio Vaticano II acontece, portanto, nas orientações para a educação superior, em especial no que se refere à transmissão da fé. Apesar das misérias do nosso tempo, vemos brilhar no Papa João Paulo II e no Papa Francisco a chama de João XXIII, conclamando os educadores a serem confiantes no Espírito, em sua generosidade e na misericordiosa Providência divina, pois, segundo João XXIII, “tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja” (GME, IV.4). Desse modo, tudo colabora para o bem da Igreja.

Por meio da universidade, a Igreja busca hoje “comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode

dar quando, a perfeição não é possível” (VG, 5). No empenho de que o Evangelho seja transmitido a todos, a Igreja visa manter “o cuidado da natureza, a defesa dos pobres e a construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5). A fraternidade universal propicia ao ser humano ver Deus no próximo, e, como consequência, a caminhar na busca da felicidade dos outros, em especial no bem dos pobres e da criação.

Dessa forma, vê-se na Constituição do Papa Francisco, *Veritatis Gaudium* (2017), uma evolução quanto à recepção do estilo do Vaticano II em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, do Papa João Paulo II (1990). Há, portanto, uma evolução, especialmente nos caminhos para a transmissão da fé, de forma mais eficaz, a qual se baseia no estilo conciliar de misericórdia e amor, preferindo “mais o remédio da misericórdia do que o da severidade” (GME, VII.2). Tal estilo exige reconciliação que se manifesta, segundo o Papa Francisco, no cuidado dos pobres e da natureza, com o “imperativo a escutar no coração e fazer ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra, para tornar concreta a dimensão social da evangelização” (VG, 4, a). Tal estilo vem especialmente ao encontro das necessidades latino-americanas.

Em resumo, a transmissão da alegria do Evangelho na universidade se realiza, segundo o Papa Francisco na *Veritatis Gaudium*, tanto pelo testemunho quanto pelo conhecimento, em uma Igreja em saída, que vai em busca de todos, em especial dos mais pobres, para o bem de toda a criação. A reformulação exigida da universidade caminha em direção ao respeito, ao acolhimento e ao acompanhamento espiritual de todos. Já que a Igreja é mãe amorosa, cheia de misericórdia e bondade, da mesma forma deve-se agir na universidade. Porém, diante da situação de contrários que se vive na sociedade atual, a alegria do Evangelho não acontece da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, que, por vezes, são muito duras. Mesmo em meio aos desafios a alegria sempre permanece, pois ela nasce da certeza de que todos os homens e mulheres são infinitamente amados por Deus. Assim, o Evangelho é transmitido a todos, ao se manter o cuidado com a natureza, a defesa dos pobres e a construção de uma rede de respeito e de fraternidade, utilizando-se mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Portanto, a evolução da *Veritatis Gaudium* se identifica, em especial, no alcance social da transmissão da fé, por meio da educação superior, com foco sobre a nova forma de se transmitir a verdade, para o bem dos pobres e de toda a criação.

Após o enfoque da evolução da recepção do estilo conciliar na *Veritatis Gaudium*, pergunta-se: qual é o caminho que se apresenta à educação, em especial no nível superior hoje em dia, com vistas à transmissão da fé? É o que se analisa no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III – DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A TRANSMISSÃO DA FÉ POR MEIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

As perguntas iniciais do trabalho, quais sejam, sobre como o Concílio vem sendo recebido nos documentos estudados e até que ponto suas orientações são aceitas e implementadas nos dias de hoje pelos fiéis, em especial para a transmissão da fé na educação, tiveram seus desdobramentos nos capítulos desenvolvidos. Buscou-se conhecer as orientações emanadas pela Igreja Católica para a transmissão da fé na nova evangelização, em especial na educação superior. Os fundamentos que embasam a educação para a transmissão da fé, a fim de que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade, foram encontrados nos documentos da Igreja, e, diante do direito de todos à educação, particularmente à educação cristã dos batizados, depara-se hoje com a crise da transmissão da fé na educação, que se enfrenta como desafio para crescer, com caminhos para sua superação nas orientações da Igreja à nova evangelização.

Depara-se, então, com os desafios a serem superados na educação e na evangelização libertadora na América Latina. Buscou-se a via de superação no estilo do Vaticano II e na forma como vem acontecendo sua recepção pela Igreja, em especial, no continente latino-americano, de Medellín, até os dias atuais, com o Papa Francisco, após 50 anos da realização do Concílio e 500 de evangelização. Viu-se que, em meio ao ânimo vivido para a recepção do Concílio, também muitas áreas eclesiais não estavam preparadas para a novidade, e os questionamentos continuam a prevalecer: como pode ser tão injusto um continente de formação cultural católica? Perante a situação, como fica a educação a partir de Medellín?

Diante das contribuições que a Teologia e a Educação trazem ao diálogo da Igreja com o povo para o percurso da nova evangelização e da educação no continente, vê-se renovada a esperança de que a fé transmitida pelos evangelizadores e educadores, do ponto de vista libertador, tenha a capacidade performativa social para o sustento dos homens e mulheres de hoje. Até que ponto, então, a evangelização e a educação vêm sendo realmente libertadoras no continente latino-americano? Amplia-se a questão, interrogando-se: é possível distinguir uma educação libertadora de uma educação que adota qualquer outro tipo de ação? Contra os fatos não há argumentos, e vê-se que a libertação não predomina em meio ao continente de maioria de cativos e oprimidos.

Ante à realidade, como levar a alegria do evangelho que liberta, face às dificuldades que o povo enfrenta em sua vida no seu dia a dia? Qual é o papel da educação, a fim de que a transmissão da fé cristã aconteça no mundo de hoje, em especial no nível superior, com vistas

ao respeito pela pessoa e à fraternidade e à solidariedade, preferencialmente com os pobres e necessitados? O estilo conciliar do Vaticano II apresenta o caminho de reconciliação, que exige conversão à prática pastoral fundada no amor evangélico. Para trilhar esse caminho, quais relações devem ser estabelecidas entre o novo estilo pastoral do Vaticano II e a tradição dogmática do catolicismo? A fim de que as culturas sejam respeitadas e a Tradição seja mantida, em qual direção caminham as orientações da Igreja para a transmissão a fé?

Sabe-se que toda recepção é um processo que dura vários anos. Então, a recepção do Vaticano II é ainda muito jovem e se descortina um longo caminho a ser percorrido por, até mesmo, séculos. Diante da recepção do estilo conciliar pela Igreja nos dias de hoje, em especial com o Papa Francisco, com quem o destaque à reconciliação é nítido no seu pontificado, de que forma esse estilo se reflete na educação, em especial no ensino superior? Verifica-se a evolução da recepção do estilo conciliar da *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, tendo em vista o respeito pela pessoa, a fraternidade e a solidariedade, em especial com os pobres e a criação.

Nesse contexto, dentre desafios e possibilidades, outras questões se levantam: de que forma deve acontecer a transmissão da fé para que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade? Diante das portas que se abrem à entrada da fé, a educação é um amplo campo, haja vista ter a finalidade de desenvolver, nos estudantes, o compromisso solidário para com todos os seres humanos e a criação. Para tal, destaca-se o chamado do Papa Francisco à humanidade para adesão ao pacto educativo global, com vistas à formação que se destine à fraternidade na boa convivência entre todos, a dar e receber ajuda, a escutar e ser escutado, a amar e ser amado, como experiência do amor de Deus. Assim, a transmissão da fé pela educação ocorre, com pessoas, e, em especial, educadores, que fazem a diferença e cooperam para o bem da sociedade.

Diante dos questionamentos levantados no trabalho e do caminho de investigação percorrido, em especial perante as características do estilo do Vaticano II que se apresentam à educação, para a transmissão da fé, bem como diante da situação de crise em que a Igreja se encontra, especialmente na educação católica, busca-se, a seguir, verificar quais são os desafios que se apresentam à transmissão da fé pela educação e como superá-los. Nesse sentido, vê-se que novos caminhos se abrem para a superação dos desafios. Levanta-se, portanto, o seguinte questionamento: quais são as linhas estratégicas e operativas apontadas hoje para a transmissão da fé na educação superior?

Ao apresentar os caminhos para a superação dos desafios, o Papa Francisco indica o estilo da alegria do Evangelho como parâmetro a ser adotado na educação. Como consequência

da importância atribuída à educação por Francisco, o Papa lança o convite à humanidade para reafirmar o pacto educativo global, em busca da fraternidade e da paz. Atendendo ao convite do Papa, os bispos do Brasil dirigem o convite aos brasileiros, para que todos assumam o compromisso com uma educação que leve a uma sociedade fraterna, rumo ao bem comum.

Nesse percurso, inicia-se com os desafios à educação para a transmissão da fé, chegando às portas que se abrem para sua superação e às linhas estratégicas e operativas à educação, com a reafirmação do pacto educativo global.

3.1 Desafios à educação para a transmissão da fé no contexto latino-americano

Para a transmissão da fé pela educação, é importante conhecer os desafios que se apresentam hoje em dia à missão educativa evangelizadora, a fim de superá-los. Por isso, abordam-se, a seguir, os desafios à transmissão da fé para a recepção do estilo conciliar na educação, em especial conforme aqueles apresentados pelo Papa Francisco.

Como visto, a recepção do estilo do Concílio Vaticano II na América Latina acarretou o acordar da Igreja à realidade de injustiça do continente, nascendo assim uma Igreja com rosto próprio latino-americano, com a Igreja tornando-se “fonte”, de acordo com a realidade do continente, e não mais um braço da Igreja europeia, dentre outros importantes aspectos. Porém, hoje, passados mais de 50 anos do Vaticano II, vemos o abismo que nos separa do apelo social e político da fé preconizado pelo Concílio. A realidade de hoje mostra, segundo Theobald “os efeitos desastrosos de uma ideologia racionalista sobre um corpo social que padece cada vez mais da ausência de elementos espirituais”¹⁸¹. Portanto, os efeitos desastrosos da falta de espiritualidade se fazem notar na realidade latino-americana. Em nome da racionalidade, a humanidade vive em uma sociedade sem Deus, só aceitando o que é explicado pela razão. E como, para se explicar Deus, é necessário a fé, a transmissão da fé fica sem espaço na sociedade racionalista. Sem espiritualidade o bem comum fica comprometido, e, no contexto de uma sociedade marcada pela falta da espiritualidade, a humanidade sofre os efeitos desastrosos decorrentes da falta do apelo social em busca do bem de todos. Por outro lado, mesmo em meio à falta de elementos espirituais na sociedade, Theobald destaca a ação de alguns cristãos que demonstram a presença do Espírito Santo nos dias de hoje em meio ao povo.

Vários desafios se apresentam hoje para o encontro com o Absoluto, enquanto, por outro lado, outras portas se abrem à entrada da fé na realidade atual¹⁸². Cumpre, portanto, conhecer

¹⁸¹ THEOBALD, 2009, p. 121.

¹⁸² *Ibidem*, p. 125-156.

tais desafios, em especial, os desafios à educação, para que se busquem caminhos para sua superação, com vistas à transmissão da Boa Nova a todos.

Apresenta-se agora os quatro desafios a serem superados pela educação para a transmissão da fé, seguindo as reflexões de Theobald, Sesboüe e Libanio. Seguem-se os desafios constantes do *Instrumentum Laboris* “Educar hoje e amanhã”, para logo entrar nas considerações do Papa Francisco sobre como vencê-los.

Primeiro, apresenta-se o desafio à educação de descobrir, nos sinais dos tempos, como favorecer a harmonia em meio à diversidade, tanto de opiniões, religiões, opções espirituais, como também de culturas, para a transmissão da alegria do Evangelho. Segundo Theobald, “ler os sinais dos tempos implica antes de tudo descobrir no outro uma capacidade de escuta, o que é problemático, pois nem todos ouvem e veem a mesma coisa, e será necessário aprender a respeitar o outro na sua alteridade”¹⁸³. Assim, aprender e ensinar com respeito às diferenças, eis o desafio da educação, inclusive em meio às várias religiões e opções espirituais dos dias de hoje. Dessa forma, a alteridade, em vez de ser fonte de violência ou indiferença, pode-se tornar caminho para múltiplas aprendizagens, quando respeitadas as diferenças. O desafio maior da educação cristã é, portanto, descobrir, na transmissão da alegria do Evangelho, harmonias na diversidade que não tinham sido ainda percebidas.

Nos sinais dos tempos que se manifestam hoje em dia, segundo Theobald, “é a fé o verdadeiro sinal messiânico (Lc 7, 9) [...] pois somente o encontro com outrem pode tornar possível [...] a manifestação da vitória”¹⁸⁴. É nas experiências cotidianas que a fé se expressa em atos de fraternidade, no respeito à alteridade e no amor ao próximo.

Nessas condições, a aprendizagem do convívio na alteridade perpassa toda ação educativa da sociedade, com vistas à transmissão da fé no respeito aos limites de cada um, recebendo a todos como parceiros, em prol de uma sociedade que, segundo Theobald, “deve ser pacificada por regras comuns e por uma educação para o viver junto”¹⁸⁵. O convívio social pode se tornar harmônico na vivência da alegria do Evangelho e essa é a finalidade da transmissão da fé pela educação cristã.

O segundo desafio é o da linguagem para a comunicabilidade na educação para a transmissão da fé. No contexto citado, de respeito à alteridade, em especial na América Latina, devido à diversidade cultural, lembra Sesboüe que a comunicabilidade entre todos é essencial. Para isso, Sesboüe destaca a importância da linguagem para uma eficaz comunicação, em uma

¹⁸³ THEOBALD, 2009, p. 127.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 129.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 135.

sociedade em que convivem seres humanos de diferentes opiniões e culturas¹⁸⁶. Para o autor, “não basta que a linguagem seja sincera. É necessário que ela seja verdadeira, isto é, que a realidade visada corresponda ao que ela diz”¹⁸⁷. A linguagem é, portanto, essencial para a transmissão da fé. Porém, mesmo desejando que a linguagem expresse o real, essa expressão se dá o mais adequado possível, mas sempre de forma parcialmente verdadeira, pois nunca se pode abarcar nas palavras a totalidade do real. Dessa forma, segundo Sesboüe, destaca-se com grande ênfase a dificuldade da linguagem na transmissão da fé, pois, de acordo com o autor, “falar de Deus que não vemos e de quem não temos nenhuma representação, por ser ‘Todo-Outro’, é muito difícil”¹⁸⁸. Assim, para vencer tal desafio e se falar de Deus na transmissão da fé, o que ajuda é o testemunho de vida, mostrando a consequência da fé na história de cada um.

O terceiro desafio, de acordo com Libanio, é o de se verificar até que ponto a linguagem religiosa é universal e abrange a cultura de cada um. Além de se considerar a dificuldade na comunicação, devido à diversidade das culturas, a transmissão da fé pela educação deve considerar também se a linguagem religiosa abrange a cultura de cada um quando se propõe a transmitir a mensagem da Boa Nova de Jesus Cristo a todos. Nesse sentido, quanto à diversidade das culturas e a universalidade da linguagem religiosa, diz Sesboüe que “toda linguagem é inevitavelmente particular, inscrita no tempo e espaço de uma história e uma cultura; e a linguagem religiosa, que fala de Deus, quer dirigir-se a todos”¹⁸⁹. A linguagem religiosa, na transmissão da fé, enfrenta o desafio de ser compreendida por todas as culturas. Pois ao se transmitir a fé, quer-se dirigir a todos.

Como quarto desafio a ser superado na transmissão da fé, Libanio salienta o desafio do testemunho dos cristãos no que diz respeito à coerência entre a fé que professam e a vida que levam no dia a dia. Diz Libanio: “experiências existenciais profundas agitam, até que encontrem o oásis da conversão”¹⁹⁰. Assim, são os testemunhos e as experiências de vida cristã que conquistam e conduzem à conversão.

A seguir, apresentam-se os desafios à educação, constantes no *Instrumentum Laboris* “Educar Hoje e Amanhã”, no contexto atual (IL, apresentação). Diz o documento que é em meio aos desafios que somos levados a decifrar as provocações, bem como a superá-las, pela educação evangelizadora. Pois a inserção dos cristãos nos desafios da história nos recorda que “Deus que se fez homem na história dos homens, na nossa história” (IL, cap. III). Inseridas nos

¹⁸⁶ SESBOÜE, 1999, p. 71-92.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 73.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 74.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 84.

¹⁹⁰ LIBANIO, 2014, p. 129.

desafios do mundo, a escola e a universidade são, hoje em dia, os sujeitos da Igreja, que a representam como presença de acolhimento, de proposta de fé e de acompanhamento espiritual.

Conforme o *Instrumentum Laboris*, é em meio às “mudanças do mundo que somos chamados a acolher, amar, decifrar e evangelizar, e é aí que a educação católica contribui para a descoberta do sentido da vida e fazer nascer novas esperanças para o hoje e para o futuro” (IL, Cap. III). A educação é via para novas esperanças, perante os desafios a superar:

a) A identidade das instituições católicas de ensino

Hoje, a sociedade é caracterizada, em sua maioria, pela pobreza espiritual e o abaixamento do nível cultural, com alunos de numerosas instituições católicas pertencentes a uma pluralidade de culturas e religiões, em especial nas universidades. Nesse contexto, a identidade da universidade passa por sua inspiração evangélica, exigindo “que as escolas católicas sejam conduzidas por pessoas e grupos que se inspiram no Evangelho” (IL, III, 1,a). A inspiração no Evangelho e o testemunho de sua vivência pela comunidade acadêmica é urgente para se superar, sobretudo, o vírus do individualismo, “na humildade e na proximidade, com uma proposta amável de fé. O modelo é aquele de Jesus com os discípulos de Emaús, a partir da experiência de vida da comunidade” (IL, III, 1,a). Com a autoridade da educação, a exemplo de Jesus, é no dom gratuito de si e no serviço ao próximo, proveniente do encontro pessoal com Deus, que a instituição educativa se inspira para a transmissão da fé.

b) O vírus do individualismo

Diz o Papa Francisco que “o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar à rédea solta as próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum” (FT, 105). Porém, pelo contrário, o individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. “A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode sequer preservar-nos de tantos males, que se tornam cada vez mais globais” (FT, 105). Diante do individualismo reinante na sociedade, o *Instrumentum Laboris* salienta a importância de a instituição de educação católica ser uma “verdadeira comunidade de vida animada pelo Espírito Santo” (IL, III, 1,b), com clima familiar e acolhedor. Diz o documento aos educadores cristãos, em união aos de outros credos religiosos: “ajudem a superar os momentos de desorientação e de desânimo e abram uma perspectiva de esperança evangélica, visando a promoção de uma comunidade justa e solidária [...] com os demais e os mais pobres” (IL,III,1,b). A ação da educação cristã converge, portanto, à solidariedade para com todos, em especial aos pobres.

Segundo o *Instrumentum Laboris*, é na relação entre pessoas que acontece o ensino e a aprendizagem, com estima recíproca, confiança, respeito, cordialidade. Segundo o documento, “o contexto que favorece o senso de pertença é bem diferente de uma aprendizagem que se dá numa moldura de individualismo, de antagonismo ou de frieza recíproca” (IL, II.3). Também o Papa Francisco diz que o esforço por superar o que nos divide, sem perder a identidade de cada um, “pressupõe que em todos permaneça vivo um sentimento basilar de pertença” (FT, 230). Porque “a nossa sociedade ganha, quando cada pessoa, cada grupo social se sente verdadeiramente de casa” (FT, 230), onde cada um ajuda o outro a superar suas dificuldades e a comemorar juntos suas conquistas.

c) O desafio do diálogo

A perspectiva que a escola católica assume em relação ao diálogo propõe aos educandos “uma visão aberta, pacífica, fascinante, do Outro e do outro” (IL,III,1,c). A universidade pode ser espaço de diálogo, de busca com outros das respostas aos problemas da humanidade. A ausência dessa dinâmica isola, atomiza; é nessa perspectiva que o diálogo é uma resposta ao isolamento e à atomização social.

d) A sociedade da informação.

Sabe-se que a aprendizagem não acontece somente na instituição de ensino. Hoje, conforme o *Instrumentum Laboris*, “a escola confronta-se com uma realidade na qual as informações são cada vez mais amplamente disponíveis, maciças e incontroláveis” (IL,III,1,d). Porém, mesmo em meio à realidade da informação nos dias de hoje, é inegável a importância das instituições de educação, inclusive para a socialização dos indivíduos e da própria informação.

Diante da realidade da sociedade da informação, o documento apresenta à educação o desafio de “ajudar os estudantes a construir os instrumentos críticos indispensáveis para não se deixar dominar pela força dos novos instrumentos de comunicação” (IL,III,1,d). A avalanche de informações é impossível de ser controlada, a não ser pelo espírito crítico, baseado em princípios éticos do valor da pessoa, da sociedade e da criação. Este é, portanto, o fim da educação: formar pessoas críticas, com valores cristãos.

e) A educação integral

Educar é muito mais do que instruir e abrange o desenvolvimento das competências do ser humano para o seu desenvolvimento pleno e integral. Para isso, segundo o documento, “é preciso respeitar os alunos na sua integralidade, desenvolvendo [...] competências que enriquecem a pessoa, como a criatividade, a imaginação, a capacidade de assumir responsabilidades, a capacidade de amar o mundo, de cultivar a justiça e a compaixão (IL,III,

1,e). Amar o próximo com compaixão é, pois, o fim da educação, que se embasa na transmissão a fé, com vistas à fraternidade e ao bem de todos.

f) A formação religiosa dos alunos

Em alguns países, os cursos de escolas católicas estão ameaçados, sob o risco de desaparecer do currículo. É importante formular propostas de formação religiosa “capazes de fornecer um conhecimento e uma aprendizagem crítica das religiões. E também que se distingam com clareza [...] os cursos de religião em relação aos de educação à cidadania responsável” (IL,III,1,h). Daí deriva a importância dos projetos de educação religiosa voltados à especificidade das religiões.

O importante é suscitar nos agentes educativos uma abertura cultural e uma disponibilidade para o testemunho, com a colaboração de estudantes e professores de diversas convicções religiosas. De acordo com o instrumento “Educar hoje e amanhã”, a transmissão da fé religiosa acontece tendo-se em vista “a formação do cidadão livre, capaz de ser solidário, compassivo, responsável e compreensivo diante das interrogações humanas”, buscando respostas aos desafios nos ensinamentos de Jesus (IL,III,1,h). Nesse ambiente testemunhal de vida cristã, as instituições de educação caminham em direção à formação religiosa dos alunos e de toda comunidade educativa.

g) A formação permanente dos professores

A formação dos professores, segundo o documento, é importante para se contar com mestres comprometidos com a identidade evangélica do projeto educativo católico, partilhando sua identidade cristã com um “coerente estilo de vida” (IL,III,1, j).

Quando a identidade das escolas enfraquece, emergem numerosos problemas. A resposta ao desafio da formação não pode ser a indiferença ou o fundamentalismo religioso. É importante que a comunidade educativa seja formada para o diálogo entre fé e cultura e ao diálogo inter-religioso, com professores que tenham aprofundamento na fé católica e saibam dialogar com o diferente, no respeito ao próximo e firmes na fé.

A inserção do estudante na realidade é conduzida por sua consciência e responsabilidade, desenvolvidas perante as necessidades do mundo em que se vive. Para isso, mais que o conhecimento, a transformação da pessoa rumo a Deus e ao próximo é o verdadeiro resultado almejado pela educação católica, com vistas ao serviço para o bem de todos. Para isso, muito contribui a Teologia, já que, baseada na Palavra de Deus, favorece o encaminhamento das questões que surgem, por meio do diálogo aberto, franco e respeitoso. Segundo o *Instrumentum Laboris*, “a educação católica [...] dá um contributo às comunidades [...] comprometidas na nova evangelização, [...] para que as pessoas e a cultura assimilem os

valores antropológicos e éticos necessários para construir uma sociedade solidária e fraterna” (IL, Introdução). São os valores cristãos de solidariedade e fraternidade que constituem os princípios de uma educação que vise à transmissão da fé.

Além dos desafios apontados no *Instrumentum Laboris*, o Papa Francisco destaca a realidade de rápidas mudanças em que se insere a humanidade, em que tais desafios se veem retratados, em especial nas instituições de educação, que “às vezes, são difíceis de serem compreendidos”¹⁹¹. Porém, argumenta o Papa, tais desafios, quando enfrentados, levam ao crescimento e à transformação da mesma realidade.

Considerando que educação é dever de todos, em 2019, o Papa convidou toda a humanidade a se comprometer com a educação, e, assim, a reafirmar o pacto educativo global. No Brasil, a CNBB lançou o mesmo convite aos brasileiros, por meio do documento que conclama a sociedade a participar do pacto educativo global e a assumir o compromisso de uma educação que prepare cidadãos solidários e fraternos. Esse convite do Papa Francisco, preparado antes mesmo pelo Papa Bento XVI, é o apogeu de um caminhar que se inicia antes mesmo da posse do Papa Francisco, em 2012. O pacto educativo global será assunto a ser abordado logo mais.

Diante dos desafios que se apresentam à educação, abrem-se algumas portas à sua superação, para a transmissão da fé na realidade atual¹⁹². E, também, novas perspectivas são apontadas para a transmissão da fé pela educação superior. Dessa forma, cientes dos desafios a enfrentar, passa-se aos caminhos para sua superação para a transmissão da Boa Nova na educação superior. Segue-se a abordagem de superação, inicialmente conforme Libanio, e, em seguida, as perspectivas apontadas pelo Papa Francisco à transmissão da fé pela educação superior.

3.2 Perspectivas para a transmissão da fé pela educação superior

Para a reflexão sobre a transmissão da fé por meio da educação no contexto latino-americano, inicia-se com as considerações de Libanio, e, em seguida, passa-se ao Papa Francisco. Ao refletir sobre a situação da evangelização no mundo atual, e, especialmente, na América Latina, Libanio (2014) reconhece que, da mesma forma como muitas portas se fecham à transmissão da fé, outras se abrem, trazendo ao povo oportunidades de conversão, conduzindo-o à abertura a Deus e à comunidade. Assim, a imagem da porta da fé, utilizada por

¹⁹¹ FRANCISCO PP, 2014, III.1.

¹⁹² LIBANIO, 2014, p. 125-156.

Libanio, inspirada na Carta Apostólica *Porta Fidei*, do Papa Bento XVI¹⁹³, é extensiva também à comunidade educativa superior, já que a educação evangelizadora oferece oportunidades ao educando de encontro com Deus e com o próximo. São elas, segundo Libanio:

1. A porta de Deus:

A iniciativa de abrir as portas da fé parte sempre de Deus. Segundo Libanio, “nenhuma porta nos franquiria, se Deus não estivesse lá primeiro”¹⁹⁴. Se as portas adversas nos fazem cair em muitas controvérsias, Deus faz muito mais para abrir as que levam a Ele. Pois, segundo Libanio, “o ato criativo de Deus Trindade [...] a chamar-nos à comunhão com Ele está na origem de toda fé”¹⁹⁵. Deus Trindade chama suas criaturas a Ele e essa é a origem da nossa fé, mas nossa resposta para entrar pode ser sim ou não.

Por isso, as portas de Deus se abrem, por primeiro, por sua livre iniciativa; mas, também, pelas ações dos homens e mulheres, para que as pessoas entrem na comunidade de fé. Ao nos criar, “Deus quis necessitar também de nós para atrair as pessoas à Igreja”, diz Libanio¹⁹⁶. Daí que nossa participação é importante para abrir as portas de entrada da fé. Deus age através das ações dos homens e mulheres de fé para despertar outras pessoas à fé.

No ensino superior, a porta de Deus se abre especialmente, já que a identidade da universidade decorre da missão evangelizadora da Igreja, e, dessa forma, ela é “inteiramente votada a promover o crescimento autêntico e integral da família humana até à sua plenitude definitiva em Deus” (VG, 1). A universidade e os estudos eclesiais floresceram, “ao longo dos séculos, pela sabedoria do Povo de Deus, sob a guia do Espírito Santo e no diálogo e discernimento dos sinais dos tempos e das diferentes expressões culturais” (VG, 1). Assim, no caminhar da história, a porta de Deus abre os caminhos para transmissão a fé na educação superior.

2. A porta da Escritura:

Deus agiu e age na Igreja salvadoramente e o faz nas pessoas da história por meio de gestos grandiosos. Porém, como diz Libanio, “tudo isso nos escaparia ao conhecimento se, por inspiração do Espírito Santo, pessoas e comunidades não nos tivessem escrito”¹⁹⁷. Por isso, é importante basear-se na Revelação Divina registrada na Sagrada Escritura para responder às

¹⁹³ Para maior conhecimento, ver Bento XVI, PP, 2011.

¹⁹⁴ LIBANIO, 2014, p. 125.

¹⁹⁵ *Ibidem*.

¹⁹⁶ *Ibidem*.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 126.

questões da época. Nesse sentido, hoje, diz Libanio, o empenho “em torno da leitura, meditação e oração bíblica tem-se tornado excelente via de entrada na comunidade de fé”¹⁹⁸. Bons exemplos são as oportunidades de reflexão sobre a Bíblia, que se abrem às comunidades para o conhecimento da Palavra de Deus, que possibilitam às pessoas sentirem-se atraídas a aprofundar seus conhecimentos nesse sentido. Assim, uma educação baseada na Palavra de Deus traz os caminhos para a transmissão da fé.

Assim, a porta da Palavra de Deus se abre na educação superior, iluminando a investigação por meio do diálogo entre os vários saberes para esclarecer as perguntas do povo, balizado pela Teologia. As questões nos ajudam a “aprofundar o mistério da Palavra de Deus, Palavra que exige e pede que se dialogue, que se entre em comunhão” (VG, 4, d). A transdisciplinaridade, guiada pela Sagrada Escritura, é o caminho em que os vários saberes são orientados “dentro do espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que dimana da Revelação de Deus” (VG, 4, c). Dessa forma, “não há dúvida que a teologia, enraizada e fundada na Sagrada Escritura e na Tradição viva, “acompanha os processos culturais e sociais” (VG, 4, d). Logo, é sob a luz da Sagrada Escritura que a universidade aponta caminhos às questões que dizem respeito aos processos culturais e sociais pelos quais passa a humanidade.

3. A experiência existencial:

Santo Agostinho dizia: “Nos criastes para vós e nosso coração permanece inquieto enquanto não repousa em vós. Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova! Eis que habitáveis dentro de mim e eu lá fora a procurar-vos”¹⁹⁹. Toda criação tem seu começo em Deus, que não nos abandona nunca. Nesse processo, explicita Libanio, “nossas experiências pessoais nos agitam, até que encontremos o oásis da conversão”²⁰⁰. As vivências pessoais de experiência de Deus, desencadeadas pelo testemunho dos irmãos, conduzem ao aumento ou à descoberta da fé em Deus, que se revela no testemunho de amor aos irmãos.

Perante o desafio da experiência existencial, o *Instrumentum Laboris* apresenta o alerta, no sentido de se descobrir talentos para a competência profissional e o desenvolvimento de responsabilidades para a vida em sociedade. Diz o documento:

A educação católica se coloca num momento da história pessoal e é muito mais eficaz quanto mais sabe unir-se a esta história, sabe construir alianças, partilhar responsabilidades, construir comunidades educadoras. Dentro de uma dimensão de colaboração educativa, o ensino não é só um processo de transmissão de conhecimentos ou de adestramento, mas um guia para a descoberta dos próprios

¹⁹⁸ LIBANIO, 2014, p. 127.

¹⁹⁹ *Ibidem*.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 129.

talentos, para o desenvolvimento da competência profissional, a assunção de importantes responsabilidades intelectuais, sociais ou políticas na comunidade (IL, Conclusão).

4. A porta da inteligência:

Uns ingressam na Igreja pelo coração e outros, pela busca da verdade. Nas palavras de Libanio, “a luz (da verdade) os fascina e os põe a trilhar os caminhos da inteligência”²⁰¹ e, desse modo, muitos adentram a porta da Igreja. Hoje, muitas oportunidades são oferecidas pela Igreja e pelas universidades católicas para o conhecimento da fé, com cursos, formações, retiros e catequeses.

Dáí a importância da inteligência como uma das portas de entrada da fé, pelo conhecimento da riqueza que se detém e se transmite sobre Deus. Assim, fé e razão associam-se para a busca da verdade, em vista ao bem de todos.

A educação superior aproveita a porta da fé associada à razão, pois hoje há uma necessária “hermenêutica evangélica para se compreender melhor a vida, o mundo, os homens; não de uma síntese, mas de uma atmosfera espiritual de investigação e certeza fundamentada nas verdades da razão e da fé” (VG, 3). Nesse sentido, a faculdade de Teologia nas universidades, “tem como finalidade aprofundar e explanar [...] a doutrina sagrada, haurida [...] da Divina Revelação [...] e ainda, buscar [...] as soluções para os problemas humanos, à luz da mesma Revelação” (VG, primeira parte, art. 69). Nesse sentido, as universidades conduzem os estudantes ao “diálogo entre fé e razão, fé e cultura [...] para que todos sejam capazes do compromisso solidário com a dignidade humana” (DA, 2007, p. 342).

5. A porta das ciências:

Segundo Libanio, “como muitos deixam a Igreja pela porta das ciências, do convencimento e da inteligência, outros, porém, adentram por ela no interior da fé cristã”²⁰². Tocados pelo rico patrimônio intelectual da Igreja Católica, muitos se aproximam, conduzidos à verdade dos saberes, por encontrarem a verdade em Deus.

Na educação superior, “o essencial é devolver a unidade de conteúdo, perspectiva e objetivo à ciência, que é comunicada a partir da Palavra de Deus e do seu ponto culminante em Cristo Jesus, Verbo de Deus feito carne”. Só assim, sob a condução da Palavra de Deus, a ciência supera a separação entre teoria e prática, “porque é na unidade entre ciência e santidade que consiste a índole genuína da doutrina destinada a salvar o mundo” (VG, 4, c). Dessa forma,

²⁰¹ LIBANIO, 2014, p. 130.

²⁰² *Ibidem*, p. 130.

o conhecimento da verdade, sob a luz da Palavra de Deus, possibilita que se coloquem em prática os conhecimentos adquiridos na vivência de uma vida mais justa, rumo à santidade.

6. A porta da comunidade:

A comunidade é a realidade para a qual a fé se abre, na medida em que é transmitida pelo testemunho de vida, de forma atraente e vivencial. “Pela fé, os discípulos formaram a primeira comunidade reunida à volta do ensino dos Apóstolos” (At 2, 42-47). A partir do ingresso na comunidade, a fé é alimentada pelos sacramentos, pois, segundo Libanio, é “pela força dos sacramentos que se constitui a comunidade”²⁰³. Ainda, especialmente na realidade da América Latina, Libanio destaca que se “procuram manter vivas as comunidades, como oportunidade de abertura da Igreja aos pobres”²⁰⁴. Assim, na realidade latino-americana, muito importantes são as comunidades cristãs, que agem contra o vírus do individualismo e com a acolhida de novos cristãos, em especial os pobres. Tornando-se próximas das pessoas, abordando os assuntos vivenciais, as comunidades atraem as pessoas, da mesma forma como Jesus o fez.

Quanto ao valor da vida em comunidade, o Papa Francisco declara: “o isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (FT, 30). Esse é o testemunho que dão os educadores cristãos, em especial no ensino superior. Pois, segundo o Papa Francisco: “o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro, a solidariedade, que, como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte de uma multiplicidade de sujeitos, que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo” (FT, 30).

7. A porta da espiritualidade:

A década de 1960 anunciava que a era da religiosidade agonizava. Porém, nota-se hoje uma realidade paradoxal. Segundo Libanio, “de maneira vigorosa, explodem mundo afora surtos espiritualistas. [...] Na Igreja Católica, a maioria das pessoas veio por meio dos novos movimentos eclesiais que primam pela espiritualidade”²⁰⁵. Os que entram pela porta da espiritualidade são marcados por uma nova postura das experiências religiosas, de afetividade

²⁰³ LIBANIO, 2014, p. 131.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 132.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 135.

e consolo, ao invés do autoritarismo e das imposições de práticas religiosas estereotipadas, como aconteceu no passado.

Uma educação que valoriza a alegre e acolhedora espiritualidade é a porta que se abre para a transmissão da fé. No ensino superior, a espiritualidade é valorizada, pois o conhecimento só será fecundo se for construído “com a mente aberta e de joelhos [...] com um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *maius* de Deus e da Verdade, sempre em fase de desenvolvimento” (VG, 3). Uma das contribuições dos estudos superiores para uma Igreja em saída missionária é, portanto, “a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do querigma, ou seja, da feliz notícia, sempre nova e fascinante, do Evangelho de Jesus, que cada vez mais e melhor se vai fazendo carne na vida da Igreja e da humanidade” (VG, 4, a). Os estudos superiores, baseados na espiritualidade, mergulham as raízes na Trindade e têm a sua concretização histórica na comunidade peregrina e evangelizadora.

8. A porta do testemunho, até o extremo do martírio:

O provérbio diz: “as palavras voam, mas são os exemplos que arrastam”. Inúmeros são os exemplos e testemunhos cristãos, ainda nos dias de hoje, de que muitos chegam até ao martírio pela fé. A vida dos santos, como Santa Tereza de Calcutá, Santa Dulce dos Pobres, Santo Antônio de Santana Galvão, dentre outros, despertam imitação a partir dos seus exemplos e de suas obras. Mesmo hoje em dia, tendo diminuído entre os jovens o impacto dos exemplos de vida, o testemunho continua sendo valorizado pela Igreja. Segundo Libanio, “esta exigência do testemunho se estende de maneira específica aos cristãos em geral, pedindo para eles serem testemunhas do amor de Deus e profetas da esperança, na vivência do amor fraterno, de santidade de vida e de solidariedade para com os irmãos”²⁰⁶. Assim, numerosas são as iniciativas entre os cristãos, hoje em dia, nas quais, pelo testemunho de vida, a fé é transmitida, e, por ela, muitos se convertem.

Nesse sentido, o educador cristão mostra, com seu testemunho, a fé que busca transmitir, possibilitando a outros serem testemunhas do amor de Deus e profetas da esperança, na vivência do amor e da solidariedade para com os irmãos, em favor do próximo.

Assim, as vias do testemunho na educação superior são as que promovem a “alegria resultante do encontro com Jesus e do anúncio do seu Evangelho” (VG, 1) e as que proporcionam aos alunos serem “homens verdadeiramente eminentes pela doutrina e

²⁰⁶ LIBANIO, 2014, p. 137.

preparados, tanto para se desempenharem os mais exigentes cargos na sociedade, como para darem testemunho da própria fé perante o mundo” (*Sapiência Christiana*, Proêmio, II). Dentre as possíveis vias do testemunho na educação superior, destacam-se os testemunhos de unidade entre os cristãos e o diálogo com os não cristãos. Pois, apesar de os cristãos ainda estarem distantes da plena comunhão, diz o Papa Francisco, “temos o dever de oferecer um testemunho comum do amor de Deus por todas as pessoas, trabalhando em conjunto ao serviço da humanidade” (FT, 280). Já que, segundo a *Sapientia Christiana*, as universidades foram criadas, “para a edificação e o bem de todos” (Proêmio, IV). Assim, principalmente os professores, devido à sua responsabilidade de um ministério particular da Palavra de Deus, serão para os alunos “mestres da fé e testemunhas da verdade viva do Evangelho” (*Sapientia Christiana*, Proêmio, IV).

9. A porta da práxis:

Valorizada pela Teologia da Libertação, segundo Libanio, de um lado a práxis cristã provocou a reflexão da Teologia da Libertação e da Educação Libertadora, e, por outro, a Teologia da Libertação alimentou-as. Assim, a Teologia da Libertação tanto pode ter sido porta de saída para alguns como, também, de entrada da fé para outros, pois, como explica Libanio, “ao defrontarem-se com a correspondente Teologia, muitos se reconheceram como cristãos”²⁰⁷. A prática renovadora da Teologia convence e leva à conversão pelos resultados de transformação da realidade, por parte dos que têm fé. Segundo Libanio, “a fé tem potencial interior de converter pessoas até o dom de si”²⁰⁸. Daí se revela o potencial de convencimento da fé.

Na educação superior, do rosto de Deus revelado em Jesus Cristo deriva a “experiência libertadora [...] de viver [...] a mística do nós, que se torna fermento da fraternidade universal [...] que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros” (VG, 4, a).

10. A porta escatológica e da utopia:

A espiritualidade cristã forjou lemas que impulsionam os fiéis a não se acomodar. “Nasci para as coisas maiores”, dizia o jovem Estanislau Kostka²⁰⁹. Segundo Libanio, “escatologia e utopia exprimem realidade maior que o presente, e por isso provocam saída de

²⁰⁷ LIBANIO, 2014, p. 146.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ *Ibidem* p. 147.

si para o futuro”²¹⁰. Porém, utopia inscreve-se unicamente na história humana terrena, enquanto escatologia, segundo Libanio, “trata de um bem escatológico que já está presente na história, mas não totalmente; e só se realiza para além a história, embora já tenha começado nela”²¹¹. O que se detecta, segundo o autor, é que “nenhuma situação cala definitivamente a dimensão de transcendência do ser humano”²¹². Portanto, a fé no transcendente é inerente ao ser humano. De acordo com Libanio, “aí se tem excelente chave de leitura da existência humana, que responde ao profundo do coração humano”²¹³ e visibiliza respostas às perguntas ontológicas: quem sou, de onde venho, para onde vou.

Nos estudos superiores, diante da oferta de uma pluralidade de saberes para as respostas às questões do homem e da mulher, a unidade da sua fonte transcendente, junto com sua intencionalidade histórica, garante coesão ao “panorama atual fragmentado e muitas vezes desintegrado dos estudos universitários, e ao pluralismo das convicções e opções culturais” (VG, 4, c).

11. A beleza da liturgia:

Conta com o envolvimento e a participação dos féis, em especial a participação popular “na Missa e em outras devoções, aproximou da Igreja setores que andavam por outros rincões religiosos”²¹⁴. Daí que a participação do povo nas atividades de fé é de importância fundamental para a sua permanência e para se chegar a aprofundar a fé.

A educação, que reconhece o valor dos sinais de Deus na vivência da liturgia, promove e desenvolve o valor dos sinais litúrgicos pela participação da comunidade educativa em atividades de fé. Dada a pluralidade religiosa do ambiente universitário, a liturgia ecumênica é uma oportunidade que convida a:

favorecer o diálogo com os cristãos pertencentes às outras Igrejas e Comunidades Eclesiais e com os aderentes a outras convicções religiosas ou humanistas [...] procurando entender e saber interpretar as suas afirmações, bem como ajuizar sobre elas à luz da verdade revelada. (VG, 4, b).

Dessa forma, a beleza da liturgia é uma porta aberta à transmissão da fé, na universidade. Essas são, portanto, as portas que se abrem à educação superior para a transmissão a fé, segundo Libanio.

²¹⁰ LIBANIO, 2014, p. 148.

²¹¹ *Ibidem*.

²¹² *Ibidem*, p. 150.

²¹³ *Ibidem*.

²¹⁴ *Ibidem*.

Aproveitando a metáfora da porta, podemos identificar, no pontificado de Francisco, outras portas que se abrem para a fé: 1. A alegria do Evangelho; 2. A ecologia integral e 3. A fraternidade.

1. A porta da alegria do Evangelho:

O Papa Francisco apresenta que a transmissão da fé por meio da educação católica exige diretrizes para superação dos desafios dos dias atuais. Nesse sentido, o Papa Francisco destaca a “alegria do Evangelho” como porta de entrada para a fé, com gestos concretos de amor ao próximo. Segundo o Papa, “quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros [...] já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem” (EG, 2). Assim, a alegria que se adquire na renovação do encontro com Jesus Cristo implica o abrir-se aos outros, e, por esse caminho, abre-se a porta para a entrada da fé.

Dessa forma, na universidade, a partir da “alegria resultante do encontro com Jesus e do anúncio do seu Evangelho” (VG, 1), a comunidade educativa leva a todos a alegria do Evangelho. Já que a alegria enche “o coração do homem que experimenta, desde agora [...] a festa sem mais ocaso da união com Deus e da unidade com os irmãos e irmãs na casa comum da criação, de que gozará sem fim na plena comunhão com Deus” (VG, 1). Dessa forma, “o Povo de Deus [...] com os homens e mulheres de todos os povos e de todas as culturas, ilumina com a alegria do Evangelho o caminho da humanidade rumo à nova civilização do amor” (VG, 1). Assim, para anunciar e testemunhar a todos a alegria do evangelho, os estudos superiores “não se podem limitar a transferir conhecimentos, competências e experiências para os homens e mulheres [...] desejosos de crescer na sua consciência cristã, mas [...] penetram em sistemas culturais diferentes” (VG, 5).

Para isso, exige-se da educação superior “uma elevação da qualidade da investigação científica e um progressivo avanço do nível dos estudos teológicos e das ciências correlacionadas”, no sentido de “se comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho nos diferentes contextos, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que ela pode dar, quando a perfeição não é possível” (VG, 5). A qualidade da investigação e dos estudos é requisito para se transmitir a fé. Tal é, portanto, o esforço da universidade: criar as predisposições para que a alegria do Evangelho seja escutada e experimentada por todos, nas mais diversas realidades. Para isso, acena-se à atuação da pastoral universitária, com equipes de sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas, responsáveis pelas tarefas apostólicas. Segundo o Papa João Paulo II, os que participam da pastoral universitária “exortarão professores e alunos a ser mais

conscientes da sua responsabilidade em relação aos que sofrem física e espiritualmente” (ECE, 40). Destaca-se também a colaboração das diferentes instituições entre si, e delas com as iniciativas extraescolares de formação e de educação, atuando em benefício da comunidade.

2. A porta da ecologia integral:

Essa é uma porta especialmente aberta pelo Papa Francisco. O domínio despótico da natureza dá lugar, hoje em dia, à fé cristã, por vir ao encontro dos anseios ecológicos. Nesse sentido, o Papa Francisco destaca a importância de se considerar os elementos de uma ecologia integral no mundo atual, haja vista a “deterioração global do ambiente” (LS, 3), já que “tudo está intimamente relacionado e os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial” (LS, 137). É urgente, segundo o Papa Francisco, o “desafio de proteger a nossa casa comum, (o que) inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS, 13). Pois, como diz o Papa, “não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte, sobre a vida das pessoas” (LS, 43). E, devido à insatisfação com as condições atuais de vida, pela deterioração da nossa casa comum, cresce um nocivo isolamento entre as pessoas.

Diante dos aspectos comuns da crise que o mundo inteiro enfrenta, a exemplo da COVID 19, o Papa Francisco chama a atenção aos elementos a serem considerados em uma ecologia integral, quais sejam: “a ecologia ambiental, a econômica e a social” (LS, 138), a cultural (LS, 143) e a da vida cotidiana (LS, 147). Esses elementos, segundo o Papa, devem ser considerados em conjunto, tendo em vista o princípio do bem comum (LS, 156) e da justiça para com as futuras gerações (LS, 159). Diante da crise ecológica, a fé cristã, diz Libanio, “não destrói de Deus o poder nem a bondade, nem sua presença amorosa junto às criaturas”²¹⁵. Pelo contrário, é a partir do amor de Deus que se encontra a salvação para a terra e para todas as suas criaturas.

Por isso, fala-se hoje sobre a necessidade de uma “alfabetização ecológica”, como o processo no qual o aluno adquire a capacidade de ler, descrever e interpretar o ambiente que o cerca, para que possa reconhecer e decodificar aspectos ecológicos locais e, assim, encontrar soluções para problemas no seu dia a dia²¹⁶. Na universidade, pensa-se “com visão ampla [...] num diálogo interdisciplinar” sobre os vários aspectos da crise que afeta os grandes problemas da humanidade (LS, 197).

²¹⁵ LIBANIO, 2014, p. 142.

²¹⁶ BERNSTEIN, 2015.

Dessa forma, os responsáveis pela política, economia e educação, pensando a respeito da pobreza e da degradação ambiental, e reconhecendo os seus próprios erros, “encontram formas de interação, orientadas para o bem comum” (LS, 198). A influência que pode ter a universidade na sociedade e na mudança da cultura política é, portanto, evidente. Mas, o que se nota, hoje em dia, é que muitos dos líderes políticos são egressos das universidades católicas, e não fazem a diferença na vida política em prol do bem do povo.

Nesse sentido, educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente exige novos hábitos, “não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano” (LS, 209). Na universidade, ao caminho para se alcançar o sentido da vida, além da crítica dos mitos da modernidade, como o “individualismo, o progresso ilimitado, a concorrência, o consumismo, o mercado sem regras”, alia-se a “recuperação do equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o ser solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos e o espiritual com Deus” (LS, 210). Dessa forma, a educação ambiental predispõe a comunidade a “dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo” (LS, 210). Assim, os educadores, reordenando os itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, ajudam os alunos “a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado fundado na compaixão” (LS, 210). Nesse contexto, urge estar atento à “relação entre uma educação estética e a preservação de um ambiente sadio” (LS, 215), já que prestar atenção à beleza e amá-la ajuda o ser humano a sair do pragmatismo utilitarista.

3. A porta da fraternidade:

Na carta encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco declara: “Feliz quem ama o outro” (FT, 1). Porém, no mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à humanidade e “o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos” (FT, 30). A pandemia trouxe o sentido de que, se não conseguirmos recuperar a paixão pela solidariedade, acontecerá pior do que a pandemia. Assim, a fraternidade é, justamente, o objetivo da educação, e, se não se cria fraternidade, a educação fracassa. A fraternidade é, de acordo com o *Instrumentum Laboris* para o pacto global da educação, do Papa Francisco²¹⁷, “o verdadeiro ponto de chegada de cada processo educativo”²¹⁸. Pois, escreve o Papa, depois de ter analisado os problemas do mundo e da cultura atual, “sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta

²¹⁷ O pacto global da educação segundo o Papa Francisco será abordado mais detalhadamente no item a seguir, sobre as orientações da Igreja para a transmissão da fé.

²¹⁸ FRANCISCO, PP, 2019, p. 5.

maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária” (EG, 87).

Apesar dos desafios que a educação superior enfrenta nos dias atuais para a transmissão da fé, vê-se que várias portas se abrem, sendo que “todas elas se resumem no verbo dialogar” (FT, 198), e o caminho do diálogo pressupõe o respeito ao ponto de vista do outro. Nesse sentido, é da verdade histórica que se tira um ponto comum para o acordo entre os diferentes pontos de vista. E o ponto comum da história é a busca pela paz pelo diálogo, principalmente, para reconstruir a dignidade junto aos “mais pobres e vulneráveis” (FT, 233). A paz se alcança, portanto, pelo diálogo rumo à fraternidade entre os povos, principalmente quando se colocam a favor dos mais pobres. Nesse sentido, o Papa Francisco chama cada um de nós a ser um “artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (FT, 284). O diálogo é, assim, apresentado como o caminho para a fraternidade em busca da paz.

Dessa forma, diante das portas que se abrem à transmissão da fé no ensino superior, levanta-se uma nova questão: quais são as linhas estratégicas e operativas que foram propostas, ou podem ser apontadas, para o futuro da educação superior? Para responder a essa questão, buscam-se as indicações do pacto educativo global, do Papa Francisco, com convite a toda a humanidade para aderir à causa prioritária da educação.

3.3 Linhas estratégicas e operativas para a transmissão da fé na educação superior, apresentadas no pacto global, segundo o Papa Francisco

A partir das portas que se abrem à transmissão da fé na educação superior, no compromisso solidário com o desenvolvimento de todos os povos, em especial os mais pobres, o Papa Francisco aponta a alegria do Evangelho como a força que conduz a transmissão da fé na educação, com gestos concretos de fraternidade. Por sua origem latino-americana, as orientações do Papa Francisco encontram especial aplicação na realidade latino-americana.

Segundo o Papa Francisco, “sempre que procuramos o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos, formas de expressão [...] com renovado significado para o mundo atual” (EG, 11). Assim, é no Evangelho que se encontra a fonte para os novos métodos e caminhos para a transmissão da fé no ensino superior, conformes à realidade dos dias de hoje.

Reportando-se à fonte do Evangelho, no exemplo dos discípulos de Jesus, os educadores assumem uma atividade itinerante, transmitindo a todos a fé com a alegria do Evangelho. Como diz o Papa Francisco, “a alegria do Evangelho é para todo o povo” (EG, 23), pois assim foi

anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo” (Lc 2, 10). Dessa forma, diante da universalidade a que se destina a alegria do Evangelho, levanta-se a seguinte interrogação: que linhas estratégicas e operativas já foram propostas, ou podem ser apontadas, para o futuro para a transmissão da fé na educação? Buscam-se respostas no *Instrumentum Laboris* para o pacto educativo, do Papa Francisco, definido pelo seguinte indicativo evangélico: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Alegrai-vos!” (Fl 4, 4). A promoção da alegria, proveniente do encontro com o Senhor, é, portanto, a estratégia a ser utilizada para a transmissão da fé na universidade.

Reconhecendo o valor da educação para a transmissão da fé no ensino superior, na construção de um mundo mais fraterno e solidário, o Papa Francisco lança o convite à humanidade para reafirmar o pacto educativo global. Segundo o Papa Francisco, “qualquer mudança de época, que estamos atravessando, requer um caminho educativo, com a constituição de uma vila da educação, que gere uma rede de relações humanas e abertas”²¹⁹. Nesta vila, “coloca-se no centro a pessoa, favorece-se a criatividade e a responsabilidade por um projeto a longo prazo e formam-se pessoas disponíveis para se colocar a serviço da comunidade”²²⁰. Nesse sentido, o Papa Francisco aponta estratégias a serem implementadas para a transmissão da fé na educação superior.

A abertura ao outro é a primeira estratégia de um projeto educativo para a transmissão da fé na educação, já que o empenho em prol da educação acontece “quando somos capazes de reconhecer no outro, diferente de nós, não uma ameaça contra a nossa identidade, mas um companheiro de viagem, para que se descubra nele o esplendor da imagem de Deus”²²¹. Nesse sentido, abrir-se ao outro, respeitando a diversidade, é a primeira estratégia a ser utilizada na educação para a transmissão da fé na universidade.

Como segunda estratégia de um projeto educativo, para a transmissão da fé na universidade, destaca-se a abertura à fraternidade. Para a transmissão da fé na educação, fraternidade implica reconhecê-la como “dato antropológico fundamental, a partir do qual se enxertam [...] o encontro, a solidariedade, a misericórdia, a generosidade, mas também o diálogo, o confronto e, de modo mais geral, as variegadas formas da reciprocidade”²²². Dessa forma, quanto mais a fraternidade é exercida, mais se expressa a identidade do gênero humano

²¹⁹ *Instrumentum laboris*, 2019, p. 2.

²²⁰ *Ibidem*.

²²¹ *Ibidem*, p. 3.

²²² *Ibidem*, p. 5.

e de toda a criação, já que fomos criados não somente para viver com os outros, mas sobretudo para viver a serviço dos outros.

Considerado o contexto atual da educação, outras cinco estratégias se destacam para a transmissão da fé na universidade.

A primeira estratégia diz respeito a vencer a ruptura da solidariedade entre as gerações. Esta é, de acordo com o Papa Francisco, a ferida mais grave que o atual contexto sociocultural provoca no compromisso educativo. Assim, “educar exige entrar num diálogo leal com os jovens, [...] o que, infelizmente, tem faltado nos últimos anos”²²³. A falta de solidariedade ocasiona a tendência a fechar-se em si mesmo, a indiferença com os idosos e a falta de oferta de espaço à vida nascente. Nesse sentido, o uso da palavra “juntos” tudo salva e tudo realiza.

Uma segunda estratégia em relação ao contexto educativo atual, é a conciliação dos tempos educativos com os tempos tecnológicos. O Papa Bento XVI dizia que, nos tempos atuais, “a sociedade sempre mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos torna irmãos” (CV, 19). Assim a educação se esforça em “humanizar os tempos tecnológicos, [...] consciente de que qualquer instrumento depende sempre da intencionalidade de quem o utiliza”²²⁴. Nesse sentido, a intenção do uso dos instrumentos tecnológicos, em função do bem das pessoas, é fundamental para a transmissão da fé na educação superior, com processos e instrumentos que possibilitam a humanização do nosso tempo.

A terceira estratégia para a transmissão da fé na educação superior, no contexto educativo atual, é “educar” a demanda, isto é, proporcionar que os educandos tirem de dentro de si a Deus e o sentido da sua existência. A desintegração psicológica, devido, em particular, à difusão das novas tecnologias, é um dos problemas educativos mais urgentes. Daí a importância de a educação “despertar o sentido religioso [...] nos corações das novas gerações”²²⁵. Trata-se de “despertar nos educandos crentes o desejo de entrar na própria interioridade para conhecer e amar Deus, e, aos não crentes, de animar uma inquietude estimulante sobre o sentido das coisas e da própria existência”²²⁶. Questionar-se sobre o sentido da vida faz encontrar dentro de si a Deus e a resposta sobre a própria existência.

A quarta estratégia, no contexto da educação para a transmissão da fé na universidade, diz respeito à reconstrução da identidade do ser humano nos dias de hoje. A fragmentação da identidade ocasiona, em especial nos jovens, crescentes sofrimentos. Sem passado e sem futuro,

²²³ *Instrumentum laboris*, 2019, p. 6.

²²⁴ *Ibidem*, p. 8.

²²⁵ *Ibidem*, p. 4.

²²⁶ *Ibidem*, p. 9.

a identidade pessoal é vazia, sem memória e sem perspectiva, e, empobrecido de alma e privado de esperança, o homem contemporâneo enfrenta insegurança e instabilidade. É preciso, portanto, “formar pessoas capazes de reconstruir os laços quebrados com a memória e com a esperança no futuro, jovens que, conhecendo suas raízes e abertos ao novo que está por vir, saibam reconstruir uma identidade mais serena”²²⁷. Buscar as raízes da identidade pessoal, com a clareza sobre quem se é, traz oportunidade de projetar o futuro.

Uma quinta estratégia do contexto no qual se desenvolve a educação nos dias de hoje é identificar a crise ambiental como crise de relações. Somente no horizonte da reciprocidade entre identidade e alteridade é possível redescobrir, de acordo com o Papa Francisco, “um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (LS, 233). Essa relação com o outro e com o mundo oportuniza que se encontre Deus no próximo e também em todas as coisas. Com tal consciência, é possível criar um estilo de vida renovado e consciente em relação a si próprio, ao próximo e ao mundo.

O terceiro ponto a se considerar para a transmissão da fé na educação superior, considera a visão de educação, que permite identificar três estratégias.

A primeira estratégia à educação, segundo o Papa Francisco, é a promoção da unidade na diferença, o que ocasiona um novo pensar na universidade. Nota-se hoje que as mais variadas formas de conflito escondem o medo da diversidade²²⁸. Na prática educacional, inaugura-se um diálogo amplo para uma autêntica cultura do encontro, do enriquecimento recíproco e da escuta fraterna. Segundo o Papa Francisco, “mesmo nas disputas [...] é preciso recordar sempre que somos irmãos; por isso, é necessário educar e educar-se para não considerar o próximo como um inimigo, nem um adversário a se eliminar”²²⁹. Porque, se “o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade” (LS, 92). Nesse sentido, a fraternidade é a meta da educação, e o diálogo, principalmente entre as religiões, é condição indispensável para a paz no mundo. Portanto, o pensamento do diálogo e da paz, iluminando cada vez mais os governantes da sociedade civil, acarreta uma ação política que não aconteceria “distante de um pensamento e da prática do diálogo e da paz”²³⁰. O diálogo, a paz e a fraternidade universal são, pois, a meta da educação.

A segunda estratégia é a de colocar a pessoa no centro do processo educativo. Essa é a relação essencial da educação, o que exige estar disposto “a abrir os olhos para a situação real

²²⁷ *Instrumentum laboris*, 2019, p. 9.

²²⁸ Ver também a recente Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2020.

²²⁹ *Instrumentum Laboris*, 2019, p. 11. Ver a íntegra da mensagem do Papa Francisco, para o Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014.

²³⁰ *Ibidem*, p. 12.

da pobreza, do sofrimento, da exploração, da negação de possibilidades, em que se encontra boa parte da comunidade mundial”²³¹. E, sobretudo, colocar-se disponível para fazer alguma coisa. Nesse sentido, como diz o Papa Francisco, “é preciso agir sempre ligando a cabeça, o coração e as mãos”²³². Pensar, sentir e agir em prol da pessoa, em especial dos pobres e mais necessitados, é o centro da visão de educação na universidade para a transmissão da fé.

Como terceira estratégia, aponta-se a certeza de que o mundo pode mudar. Urge estimular uma universidade em saída, o que implica “correr o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG, 88). Somente assim educa-se para um estilo de vida consciente e responsável. Segundo o Papa Francisco, “não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo”, pois “estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente” (LS, 212). É, portanto, possível mudar o mundo a partir da saída de si e do encontro com o outro e com o mundo, gerando fraternidade.

A missão da educação, conforme o Papa Francisco, exige da sociedade um tríplice ato de coragem na rede de relações²³³.

A primeira estratégia desse tríplice ato de coragem é a de colocar a pessoa no centro de todo ato social. Nesse sentido, é necessário o diálogo, em vista de um objetivo comum entre todos: família, escola, religiões, associações e sociedade civil em geral, em razão da centralidade do ser humano na sociedade. Assim, a educação exige da sociedade inteira “o esforço de transmitir o melhor de si” aos educandos²³⁴ objetivando o melhor para o ser humano.

A segunda estratégia, ou segundo ato de coragem para a missão da educação, é a certeza de que o amanhã exige o melhor do hoje. Pois, segundo o Papa Francisco, “quem será, tem direito ao melhor de quem é hoje”²³⁵. É essencial dar o melhor de si em função da missão a se atingir na educação.

A terceira estratégia, correspondente ao terceiro ato de coragem, é a de assumir que se educa para servir e que educar é servir. Segundo o Papa Francisco, “o verdadeiro serviço da educação é a educação ao serviço”²³⁶. Segundo Hannah Arendt, “A educação é o momento que

²³¹ *Instrumentum Laboris*, 2019, p. 13.

²³² *Ibidem*, p. 13.

²³³ *Ibidem*, p. 15.

²³⁴ *Ibidem*, p. 13.

²³⁵ *Ibidem*, p. 16.

²³⁶ *Ibidem*, p. 17.

decide se nós amamos suficientemente o mundo para assumir a responsabilidade e assim salvá-lo da ruína”²³⁷. Salvar o mundo é uma decisão de amor e de serviço, que se alcança pela educação.

Dos temas abordados pelo Papa Francisco, que apontam para as estratégias e compromissos à transmissão a fé na educação superior, destacam-se, portanto, os três compromissos a se assumir: 1. Colocar a pessoa no centro; 2. Mobilizar as melhores forças em prol da educação; 3. Formar para o serviço. E a estratégia essencial, que busca assumir o pacto pela educação, tem como meta a fraternidade e a paz.

3.3.1 O convite ao pacto educativo pela CNBB à sociedade brasileira

Atendendo ao convite do Papa Francisco para o pacto educativo global, a CNBB preparou um subsídio de estudos e de ações, chamando todos os brasileiros a se engajar no compromisso com a educação, considerada como “bem comum” e “direito universal”, em busca da fraternidade. Diante do importante passo da humanidade para o compromisso com a educação, pergunta-se: que significado tem o pacto educativo global para a educação superior, em vista da transmissão a fé? Procura-se responder à pergunta com um breve histórico do pacto e o que ele significa.

No início do seu pontificado, o Papa Francisco recebeu os resultados de uma pesquisa realizada sobre a educação e consolidada no *Instrumentum Laboris* “Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova”. Em continuidade ao trabalho e em atenção ao tema, o Papa propõe relançar o pacto pela educação junto a toda humanidade. Assim, o Papa apresenta, em 2019, o convite à humanidade para adesão ao pacto educativo global. Atendendo ao convite do Papa, a CNBB apresenta o convite aos brasileiros, lançando o documento intitulado “O pacto da educação no Brasil com o Papa Francisco”, conclamando todos a se engajarem no compromisso com a educação.

Em 12 de setembro de 2019, o Papa Francisco apresentou a proposta de reconstrução do pacto educativo global. O Papa usa a imagem da vila educativa, onde todos são comprometidos com o fim comum da fraternidade e da paz.

Com o convite à adesão ao pacto educativo global, o Papa Francisco declara que “a educação e a formação dos homens e mulheres tornam-se prioritárias, pois ambas ajudam os seres humanos a se tornar protagonistas dos diretos e construtores do bem comum e da paz”²³⁸.

²³⁷ *Instrumentum Laboris*, 2019, p. 17. Ver mais em: Arendt, 1999.

²³⁸ FRANCISCO, PP, 2019, p. 2.

A partir das orientações do Papa Francisco, estabelece-se um novo modelo de educação, que prioriza os seguintes aspectos: 1. A valorização do ser humano, da vida, da sociedade e da natureza; 2. A educação para a ecologia integral; 3. O encontro com o outro; e, 4. O serviço ao próximo a partir dos mais necessitados.

Como primeiro aspecto, destaca-se a valorização do ser humano, da vida, da sociedade e da relação do ser humano com a natureza. Na carta encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco lembra que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação do ser humano com a natureza” (LS, 215). Pois toda a humanidade, como também a criação, é depositária do amor de Deus.

O segundo aspecto diz respeito à educação para a ecologia integral. O novo modelo idealizado pelo Papa para a educação tem como parâmetro a ecologia integral, que se preocupa com o ser humano, a sociedade e a natureza. Esse é o parâmetro para a educação, por ser um campo fundamental para o desenvolvimento das condições indispensáveis para a construção de uma sociedade na qual reine a paz e se objetive o bem comum, com o ser humano vivendo em harmonia na sociedade e com a natureza.

O terceiro aspecto refere-se à saída ao encontro do outro. O parâmetro adotado pelo Papa Francisco surge da sua experiência educativa, que destaca a importância de a educação ir ao encontro do outro, o que implica olhar o seu rosto, deparar-se “com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG, 88). Encontrar-se com o outro desinstala, pois se veem no seu semblante suas aflições e preocupações, bem como as alegrias de suas vitórias, e, diante delas, não se pode permanecer impassível, mas solidário em favor do outro.

O quarto aspecto é o serviço ao próximo a partir dos mais necessitados. Nesse sentido, pelo fato de o rosto do outro nos desinstalar, a educação tem a finalidade de servir ao próximo a partir dos mais necessitados. Diz o Papa Francisco: “Educar é servir [...] plasmar naqueles que são confiados a seus cuidados, uma plena e real disponibilidade ao serviço dos outros”²³⁹. Com tal serviço, os principais destinatários são os que mais se apresentam em situação de fadiga e de desafios. Conforme o Papa, “o verdadeiro serviço da educação é a educação ao serviço”²⁴⁰.

Assim, com o lançamento do documento “A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global”, a CNBB convida toda a sociedade brasileira a participar do pacto da educação proposto pelo Papa Francisco. Os bispos brasileiros apresentam o documento,

²³⁹ FRANCISCO, PP, 2019, p. 17.

²⁴⁰ *Ibidem*.

destacando o intuito do Papa Francisco, ao lançar o pacto da educação, de promover uma educação para servir ao outro, à sociedade e à natureza.

Participando das atividades decorrentes do convite ao pacto educativo, todos os brasileiros têm a oportunidade de refletir e de se engajar no compromisso com a educação, como “bem comum” e “direito universal”²⁴¹. No convite aos brasileiros, a CNBB destaca a importância da defesa do direito universal à educação, com vistas ao bem comum.

Dentre os elementos que fazem parte do processo educativo, a convicção antropológica sobre o ser humano destaca duas de suas características singulares: a consciência da própria identidade e a sua capacidade de comunicação. Assim, “toda pessoa [...] goza da dignidade e tem direito inalienável à uma educação correspondente ao próprio fim” (GrEd, 1). Nesse sentido, a CNBB ressalta “dignidade da pessoa, por isso, os seres humanos não podem ser educados apenas com finalidades pragmáticas, mas [...] com vistas ao aperfeiçoamento de sua personalidade, isto é, visando sua identidade e sua capacidade de comunicar esta identidade”²⁴². Portanto, o ser humano não é uma utilidade para um fim, mas tende ao aperfeiçoamento de sua personalidade para a plenitude de sua identidade e para a capacidade de comunicar essa identidade aos outros e à sociedade, para, assim, alcançar sua plena realização.

Segundo o documento, a forma de desenvolvimento da personalidade acontece por meio de relacionamentos solidários, nos quais “o respeito mútuo e a compreensão mútua constituem ingredientes fundamentais, seja na família, na escola ou na sociedade”²⁴³. Nesse sentido, “a necessidade de conviver bem, de dar e receber ajuda, de escutar e ser escutado, de amar e ser amado, não seria a própria experiência do amor de Deus?”²⁴⁴.

Assim é que a educação, centrada na pessoa, aponta para uma educação humanista, cuja meta é a experiência do amor de Deus, formando seres humanos que vivem a força dos valores, no aperfeiçoamento do que trazem de bom, possibilitando também mudanças profundas nos ambientes que frequentam.

Enfim, conforme o documento da CNBB, “a transformação do mundo começa pela transformação de cada pessoa”. Portanto, se desejamos que o mundo mude, iniciemos mudando a nós mesmos, “no diálogo com as diferenças, na superação da economia do lucro e do interesse, no olhar para a casa comum e para todas as formas de vida, na valorização do que é simples e belo”²⁴⁵. É, possível, portanto, mudar o mundo.

²⁴¹ CNBB, 2020, p. 5.

²⁴² *Ibidem*, p. 17.

²⁴³ *Ibidem*, p. 18.

²⁴⁴ *Ibidem*.

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 19.

Dessa forma, conforme o documento, a educação com base no diálogo e na paz está “compromissada com a tolerância [...] e com a escuta generosa, com a reconciliação e com a ajuda solidária aos que são vítimas da violência”²⁴⁶. A reconciliação, que é a marca do estilo do Concílio Vaticano II, é também a proposta para a educação, segundo o pacto educativo apresentado pelo Papa Francisco.

Nesse sentido, para motivar o povo brasileiro à reconciliação para o compromisso com a causa educativa, o documento da CNBB propõe que as igrejas locais possibilitem a toda a população se engajar na causa da educação, com iniciativas que promovam condições para a responsabilidade para com a formação dos cidadãos, em busca do bem comum e da paz.

É evidente o poder transformador da educação. Educar é ato de esperança e convida à participação. Essa lógica é capaz de acolher a pertença da humanidade em uma casa comum, onde a hospitalidade e a solidariedade, juntamente ao valor da transcendência, são a esperança a se alcançar por meio da educação, de acordo com as exigências de cada geração e cultura. A educação, portanto, é um dos caminhos para humanizar a história, pelo amor que se transmite de geração em geração, como antídoto ao individualismo e à indiferença.

Hoje, segundo a mensagem do Papa Francisco, precisamos de um compromisso educativo assumido por todos, com respostas às exigências atuais, por um caminho renovado contra a violação dos direitos, das pobreza profundas e dos descartes humanos. Urge a construção de uma cultura integral contra a fragmentação e os contrastes, pela busca de uma humanidade que fale a linguagem da fraternidade, fazendo nascer uma nova cultura. Um mundo diferente é possível e envolve toda a humanidade, em que as diferenças e as abordagens saibam harmonizar-se em busca do bem comum.

Portanto, seis objetivos destacam-se no pacto da educação: 1. Colocar no centro a pessoa, seu valor, sua dignidade, para emergir sua especificidade, beleza, singularidade e a capacidade de estar em relação com os que a rodeiam e com a natureza; 2. Ouvir a voz das crianças, adolescentes e jovens, para construir juntos a justiça e a paz; 3. Fortalecer a família, primeira instituição educativa; 4. Educar para o acolhimento aos mais excluídos; 5. Compreender a economia e a política como possibilidades de crescimento e de progresso para o serviço ao homem e à sociedade, por uma ecologia integral; e, 6. Proteger a casa comum, com estilos de vida mais sóbrios, com energias renováveis, segundo os princípios de subsidiariedade e solidariedade.

²⁴⁶ CNBB, 2020, p. 20.

O Papa Francisco destaca que a “educação será ineficaz, se não difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação do ser humano com a natureza” (LS, 215). A transformação esperada exige, segundo o Papa Francisco, a garantia a todos do acesso a uma educação de qualidade, com a valorização da dignidade da pessoa humana, considerando sua vocação à fraternidade e à solidariedade. Essa transformação habita na educação e traz esperança de paz, justiça, beleza, bondade e harmonia social e ambiental, para a construção da civilização do amor, na qual não haja lugar para esta pandemia, que é pandemia da cultura do descarte, mas onde todos vivam a fraternidade e a solidariedade.

3.4 A título de conclusão do Capítulo III

Com o objetivo de apresentar perspectivas à educação para a superação dos desafios que se apresentam à transmissão da fé pela educação, em especial no continente latino-americano, buscou-se, neste capítulo, respostas às seguintes perguntas: de que forma deve acontecer a transmissão da fé para que os cristãos e, em especial, os educadores façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade? Que fundamentos embasam a educação, em especial a superior, quanto à transmissão da fé? Quais linhas estratégicas e operativas já foram ou podem ser estabelecidas para a transmissão da fé na educação superior? Para responder tais questões, procurou-se os caminhos apontados, especialmente por Libanio e pelo Papa Francisco, para a transmissão da fé na universidade.

A primeira estratégia a se destacar é a utilização da arma do diálogo para a cultura do encontro. Com o acolhimento da realidade, visando sua transformação, a comunidade educativa é formada para o diálogo entre fé e cultura, com educadores aprofundados na fé, que saibam acolher o diferente no respeito à alteridade do próximo, buscando respostas aos desafios na Palavra de Deus. Conforme o Papa Francisco, as armas a serem dadas aos nossos educandos são “as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro!” (FT, 217).

A segunda estratégia é o desenvolvimento do pensamento crítico, aprendendo a conviver com a alteridade, em especial na realidade latino-americana, aceitando novas posturas e pontos de vista. Nesse sentido, a proposta é formar “homens e mulheres com pensamento crítico e uma humanidade orientada ao serviço do bem comum, oferecendo um horizonte mais amplo daquele constituído pelas expectativas profissionais” (IL, III.2, f).

A terceira estratégia diz respeito ao testemunho da alegria do Evangelho. Perante os desafios à transmissão da fé por meio da educação, o Papa Francisco encoraja os educadores católicos, valorizando seu testemunho de alegria, acompanhado pelas palavras. Como diz o

Papa, “sobretudo, com a vossa vida, sede testemunhas daquilo que comunicais”²⁴⁷. É assim que se forma para o amor e se possibilita o dom do serviço à sociedade.

A quarta estratégia volta-se à abertura a Deus e à comunidade, na vivência da fraternidade. Conforme o Papa Francisco, “o isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (FT, 30). Pois, “quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros” (EG, 2). Nesse sentido é que o Papa Francisco apresenta a “alegria do Evangelho” como parâmetro para a educação evangelizadora, que se traduz em gestos concretos de amor e serviço ao próximo.

A quinta estratégia destaca a elaboração de novos processos e instrumentos educativos. O modelo para a transmissão da fé pela educação, e para toda a Igreja, diz o Papa Francisco, é uma Igreja “em saída” (EG, 20). Assim, a universidade católica leva a Igreja em meio ao povo e sai em busca dos pobres e excluídos, no serviço aos irmãos, com novos processos pedagógicos e com a formulação de novos instrumentos, direcionados para uma ética que considere a solidariedade e a responsabilidade no cuidado com a casa comum e com os pobres.

A sexta estratégia diz respeito ao renovado ardor à educação. Diz o Papa Francisco: “o mundo do nosso tempo [...] possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçoados, mas de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo” (EG, 10). A alegria decorre da experiência do Evangelho.

Como sétima estratégia, apresenta-se a adesão ao pacto educativo global, que exige três compromissos: a. Colocar a pessoa no centro, priorizando o ser humano ao invés do mercado, e as questões da natureza; b. Mobilizar as melhores forças em prol da educação por parte de todos os agentes da sociedade; e c. Formar para o serviço, desenvolvendo a responsabilidade pela Casa Comum, pela ótica da ecologia integral, que inclui questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Assim, possibilitam-se novas perspectivas para um novo mundo, com a transmissão da fé acontecendo na educação superior, baseadas na valorização do ser humano, em vista do bem comum e da criação.

²⁴⁷ Francisco, PP, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade vive uma época de crises, em que se destaca a crise de transmissão, seja de valores, conhecimentos ou informações, o que inclui a crise da transmissão da fé. Nesse contexto, estabeleceu-se o objetivo geral do trabalho, de verificar como a Teologia contribui com a educação superior, para a transmissão da fé, a partir do estilo do Vaticano II, recepcionado nos documentos *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017). Nesse sentido, levantaram-se as seguintes questões iniciais: quais são as orientações emanadas da Igreja católica para a transmissão da fé na nova evangelização? É possível transmitir a fé na educação, particularmente na educação superior, no mundo de hoje? Quais fundamentos embasam a educação para a transmissão da fé, a fim de que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade?

A hipótese levantada, e confirmada no decorrer dos capítulos, é que a educação é um vasto campo para a transmissão da fé nos dias de hoje, já que as instituições católicas de ensino, em especial as Universidades, são a presença mais constante da Igreja em meio à sociedade, não somente pelos estudos que possibilitam realizar, mas, também, pelo testemunho da alegria do Evangelho, por parte da comunidade educativa, que se evidencia nos frutos de transformação de vida, na fraternidade e na solidariedade.

O primeiro capítulo abordou a relação entre Teologia e educação, e sua contribuição à nova evangelização. O capítulo norteou-se pelas seguintes perguntas: quais são as orientações emanadas pela Igreja católica para a transmissão da fé na nova evangelização? Quais fundamentos embasam a educação, a fim de que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade?

Ao responder as questões, recolhe-se o primeiro fruto do trabalho, referente às orientações da Igreja sobre como transmitir a fé na educação superior, em especial na realidade do continente latino-americano, a partir da Conferência de Medellín (1968).

Viu-se, em primeiro lugar, que, com a transmissão da fé por meio da educação católica, particularmente no nível superior, leva-se a todos a Boa Nova da alegria em vista da transformação da vida, na busca da fraternidade e da paz. Na Instituição de Ensino Superior, o empenho pela transmissão da fé ocorre tanto por meio do estudo da Teologia e dos demais saberes, quanto pelo testemunho de vida cristã da comunidade educativa.

Em seguida, levantaram-se as situações de crise dos dias atuais, com reflexos à transmissão da fé. Buscaram-se as orientações da Igreja, sobre como crescer a partir dos desafios, tanto à evangelização, como à educação. Dentre outras situações de crise, citam-se,

entre as apontadas pelo Papa Bento XVI: a questão cultural, em que, numa época de profunda secularização, se perdeu a capacidade de ouvir e compreender as palavras do Evangelho como uma mensagem viva e revigorante; a imagem de libertação com a ideia da possibilidade de uma vida em que não se faça referência à transcendência, o que acarreta sérias implicações antropológicas, em que o homem se vê como todo-poderoso e deixa de ouvir a revelação divina; a mentalidade hedonista e consumista; a tendência ao prazer como o bem supremo; a superficialidade e o egocentrismo; o fenômeno social da migração para outros países ou ambientes urbanizados; o fenômeno da globalização, em que se depara com o desafio dos meios de comunicação social; a concentração egocêntrica para a satisfação das necessidades individuais; a perda do valor da reflexão e do pensamento; a alienação da dimensão ética e política; a cultura do efêmero, do imediato e da aparência; a formação de uma sociedade incapaz de memória e do futuro; o cenário econômico, muitas vezes com desequilíbrios no acesso e na distribuição dos recursos; os pobres sendo considerados como estacionados em um estágio inferior de desenvolvimento, ao invés de serem vistos com a possibilidade de promoverem seu próprio desenvolvimento, por meio de ações solidárias, com consequente elevação da qualidade de vida; uma realidade inversa à da solidariedade nas políticas sociais; e a crise da política, com a tentação do domínio do poder.

Além das situações de crise apresentadas pelo Papa Bento XVI, o Papa Francisco alerta ao risco de muitos cristãos serem seduzidos por propostas enganadoras, decorrentes, principalmente, das heresias do gnosticismo e do pelagianismo; a situação de exclusão, decorrente da economia mundial; a idolatria do dinheiro, ao invés da disponibilidade ao servir; a violência ocasionada pela desigualdade social; a questão da inculturação da fé; a autorreferencialidade e o mundanismo espiritual. O Papa Francisco alerta, também, à crise ecológica, que apresenta o “desafio de se proteger a nossa casa comum, o que inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS, 13). Bem como à crise da fraternidade, já que se esquece hoje que somente é “feliz quem ama o outro” (FT, 1), e “só é possível salvar-nos juntos” (FT, 32).

Após a identificação das situações de crise por que passa a humanidade, segundo o Papa Bento XVI e o Papa Francisco, com influência para a transmissão da fé, partiu-se à busca de respostas às seguintes perguntas: quais são as orientações emanadas da Igreja católica para a transmissão da fé na nova evangelização, diante das situações do mundo de hoje? Qual é o caminho a ser percorrido pela educação, em especial no nível superior, para que a transmissão da fé cristã ocorra, no respeito à pessoa e à promoção da fraternidade e da solidariedade, em especial junto aos mais necessitados? De que forma deve acontecer a transmissão da fé, para

que os cristãos façam a diferença e cooperem para o bem da sociedade? Enfim, quais fundamentos embasam a educação, em especial a superior, quanto à transmissão da fé?

As respostas foram buscadas, em especial, nas orientações da Conferência de Medellín para a educação no continente latino-americano. Nesse percurso, em primeiro lugar, identificou-se a relação entre Teologia e educação e sua contribuição para a nova evangelização. Tais orientações se baseiam na fonte que provém da Palavra de Deus, indicando a educação como uma das possibilidades de evangelização e de satisfação dos direitos fundamentais da humanidade, com destaque ao direito da educação da fé dos batizados. Atendendo ao imperativo de Jesus, “Ide, ensinai a todos os povos” (Mt 28, 19-20), a educação apresenta oportunidade de realização plena ao ser humano.

Como segundo ponto, afirma-se a importância da educação, especialmente em relação à transmissão da fé no contexto universitário latino-americano. Em primeiro lugar, os bispos alertam em Medellín (1968) à situação de pobreza da realidade do continente, chamando a atenção à necessidade de uma educação evangelizadora voltada à realidade do continente, renovada especialmente nos seus métodos, com atenção prioritária aos pobres. Dessa forma, a Conferência de Medellín vai além do Concílio e pensa a evangelização a partir dos pobres, das culturas nativas e populares, na linha da sua libertação.

Em terceiro lugar, em decorrência dos pontos levantados anteriormente, destaca-se o conceito de nova evangelização a partir dos pobres, com o nascimento da ideia de educação libertadora, que conduz à conquista da liberdade com o envolvimento do próprio povo. A partir de Medellín, o enfoque da evangelização libertadora toma impulso, mas, devido a certas resistências, a mesma vai passando por altos e baixos durante o tempo.

A partir de Medellín, passa-se ao pontificado do Papa Francisco, que identifica, como marca da renovação da universidade, a retomada do ardor dos primeiros cristãos e a dimensão social da transmissão da fé na universidade, já que, segundo o Papa Francisco: “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176). Com essas palavras, o Papa demonstra sua preocupação com a dimensão social da evangelização, alertando ao fato de que o processo de evangelização permeia toda a vida do Povo de Deus. A dimensão social é, portanto, o foco retomado pelo Papa Francisco para a nova evangelização em toda a Igreja, e, em especial, com aplicabilidade à educação na América latina.

No processo de transmissão da fé na universidade, a finalidade da educação é formar comunidades que sejam testemunhas da alegre mensagem libertadora do Evangelho e promovam a fraternidade e a paz junto a todos. Assim, a educação que se propõe à transmissão

da fé é um amplo campo para se chegar à Verdade, na vivência da solidariedade e da fraternidade.

A partir das conclusões do primeiro capítulo sobre a Conferência de Medellín, e das demais orientações da Igreja para a educação, passa-se ao segundo fruto, colhido no capítulo seguinte, ao se verificar até que ponto o estilo do Vaticano II vem sendo recepcionado pela Igreja, em particular, pela educação superior, nas Constituições *Ex Corde Ecclesiae* (1990) e *Veritatis Gaudium* (2017). Neste percurso, identificou-se a evolução da recepção do estilo do Vaticano II, na *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*. A investigação buscou responder as seguintes perguntas: como acontece a recepção do Vaticano II pela Igreja, em especial na educação superior? Diante da recepção do estilo conciliar, em especial hoje, com o Papa Francisco, de que forma a recepção do estilo conciliar evolui na educação superior, da *Veritatis Gaudium* em relação à *Ex Corde Ecclesiae*?

Vê-se que, no que se refere ao estilo conciliar, o Vaticano II se distanciou da postura de desconfiança com relação ao mundo, passando a fazer uso da misericórdia, mais do que de severidade, ao mesmo tempo em que buscou demonstrar a validade do ensino da Igreja, mais do que de suas condenações. A partir do estilo do Concílio, as atitudes adotadas pela Igreja, e, conseqüentemente, pela educação superior, no processo de transmissão da fé, foram: a vivência do amor e da misericórdia; o acolhimento da realidade atual; e o ensino da doutrina cristã com novas formas e novos métodos para se transmitir a fé.

Nesse sentido, a recepção do estilo conciliar exige a experiência de conversão e reconciliação. Para que a reconciliação exigida pelo estilo conciliar aconteça, a solução, segundo o Papa Francisco, é o modo de nos relacionar com os outros, com fraternidade, que leva a descobrir Deus em cada ser humano e na criação, e a abrir o coração ao amor divino, buscando a felicidade dos outros e da criação. Vê-se, assim, que a reconciliação exigida pelo estilo conciliar se estende à transmissão da fé na universidade, já que a atitude a ser adotada no processo educativo, é a mesma de toda a Igreja, ao agir como mãe amorosa de todos, paciente, misericordiosa e plena de bondade.

A partir do estilo conciliar, aponta-se a importância da clareza e do resgate da identidade da Universidade, bem como do alcance de seus objetivos. A marca da Universidade católica é ser uma comunidade acadêmica que contribui para a defesa da dignidade humana e da tradição cultural, mediante o ensino, a investigação e os serviços que presta à humanidade.

Da identidade da universidade decorrem seus objetivos. Ao manter sua inspiração cristã, com sua presença no mundo, a Universidade é fonte de estudos dos grandes problemas da humanidade e centro de reflexão à luz da fé católica. Assim, ela se empenha no serviço ao povo

de Deus e à família humana, no seu itinerário rumo ao transcendente. Com tal objetivo, a universidade examina a realidade, contribuindo para o enriquecimento dos conhecimentos humanos, com vistas à vivência da fraternidade por meio da cultura do diálogo, na busca do cuidado dos pobres e da natureza. No diálogo entre fé e razão, com a colaboração da Teologia e da Filosofia, interagem estudiosos dos diversos campos do conhecimento humano, que promovem a formação de estudantes não somente competentes no seu setor específico profissional, a serviço da sociedade e da Igreja, mas que testemunham sua fé perante o mundo, agindo em prol da fraternidade e da paz.

Na educação, o diálogo é uma conquista que se adquire a partir de uma visão aberta, pacífica e fascinante de Deus e do próximo, com a Universidade como espaço de busca das respostas aos problemas da humanidade. O diálogo provém da experiência em que todos tenham o direito de apresentar seus anseios, opiniões e reivindicações, onde a liberdade é concebida como o modo de ser e como condição de vida do ser humano. Portanto, o diálogo implica o respeito à pessoa humana tal como ela é, na busca das condições que permitem seu desenvolvimento integral. É nesse sentido que, na universidade, ao recepcionar o estilo do Concílio Vaticano II, se passa “das ordens aos convites; das ameaças à persuasão [...] do monólogo ao diálogo [...] do de cima para baixo para a partilha [...] da exclusão à inclusão. [...] Em suma, do afastamento à reconciliação”²⁴⁸. Com diálogo e acompanhamento aos mais necessitados, a misericórdia é exercida na universidade, conforme as diferentes situações vividas. Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco fala que a arma para o encontro é o diálogo (FT, 217). Esta é a arma para a mudança radical: o diálogo que deriva da cultura do encontro, para que a transmissão da fé ocorra na universidade. O Papa Francisco declara: “o isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (FT, 30). E essa cultura é fruto de conversão, o que exige empenho por parte de todos os que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo na Universidade.

A cultura do encontro produz fraternidade. A partir da alegria resultante do encontro com Jesus e do anúncio do seu Evangelho, a mística do “nós” se torna uma experiência libertadora na universidade, pois conduz a se abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros. O Papa Francisco declara: “Feliz quem ama o outro” (FT, 1). Porém, no mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à humanidade e, hoje, a Universidade é oportunidade para se recuperar a paixão pela fraternidade e pela solidariedade, para enfrentar as crises do mundo atual. Dessa forma, a fraternidade é o verdadeiro ponto de chegada de cada

²⁴⁸ O'MALLEY, 2015, p. 19.

processo educativo, já que a humanidade se sente desafiada a descobrir e transmitir a mística de viver juntos, de misturar-se, encontrar-se, dar o braço, apoiar-se, participar nesta maré caótica, que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade e solidariedade. Assim, este é o desafio da Universidade: fazer a experiência do viver juntos, no empenho de que a alegria do Evangelho seja experimentada por todos, no cuidado da natureza, na defesa dos pobres, rumo a uma rede de respeito e de fraternidade.

Tal é a identidade da Universidade e tais são os seus objetivos. E quando sua identidade fica obscurecida e os seus objetivos não são atingidos, fracassa a educação na Universidade, bem como a transmissão da fé no meio universitário. Assim, para corresponder à sua identidade, há exigência de reformulação das Universidades, no sentido de que ela vá além da transmissão de conhecimentos, competências e experiências, abraçando a tarefa da transmissão da fé pelo anúncio do Evangelho, com efeitos transformadores na vida da comunidade, caminhando em direção à libertação, à fraternidade e à paz.

Conforme as Constituições *Ex Corde Ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*, a Universidade nasce do coração da Igreja, o que implica consequências para a vida de toda a humanidade. Em vista disto, apresenta-se o terceiro fruto, resultante da comparação das Constituições *Ex corde ecclesiae* e *Veritatis Gaudium*, destacando nesses documentos a recepção do estilo do Concílio, a partir da sua linguagem e do seu estilo pastoral.

Verifica-se, em princípio, que a Universidade procura alternativas para a mudança do estado das coisas por meio da investigação, buscando a verdade em Deus frente às questões da atualidade, para o bem da vida em comunidade. Para isso, a universidade se sustenta nos pilares do estilo do Vaticano II, da alegria, do amor e da misericórdia. Nessa direção, por vezes apresentam-se desafios e riscos a se enfrentar na universidade, apesar dos esforços para se promover o bem comum.

Nesse sentido, os caminhos apontados para a transmissão da fé na universidade embasam-se numa antropologia que preserva o sentido de libertação do ser humano rumo à transcendência. Assim, a educação superior é conclamada a uma renovada presença na história, com o cuidado da natureza, a defesa dos pobres e a construção de uma rede de respeito e de fraternidade entre todos. Para isso, a transmissão da fé adquire o rosto das diversas culturas, ao mesmo tempo em que se mantém fiel à mensagem do Evangelho e da tradição eclesial, buscando comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho, para a construção de uma rede de respeito e de fraternidade entre todos os homens. Nesse sentido, ao analisar as Constituições, enquanto a ECE baseia-se no objetivo do Concílio Vaticano II de que “o depósito sagrado da

doutrina cristã seja guardado e ensinado”, por sua vez, a VG enfoca a “forma mais eficaz” de se transmitir a mesma fé,

Conclui-se o capítulo, com a evidência de que há uma evolução quanto à recepção do estilo do Vaticano II, na Constituição do Papa Francisco, *Veritatis Gaudium* (2017), em relação à *Ex Corde Ecclesiae*, do Papa João Paulo II (1990), quanto à forma de se transmitir a fé, com métodos renovados a cada cultura, que se manifesta sob o imperativo de “escutar no coração e fazer ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra, para tornar concreta a dimensão social da evangelização” (VG, 4, a). Assim, o Papa Francisco vem ao encontro das necessidades latino-americanas, de opção preferencial pelos pobres e pela criação.

Passando ao terceiro e último capítulo, busca-se responder a seguinte questão: quais são as linhas estratégicas e operativas que foram propostas, ou podem ser apontadas, para o futuro da educação superior? Vê-se que, mesmo em meio aos desafios que se apresentam à educação e à transmissão da fé, a universidade busca o discernimento dos sinais dos tempos nos estudos e investigações que procuram ouvir a voz de Deus na história de vida do ser humano de hoje, respondendo aos anseios da humanidade à luz da Palavra de Deus. O fruto do discernimento dos sinais dos tempos é o testemunho da alegria que brota do encontro com Jesus e traz consigo a esperança de libertação das situações de opressão e exclusão, na vivência da fraternidade e da paz.

Segundo Libanio (2014), identificam-se as seguintes portas que se abrem à entrada da fé, com reflexos à educação superior: 1. A porta de Deus; 2. Do estudo da Escritura; 3. Da experiência de vida; 4. Da inteligência; 5. Das ciências; 6. Da espiritualidade dos novos movimentos; 7. Do testemunho até o extremo do martírio; 8. Da práxis; 9. Da escatologia e da utopia; e, 10. Da beleza da liturgia.

E o Papa Francisco acrescenta: 1. A porta da alegria do Evangelho, com uma Igreja em saída, já que, “quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros [...] já não se ouve a voz de Deus” (EG, 2); 2. A porta da ecologia integral, com o “desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS, 13); 3. A porta da fraternidade, pois é “feliz quem ama o outro” (FT, 1), e “só é possível salvar-nos juntos” (FT, 32).

Perante os desafios à transmissão da fé na educação, as palavras do Papa Francisco encorajam os educadores católicos, valorizando seu testemunho: “sobretudo, com a vossa vida, sede testemunhas daquilo que comunicais. Um educador [...] só será incisivo sobre os jovens se acompanhar as palavras com o testemunho, com a sua coerência de vida [...] levando a

profissão como um serviço à sociedade”²⁴⁹. O maior ensinamento que um educador transmite aos seus educandos, independente de todos os desafios que possa enfrentar, é o seu testemunho de vida, com a coerência entre o que ele prega e aquilo que faz.

As linhas estratégicas e operativas, propostas para o futuro da educação superior, encontram-se no convite do Papa a toda a humanidade, para aderir ao pacto educativo global. A adesão ao pacto exige que se assumam os seguintes compromissos: 1. Colocar a pessoa no centro; 2. Dar ao amanhã, o que existe de melhor hoje em toda a sociedade; e 3. Educar para servir, tendo como meta a fraternidade e a paz.

Assim, as linhas estratégicas deste novo modelo de educação implicam: 1. Abrir-se ao outro, com o convite à fraternidade; 2. Vencer a ruptura com a solidariedade intergeracional; 3. Conciliar os tempos educativos e os tempos tecnológicos de hoje; 4. Reconstruir a identidade da educação; 5. Encarar a crise ambiental como crise relacional. 6. Viver a unidade na diferença, como fruto de um novo pensar; 7. Priorizar a relação como centro do agir humano. 8. Manter a certeza de que o mundo pode mudar.

Perante a importância da educação para a transmissão da fé, permanece o desafio da continuidade da investigação iniciada com este trabalho, para responder as perguntas que ficaram sem resposta, tais como: como pode um continente, em que a maioria é composta de cristãos, permanecer com tamanhas injustiças sociais? Como e qual será a receptividade e a real efetividade da implementação das orientações da Igreja que já temos, em especial quanto à adesão e a efetividade da aplicação do pacto global da educação do Papa Francisco?

Encerramos com as palavras de Hannah Arendt, no *Instrumentum Laboris* do pacto educativo:

A educação é o momento que decide se nós amamos suficientemente o mundo para assumir a responsabilidade e assim salvá-lo da ruína, que é inevitável sem a renovação, sem a chegada de novos seres, de jovens. Na educação decide-se também se nós amamos tanto os nossos filhos a ponto de não desalojá-los do nosso mundo deixando-os à mercê de si mesmos, a ponto de não arrebatar de suas mãos a chance de realizar algo novo, algo de imprevisível para nós; e prepará-los, em vez disso, para a tarefa de renovar um mundo que será comum a todos²⁵⁰.

²⁴⁹ ARENDT, 1999, p. 255.

²⁵⁰ *Ibidem*.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. Para uma hermenêutica apropriada do Vaticano II: o discurso inaugural de João XXIII e o objetivo do Concílio. *Gregorianum*, v. 94, n. 1, p. 5-34, 2013.

AQUINO JÚNIOR, F. 50 anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais. *Perspectiva Teológica*, v. 50, n. 1, p. 41-58, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/6000-1525459352.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2020.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Garzanti: Turin, 1999.

BENTO XVI, PP. **Carta apostólica sob forma de motu próprio. Porta Fidei**: do Sumo Pontífice Bento XVI, com a qual se proclama o ano da fé. 2011. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html. Acesso em: 4 jan. 2021.

_____. **Carta Encíclica Caritas in Veritate**. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 03 mai. 2020.

_____. **Carta Encíclica Spe Salvi**. Sobre a esperança cristã. 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 30 mar. 2020.

_____. **Discurso na abertura dos trabalhos do Congresso da Diocese de Roma**. 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070611_convegno-roma.html. Acesso em: 06 jan. 2021.

_____. **Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini**. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 2010. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 03 mai. 2020.

_____. **Lineamenta da XIII Assembleia dos Bispos para a nova evangelização para a transmissão da fé cristã**. 2011. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_po.html. Acesso em: 03 jul. 2020.

BEOZZO, J. O. Vaticano II: 50 anos depois na América Latina e no Caribe. *Concilium*. Petrópolis: Vozes, 2012/2013.

_____. O Vaticano II e as transformações culturais na América Latina e no Caribe. **Ciberteologia** - Revista de Teologia e Cultura, n. 2, out./nov./dez. 2005. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9223582-O-vaticano-ii-e-as-transformacoes-culturais-na-america-latina-e-no-caribe-introducao.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BERNSTEIN, A. Alfabetização ecológica. **Cadernos de educação pública**, 2015. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/16/alfabetizacao-ecologica>. Acesso em: 4 jan. 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Santos Evangelhos. São Paulo: Quadrante, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 2.ed. BSB: CNBB, 2019.

BOFF, L. O Papa Francisco, chamado a restaurar a Igreja. **Atenas Notícias**, 17 mar. 2013. Disponível em: <https://atenasnoticias.com.br/o-papa-francisco-chamado-a-restaurar-a-igreja-por-leonardo-boff/>. Acesso em: 31 dez. 2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 dez. 2020.

BRIGHENTI, A; ARROYO, F. M. (Orgs.). **O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2016.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O *sensus fidei* na vida da Igreja**. 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 3 jul. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina**. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 3 jul. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja**. 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 4 jul. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes***. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 4 jul. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração *Gravissimum Educationis***. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 4 jul. 2020.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. II, 1968, Medellín. **Documento de Medellín:** Presença da igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II, 1968. Disponível em: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. III, 1979, Puebla. **Documento de Puebla:** evangelização no presente e no futuro da América Latina, 1979. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf. Acesso em: 5 jul. 2020.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. IV, 1992, Santo Domingo. **Documento de Santo Domingo:** nova evangelização, promoção humana e cultura cristã, 1992. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf. Acesso: 05.06.2020 a julho de 2020.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**, 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A Igreja do Brasil com o Papa Francisco:** no Pacto Educativo Global. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/sites/32/2020/01/A-Igreja-do-Brasil-no-Pacto-Educativo-Global.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 2019-2023.** São Paulo: Paulinas, 2019. (Documentos da CNBB, 109). Disponível em: <http://mitrasc.com.br/uploads/Downloads/ad406e18d80ea3f46737a03e492c6f21.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes e normas para as Universidades Católicas segundo a constituição apostólica “Ex Corde Ecclesiae”:** decreto geral. São Paulo: Paulinas, 2000. (Documentos da CNBB, 64).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Donum Veritatis.** 1990. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html. Acesso em: 29 jul. 2020.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução Libertatis conscientia:** sobre a liberdade cristã e a libertação. 1986. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html. Acesso em: 3 jan. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrumentum Laboris*: Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova. 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html. Acesso em: 4 jul. 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral da catequese**. 1997. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 3 jun. 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta aos presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura d’Ars**. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190804_lettera-presbiteri.html. Acesso em: 6 jul. 2020.

_____. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 5 nov. 2020.

_____. **Carta Encíclica *Laudato Si’***. 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 5 jul. 2020.

_____. **Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium***: sobre as universidades e as faculdades eclesiais. 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf. Acesso em: 23 jul. 2020.

_____. **Homilia na Capela da Casa Santa Marta**. 03/05/2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-05/papa-francisco-missa-santa-marta.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.

_____. Mensagem do Papa Francisco sobre a educação durante o Encontro “Pacto Educativo Global. Juntos para olhar além”. **Youtube**. 15 out. 2020. 95min58s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ufpnZ_xHsrE. Acesso em: 15 out. 2020.

_____. **Pacto educativo global: Instrumentum Laboris**. 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

IZQUIERDO, C. U. **Manuales de Teología**. Barañáin: Ed. Universidad de Navarra, 2002.

JAGURABA, M. O Papa a Scholas Occurrentes: educar é ouvir, criar cultura, celebrar. *Vatican News*, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-06/papa-videomensagem-scholas-occurrentes-jovens-sentido-cultura0.html>. Acesso em: 31 dez. 2020.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***. 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae***: sobre as universidades católicas 1990. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html. Acesso em: 04 jul. 2020.

_____. **Constituição apostólica *Sapientia christiana***: sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas. 1979. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15041979_sapientia-christiana.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Homilia em Vera Cruz**. México, 7 mai. 1990.

JOÃO XXIII, PP. **Discurso de Sua Santidade na abertura solene do Concílio Vaticano II. *Gaudet Mater Ecclesia***. Roma, 11 out. 1962. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 25 jul. 2020.

_____. **Constituição pastoral *Gaudium Et Spes***: sobre a igreja no mundo atual. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 12 jan. 2021.

LIBANIO, J. B. **Introdução à teologia fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.

MURAD, A. Documento de Santo Domingo: princípios hermenêuticos de leitura. **Persp. Teol.**, v. 25, p. 11-29, 1993.

O'MALLEY, J. W. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. **Cadernos Teologia Pública**, ano XII, v. 12, n. 94, 2015. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/094_cadernosteologia-publica.pdf. Acesso em: 21 jul. 2020.

_____. Vatican II: did anything happen? *Theological Studies*, v. 67, p. 3-33, 2006. Disponível em: <http://cdn.theologicalstudies.net/67/67.1/67.1.1.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Qualidade de vida**. Disponível em: <https://www.saudebemestar.pt/pt/blog-saude/qualidade-de-vida/>. Acesso em: 4 jun. 2020.

PAULO VI, PP. **Decreto *Optatam Totius***: sobre a formação sacerdotal. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi***. São Paulo: Paulinas, 1975.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. 1997. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

RIVAS, E. S. J. ***La recepción del Concilio Vaticano II en las Iglesias del Caribe: una muestra***. Publicação próxima.

_____. O humanismo no Papa Francisco. **Anais Simpósio FAJE**. 2019. Disponível em: <https://faje.edu.br/simposio2019/arquivos/paineis/Eugenio%20Rivas%20-%20O%20HUMANISMO%20NO%20PAPA%20FRANCISCO.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**: livro XIII. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SANTOS, J. V. A “Igreja em saída” de Bergoglio: adesões e resistências do clero brasileiro. Entrevista especial com Oscar Beozzo. **Revista IHU**, 14/07/2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/580332-a-igreja-em-saida-de-bergoglio-adesoes-e-resistencias-do-clero-brasileiro-entrevista-especial-com-oscar-beozzo>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SEGUNDO, J. L. **Libertação da teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.

_____. *Condicionamientos actuales de la reflexión teológica en latinoamérica: liberación y cautiverio*. **Anais Encuentro Latinoamericano de Teología de Mexico**, Mexico, 1975.

SESBOÛÉ, B. (Ed.). **História dos dogmas**: IV - a palavra da salvação (séculos XVIII-XX). São Paulo: Loyola, 2006.

SÍNODO DOS BISPOS. **XIII Assembleia Geral Ordinária**: a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. *Instrumentum Laboris*. 2012. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

SPANNEUT, M. **Os padres da Igreja**: séculos IV-VIII. São Paulo: Loyola, 2002.

STEINER, L. U. Nova evangelização para a transmissão da fé: ecos do Sínodo dos Bispos. **Encontros Teológicos**, ano 29, v. 67, n. 1, p. 131-150, 2014.

TABORDA, F. A conferência de Medellín como recepção do Vaticano II. **Perspectiva Teológica**, v. 51, n. 1, p. 115-132, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4156/4266>. Acesso em: 3 jul. 2020.

THEOBALD, C. O estilo pastoral do Vaticano II e sua recepção pós-conciliar: elaboração de uma criteriologia e alguns exemplos significativos. **Perspectiva Teológica**, ano 44, n. 123, p. 217-236, mai./ago. 2012.

_____. **Transmitir um evangelho de liberdade.** São Paulo: Loyola, 2009.

VARGAS, I. M. A fé dos pobres: desafio à nova evangelização. **Perspectiva Teológica**, ano 45, n. 125, p. 107-125, jan./abr. 2013.

VIDE, V. *Comunicar la fe em la ciudad secular*. Cantabria: Sal Terrae, 2013.